FERTILIZANDO POÉTICAS COM EDUCAÇÃO E ARTE

NORDESTE E SUDESTE EM COMUNHÃO NARRATIVA



Organizadores

Luciane Germano Goldberg · Luciana Esmeralda Ostetto
Marta Nidia Varella Gomes Maia · José Firmino de Oliveira Neto

Pedro & João editores

FERTILIZANDO POÉTICAS COM EDUCAÇÃO E ARTE:

NORDESTE E SUDESTE EM COMUNHÃO NARRATIVA

Pedro & João
editores

Luciane Germano Goldberg
Luciana Esmeralda Ostetto
Marta Nidia Varella Gomes Maia
José Firmino de Oliveira Neto
(Organizadores)

FERTILIZANDO POÉTICAS COM EDUCAÇÃO E ARTE:

NORDESTE E SUDESTE EM COMUNHÃO NARRATIVA

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Luciane Germano Goldberg; Luciana Esmeralda Ostetto; Marta Nidia Varella Gomes Maia; José Firmino de Oliveira Neto [Orgs.]

Fertilizando Poéticas com Educação e Arte: nordeste e sudeste em comunhão narrativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 350p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3206-5 [Digital]
978-65-265-3207-2 [Impresso]

1. Educação e Arte. 2. Formação Estética Docente. 3. Narrativas. 4. Pesquisa. 5. Processos de Criação. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ilustração: Michele Costa Pereira
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Nicole Cavalcante Duque Gredilha Coelho
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Sumário

Prefácio **9**
Ercília Maria Braga de Olinda

Apresentação – Dos encontros e das poéticas: ***A voz resiste, a fala insiste*** **11**
Luciane Germano Goldberg
Luciana Esmeralda Ostetto
Marta Nidia Varella Gomes Maia
José Firmino de Oliveira Neto

ANTES

1. Fios tramados na preparação de um seminário: narrativas de um processo de criação **19**
Graziela Ferreira de Mello
Daiane Francisco de Medeiros
Miriam Nogueira de Maltos
Juliana Coutinho Morgado
Camille da Silva Oliveira
Cristiana Callai

2. Uma arte que convida: inspirações para a identidade visual do III Rodas **39**
Michele Costa Pereira

3. (Con)fiando a criação: processos de invenção entre imagens-colagens, palavras, sons e encontros **53**
Laís Vilela Gomes
Ana Grazyele da Silva Araujo
Michele Costa Pereira
José Firmino de Oliveira Neto

4. Na composição estética do encontro, um olhar para o espaço **71**
Mariana Soares Dantas
Maria Letícia Felintro da Silva
Amanda Lobôsco Pinto
Mariana Fiore Ramos

DURANTE

5. Marina: uma performance-homenagem **77**
Luciana Esmeralda Ostetto

6. Narrativas e inquietações de lá e de cá, de todo lugar **83**
Marta Nidia Varella Gomes Maia

7. *Sonho e escrevo em letras grandes… pelos muros do país*: outros modos de fazer pesquisa no entrelugar arte-e-pedagogia são possíveis! **95**
Luciana Esmeralda Ostetto

8. Com o grupo Diafhna, conjugar a "palavra-verbo" DIAFHIAR **115**
Luciane Germano Goldberg

9. A orelha do museu – Exercícios de escuta e criação **147**
Simone Bibian

10. Uma história, talvez a tua: escritos de uma travessia (auto)biográfica **155**
Laís Vilela Gomes

11. Abelhar memórias, encontros, diálogos e partilhas: as linguagens poéticas infantis em ciranda no III Rodas do FIAR **171**
Leandro da Silva Pereira Junior

12. Tecendo diálogos no III Rodas do FIAR: narrativas (auto)biográficas de professores crianceiros sobre suas experiências com as culturas infantis **189**
Janice Débora de Alencar Batista Araújo

13. Desaparecidos de si – ensaio visual **209**
Rosvita Kolb Bernardes

14. A inteireza de ser-estar nas terras fiandeiras: dos movimentos de chegança na roda à pesquisa sobre registro e documentação pedagógica na Educação Infantil **223**
José Firmino de Oliveira Neto

15. A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias **243**
Luciane Germano Goldberg

16. Cinema e Educação: "E vou viver as coisas novas que também são boas" **277**
Marta Nidia Varella Gomes Maia

17. Da terra ao pigmento: um convite à arte e à pesquisa **289**
Francisca Paloma Almeida Vital

18. Deslocamentos: arte, cultura, fruição, formação **297**
Maria Helena Dantas dos Santos Neves
Mariana Soares Dantas
Taia Nobre Machado Terra Borba
Camille Oliveira

DEPOIS

19. Caleidoscópio de memórias: modos de ver, sentir e registrar **307**
Ana Grazyele da Silva Araujo
Carla Andrea Corrêa
Daiane Francisco de Medeiros
Laís Vilela Gomes

20. Sobre poéticas, viagens e FIAR **323**
Alexandre Santiago

21. Carta ao FIAR **327**
Cássia Calandrini Ribeiro

22. Me larguei nessa viagem, por ser a rodagem pro seu coração **333**
Edith Ferreira

23. Pelo correio eletrônico, mensagens de lá e de cá **337**
Ivani Ribeiro de Paula
Maria Viéne
Suelen Cordeiro
Cecília Estela Araújo

Sobre os Autores e as Autoras **343**

Prefácio

Inicio minhas impressões sobre o livro FERTILIZANDO POÉTICAS COM EDUCAÇÃO E ARTE: NORDESTE E SUDESTE EM COMUNHÃO NARRATIVA, embalada pela poética de meu conterrâneo, sempre vivo, Belchior, na canção "Galos, Noites e Quintais". Aqui, formalizo minha entrada na roda de dança circular proposta no III seminário Rodas do FIAR. Entrei de corpo inteiro, pois hoje, "eu canto muito mais".

Estou aposentada do meu ofício de professora da Universidade Federal do Ceará há sete anos, mas me preparei muito bem para não trazer um "olhar lacrimoso" pelo afastamento físico das colegas, alunas e orientandas. Todas continuam presentes no meu coração! Os tempos duros vêm e vão, mas continuo "adoçando o meu pranto e o meu sono no bagaço de cana do engenho".

Quando criei e registrei no Diretório do CNPq o Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA) em 2007, "eu era alegre como um rio, um bicho, um bando de pardais". Aquele momento foi, para mim, o acontecimento mais importante de minha carreira profissional. Agora, quando vejo as pesquisadoras-professoras-artistas da cá (Ceará), sob a liderança da minha amiga-irmã Luciane Germano Goldberg, encontrando-se com as fiandeiras de lá (Rio de Janeiro), orquestradas magnificamente pela professora Luciana Esmeralda Ostetto, sinto uma profunda realização existencial.

Ler cada capítulo deste livro, foi ter a certeza de que os "galos, as noites e os quintais", permanecem vivos. Vi-senti, em cada texto-poema, a autenticidade de pessoas que "caminham para si", expressando trajetórias tecidas com fios da ética, da estética e da arte na boniteza do encontro. São pessoas que ganham "este mundo de meu Deus", fazendo elas mesmas o seu caminho, com

rigor acadêmico e cuidado existencial, deixando-se afetar/atravessar por tantos outros que as habitam.

Também eu, "presentemente, sei que posso me considerar um sujeito de sorte", por acompanhar as jornadas de individuação vividas e narradas neste livro. Para Carl Gustav Jung individuar-se é viver o processo natural de chegar a ser quem se é, ou seja, de tornar-se um ser único e inteiro, As imagens, as simbolizações e as narrativas têm papel central nessa jornada psico-espiritual. As produções trazidas para o III Rodas do FIAR, trazem as marcas do olhar para si a partir da narrativa de crianças e professoras. Na boniteza desta escuta encontramos com nossa criança interior, criança sagrada, que nos habita, mantendo nossa alegria genuína e nossa vitalidade.

Junto-me a este coletivo singular-plural, para "diafhiar" com amor e profunda esperança nos saberes e fazeres fiandeiros. Que os textos aqui reunidos produzam nos leitores as emoções elevadas que reverberaram em minha alma. Continuemos com a coragem de quebrar as amarras que nos impuseram, mantendo um Coração Selvagem que segue os impulsos do coração: "Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja".

A fala insiste e muitas pessoas, de todos os lados, ouvirão, sobretudo, aquelas que anseiam por encontros, afetos, transmutação e vida. O verbo diafhiar será conjugado em diferentes modos a produzir imagens caleidoscópicas (auto)formativas.

Com profunda gratidão,

Ercília Maria Braga de Olinda
Crato-CE, 06 de agosto de 2026

Apresentação
Dos encontros e das poéticas: *A voz resiste, a fala insiste*



Palavra e som são meus caminhos pra ser livre
E eu sigo, sim
Faço o destino com o suor de minha mão
[...]
Meu bem, difícil é saber o que acontecerá
Mas eu agradeço ao tempo
O inimigo eu já conheço
Sei seu nome, sei seu rosto, residência e endereço
A voz resiste, a fala insiste: Você me ouvirá
A voz resiste, a fala insiste: Quem viver verá!

Não leve flores - Belchior.

Leitores e leitoras, toda a gente de lá e de cá, esperamos que estejam bem e disponíveis para conhecer as texturas-narrativas que aqui apresentamos, que foram imaginadas e escritas pelos coletivos de pesquisa, organizadores e participantes do III Seminário Rodas do FIAR.

Importante situar, caro leitor, cara leitora, que o seminário, realizado na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, Rio de Janeiro, nos dias 9, 10 e 11 de julho de 2025, nasceu do encontro de dois grupos de pesquisa: FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e DIAFHNA - Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Os grupos estiveram juntos, e se (re)conheceram, no X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPA (Salvador/BA, em maio de 2024), oportunidade em que partilharam as marcas de suas pulsações criativas teórico-metodológicas, seus modos de fazer pesquisa narrativa, de caráter (auto)biográfico, na graduação e na pós-graduação, seus modos próprios e singulares de fazer e visibilizar saberes em pesquisa e prática educativa que têm a arte como principal catalisadora de múltiplas linguagens e formas de narrar sobre si.

Identificando-se como grupos que se afinam e se conectam por objetivos comuns - na sua essência, de promover pesquisas narrativas de cunho (auto)biográfico com ARTE em diálogo com a EDUCAÇÃO -, aquele momento, de marcante alegria e satisfação, germinou o desejo de maior aproximação, de tecer e compartilhar projetos e movimentos acadêmico-criativos, de fertilizar poéticas que fluem para um horizonte comum.

Os laços entre os grupos se estreitaram com o estágio pós-doutoral da Luciane Goldberg, professora da UFC e líder do DIAFHNA, sob a supervisão da Luciana Ostetto, professora da UFF e líder do FIAR. A aproximação tornava-se fato e permitiu vislumbrar a possibilidade de conjugar o verbo *diafhiar*: juntando os nomes dos dois grupos em um, cria-se um verbo que planta uma semente entre aqueles e aquelas que se veem e se reconhecem, aqueles e aquelas que, de mãos dadas, em roda, tecem lugares comuns e singulares. O III Seminário Rodas do FIAR foi o tempo-lugar propício para praticar toda a criatividade-esperança contida no verbo *diafhiar*: sonhando um encontro mais profundo e intenso com as gentes de lá e de cá, trazendo o Ceará (especialmente Fortaleza) para o Rio de Janeiro (especialmente Niterói), celebrando a fértil conjugação do Nordeste com o Sudeste.

Desde as primeiras ideias compartilhadas entre os grupos, uma proposta foi despontando: trazer as canções do rapaz latinoamericanobrasileirocearense, Belchior, para inspirar a organização do seminário, pensando sua presença poética na composição da programação, na divulgação e na própria ambientação do encontro. Ouvimos muitas canções, atentamos para os versos, articulamos sentidos, projetamos possibilidades. A poética

de alguns versos, em especial, nos capturou: "*A voz resiste, a fala insiste: Você me ouvirá/ A voz resiste, a fala insiste: Quem viver verá*". Vibramos! Tínhamos o título do III Seminário Rodas do FIAR: *A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá.*

Projetado com a voz do cantor-compositor, o seminário foi organizado com os objetivos de tecer diálogos entre os modos de fazer pesquisa narrativa de cunho (auto)biográfico, cultivados nas veredas da educação e da arte, compartilhando saberes-fazeres do Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR - UFF) e do Grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA - UFC); narrar inquietações de lá e de cá, afirmando a essencialidade de aproximar, sempre mais, educação e arte, universidade e educação básica, pesquisas e prática docente, Sudeste e Nordeste.

Na poesia da canção de Belchior, ouvimos alertas, lembranças e inspirações.

> "Tudo é proibido [...] tudo é permitido [...] tudo muda"
>
> "Sonho e escrevo em letras grandes, de novo"
>
> "Eu pinto, eu bordo, eu vivo muito e ainda acho pouco"
>
> "A minha história é talvez igual a tua"
>
> "Não quero [só] o que a cabeça pensa, quero o que a alma deseja"
>
> "[...] o mundo inteiro está naquela estrada, ali em frente".

E confiamos: havia muito para contar e cantar, para ouvir e falar, para poetizar, para viver, e fazer junto, o que será. No processo de desenhar o seminário, os sentidos voltados para a liberdade mobilizaram à criação: na universidade, no cotidiano, com o sabor do suor das mãos, no trançado de cabeça e coração, falar com palavras, sons, imagens, é canal que leva ao encontro, destino coletivo.

Nas narrativas, criadas e enunciadas no tempo presente, nos reconhecemos e, nas vozes, nos modos de fazer e pensar, insistimos. Honrando o passado, seguimos projetando futuros possíveis. Por isso, depois do seminário que sonhou juntar gente na roda, reafirmamos que é preciso mais arte na educação! É preciso ouvir professoras e professores! Por isso trazemos para o livro retratos do que se passou na roda formada, de falas outras, diversas, encontro de (auto)biografias, nordeste e sudeste em comunhão (além da ficção), narrativamente.

Pelas vias narrativas e (auto)biográficas, nas veredas da arte e da educação, a mesma amorosidade e potência criadora, presente na conjugação do verbo *diafhiar*, pode ser reconhecida nos escritos reunidos nesta coletânea: são poéticas de professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores que, desde a universidade, dialogam com a Educação Básica, no ensino, na pesquisa e na extensão, com arte, cultura e natureza, pelas vias (auto)biográficas.

Com essas memórias-histórias, continuamos a tecer a matéria-experiência-escrita-vida e, para compartilhar a nossa tecelagem neste livro, tentamos organizar as narrativas no fluir do tempo dos acontecimentos: **o antes**, **o durante** e **o depois**.

As narrativas que marcam **o antes,** compartilham começos, indagações, dúvidas, rupturas e continuidades, com saberes-fazeres mobilizados para dar forma ao III Seminário Rodas do FIAR. Esse tempo pregresso está grafado em quatro capítulos: **Fios tramados na preparação de um seminário: narrativas de um processo de criação,** uma tessitura coletiva que conta sobre a constituição de um artefato, muito caro ao círculo FIAR - o caderninho artesanal, geralmente oferecido a quem chega para um

evento fiandeiro. Na sequência, a arte pulsa como um chamado à beleza: o texto **Uma arte que convida: inspirações para a identidade visual do III Rodas**, dá a conhecer os processos de criação da fiandeira-professora-artista, que recebeu do grupo a proposta de pensar-propor-tecer a arte visual para a divulgação do seminário. Com a identidade visual criada, era hora de colocar o evento na roda da vida-mundo, pelas janelas virtuais, sobremaneira pelo perfil do FIAR nas redes sociais. No texto **(Con)fiando a criação: processos de invenção entre imagens-colagens, palavras, sons e encontros**, acompanhamos o percurso de invenção de estratégias do grupo que assumiu a missão de colocar o seminário na rua. Ainda nesse tempo do antes, marcado por tantos movimentos de confiança e criação, a organização dos espaços que receberiam gente de lá e de cá, de todo lugar, nos três dias de seminário, na UFF, também entrou em pauta, precisava ser planejada. Como foi pensada a organização dos espaços? Que materiais foram utilizados? Por que foram escolhidos isso ou aquilo? Mais do que simples interrogações, há princípios, também estéticos, que são narrados no texto **Na composição estética do encontro, um olhar para o espaço.**

As narrativas da segunda parte, que chamamos de **o durante**, dão a ver-saber as memórias do seminário "acontecendo", articuladas com composições que contam de experiências, falas, escuta, fazeres, sensibilidades, pensamentos, partilhados com tantos protagonistas! Pelos movimentos culturais-artísticos, o seminário tem início, nutrindo nosso ser com a poesia de Marina Colasanti, por meio da narrativa poético-cênica, aqui registrada em **Marina: uma performance-homenagem**; as histórias, fundamentos teórico-metodológicos e materialidades no universo do ensino, pesquisa e extensão dos coletivos FIAR e DIAFHNA, compartilhadas no primeiro dia, podem ser acompanhadas nos textos: **Narrativas e inquietações de lá e de cá, de todo lugar**; ***Sonho e escrevo em letras grandes… pelos muros do país*: outros modos de fazer pesquisa no entrelugar arte-e-pedagogia são**

possíveis!; **Com o grupo Diafhna, conjugar a "palavra-verbo" DIAFHIAR**.

E no ensejo de partilhar as pesquisas realizadas nos coletivos, de lá do Nordeste e daqui do Sudeste, sonhando outros amanhãs, lançando sementes ao vento, com o objetivo de que encontrem terra fértil para germinarem-crescerem, pesquisadoras e pesquisadores do FIAR e do DIAFHNA contam de seus percursos. Essas narrativas estão nos textos: **A orelha do museu – exercícios de escuta e criação**; **Uma história, talvez a tua: escritos de uma travessia (auto)biográfica**; **Abelhar memórias, encontros, diálogos e partilhas: as linguagens poéticas infantis em ciranda no III Rodas do FIAR**; e **Tecendo diálogos no III Rodas do FIAR: narrativas (auto)biográficas de professores crianceiros sobre suas experiências com as culturas infantis**.

Houve, também, a apresentação de pesquisas de estágios pós-doutorais realizadas no âmbito do território fiandeiro, e aqui estão reunidas em torno de três narrativas: **Desaparecidos de si – ensaio visual**; **A inteireza de ser-estar nas terras fiandeiras: dos movimentos de chegança na roda à pesquisa sobre registro e documentação pedagógica na Educação Infantil**; e **A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias**.

O III Seminário Rodas do FIAR, com o desejo de nutrição estética e ampliação de repertórios artístico-culturais, cultivou encontros com múltiplas linguagens, vivificou o essencial diálogo-escuta (do) sensível. As narrativas desta trilha aparecem nos textos: **Cinema e Educação:** ***E vou viver as coisas novas que também são boas***; **Da terra ao pigmento: um convite à arte e à pesquisa.** Há mais um, que evidencia o percurso de andarilhagem pela cidade (Universidade-Museu) para (re)encontros com a Arte - **Deslocamentos: arte, cultura, fruição, formação.**

Chegando ao tempo d**o depois**, lançamos foco nas marcas que ousaram ficar no/com o pensamento do coração (cognição-emoção) de tanta gente que se colocou disponível para saber-viver-escutar-partilhar as/nas rodas abertas. **Caleidoscópio de memórias: modos**

de ver, sentir e registrar, traz narrativas imagéticas e textuais, que evidenciam a natureza do registro, dispositivo-prática tão comum à docência da Educação Infantil, que deixa rastros, que faz história, que ilumina percursos-experiências-autorias, falando de gentes e de concepções.

No tempo do depois, o seminário organizado pelos coletivos de pesquisa FIAR e DIAFHNA, em sua circularidade e multiplicipicidade, também reverberou, como testemunhas, em manifestações poéticas-afetivas-sensíveis: **Sobre poéticas, viagens e FIAR**; **Carta ao FIAR**; ***Me larguei nessa viagem, por ser a rodagem pro seu coração;*** e **Pelo correio eletrônico, mensagens de lá e de cá**.

Os tempos contados no antes, no durante e no depois do III Seminário Rodas do FIAR, são matéria da memória. Projetam outras histórias. Esperamos que as narrativas memorialísticas aqui reunidas continuem ecoando e encontrem quem deseje seguir (re)pensando a formação de professores e professoras, as infâncias e a arte na educação.

Sigamos cultivando belezas, refinando os sentidos pelos territórios acadêmicos, com vitalidade, tecendo relações sensíveis, afetivas, éticas e políticas!

Em terras de Arariboia,
em conexão com a Terra do sol,
no inverno de 2026.

Luciane Germano Goldberg
Luciana Esmeralda Ostetto
Marta Nidia Varella Gomes Maia
José Firmino de Oliveira Neto

.1.
Fios tramados na preparação de um seminário: narrativas de um processo de criação

Graziela Ferreira de Mello
Daiane Francisco de Medeiros
Miriam Nogueira de Maltos
Juliana Coutinho Morgado
Camille da Silva Oliveira
Cristiana Callai

Das terras fiandeiras, o gesto narrativo que conta o vivido

O gesto narrativo, manifesto por meio de diferentes linguagens, seja uma colagem, uma pintura, um desenho, seja a escrita de poesia, um breve texto, ou mesmo anotações rápidas, que depois podem ser retomadas, é experiência de autoria. Por meio deste texto, queremos compartilhar gestos-linguagens que contam de experiências vivenciadas na circularidade de um grupo que entrelaça muitas mãos e corações; um grupo que vem tecendo histórias - de si, do outro, com o outro, articulando na pesquisa arte, infâncias e formação docente.

Esse veio narrativo do círculo de pesquisa FIAR, pode ser conferido nas pesquisas que já realizamos (Gomes, 2023; Mello, 2021; Maltos, 2025; Neves, 2023, para citar apenas algumas), cunhadas no marco teórico-metodológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica, com referenciais de Delory-Momberger (2012), Josso (2004), Ostetto; Kolb-Bernardes (2015); Passeggi (2008), entre outros. O ato de fazer e tecer pesquisa, de partilhar pensamentos e ações, conectados com o coração, carrega a sensibilidade que nos convoca à enxergar o prazer, a beleza e o deleite que é caminhar, e fazer-se no caminho, com estesia.

Exercitando o movimento de contar sobre o vivido, nessa escritura coletiva, compartilhamos memórias e sentimentos imbricados em uma experiência fiandeira particular: o processo de feitura de caderninhos artesanais, que seriam oferecidos a toda a gente que chegaria para participar do III Seminário Rodas do FIAR, em julho de 2025.

O caderno é um lugar de experiência e de experimentação, é espaço que convida ao registro, à habitação de palavras, de grafismos, de gestos imaginados e marcados no papel; é espaço de documentação do vivido, também uma prática comum na docência da Educação Infantil (Ostetto; Oliveira; Messina, 2001). Os caderninhos sobre os quais vamos narrar, ocupam o lugar dos tradicionais blocos de notas, que geralmente são disponibilizados aos participantes de um evento acadêmico. Pelas mãos fiandeiras, esse objeto comum transforma-se em uma peça artesanalmente composta: caderninhos para registros - de palavras poéticas, de recortes e colagens, de desenhos, de pensamentos, de interrogações -, que carregam em sua forma a dimensão estética, o cuidado, o carinho do FIAR; oferecidos a cada participante do nosso seminário, torna-se um artefato, uma peça imbuída do desejo de memórias, histórias e sentidos.

Sobre lugares de experiência e de experimentação: alguém aí já criou um caderninho?

Antes da data marcada para acontecer o *III Seminário Rodas do FIAR - Narrativas e inquietações de cá e de lá*, ele já pulsava em toda gente fiandeira, nas reuniões, partilhando expectativas, ideias e afetos. Num clima que (trans)borda possibilidades, o movimento ao redor da organização do seminário, marcado para julho de 2025, é intenso - desde a definição da programação à produção dos materiais necessários para sua efetivação. As ideias conduzem ao fazer miúdo, coletivo, com muita imaginação e criação. Das muitas propostas, vou falar aqui da experiência de produzir os cadernos artesanais, que seriam oferecidos aos participantes.

Nas duas edições anteriores do seminário Rodas do FIAR, pensando nos clássicos blocos de notas, que em eventos acadêmicos costumamos receber, desejamos também partilhar com os participantes, um bloquinho. Mas, saindo do clássico e padronizado, tomamos como ponto inicial dos trabalhos, o fazer a mão: sempre pensando em produzir algo não somente utilitário, mas dotado de boniteza, um espaço para anotações que pudesse suscitar, a toda a gente que o receberia, sentimentos de carinho e cuidado. Essa escolha constitui uma marca do trabalho fiandeiro. Assim, no dia marcado, o grupo que assumiu o compromisso dessa produção, se reuniu. Entre linhas, agulhas, papéis, papelões, tesouras, as conversas eram atravessadas por risos e mãos em movimento. Assim, fomos dando forma ao que ainda era intenção.

A escolha dos materiais para confeccionar os cadernos, é preciso dizer, nunca se dá ao caso, mas com muita intencionalidade: a reutilização de materiais que outrora poderiam ser vistos somente como matéria descartável, ou mesmo lixo, ganha novos sentidos, novas formas em possibilidades criativas. Há nesse ato, também, consciência planetária, contributo, ainda que singelo, à sustentabilidade. Além disso, o caderno deixa de ser apenas um suporte de escrita, converte-se em gesto político, ético, estético e afetivo, anunciando, desde antes, os princípios que atravessam nosso grupo de pesquisa.

Em roda, partilhamos as tarefas: traçam-se linhas, corta-se papelão daqui, fura-se papel dali, coloca-se linha na agulha acolá para, em volteios, seguir em frente com a costura.

O movimento fiandeiro seguia embalado pelo fundo musical do rapaz latino-americano Belchior, cuja poesia fez-se tema do seminário. Como a dar um suporte estético aos nossos fazeres, sua voz nos acompanhou na trama-construtiva, lembrando-nos que éramos mulheres de sorte, porque estávamos em grupo, tecendo história. Cantamos juntas: *"presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte/porque apesar de muito moço/ me sinto são, e salvo, e forte"* (da canção: Sujeito de sorte, de Belchior, lançada em 1976).

Cada caderno nascia desse encontro coletivo, carregado de experiência, atravessado por linguagens e relações que se constituíam no fazer compartilhado, de modo a expressar diferentes formas de conhecer e expressar o mundo. A experimentação da feitura à mão desenhou um espaço de aprendizagem compartilhada, no qual o saber circulava entre quem já dominava os modos de construir o caderno e quem se aproximava desse fazer pela primeira vez, por ser mais recente no grupo. Nesse espaço, a observação e escuta foram essenciais para cada integrante que aprendia fazendo, errando, refazendo e criando ideias, costuras e entrelaçando fios, reafirmando o fazer fiandeiro como prática formativa, estética e relacional.

Pensamos na experiência que vivemos como uma construção de relações, não apenas entre nós, mulheres que se encontram, confiam e costuram cadernos, artesanalmente, mas como relações empáticas, de atenção estética, na direção apontada pela atelierista italiana:

> [...] a atenção estética, entendida e vivida como filtro de interpretação do mundo, como atitude ética, uma forma de pensamento que requer cuidado, graça, atenção, sagacidade, ironia, uma abordagem mental que supera a simples aparência das coisas e evidencia aspectos e qualidades inesperados. (Vecchi, 2007, p. 138-139).

Mãos, prática formativa, estética e relacional.



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

Cada fiandeira participante do processo de confecção dos caderninhos, teve uma experiência singular, refletida na alegria, na curiosidade, na aprendizagem do seu próprio fazer à mão, do seu cuidado, da sua atenção, da sua graça. Nossos rostos refletiam animação e disposição para encarar o desafio da criação, com papelão, agulha e linha. Alguém aí já costurou um caderninho? Requer alguma técnica, um saber-fazer específico, mas ao ser criado, em sua costura fica impressa a autoria de quem o produziu. Essa é a beleza do feito à mão!

O fazer à mão é um trabalho artesanal em que a gente vai inventando e inventariando, deixando a imaginação ganhar forma de poesia e, no processo, criação e autoria andam juntas. Há uma singularidade embora muitas mãos estejam envolvidas. No manusear diferentes materialidades é que testamos as possibilidades. Lygia Bojunga (2008, p.109) diz que essa afinidade com os materiais é algo que só acontece na experiência, é uma aventura em que se deve lançar e ir, "nem que seja só pra ver onde é que vai dar", pois bem: inventamos enquanto fazemos. É uma aventura-processo-criação. O FIAR tem essa mania de fazer experimentação em que cada ideia passa por um teste e as tantas possibilidades imaginativas vão se ajustando. Imagens, poesias, canções, natureza, materiais não-estruturados, florzinhas de crochê, belezas ínfimas, nutrem nossos pensamentos, por muitos dias. Experimentamos. Vamos ajustando. Recriando. Adaptando. Dando a forma. A melhor forma, com harmonia, graça e leveza: escolhas estéticas.

Completamente envolvidas nessa trama, uma ideia de caderninho ganhava forma: unia papelão, folhas recicladas e linhas coloridas, além de uma flor feita de crochê para fechar com maestria. Na imagem da capa, um carimbo colorido, também produzido artesanalmente: FIAR. Surgia um conjunto muito singelo, feito à mão, demarcando essa sutileza que há no FIAR.

Sobre o processo de criação, sentar ao chão, pegar linhas e uma agulha, estar acompanhada de outras parceiras de grupo, e

ir pensando, a cada furo, a cada alinhavo e visualizá-los na composição final; deixar o pensamento fluir, até as pessoas que acolheriam esse caderno durante o evento e fariam suas anotações, ou nas pessoas que não gostam de escrever, desenhar ou experimentar alguns rabiscos, mas que guardariam o caderninho como lembrança, talvez, levando-os para suas cidades, dando-lhe diferentes usos - quantas histórias estavam sendo tecidas nos caderninhos que estávamos criando com nossas mãos! E outras tantas histórias eram rememoradas.

Fazer junto, ativar memórias

O caderninho, para a fiandeira Miriam, é muito sensível: caderninhos de diferentes naturezas a acompanham durante toda a sua vida florescente há 28 anos. Experiência marcada, tecida na memória e partilhada por meio da sua dissertação de mestrado (Maltos, 2025). Alguns caderninhos ela mesma fazia, outros comprava prontos. Mas todos tinham significado: ali habitaram os seus pensamentos.

Ela lembrou da história de vida da Lygia Bojunga, contada na sua obra *"Feito à mão"* (2008), onde relata que via sua mãe costurando e interagindo com agulhas, tesouras, linhas, botões e tecidos, o que a levou a exclamar:

> - Tu ficas muito tempo sem falar.
> - Engano teu: eu estou falando.
> - Falando com quem?
> - Com meus botões.
> - Eu não ouvi.
> - Quando a gente fala com os botões, os outros não escutam. (Bojunga, 2008, p. 49-50).

Pode-se entender que as experiências são singulares e tão subjetivas; quem vê de fora, talvez, não entenda. Os processos são entendidos por quem os vive. Com quem temos falado? Será que estamos ouvindo bem? Fica a questão.

Ficamos sabendo, pela leitura, que a mãe da Lygia era uma mulher calada, mal se ouvia sua voz conversando com alguém, mas ela pegou afinidade com os botões! E isso, obviamente, chocou a filha: "se minha mãe fica esse tempo todo batendo papo com os botões é porque o papo é ótimo!" (Bojunga, 2008, p. 50). E começou a falar também com os botões, só que com voz alta, porque nem todos falam da mesma forma. Para pegar afinidade: é preciso experimentar e ir.

Cada um falará de um jeito
com seu jeito
Cada um criará um jeito
o seu próprio

Criação é processo, é aventura e inventar modos de se dizer. Modos de falar de si (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015). Assim fizemos com os cadernos: falamos sobre nós, sobre a identidade do nosso grupo e sobre a nossa forma de enxergar o mundo e habitar nele com estética, ética e política. Afinal, toda ação está imbuída de sentido e intencionalidade.



Foto-colagem feita por Miriam (2026). Na imagem, as fiandeiras: Juliana, Graziela, Ana Grazy, Daiane, Luciane, Cris, Luciana e Miriam.

Se memória puxa memória, Cristiana, ali, imersa no fazer à mão, na preparação do III Seminário Rodas do FIAR, foi cintilada por memórias de sua infância, vividas entre as cardas manuais e as lãs de ovelha no rigoroso inverno do Rio Grande do Sul. Ela contou, e aqui escreve, sobre essas reminiscências:

> *Minha mãe (e eu) passava os dias cardando a lã, entre movimentos morosos até se transformarem em plumas de lã retangulares e leves, que eram reservadas até o momento do alinhavo em tecido de chita para a feitura dos cobertores para vender. Eram meses entre as cardas e os alinhavos, linhas cor de rosa, agulhas grandes, tecidos de chita, tesoura de ferro bem afiada para a exatidão do corte do tecido. Um cobertor findava, outro começava, a vida acontecia ali, à beira de uma grande mesa de madeira e ao lado de um fogão à lenha. O que me lembra o conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti (2006, p. XX): "Tecer era tudo o que fazia". Enquanto cardava, ela compartilhava as suas memórias vividas no cultivo da terra com uma família de sete irmãos, num tempo em que tudo era difícil e criança também trabalhava. Dizia: "Na época tudo era valioso demais, as roupas de sair eram feitas na máquina de costura com tecido de gabardine e guardadas para ocasiões especiais. As roupas para o uso diário eram passadas de um filho para o outro, com alguns remendos e ajustes, tudo servia". Ensinamentos para a vida eu ouvia enquanto ela cardava.*
> *Assim, fui aprendendo o ofício de cardar, quando recebíamos os sacos de lã, logo após a tosquia das ovelhas, eu ajudava abrindo a lã com os dedos, desfiando, separando as impurezas, mas também, usava o meu tempo e as sobras para tecer os meus brinquedos, mini bichinhos, mini cobertores, mini travesseiros, mini roupinhas, entre outros, que eram feitos para compor as necessidades das bonecas e de suas casinhas (caixas de sapatos). E, quando cansada do que havia feito, eu destecia e começava tudo novamente. "Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha" (Colasanti, 2006). Nos caminhos das experimentações no fazer à mão, olhando eu aprendia e tecia à moda criança, ainda sem pressa, sem técnica e sem métrica. Entre restos de lã, sobras de tecidos de chita e fiapos de linhas, experimentava a criação do meu inventário de ser criança*. (Fiandeira Cristiana Callai, 2026).

De tantas maneiras pode-se narrar uma experiência! A poesia do encontro

A fiandeira Daiane, ao narrar, entre lembranças de cores, dos corpos em movimento, dos gestos múltiplos, que davam forma às ideias partilhadas, projetadas, poetizou.

AZUL, VERMELHO, AZUL, VERMELHO.

As cores se saltam antes do gesto,
como se o papelão já soubesse
o que o corpo ainda vai transformar.

Cortar
Dobrar
Aparar
Medir

Olhar com atenção demorada,
olhar até sentir a leveza
e a textura do papelão.

Um furo fora do esquadro,
recordo.
Não tem importância, continue furando!
E continua-se.
Porque o caminho não pede acabamento,
pede autenticidade.

Naquele momento escolhi o vermelho.

Vermelho para a costura,
vermelho que sustenta, que expõe,

vermelho-sangue que não disfarça
o esforço da vida.

Peguei a agulha,
encaixei a linha vagarosamente,
sentindo a resistência do papelão,
enquanto as mãos pensavam
o corpo inteiro.

O corpo é o movimento das mãos.

O manual não se separa do intelectual:
o pensamento acontece no gesto,
mãos-que-pensam,
no impacto da agulha,
no silêncio concentrado
do **fazer manual-intelectual.**

Ali, naquele instante,
o pensamento era **vermelho**,
cheio de vida,
cheio de insistência.

Olhei o fio vermelho
se deixando dobrar dentro da agulha,
entrando por um buraco
do caderno de papelão
e saindo pelo outro

num vai e vem direto
que abre a
EXPERIÊNCIA de início de formação.

Ali, juntas, com mulheres fiandeiras,

Costurávamos nossas memórias,
ponto a ponto,
como quem aprende a lembrar com as mãos,
como quem aprende a cantar

a palo seco

"Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue
E de América do Sul"

Belchior atravessando os sentidos,
voz de fundo,
Arte-brasileira.

No mesmo instante,
me atravessam lembranças
das costuras de minha mãe:

costura
fura
passa o fio
remonta

Às vezes me cobro
um ponto apertado, perfeito,
mas o artesanal parecia não aceitar
a "perfeição".

Ele se faz com o que é possível,
com a mão que erra,
com o ponto que aparece.
Luciana nos guiava,
furando o papelão, mostrando um jeito.

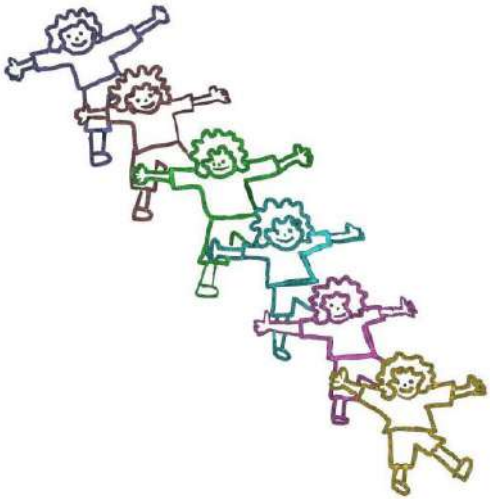
Cada corpo encontrava o seu ritmo,
sua forma de atravessar o papelão,
seu modo de aprender fazendo.

Às vezes a agulha retornava
ao mesmo furo,
a linha voltava sobre si,

tal como volto outra vez
para minhas memórias
daquela tarde.



Também a fiandeira Juliana, do íntimo ao coletivo, poetizou com escritas de mãos dadas com seus desenhos autorais.

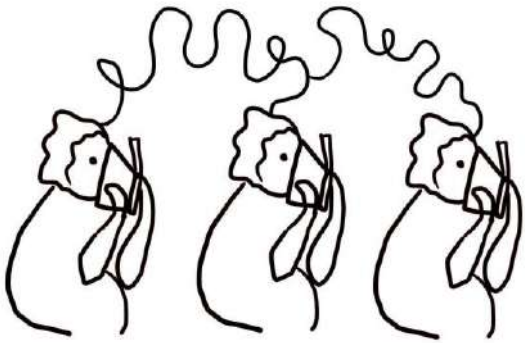


Numa mesma ocasião de compartilhamento de expressões cada pessoa guarda em sua memória e registros, momentos experimentados de formas diferentes. Captados por sua vivência, experiência e repertório adquirido durante sua trajetória de vida-formação, cada um sentirá e se encantará de forma única.



Essa é a
beleza do
poder de
compartilh
ar essas
narrativas.

O compartilhar se torna uma forma de crescer em coletivo
trocas que fortalecem a nossa própria criação-(re)construção
Agora há novas formas de escutar e sentir
a experiência estética.



A construção dos
cadernos foi
marcada pelas mãos
que os produziram.
Mãos com histórias
distintas, mas que se
encontram no criar
coletivo.

Assim, os cadernos,
mesmo que seguissem uma certa padronagem de confecção,
eram todos únicos, com seus cortes artesanais, cores, materiais
reciclados, flores de crochê e linhas de costura de diferentes
tamanhos.



E tendo
em mãos os
cadernos, cada
pessoa que
recebê-lo
certamente irá
preenchê-lo com
escritas,
pensamentos,
sonhos,
desenhos,
registros e anseios.
As folhas se
tornam confidentes.

Palavras de arremate

No fazer à mão, ativamos memórias de momentos vividos, momentos que nos formaram enquanto sujeitos e enquanto professoras que somos. Ativamos conhecimentos sobre diferentes materialidades, construímos nossos repertórios sensoriais, estéticos. Fazemos pesquisa, compartilhamos aprendizagens umas com as outras. A linha tece e costura o papel, mas também vai tecendo a trama do vivido, nos diferentes tempos, ora o fio traz uma memória de infância de uma, ora de outra. Presentifica uma sensação, um gesto, cheiro, ritmo. Nos convoca à presença, a estar de corpo inteiro.

Assim, esperamos que o carinho e o ato político que é manifesto quando o(a) professor(a) fala sobre si e conta, com seus registros feitos sobre as suas experiências estéticas que são formativas, tenham sido testemunhados através dos caderninhos oferecidos no seminário!

Caderninhos fiandeiros, prontos para serem compartilhados.



Fonte: acervo do FIAR (2025)

Diante de toda a alegria da gente fiandeira e do comprometimento em realizar um seminário dessa dimensão, reafirmamos a experiência coletiva que continuará sendo tecida a muitas mãos. Por aqui, seguiremos conversando com a poética de botões, tesouras, cadernos e quem mais quiser se achegar. Que os caminhos estejam abertos para novas interlocuções! E que peguemos afinidade com as materialidades.

Para finalizar, deixamos as palavras de Sônia Rosa no conto "O casaco" (2012): "A vida é um eterno tecer, destecer e tecer de novo", que esse texto seja um convite para que você possa também criar e recriar! Com carinho e abraços fiandeiros.

Referências

BOJUNGA, Lygia. **Feito à mão**. - 4ª ed. - 1ª reimp. - Rio de Janeiro - Casa Lygia Bojunga, 2008.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 12º ed. São Paulo: Global, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica.** Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**, Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012.

GOMES, Laís Vilela. **Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana.** 2023. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MALTOS, Miriam Nogueira de. **Modos de registrar a experiência pedagógica na Educação Infantil: Narrativas docentes.** 2025. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2025.

MELLO, Graziela Ferreira de. **No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética.** Dissertação Mestrado - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021

NEVES, Maria Helena Dantas dos Santos. **Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes**: **educação para as relações étnico-raciais na creche.** 2023. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de; MESSINA, Virgínia da Silva. **Deixando marcas... a prática do**

registro no cotidiano da Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro Posições**, v. 26, n. 1 (76), p. 161-178, jan./abr. 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Registros na educação infantil**: pesquisa e prática pedagógica. Campinas: Papirus Editora, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T.M.N. (Orgs.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2008 (p.27-42).

ROSA, Sônia. **Traços e tramas**. Rio de Janeiro: Rovelle, 2012.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia:** explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte Editora, 2017.

.2.
Uma arte que convida:
inspirações para a identidade visual do III Rodas

Michele Costa Pereira

Chegando ao círculo com alegria e arte

De todas as formas de comunicação, minha maior identificação sempre foi com aquelas que se efetivam pelas imagens. Como professora-artista, de natureza um tanto observadora e silenciosa, sempre encontrei apreço por compreender o mundo de forma visual e de expressar o que sinto pelas imagens que crio ou me identifico.

A isso, atribuo o fato de ter sido uma criança nutrida, seja por meus cuidadores, pelos meus professores ou pela natureza do quintal onde cresci. Tive ao meu redor pessoas que me permitiram ser livre para imaginar e criar; cresci em ambientes que ampliaram meu repertório vivencial e experiencial. Fui criança que precisou inventar os próprios brinquedos e brincadeiras e que brincou muito! E hoje sigo com a certeza de que essa criança sobreviveu, pois criar é a minha forma genuína de existência.

Sigo alimentando minha imaginação com frequência. E penso na imaginação como forma sensível de compreensão da realidade. Antes de serem materializadas, minhas imagens existem no campo das ideias. Aprender sempre me pareceu mais fácil quando associada à imaginação e às imagens. Caminho concordando com Severino Antônio (2009, p. 66-67): "pensar por imagens amplia as margens da razão [...] a imaginação é também constitutiva do conhecimento". Quando desconsideramos o pensar por imagens, também não reconhecemos as artes e a literatura como forma de conhecimento.

Ao me expressar artisticamente, por exemplo, fazendo uma ilustração, independente da escolha de técnicas, também comunico meus próprios pensamentos. O pesquisador e artista colombiano Adolfo Albán Achinte (2023), no artigo em que fala sobre uma *pedagogia da imagem*, me possibilitou reconhecer algo que ainda não havia acessado: ele afirma que "pintar é pensar" (Albán Achinte, 2023, p.109), é maneira de ver o mundo e relacionar-se com ele, usando cores, formas, perspectivas. Pintar é ato de reflexão, análise e observação consciente da realidade, que serão representadas pelas criações que forem surgindo.

Estamos imersos em um contexto que valoriza à priori a lógica, que nos entrega imagens prontas, que não precisaram ser humanamente pensadas e criadas e toda essa sorte de coisas, vem colocando em risco a nossa capacidade imaginativa. Frente a esse contexto, busco caminhar com quem pensa a formação humana também como ampliação de nossas possibilidades criativas, que valorizam práticas sensíveis, de pensamento por imagens, com afeto e liberdade. A busca é constante!

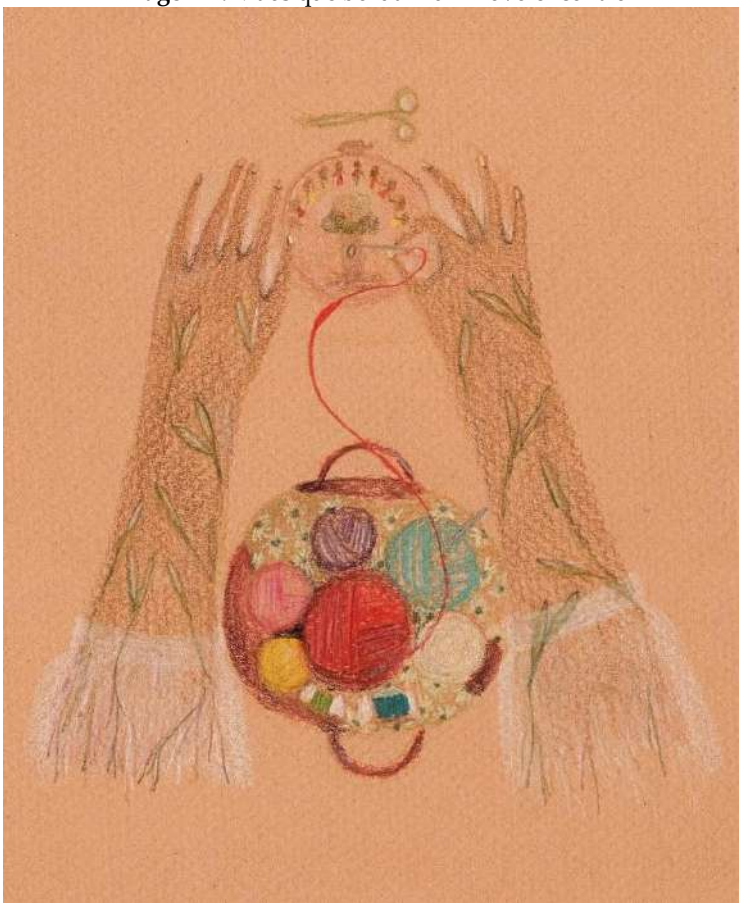
Buscando nutrir meu eu-docente, para poder potencializar as vivências das infâncias com as quais convivo diariamente na Educação Infantil na rede municipal do Rio de Janeiro, foi que retornei à Universidade Federal Fluminense, esta que me formou Pedagoga, e desde 2025 me acolhe como mestranda, no Programa de Pós-graduação em Educação. Por essas vias, chego ao Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR), para tecer junto com quem também deseja manter viva a alma, sobretudo na educação. Comigo chega também o que me constitui como vivente, artista-docente, caminhante do imenso cosmos.

Nas mãos que agora também bordam, está a linha que constrói este círculo de muitas outras mãos que estão unidas e dispostas a costurar caminhos outros, com arte, estética, sensibilidade e no coletivo. No meio da grande roda fiandeira, uma árvore de muitos frutos, que pode exprimir aqui muitos simbolismos, mas que inicialmente, apenas quer comunicar minha inspiração na

pesquisa: as crianças e suas conexões com a terra, as árvores, as miudezas (Imagem 1).

Dessa fiação coletiva, desejo narrar o que tenho vivido, compartilhando minha experiência de encontro com o FIAR e minhas inspirações para as criações das artes de divulgação do III Rodas do FIAR, seminário realizado em julho de 2025, ano em que minhas mãos chegam para se unir às outras mãos e ser parte deste círculo.

Imagem 1: Mãos que bordam um novo encontro



Fonte: Lápis de cor aquarelável sobre papel Mi-Teintes. Produção da autora (2025)

Narrativas de uma fiandeira

Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada como uma nova invenção
Belchior

Março de 2025. Chego para meu primeiro encontro, agora oficialmente fiandeira. Nos reunimos num habitual dia quente de verão, na casa da Graça – como carinhosamente é chamada a casa da orientadora e coordenadora do grupo, Luciana Ostetto –, onde geralmente ocorrem as celebrações.

Chego encantada, mas sem deixar de lado minha essência observadora, que antes precisa compreender o ambiente para então se sentir confortável e se entregar. Uma mistura de sensações. Muitos sentimentos foram se manifestando: alegria de voltar à academia, iniciando o mestrado; a vibração de pertencer a um grupo que busca, assim como eu, estar encantado e encantar as docências e as infâncias; o sentimento de ser, literalmente, *sujeito de sorte* ao encontrar este círculo.

Logo o medo do novo foi se transformando em abraços acolhedores, em olhos nos olhos, em boas-vindas acaloradas e do carinho em forma de mesa de café com tudo preparado afetuosamente pela anfitriã para nos receber. Não posso negar a surpresa, ao me dar conta de que estava chegando para fruir ao lado daquelas e daqueles que reinventam a academia! Que acreditam na potência do coletivo. Que trazem o afeto para a roda. Com autoria, criação e alma.

Nesta grande roda fiandeira, nos sentamos para iniciar aquele que seria o planejamento de todo ano de 2025. E muita coisa estaria por vir. A leitura da narrativa sobre o encontro anterior e a nutrição estética com a declamação do poema *"Ainda assim, eu me levanto"* de Maya Angelou, por uma das fiandeiras, abriram os caminhos do dia. Em seguida, iniciamos a nossa apresentação, por meio de imagens de arte, que nos chegavam pelo rito de tirar de uma caixinha - que continha uma coleção de postais com reproduções de obras de arte -, cada qual um postal. A bela caixa foi passando pelas mãos fiandeiras na roda, e cada uma de nós pegava um

postal, aleatoriamente. Esta é uma prática conhecida do FIAR, mas naquele momento era novidade para mim. Eu adorei! Fiquei inspirada a fazer a minha própria coleção de postais. O que é bom, a gente precisa semear!

Na ocasião, o postal que me escolhera trazia a imagem de uma mulher com a cabeça que parecia estar em chamas e, abaixo, o desenho de um navio no mar, elemento pelo qual nutro muita conexão. Me apresentei dizendo que encontrava muita semelhança com aquela arte, pois assim como a mulher ali representada, também carrego comigo uma mente em chamas, em constante movimento entre pensamentos e imaginação. Ali também me apresentava como professora de Educação Infantil e artista-ilustradora. Também agradecia a chegada e a oportunidade de pertencer.

Alguns outros movimentos e reverberações aconteceram ao longo desta manhã, antes de chegarmos ao momento da tessitura do III Seminário Rodas, um evento que ocorre desde 2019 e que é cuidadosamente pensado e costurado pelo FIAR. Fui me dando conta de que chegava ao coletivo no ano do encontro mais importante e esperado pelo grupo! Logo percebi que o trabalho me aguardava. Entre partilha de ideias e de propostas, definimos o tema - *"A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá...."* - e organizamos possíveis grupos de trabalho. Como me apresentara como professora-artista-ilustradora, fui convidada a compor a equipe de comunicação, que desenvolve as artes-convites para divulgação nas redes do FIAR na internet. Minha primeira missão: pensar uma arte para a identidade visual do seminário. Acho que não preciso dizer que já saí de lá com muitos pensamentos e uma mente borbulhante, querendo criar!

Esse terceiro seminário, seria realizado por muitas mãos – as de cá e as de lá –, em comunhão com o DIAFHNA, grupo de pesquisa coordenado pela Luciane Goldberg na Universidade Federal do Ceará, que à época realizava seu pós-doutorado junto ao FIAR. Também por isso, foi composto sob influência musical de uma das maiores referências cearenses, Belchior. Suas letras inspiraram todo o processo de criação, desde o título, temas e

elementos que ornaram o local de acolhida e realização do III Seminário Rodas do FIAR. Minha primeira ideia para a arte-convite: trazer elementos que simbolizassem essa travessia e encontro de narrativas e culturas, entre Ceará e Rio de Janeiro.

Dos processos: recortando, colando e bordando os caminhos

Convidada a pensar uma ilustração aos moldes fiandeiros - que comunicasse a essência das nossas intenções ao trazer os dois grupos para a roda e que seria também um convite -, logo pensei que ilustrar com desenho e pintura talvez não me permitisse dar conta de tantos elementos que fizessem sentido. Então resolvi criar experimentos a partir da colagem analógica.

Também pensei em outro elemento que seria indispensável nessa composição: a linha - que borda, que traça. Pensei na ideia de caminho. Mesmo sem saber dos pontos para bordar, me arrisquei no básico. E penso que funcionou. Era a minha primeira vez bordando em papel. Entre pesquisas e tentativas, bordei. Inspiração fiandeira do fazer a mão, agora trago com frequência para minhas outras ilustrações a prática do bordado.

Vou aos poucos anotando ideias, buscando referências, recolhendo os materiais possíveis. Minha casa é também meu pequeno ateliê. Caixas guardam retalhos, papéis coloridos, elementos de costura. Tudo que pode ser aproveitado e transformado em arte que comunica.

Para iniciar, possuo um ritual: abrir espaço, que é como abrir caminhos; limpar a mesa e deixar a vista tudo o que pode fazer parte. Uma música clássica ao fundo, embala minhas criações, hábito que aprendi com diferentes professores de desenho e pintura e que, hoje, levo para a vida e também para a sala na Educação Infantil, junto com as crianças.

Eis o processo. Transitando entre rasgos e recortes com tesoura de precisão, vou ajeitando as possíveis estruturas. Há mãos, pensamentos, imaginação e cores. Há formas diferentes de imagens, até que uma delas seja a escolhida.

Imagem 2: Do pensamento à criação



Fonte: Registros da autora (2025)

Além da linha, recortes de papel, botões, cola, recorro a imagens que me permitem construir outra imagem para comunicar uma artesania no coletivo. Entre Rio e Ceará. Duas cidades banhadas por sol e mar. Caminhos, cheganças, narrativas. Com arte, estética, fruições.

A feitura com as mãos faz nascer o invisível. Aquilo que só existia em matéria de pensamento. Exige de nós a presença, a calma. Não à toa, é prática fiandeira. Indispensável ao círculo que não apenas pesquisa, estuda, mas também, com as mãos, cria e recria beleza e encantamento. Me arrisco a afirmar que não somente as mãos, mas todo o corpo sente e participa por inteiro. Gestos que carregam memórias aprendidas por este corpo-história ao longo da vida. Movimentos que o corpo guarda para sempre. Sensibilidade e belezas que por vezes só precisam ser, como na letra da canção, acesas por dentro.

Imagem 3: Entre Rio e Ceará – Narrativas de lá e de cá



Fonte: Técnica mista sobre papel Canson.
Produção da autora para o III Rodas do FIAR (2025)

Após experimentar todas as possibilidades, a colagem do III Rodas nasce para o mundo. Nela consegui unir os elementos que minhas inspirações desejaram e que pensava poderem identificar a essência desse encontro. Há mapa, caminho, travessia, tessitura, referência e poesia. O pássaro preto, uma referência de gosto

pessoal pela canção *Velha Roupa Colorida*, de Belchior, mais atual que nunca na minha caminhada, onde vou deixando pra trás as roupas que não me servem mais. 2025 foi, para mim, um ano de viver o novo e vestir novas roupas e cores.

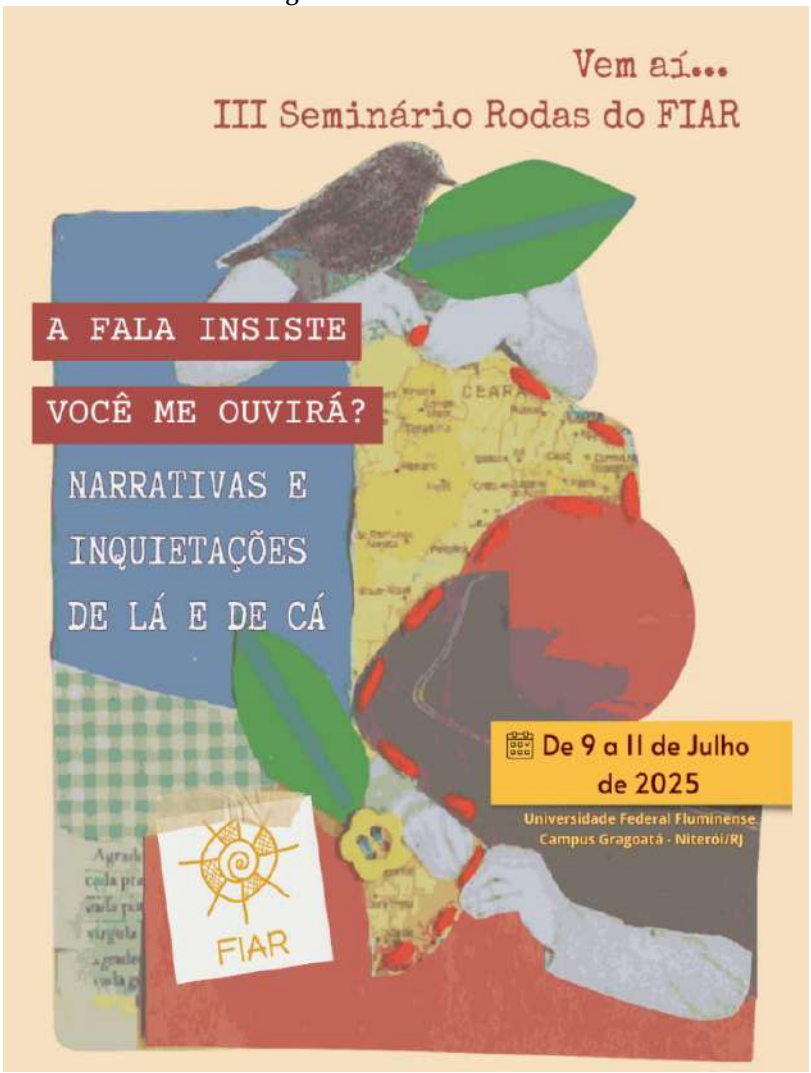
Um pequeno pedaço do poema *Agradeço*, de Marina Colasanti – escritora homenageada na abertura do encontro -, também referência particular, já que sou grata por encontrar e agora pertencer ao FIAR, que tem nutrido e animado a minha existência-docência:

Agradeço cada poema
cada prato posto à mesa
cada ponto de costura ou
vírgula de escrita,
agradeço
cada gesto que me traz sorriso
e que se expande
por tudo dou graças,
sem saber a quem.

Marina Colasanti

Nasce a arte-convite, um chamamento à escuta, à narrativa, às travessias. Nasce por algumas mãos que, juntas, pensam, criam e divulgam o FIAR e seus movimentos em rede: Eu, Ana Grazyele, Laís Vilela e José Neto, por fios virtuais, de alguns diferentes cantos do país, transformamos ideias em belezas que convidam à roda. Pensamos cores, formatos, ângulos.

Imagem 4: Arte-convite na rua



Fonte: Arquivos do FIAR

Foi um período de muitas feituras. Muitas ideias foram sendo reveladas. Delas nasceram muitas bonitezas… e uma segunda arte de divulgação.

Imagem 5: Linhas, papéis e criação



Fonte: Registro do processo de criação da autora (2025)

Diante da empolgação por trazer para o papel as muitas ideias que iam nascendo em conversas com o grupo, criei a imagem que chamo, carinhosamente, de *Brasil Fiandeiro*, a partir da ideia-desejo do nosso grupo de trabalho - *FIAR nas redes* -, de criarmos alguma arte que representasse os fiandeiros espalhados pelo nosso país. Da

ideia inicial partilhada[1], logo foram surgindo inspirações para gerar esta arte cheia de significados.

Imagem 6: Brasil Fiandeiro



Fonte: Arquivos do FIAR

O mapa do Brasil recebe o FIAR, bordado por uma criança. Os caminhos também são bordados e ligados ao Rio de Janeiro, Estado onde nasce o FIAR, originalmente. Porém, este é um círculo que se faz de mãos dadas com toda a gente, de muitos outros lugares. Essa

[1] A ideia inicial foi de Ana Grazyele, a quem agradeço o impulso para a criação, que foi fertilizada no diálogo com Laís e José Neto.

gente está em constante travessia, idas e vindas, ou conectada de outras formas, mas sempre nutrida de presença. Os sentimentos de pertencimento e amor ao grupo e ao que ele representa, mantêm as pessoas sempre próximas, onde quer que estejam fisicamente. Céu e mar são imensidões, os pássaros são livres e as janelas estão sempre abertas, nos permitindo olhar o mundo de forma curiosa, enxergando horizontes outros.

Imagem 7: Ideias que ganham outras formas



Fonte: Arquivos do FIAR

Aos poucos uma imagem criada ganha vida em outras formas. Chama, comunica e leva o FIAR para o mundo. Arte que ganhou as redes, que virou banner para identificar o lugar onde abrimos a roda, que virou botton para que cada fiandeiro carregue o FIAR consigo. O meu, ganhou espaço na mochila em que carrego meu mundo particular, e que levo para conhecer outros lugares neste planeta. Aonde chego, ele chega comigo, me identificando como fiandeira.

Talvez eu não saiba colocar em palavras o que sinto ao ver minhas ideias ganhando o mundo e representando o FIAR e suas aspirações. Por ora, digo que tudo o que tenho vivido junto à esse grupo me nutre, alarga minhas sensibilidades, me faz feliz.

Minhas criações me lembram que minha criança, ainda é viva em mim. A criança que é inspirada e impulsionada à criação, que

não tem medo da expressão própria e de desvelar os sentimentos. Criança que nunca deixou de desenhar e pintar, mas que em determinado momento do tornar-se adulta, passou a guardar suas criações para si - a se esconder, a se cobrar uma perfeição que não existe.

Pedagógicastisticamente: seguir criando e alimentando sentidos

FIAR me inspira a me colocar nesse mundo como professora-artista; artista-professora; com um *jeito artista de ser professora*. Assim, tenho me permitido afirmar cotidianamente. Nas redes e em grupo, nos identificamos *pedagógicastisticamente* - termo criado de forma brincante, entre trocas e conversas, mas que expressa nossos desejos e nos reafirma como aqueles e aquelas que não separam o saber pedagógico do fazer artístico. Que seguem coletivamente comunicando afeto e beleza na vida-educação, no cotidiano. Aqueles e aquelas que criam, para alimentar os sentidos.

Referências

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. A comunalidade criativa: uma pedagogia da imagem. In: BARBOSA, Ana Mae; FONSECA, Annelise Nani da (orgs.). **Criatividade coletiva: arte e educação no século XXI**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 134–169.

ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento:** diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

COLASANTI, Marina. **Mais Longa Vida.** 1. ed., Rio de Janeiro: Record, 2020.

.3.

(Con)fiando a criação: processos de invenção entre imagens-colagens, palavras, sons e encontros

Laís Vilela Gomes
Ana Grazyele da Silva Araujo
Michele Costa Pereira
José Firmino de Oliveira Neto

(Con)Fiando processos de (re)criação pelos territórios da formação de professores, infâncias e arte

O Círculo de Estudo e Pesquisa Formação, Infância e Arte (FIAR), da Universidade Federal Fluminense - Niterói (RJ), constitui um coletivo colaborativo, afetivo, inventivo e disruptivo. Pelos territórios da academia, tem mobilizado atividades de ensino, pesquisa e extensão[1], nas fronteiras entre Educação e Arte, prezando processos artesanais, estudando, pesquisando e partilhando "saberes e fazeres sonhados e realizados no fluxo da vida acadêmica, entremeados pela ação criadora [...]" (Ostetto; Maia; Callai, 2023, p. 13). Enfim, mobilizando práticas muito pouco reconhecidas no *tempoespaço* acadêmico, por vezes sisudo e acinzentado, por vezes fechado a experimentações criativas, como expressam Oliveira-Neto, Corrêa, Medeiros (2025, p. 48):

> [...] atuando com professores(as) em formação, notamos a perda da expressão criadora, a falta de emoção, o cinza recobrindo a jornada da docência. Uma certa anestesia é observada em atitudes que revelam, também, o quanto literatura, música, dança, artes plásticas, teatro e outras tantas linguagens estão apartadas da formação e da prática pedagógica.

[1] Para saber mais sobre as atividades deste coletivo consultar: Ostetto, Maia, Callai (2023); Ostetto, Oliveira-Neto (2024) e Oliveira-Neto, Corrêa, Medeiros (2025).

Assim, na busca por cultivar belezas e ampliar os sentidos, o FIAR/UFF nos convoca a uma postura constante de "suspeitar o mundo" de modo a cultivarmos a beleza para, consequentemente, conseguirmos "pensar o ver" pelos territórios educativos com arte (Vechi, 2017; Ostetto, Guedes, Goldberg, 2025). Mas não somente. Pelo movimento que se (re)afirma dialético, nos permite ver, escutar e produzir sentidos, tantos, sobre a vida-formação-trabalho docente com as crianças, com a arte, a cultura, a natureza (Corrêa, 2024).

Desejando poetizar a educação, esse coletivo segue abrindo espaços para a LIBERDADE: de criar e (re)inventar o mundo. Com OUSADIA e CORAGEM: *"Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja"*, já dizia Belchior, buscando a *"paixão fundamental"*, de seguir tecendo coletivos. Uma certeza: juntos somos mais fortes e capazes de semear, pela academia, histórias de belezas outras, permitindo a tantos professores(as)-pesquisadores(as) ver-sentir-criar outras narrativas, daquelas que nos inquietem a ter (in)certezas e instiguem a vivificar outros mapas, como na poética:

> Dentro da sopa tem um mar
> por ele navegam as batatas
> em forma de barco.
>
> Só a sopa sabe das ondas com sabor de peixe e cenoura.
> E dos oceanos, que não são cinco, e sim milhares.
>
> Eu me pergunto por que não aparecem nos mapas esses mares.
> Por que ninguém nunca fez o mapa de sopa.
>
> (Ferrada; Matamoros, 2016, s. p.)

E nessa primazia inventiva e de descobertas, (re)construímos mundos para fazer de modo lúdico e, portanto, imaginativo, como o fazem as crianças cotidianamente através da brincadeira, o **III Seminário Rodas do FIAR: A fala insiste, você me ouvirá? Narrativas e Inquietações de lá e de cá.** A poética impulsionadora da criação do Seminário, foi a música de Belchior, o cantor cearense

que, ao sonorizar a vida, nos permitiu seguir (re)inventando pelos territórios da vida-formação.

Ainda tomados pela energia criadora que nos permitiu planejar e materializar esse acontecimento, apresentamos neste texto, os processos de criação das imagens que impulsionaram, e sustentaram, a divulgação do evento fiandeiro, sobremaneira pelas janelas virtuais[2]. A busca por fazer ecoar a professores(as)-pesquisadores(as) e toda gente interessada, o seminário que se avizinhava, firmamos o modo fiandeiro de experimentar-(re)criar o mundo, traçando *pedagogicartisticamente* vias múltiplas, com suas sinuosidades, nada lineares, com atos de recortar-colar pedaços, de sonhos e desejos, de uma Educação que se permite Arte para (re)inventar mundos. Neste ponto do texto nos inspiramos na definição de Catarina Bessel (2020), designer e ilustradora paulista, quando busca definir a arte da colagem como "um jeito de inventar mundos recortando e colando pedaços da realidade", posto que nos valemos desta linguagem para criar narrativas poéticas que constituíram o material de divulgação do III Seminário Rodas do FIAR.

Fiar a programação: a constituição de uma trama coletiva, com cores de lá e de cá

Para a arquitetura do III Seminário Rodas do FIAR, um desejo pulsava: dialogar-escutar outras narrativas sobre Formação, Infância e Arte, desenhando perspectivas (auto)biográficas. Assim, no percurso de construção do evento/programação, enlaçamos as pesquisas-vozes de dois coletivos de estudo e pesquisa: o FIAR/UFF e o Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Em uma conexão que rompe fronteiras e permite ecoar uma multiplicidade cultural, reunimos professores(as)-pesquisadores(as) do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Goiás, que nos últimos anos realizaram em companhia desses coletivos pesquisas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Embora com objetos de

[2] Aqui nos referimos ao perfil do FIAR/UFF nas redes sociais Facebook e Instagram.

pesquisa distintos, em comum apresentavam o cuidado com o conteúdo e a forma, assumindo a beleza, o sensível e o afetivo como dimensões importantes na produção do conhecimento, sobremaneira pelos profícuos diálogos que se propunham entre Educação e Arte.

Seguindo o ritmo da música de Belchior, como em uma coreografia, composta por três grandes rodas, assim foram nomeadas as propostas-atividades:

> 1º Roda: *Narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e DIAFHIAR*[3], com Luciana Ostetto (FIAR/UFF) e Luciane Goldberg (DIAFHNA/UFC);
> 2º Roda: *Narrativas de pesquisa de lá e de cá*, com Janice Débora (DIAFHNA/UFC), Leandro da Silva (DIAFHNA/UFC), Simone Bibian (FIAR/UFF) e Laís Vilela Gomes (FIAR/UFF);
> 3º Roda: *Conversa pelas veredas da Arte*, com Luciane Goldberg (DIAFHNA/UFC), José Firmino de Oliveira Neto (FIAR/UFG) e Rosvita Kolb-Bernardes (FIAR/UFMG).

E como um evento que se configurou com/por meio de múltiplas linguagens (música, artes visuais e outros), a programação seguiu buscando fazer ecoar a poesia - seja com performances, seja com exibição de vídeos, seja, ainda com a visita ao Museu Janete Costa de Arte Popular, um equipamento cultura da Prefeitura Municipal de Niterói, situado próximo ao campus da UFF. A exposição "Santa Intimidade", com curadoria do artista plástico e cenógrafo Jorge Mendes, celebrava a força da fé popular e o modo único como o povo (re)interpreta/(re)inventa o sagrado no cotidiano. As gravuras, esculturas, pinturas e instalações nos permitiram fruir por mundos outros, acionar/despertar o sensível, em diálogo próximo com a arte e suas manifestações.

Aos modos fiandeiros, o III Seminário Rodas do FIAR, assim como os anteriores, se fez espaço de pensar-sentir-viver a Arte em um evento acadêmico, cuja programação, vai além dos moldes que estamos acostumados, basicamente estruturado em apresentações de trabalhos, que exigem do corpo a postura imóvel, sem outros chamados aos sentidos.

[3] DIAFHIAR - palavra-mundo que enlaça dois coletivos de estudo e pesquisa.

Justamente por concebermos esse espaço como território para encontros sensíveis, de criação partilhada e de formação que se tece no entre - entre corpos, palavras, gestos, silêncios, saberes e fazeres -, (re)afirmando que Educação e Arte se entrelaçam como dimensões constitutivas das experiências de vida e formação (Ostetto, 2021), tecemos uma programação (Figura 1), para cultivar presença, fortalecendo o sentido coletivo artístico-poético da docência, da pesquisa e da construção de conhecimento.

Figura 1: Programação geral do III Seminário Rodas do FIAR, realizado em julho de 2025.



Fonte: Arquivo do FIAR/UFF.

Redes fiandeiras: tecendo encontros sensíveis pelas janelas virtuais

O FIAR/UFF é também um organismo vivo nas redes sociais - **@fiar.uff** - como acreditamos ter sido possível apreender até esse

momento do texto. Redes que ampliam o alcance das informações e nos conectam aos que desejam alimentar os próprios sentidos e ampliar saberes e fazeres docentes na educação das infâncias, com estesia. Essas redes nos aproximam, encurtam distâncias. Nem sempre trazem a garantia do encontro, mas certamente, alcançam aqueles que estão dispostos a serem afetados por este coletivo fiandeiro (Figura 2).

Figura 2: Poética fiandeira. (Desenho e pintura de Michele Costa Pereira, fevereiro de 2026)



Fonte: Arquivo do FIAR/UFF.

Por entre os fios invisíveis da conexão, o @fiar.uff se expande e torna visível nossas produções e escolhas por outros modos de pensar a universidade, tecendo sentidos e inspirações com poesia, sensibilidade e autoria. Como fios que tecem uma imagem pública do coletivo, as publicações são direcionadas à página do Facebook do FIAR, e também se estendem pelo nosso site oficial (Figura 3),

onde é possível conhecer toda a gente fiandeira e seus movimentos de pesquisa-fiação.

Figura 3: Site oficial do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação, Infância e Arte (FIAR).



Fonte: http://fiar.sites.uff.br/

Para o III Seminário Rodas do FIAR, vivenciamos processos criativos, em comunhão, desde a concepção, a criação e a veiculação das postagens - trechos de música, minibio e programação -, seguindo pelas vias pedagógico-artísticas, compreendendo a importância do encontro entre Educação e Arte, para "além de territórios demarcados", como nos inspira Albano (2010). Assim, podemos dizer que criamos porque pensamos e, consequente, pensamos criando e, nesse exercício fiandeiro, seguimos *sentipensando* (Albán Achinte, 2023) os processos de produção-divulgação de um coletivo em conexão, movimentando dialeticamente teoria-prática, forma-conteúdo e razão–emoção, vivificando as concepções fiandeiras, marcas de um coletivo em constante caminhada/transformação.

Portanto, cada pequeno detalhe é cuidadosamente pensado, na intenção de não apenas informar, mas formar: há em nós, que

fazemos essa rede acontecer[4], um cuidado com a estética, na organização, nos formatos, nas cores e nas combinações. Quando uma postagem chega às redes, quem nos acompanha, ao experienciar os registros do vivido, experimenta também o olhar sensível e atento de toda gente fiandeira para a proposição dos encontros: somos círculo que celebra encontros, mãos que se escolhem para recortar e bordar caminhos, corpos que brincam, experimentam e aprendem, pés na terra e olhar para as miudezas, também manifestadas na presença de outros seres viventes.

Se o FIAR, como uma grande rede, assume contornos virtuais para alcançar distâncias, sua potência não cabe nas telas, pois existe e resiste pelas experiências que compartilhamos. Pelas janelas virtuais, nos colocamos no mundo como círculo, como grupo que cuida dos movimentos em/da rede, nos percebendo professores(as)-pesquisadores(as), mas também artistas. Nutrindo sempre a opção de criar, no coletivo e fazer surgir o novo, não o copiado. Cada convite-arte-publicação carrega um pouco de nós e de nossas imaginações. Sejam ilustrações, colagens, construções pelas veredas manuais ou digitais, tudo é gerado e, como sementes que se entregam à terra com paciência, aguardam o tempo de germinação.

Dos fios que tecem convites: a criação dos cards virtuais como território de invenção

Criar é investigar o desconhecido.
A curiosidade está sempre presente
Anna Marie Holm (2004, p.88).

Em nossa mesa, organizamos os recortes de papéis, colas, tesouras e materiais que reacendem lembranças de um tempo não

[4] Aqui nos referimos a nós, autoras e autor deste texto, que no coletivo fiandeiro, assumimos o trabalho-criação de manter vivas e ativas as redes sociais e o site FIAR/UFF, honrando a inteireza desse coletivo que representamos, pois não fazemos nada sozinhos, apenas sistematizamos diálogos-reflexividades e afetos partilhados.

muito distante. Tempo de refletir, pensar, de compor com um profundo diálogo entre docências, arte e criação. Nessa trilha, o primeiro impulso para criar as imagens de divulgação, que nos pôs em movimento, veio das mãos da fiandeira Michele. Sua colagem-criação agiu tal qual a gota de aquarela que, (quase) sem querer, caiu do pincel em uma folha em branco e acabou por movimentar o pensamento para a criação. A colagem, formada por um caminho que traça as regiões sudeste e nordeste, foi o gesto inaugural que deu forma à textura que estávamos buscando (Figura 4).

Figura 4: Cards de divulgação do III Seminário Rodas do FIAR, realizado em julho de 2025



Fonte: Arquivo do FIAR/UFF.

O ateliê se fez majoritariamente virtual. Foi necessário, então, que a tela se fizesse um quadro, uma folha, uma mesa. Nos debruçamos sobre a tarefa de criar imagens que conduzissem

àquele suspiro do feito à mão; assim, as escolhas foram voltadas às figuras e elementos que remetessem à costura, ao bordado, à pintura para conduzir nossos caminhos artísticos. Nesse viés, o nosso ateliê virtual foi constituindo forma e ganhando alma.

Como professores(as)-artistas-pesquisadores(as), que encontram na Arte possibilidades outras para expressar diferentes modos de compreender o mundo, defendemos que a Arte, enquanto linguagem, deve atravessar o corpo-alma e ser costumeira na vida de professores(as)-pesquisadores(as). Arte essa que transborda vida, que suja dedos, roupas e narizes, que transforma diálogos em poesias e gestos em dança. Arte que se esparrama na Educação Infantil fazendo suscitar novas e oportunas narrativas.

É essa Arte que buscamos cultivar em nossos modos de viver a docência e a pesquisa, afinal o processo artístico é também pesquisa e investigação. Esse impulso criador que se permite adentrar o desconhecido, aventurando-se entre texturas e contrastes, forma e conteúdo, experimentando com o corpo inteiro. Assim, pesquisar e criar deixam de ser movimentos apartados e passam a constituir uma mesma tessitura: a de uma prática que se arrisca, que problematiza, que imagina e (re)inventa novas possibilidades de existência e conhecimento.

Por isso, quando trazemos ao mundo uma nova publicação, desejamos que ela dissemine as informações, para além das palavras, mas que convidem por meio das imagens e das cores, à apreciação, à fruição. Ansiamos atravessar as fronteiras virtuais pelas vias estéticas e criativas das imagens, insistindo, a cada nova publicação, em dizer que Arte, em diálogo com a dimensão estética está muito além do decorativo, se (re)definindo "[...] como linguagem com conhecimentos que acolhe e valoriza a sensibilidade, a delicadeza, o afeto, a criatividade e a expressividade de crianças e docentes" (Vital; Goldberg, 2025, p. 372).

Nessa brincadeira, os movimentos que exploram e experimentam espaços de criação oportunizam novas formas para

expressar as invenções e ideias mais fantásticas. Há certa magia mirar a tela em branco e imaginar possibilidades de criação para o III Seminário Rodas do FIAR, e que por vezes, também se tornaram assustadoras de tão infinitas, certos de que tínhamos na mão uma liberdade criadora, mas também os anseios e concepções de um coletivo, em conexão, revelando-se nos olhares e escolhas que pouco a pouco compunham uma nova criação. Conectados e mobilizados, surgiam as ideias e possibilidades partilhadas por meio das inúmeras mensagens que diariamente trocavamos, afinal questionar é também criar.

> *- O que acham de compormos alguns cards com trechos de canções do Belchior, povoando os sentidos com canções?*
> *- E se divulgarmos os participantes de modo autoral com elementos que os identifiquem, por exemplo aquilo que gostam, além de convidá-los para escolherem um trecho de Belchior com o qual se identifiquem?*
> *- Seria possível criar uma ilustração com o mapa do Brasil conectando e representando os estados que estarão presentes?*

Essas e tantas outras questões faziam borbulhar as ideias e ecoavam no ateliê virtual em que "peças de divulgação" seguiam se constituindo e ganhando vida a cada nova arte-colagem-criação. Inspirados, seguimos com a criação, que foi sendo revelada em gestos, pela escolha das cores, das fontes e das ilustrações dos cards de divulgação (Figura 5).

As publicações que apresentam convidados e convidadas são composições únicas, avessas ao molde, e ressaltam fragmentos abarcados em suas histórias de vida e formação, pessoal e profissional. As narrativas que foram sensivelmente compartilhadas, traziam miudezas, gestos, afetos e outros elementos que concediam pistas sobre quais caminhos traçaram, sempre com um estreito entrelaçamento da Arte e da docência.

Figura 5: Cards de divulgação dos professores(as)-pesquisadores(as) participantes das rodas do III Seminário Rodas do FIAR, realizado em julho de 2025.



Fonte: Arquivo do FIAR/UFF.

E como em uma canção, as apresentações ganharam um tom, um ritmo próprio a partir de um título, escolhido com delicadeza, em diálogo com um trecho de música de Belchior, poeta que canta sobre a vida, sobre a luta e a resistência.

O cantor-poeta se tornou a moldura para as apresentações, contadas ao mundo, sobrepondo história de vida e melodia e com ele, nessa parede da memória que vamos construindo em nossa narrativa, reunimos recortes de mundos, sutilezas e afetos que formam o nosso grande álbum de memórias coletivas, DIAFHIAR em conexão, em roda e em coletividade. São **bordados** que acolhem a paciência do tempo, **ondas** que falam sobre o movimento; os **Sóis** que aquecem e iluminam os caminhos; a **literatura**, guardiã dos sonhos e mundos desconhecidos; os **galos** que anunciam um novo amanhecer; as **cidades**, cenários de vida, memória e formação; **pardais** que fazem acreditar em uma vida livre; a **natureza** em toda a sua resistência; as **abelhas** e sua coletividade; **museus**, templos de memória e de passados não tão distantes, e a **Arte** em suas múltiplas linguagens expressivas.

Ao experienciarmos processos de criação, vivenciamos a formação estética, na medida em que, por meio dos sentidos, ampliamos a consciência de nosso papel na docência-pesquisa. Nessa perspectiva, dialogamos com a artista-educadora Anna Marie Holm (2004, p.88), ao dizer que "[...] todo mundo precisa experienciar uma oficina de arte: - experimentar materiais; descobrir possibilidades inusitadas; ter idéias novas; criar novas histórias. Martelar, colar, lidar com as coisas". É nesse fazer implicado que a curiosidade se expande e que o pensamento ganha corpo, instaurando um modo de conhecer que passa pela ação, pela experimentação e pela abertura ao inesperado.

Ao criar, mesmo em ateliê virtual — neste caso, utilizando a plataforma Canva —, testamos combinações para além de templates prontos, exploramos ritmos, contrastes e composições que dialogam com os princípios do FIAR. Também nesse território digital nos arriscamos, erramos, refizemos e sustentamos escolhas, reconhecendo na Arte não apenas um recurso expressivo, mas um modo de investigar e (re)construir sentidos. Criar, ainda que em meio a telas, implica enfrentar a incerteza, dimensão que, como nos lembra Holm (2004, p. 89), constitui o próprio cerne da Arte, pois, para ela, "ter coragem para enfrentar a incerteza é parte do artístico". Segundo a autora, o artístico é aquilo que se descobre a partir de um impulso: um gesto que inaugura possibilidades.

Por isso, ao criarmos juntos, evocamos sua defesa da "vida numa oficina de arte" (Holm, 2004, p. 94), compreendida como experiência ética e formativa: aprender, de maneira harmoniosa, cada um com seu olhar-saber; abrindo espaço para o outro; respeitando o trabalho colaborativo e as diferentes formas de expressão. Criar coletivamente não é apenas produzir algo em comum, mas exercitar modos de convivência, escuta e partilha que sustentam uma formação estética profundamente comprometida e (con)fiada.

Tecendo o III Seminário Rodas do FIAR com fios de Arte e em rede

O ano de 2025 foi atravessado por muitas feituras fiandeiras, dentre elas o seminário que neste livro compartilhamos. O *FIAR nas redes em Ação* – como nomeamos nosso grupo de trabalho e criação, organizado pelo Whatsapp – realizou muitos movimentos no coletivo, para a divulgação do nosso seminário no *Instagram* ***@fiar.uff***, que tem sido nossa principal rede de comunicação. Muito foi feito para convocar os que estão perto ou longe de nós e aproximar os que aqui não puderam estar em presença física, desde o convite inicial aos registros diários.



Através das redes, nos colocamos como extensão de um corpo que respira em estesia e afetividade, em diálogos fecundos com gente de lá e de cá. Para comunicar, formar e reafirmar os pressupostos da formação estética, nosso objeto central de estudo-reflexão-pesquisa. Cada publicação em rede seguiu um caminho,

que por si só contava histórias, mas que eram também acompanhados por reflexões, revelando belezas em forma de conteúdo-formação. Aproximando Rio de Janeiro e Ceará, costurando poéticas e narrativas para a grande roda que o seminário convidava.

Compartilhamos cada passo dado na caminhada em direção ao Rodas, desde as primeiras reuniões, aos registros dos encontros para fazer à mão, que nos é indispensável enquanto grupo que acredita na íntima relação entre os saberes cognitivos e expressivos. Fazer com a mão e com o coração, desvelando modos de acolher e afetar o outro e o "contínuo diálogo com uma pedagogia que procura trabalhar sobre as conexões e não sobre as separações de saberes" (Vecchi, 2017, p.138-139).

As publicações referentes ao III Seminário Rodas do FIAR seguiram um percurso diário, para que cada movimento fosse experienciado, mesmo que através das telas. Registros sensíveis da alegria dos encontros com os outros e com as belezas dos lugares por onde o Rodas se fez presença. Fotografias que revelaram o que era importante ser registrado. E que traziam cores que conversavam entre si, expressando boniteza e harmonia.

Os movimentos posteriores ao III Seminário ainda foram revividos em rede com as lembranças da retrospectiva fiandeira deste ano fértil. Ainda é vivo, neste momento em que voltamos ao tempo para narrar suas histórias, pelo olhar de cada fiandeiro, que agora é transformado em escrita. E ainda continuará sendo reavivado quando esta produção ganhar vida em forma de publicação.

Nesse limiar, esta trama fiandeira seguirá pulsante na memória daqueles que viveram e ajudaram a bordar cada desenho, ponto por ponto. E não apenas na memória, mas também viva na prática dos que acolheram cada narrativa como inspiração para transformar os saberes e fazeres da prática docente, seja na educação escolar, na academia ou na vida.

Tessituras do amanhã… Na (re)criação coletiva, percursos de formação estética

Ao produzir a cultura, aquela que marca o coletivo fiandeiro, para anunciar/materializar o III Seminário Rodas do FIAR, deixamos a marca de um grupo, falamos de si e do outro, bem como (re)escrevemos a história. E como tal, constituímos um rastro poético sobre a formação de professores(as) e a docência com as crianças, desde bebês, no enlace com a Arte, que esperamos abrir f(r)estas para que novos professores(as)-pesquisadores(as) possam habitar Universidades-Escolas olhando e imaginando o mundo como as crianças e os poetas. Nesse movimento, advogamos por trajetórias de experimentação que oportunizem, como no território fiandeiro, a formação estética de professores(as)-pesquisadores(as), e também das crianças, na relação com a cultura, a natureza e a Arte.

Assim, ao (re)criar coletivamente, não apenas organizamos a divulgação de um seminário: exercitamos modos de estar juntos, de aprender uns com os outros, de abrir espaço para o outro existir. Tecemos percursos de formação que compreendem a Arte como princípio epistemológico, ético e estético, uma via pela qual professores(as)-pesquisadores(as) e crianças investigam, imaginam e reinventam o mundo.

Que possamos seguir experimentando múltiplas linguagens, sustentando o impulso criador e a coragem de enfrentar o desconhecido, para tecer e criar, em coletivo, novos amanhãs!

Referências

ALBÁN ACHINTE, A. A comunalidade criativa: uma pedagogia da imagem. In: BARBOSA, A. M.; FONSECA, A. N. **Criatividade**

coletiva: arte e educação no século XXI. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ALBANO, A. A. Arte e Pedagogia: além dos territórios demarcados. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 80, p. 26-39, 2010.

CATARINA BESSELL. **Revista Elástica**, 2020. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/catarina-bessell/>. Acesso em: 17 jul. 2026.

CORRÊA, C. A. **Formação estética e docência na Educação Infantil**: conversas ao pé da árvore. Curitiba: CRV, 2024.

FERRADA, M. J.; MATAMOROS, R. M. **Escondido**. São Paulo: ÔZé Editora, 2016.

HOLM, A. M. A energia criativa natural. **Pro-Posições**. v. 15, n. I (43), 2004.

OSTETTO, L. E. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 482-508, maio/ago. 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/117514

OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. **Formação, educação e arte**: tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA-NETO, J. F. **(Re)existir na docência, com pesquisa e arte**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

OSTETTO, L. E.; GUEDES, A. O.; GOLDBERG, L. G. Apresentação - Pensar -fazer formação docente e educação infantil: cultivando belezas, refinando sentidos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 07–21, 2025.

OLIVEIRA-NETO, J. F.; CORRÊA, C. A.; MEDEIROS, D. F. Formação estética e docência na Educação Infantil: uma análise da produção do círculo de estudo e pesquisa FIAR. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 46–67, 2025.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

VITAL, F. P. A.; GOLDBERG, L. G. Quando a terra e a arte se encontram: Diálogos entre arte, narrativa, formação estética na constituição de uma professora-artista. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 370–382, 2025.

.4.
Na composição estética do encontro, um olhar para o espaço

Mariana Soares Dantas
Maria Letícia Felintro da Silva
Amanda Lobôsco Pinto
Mariana Fiore Ramos

Fiar auroras e sentimentos
com as coloridas linhas do horizonte
e fazer um dia de flores e fontes.

Roseana Murray (2017)

Foi longa a caminhada até chegarmos — toda gente "de lá e de cá", do Rio de Janeiro ao Ceará — aos três dias do III Seminário Rodas de FIAR, realizado pelo Círculo de pesquisa FIAR (UFF), em parceria com o grupo de pesquisa DIAFHNA (UFC). Sonhamos coletivamente novos horizontes, tecemos a experiência de auroras, flores, cores e de tantos sentidos e sentimentos no território acadêmico e, enfim nos reunimos naquela noite de 9 de julho de 2025, no auditório da Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF), para dar início ao tão aguardado encontro!

Figura 1: Ambiente que acolhe



Fonte: Acervo FIAR (2025)

Fazia frio do lado de fora, era uma noite típica do inverno fluminense. Mas, lá dentro do auditório, no ambiente (Figura 1) cuidadosamente preparado, o calor de tantas bonitezas poéticas que compunham a visualidade — os artefatos dispostos no espaço, os caderninhos produzidos à mão, que seriam oferecidos para quem viesse ao seminário, as faixas artesanais dos grupos de pesquisa anfitriões, dando as boas-vindas — toda a imagética criada, enfim, aquecia nossos corpos e ideias.

Com dedicação, alegria e zelo, pensamos coletivamente na organização daquele espaço que acolheria toda a gente, em um exercício de sensibilização, cultivando a dimensão estética, compreendida como uma atitude sensível com o entorno,

> [...] um processo de empatia que coloca em relação o sujeito com as coisas e as coisas entre si. Como um fio fino, uma aspiração à qualidade, que faz escolher uma palavra no lugar de outra, assim como uma cor, uma tonalidade, uma música, uma fórmula matemática, uma imagem, um gosto, uma comida…. É uma atitude de cuidado e de atenção para aquilo que se faz, é desejo de significado, é maravilhamento, curiosidade. É o contrário da indiferença e da negligência, do conformismo, da falta de participação e de emoção. (Vecchi, 2017, p. 28).

Pela sensibilidade estética, voltada à organização do ambiente que pretendíamos dialógico, aberto às diferenças e às múltiplas linguagens das pessoas-participantes, selecionamos objetos, escolhemos cores, articulamos palavras, que convocassem os sentidos de quem habitaria aquele auditório-sede das rodas e encontros do seminário. Pensamos em harmonia, prazer para a mente e para os sentidos, organizando tudo para olhar, descobrir, admirar, se emocionar, sentir-se presente e pertencente a um coletivo que se formaria nos dias do evento.

Na atualidade, teorias já apontaram a essencialidade do espaço como um elemento relacional e de aprendizagem, haja vista que pode potencializar ou restringir movimentos, ideias, sensações, interações, também por meio de seus atributos simbólicos. Nessa perspectiva, compreendemos o espaço

> [...] não só em sua dimensão física – um lugar que permite ou dificulta determinadas ações –, como também em seu aspecto simbólico – como ambiente que comunica valores e concepções, definido por uma estética e visualidade que contribuem decisivamente para a construção cultural do olhar e, portanto, da sensibilidade (Ostetto, 2011, p. 8).

Por isso, organizamos o ambiente que acolheu o III Rodas de FIAR, com intencionalidade ética, política e estética, em coerência com as investigações realizadas pelos grupos de pesquisa que, em seus processos de criação e circulação, acionaram diversas linguagens sensíveis. Era preciso que o espaço também comunicasse, acionasse e acolhesse essas linguagens: desde a mesa-referência (figura 2) posta para a roda de conversa e partilhas com os convidados, a intenção era revelada: tecer histórias, no círculo, com Belchior, o cantor-compositor que embalou o tema do seminário.

Figura 2: Mesa posta, convite aberto



Fonte: Acervo FIAR (2025)

Sobre os modos de pensar-fazer ensino, pesquisa e extensão do FIAR, escreveu a fiandeira Marta Maia (2024, p. 29): "[...] cada encontro do grupo tem essa forte marca, a estética que se faz com as mãos e com coração". Esse modo foi princípio e guia em todo o

processo de composição do espaço, que envolveu reflexões sobre cada elemento selecionado e a forma com a qual seriam dispostos.

O processo de fazer coletivamente, mobilizando a dimensão estética, foi decisivo para levarmos nossas ideias para organizar o espaço, para recepcionar toda a gente de lá e de cá e, ao modo fiandeiro, transformar o espaço em ambiente, para que ficasse com o jeito do FIAR, jeito acolhedor de ser-fazer - com delicadeza, com beleza, com afeto. Como nos lembra Madalena Freire (2021, p. 91): "o ato de organizar é em si, *criação, estruturação, re-invenção, transformação* do espaço no espaço, do tempo no tempo, dos materiais, das atividades, da rotina que sempre se *re-estrutura*". Assim, a sala-auditório-sede do encontro foi transformada através das mãos fiandeiras: arruma cadeiras daqui, puxa mesa pra lá, estende painel, ajusta a tecnologia, direciona a luz, dispõe os objetos de modo harmonioso, com um bocado de carinho. Carinho que desejávamos que fosse sentido por toda gente que viria participar das rodas no seminário, para ouvir, falar, se emocionar, refletir, partilhar sensações, ideias e afetos.

Desse modo, o auditório do Coluni-UFF/Educação Infantil, tal como foi organizado, não representou apenas o cenário para um seminário; foi parte constitutiva dele, a partir de uma ambientação que buscou abrir possibilidades para acolher experiências, narrativas e presenças, reafirmando a importância da estética como dimensão que mobiliza, comunica e potencializa os processos de criação e circulação do conhecimento.

Referências

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021

MAIA, Marta. Entre o bordado e o reticulado do avesso — sobre a feitura de um encontro a muitas mãos. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA NETO, José Firmino de [Orgs.]. (**Re)existir**

na docência, com pesquisa e arte. São Carlos: Pedro e João Editores, 2024. (p.27-48)

MURRAY, Roseana. **Jardins**. 3. ed. - São Paulo: Global, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte Editora, 2027.

.5.
Marina: uma performance-homenagem

Luciana Esmeralda Ostetto

Toda a gente, de lá e de cá, que chegava para o III Seminário Rodas do FIAR, vai se situando, vai se integrando, vai se inserindo no fluxo da proposta de tecer o encontro com sensibilidade, com arte, com afeto. Naquela noite, a poesia de Marina Colasanti convidava e, como primeiro ato, abre-se a roda (Figura 1), com Alexandre Santiago e Georgia Zaranza, trazendo de Fortaleza, Ceará, o verso, a voz, o movimento, entrelaçados em performance-homenagem.

Figura 1 - Chamando pra roda (Card de divulgação)



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

Texto
Palavra
Corpos em movimento
Imaginação
Prazer
Pensamento
Reflexão
Anseios de liberdade
Beleza
Consciência
Energias criativas
Realidade remexida

Acompanhando os gestos performáticos, na intensidade das vozes do artista e da artista, quem esteve presente também se sentiu um pouco artista, naquele sentido precioso, de que nos fala Elliot Eisner (2008), que não significa dizer, necessariamente, pintores, dançarinos, poetas, músicos, mas pessoas que buscam desenvolver ideias próprias, cultivando a imaginação, criando possibilidades expressivas que integram sentir-pensar. Pode-se dizer que, performando (Figura 2), Alexandre e Geórgia envolveram o público nos ritmos e nas sonoridades dos versos pronunciados, permitindo-nos comungar do processo estésico, em presença que nutre o ser poético que nos habita.

Figura 2- Performando



Fonte: Acervo do FIAR- 2025.

Envolveram a nós, o público, no campo das possibilidades: ouvir, ver, acolher os sentidos que entrelaçaram linguagens múltiplas e significados alargados pela experiência da partilha (do) sensível. Memórias, histórias, dores e alegrias, que atravessam o tempo de cada pessoa lá presente, puderam se encontrar na voz da poesia que ecoou no ambiente, naquela noite fria de julho durante o III Seminário Rodas do FIAR.

A poesia de Marina Colasanti, no roteiro performático de Alexandre e Geórgia, espalhou calor, abrindo a roda para o acolhimento. Memórias, afetos, referências formativas e dimensões subjetivas, tudo se misturou na abertura poética, reafirmando que o processo de produção de conhecimento, não se dissocia da experiência vivida, não se aparta da arte e da cultura, porque é atravessado pelo sentido da vida, que pulsa aqui, ali e acolá, onde quer que se diga: presente!

A performance cênico-musical percorreu versos de três obras da escritora Marina Colasanti - *"Onde os oceanos se encontram"*, *"A moça tecelã"* e "*Palavras aladas*". Trago um trechinho de uma delas,

tanto para vivificar a palavra própria da escritora, como para remeter leitores e leitoras a um exercício de imaginação – na história narrada, e da narração performática de então.

> Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.
> Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.
> Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. (Trecho inicial do conto A moça tecelã. Colasanti, 1991)

Figura 3 - Dos corpos que poetizam.



Fonte: Acervo do FIAR- 2025

Com uma narrativa lúdico-experimental, a voz da autora projetou-se nos corpos que poetizam (Figura 3), nas vozes performadas de Alexandre e Geórgia, recitando contos de amor, dores, paixão, desejos, sedução, buscas, aspirações, alegrias, tristezas, enfim, toda a matéria que humanamente nos constitui.

Assim, como a moça tecelã do conto, que jogava a lançadeira de um lado para outro e, movendo os pentes do tear para frente e para trás, tecia a si própria, entre buscas, desejos e necessidades, Alexandre e Geórgia teceram cenas que mobilizaram pensamento e sentimento, sensação e intuição, alargando o tecido de nossas vidas.

Na abertura do seminário, com a performance poética, afirmamos a indissociabilidade de forma e conteúdo, de academia e vida, de educação e arte. Desde lá, agradecemos a performance delicada e profunda de Alexandre e Geórgia e, fazendo coro, pronunciamos: Marina Colasanti, presente!

Referências

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: LADEIRA, Julieta de Godoy (org.). **Contos brasileiros contemporâneos**. São Paulo: Moderna,1991.

EISNER, Elliot W. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez. 2008.

.6.

Narrativas e inquietações de lá, de cá, de todo lugar.

Marta Nidia Varella Gomes Maia

Começando essa narrativa

Narrativas e inquietações de lá e de cá, de todo lugar, é um texto que se propõe a trazer as memórias dessa autora, partícipe do III Seminário Rodas do FIAR, sobre a primeira roda realizada no evento. Para conversar, trago Belchior, nossa fonte e âncora poética que inspira e atravessa todo o seminário desde a sua concepção. Não lhes trago resumos, sínteses, descrições, porque elas seriam falhas e não dariam conta da amplitude da conversa. O que proponho é narrar o que ecoou, impregnou e ficou desse encontro inicial do seminário, com as relações teóricas e afetivas que faço, ao olhar para trás, e que me impulsionam a caminhar à frente. Não sei se me faço clara como desejo, mas sua compreensão e apreensão são singulares e todo texto é um convite à interpretação própria.

Sobre narrar

Narrar, narrar-se, narrar-me, narramos, narremos então, porque somos constituídos e atravessados por narrativas e, não por acaso, o encontro sobre o qual desejamos conversar nessas linhas é sobre narrativas. Narrativas e inquietações que se propõem a oferecer, a quem aceitou o convite da escuta, a partilha dos encontros e das caminhadas que nos possibilitam dizer "O inimigo eu já conheço, Sei seu nome, sei seu rosto, residência e endereço" (Belchior, 1976a). Inimigo que se revela na indiferença, na distância, no silenciamento, na aspereza das relações que nos desumanizam. Desumanizam e nos inquietam, aqui e lá, em todo lugar, todos os

dias, dia após dia. Daí a necessidade de nos encontrarmos e compartilharmos o que de melhor sabemos fazer: narrar.

Narrar pela palavra, narrar a palavra em muitas e variadas formas, narrar por meio de tantas quantas linguagens nos permitam dizer a que viemos e por que aqui estamos. Narrativas como vida, memória, história, projeção e desejo. Narrativas que se efetivam no conto, no canto, nas imagens, nos sons, nos corpos, nas mãos, nos caminhos. Narrativas que nunca são solos, são duetos, trios, são combos de gente, de vozes, de experiências, porque, como nos provoca João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345), "Um galo sozinho não tece uma manhã".

Para tecer nossas manhãs, tardes e noites de estudo, trabalho, pesquisa e encontros, sabemos que sempre precisaremos de outros galos,

> De um que apanhe esse grito que ele
> e o lance a outro; de um outro galo
> que apanhe o grito de um galo antes
> e o lance a outro; e de outros galos
> que com muitos outros galos se cruzem
> os fios de sol de seus gritos de galo,
> para que a manhã, desde uma teia tênue,
> se vá tecendo, entre todos os galos (idem).

E quando a gente deseja ampliar essa tessitura, reúne alguns daqueles que sabem tecer uma manhã coletivamente, que sabem que seu canto importa porque encontra eco na escuta do outro, que seu pensar/fazer/sentir tem repercussões em cada um que se dispõe ao encontro. Tecemos o encontro e, no encontro de múltiplas vozes, saberes e fazeres, tecemos o amanhã porque sabemos que "Palavra e som são [ ] caminhos pra ser livre" (Belchior, 1976a), então seguimos.

Uma grande reunião de narrativas e tessituras se deu nesse encontro sobre o qual nos encharcamos do desejo de escrever. Uma reunião que se inicia desde o desejo sobre ela e que se encarna em cada etapa de sua preparação, desde quando é sonhada até este dia

em que se inicia. Não pretendo descrevê-lo, porque a descrição nos roubaria do seu encanto, pretendo dele dizer, livremente dizer daquilo que em mim se impregnou. Dizer da reunião de distantes, de diferentes que se conectam, da partilha e da escuta, da expectativa, do gosto, do gozo, da surpresa, dos alívios. Na verdade, já nem sei se sei como trazer tudo isso a quem um dia poderá ler essas linhas. Mas, assim mesmo, sigo na escrita na esperança de que algum galo pegue os resquícios desse grito quase contido e o lance a outros galos que os escutem e lhes deem algum sentido.

Acolhimentos, chegadas, inícios

As narrativas e inquietações de lá e de cá têm como razão o encontro de dois grupos de pesquisa que trilham os caminhos da formação docente por meio das narrativas, da arte e da sensibilidade. Cada grupo, FIAR, o anfitrião, DIAFHNA, o convidado; com suas próprias histórias e modos de elaborar o conhecimento, se encontram a partir e através da parceria de trabalho entre suas líderes, Luá e Luê. Não procurem esses nomes nas páginas do Lattes, elas estão, mas também não estão lá.

Luá & Luê é a dupla constituída por Luciana Ostetto - FIAR/UFF[1] (Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte) e Luciane Goldberg - DIAFHNA/UFC[2]

[1] O FIAR, grupo registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq em 25/10/2016, investiga processos formativos e práticas pedagógicas no âmbito da Educação Básica, especialmente na Educação Infantil. Em diálogo com a arte, entrelaça formação de professores e infância em ações de ensino, pesquisa e extensão. http://fiar.sites.uff.br/2023/05/14/sobre/

[2] O Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (Diafhna) foi registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no dia 11 de outubro de 2007.. Congrega pesquisadores docentes e discentes egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES/UFC) e, atualmente, docente e discentes do

(Grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas), a primeira orientadora da segunda em seu estágio pós-doutoral. A partir desse vínculo, os grupos, que trilham caminhos próprios mas afins, selam nesse encontro suas afinidades, seus afetos e suas múltiplas narrativas.

De cá, um grupo entregue ao planejamento e aos detalhes para acolher seus convidados. De lá, um grupo alvoroçado se prepara para trazer do Ceará (Fortaleza) para o Rio de Janeiro (Niterói), seus dizeres, seus fazeres, sua poesia e encanto. Enquanto Luá se mobiliza para a recepção, Luê anseia pelas chegadas. Ninguém precisou dizer sobre isso, todos vivenciamos a dinâmica e as emoções. A programação foi delicadamente organizada para celebrar o encontro na socialização dos conhecimentos elaborados por ambos os grupos. Há uma responsabilidade que atravessa a todas e todos, que envolve e embala os passos, algumas vezes acelerados, outras vezes mais serenos, mas todos mobilizados pela responsabilidade da realização do encontro de fiandeiros[3] e diafhinados[4].

Um tom que nos remete ao "Ato responsável" de Bakhtin, que se define, de certa forma, neste trecho de sua obra: "Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único" (Bakhtin, 2010, p. 96). Ato responsável porque havia a singularidade carreada de responsabilidade por cada uma das pessoas efetivamente envolvidas nesse processo de organização e realização. Cada uma das pessoas estava, no momento, na função, no lugar singular de si e do evento, também singular. A singularidade não tem nenhum tom qualitativo, no sentido de equiparação entre participantes, de maior importância deste ou daquele, ou mesmo do evento. No sentido bakhtiniano, a singularidade remete à responsabilidade individual e intransferível que temos diante da nossa existência, todos e cada um. A consciência

Programa de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal do Ceará (PPGARTES/IFCE), https://www.instagram.com/grupodiafhna/

[3] Nome dado aos componentes do FIAR.

[4] Nome que passamos a dar aos componentes do DIAFHNA neste encontro.

da irrepetibilidade do ato confere responsabilidade a cada gesto e momento por sabermos que nenhuma outra pessoa, ou nós mesmos em outro contexto e momento, poderá fazer exatamente o que fazemos do jeito que fazemos.

De todo lugar

Ambos os grupos, FIAR e DIAFHNA, mantêm vínculos bem estabelecidos com a Educação Básica, seja em suas pesquisas, projetos de extensão, seja na recepção em seus eventos de socialização de conhecimentos. Dessa forma, de outros lados, outras pessoas também desejosas da partilha aguardam as orientações para o encontro. Professoras de diferentes espaços, formação, área de atuação, além de professoras universitárias desejosas de ingressar nos programas de pós-graduação envolvidos, e estudantes de graduação.

A diversidade de ambos os grupos de pesquisa se reflete também na audiência de diferentes formas. A singularidade que nos identifica é a presença e marca de cada encontro.

Diafhiar

Iniciando os trabalhos do III Seminário Rodas do FIAR, tenho a feliz e emocionante tarefa de mediar a primeira roda intitulada '"Sonho e escrevo em letras grandes, de novo": narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e diafhiar', na qual Luciana e Luciane conversaram sobre os respectivos grupos e o encontro de ambos.

Aqui, no Rodas, é roda, conversa, diálogo, bate-papo acadêmico, o que se costuma designar como mesa. Na academia há um modo costumeiro de se organizar eventos, e sendo formado por grupos de estudos e pesquisas acadêmicas, cabe ao encontro uma organização de caráter acadêmico. Contudo, é da "natureza" de ambos os grupos ressignificar o academicismo que engessa práticas nas e das universidades. Isso, de forma alguma significa que tudo

pode ser de qualquer forma ou sem organização, ou mesmo sem rigor.

Sobre o rigor da ciência, e aqui trago para o fazer acadêmico de modo geral, dialogamos com Geraldi (2018, p. 13) ao afirmar que "Certamente abandonar o método não significa abandonar o rigor; significa abrir-se para a multiplicidade dos sentidos possíveis diante da complexidade das coisas, das gentes e de suas relações". O mesmo autor afirma que "As disciplinas e os métodos são incapazes de explorar novos caminhos. Somente o homem (pessoa)[5] é capaz" (idem, p. 22). E são pessoas que fazem pesquisa, que produzem e socializam conhecimentos. No caso dos grupos de pesquisa envolvidos nesse encontro, as pesquisas também são sobre e com pessoas, que não são objetos de pesquisa, são sempre pessoas em diálogos com outras pessoas.

Então, ainda que a organização acadêmica nos leve tradicionalmente a "mesas", nos encontros do FIAR; que recebem a nomenclatura de RODAS; temos rodas de conversas que entremeiam diferentes formas de diálogo sobre pesquisas nada engessadas. Sobre isso, Albano (2023, p. 10 - 11) afirma que "Todo tema que provoca perguntas e merece ser investigado é matéria de academia. Toda forma de registro que promova reflexão é matéria de academia".

Diafhiar é a palavra que dá a clareza dessas formas nada costumeiras de se fazer o trabalho acadêmico. Cunhada na fusão dos nomes dos grupos DIAFHNA e FIAR, é mais que uma brincadeira com as palavras, ainda que também seja, é a síntese de encontro entre duas pesquisadoras e os coletivos de estudos e pesquisas que lideram.

Percursos

Talvez a maior beleza dos encontros seja o fato de que eles sempre podem nos surpreender. A primeira roda, e depois em

[5] Parêntese meu.

todas as outras, foi assim. Mais que um diálogo entre duas professoras e seus grupos de pesquisa, o que ouvimos, e fomos convidados a compreender e sentir, foram os percursos singulares dessas professoras e seus caminhos até a consolidação dos grupos e de seus trabalhos.

Penso que o esperado, mesmo em práticas acadêmicas menos cartesianas, seria uma explanação didática de como os grupos foram organizados, bases e escolhas teóricas, trabalhos realizados e a repercussão acadêmica. Em tempos em que se conta o número de citações em trabalhos alheios como se o trabalho acadêmico fosse uma corrida de maratona, ou que se encaminha esse trabalho no sentido restrito das pontuações oficiais, faria algum sentido.

Claro que esses são fatores importantes, não só porque vivemos num mundo competitivo, mas porque o trabalho acadêmico exige validação dos pares e essas formas, citação e pontuação, são as formas mais transparentes e sólidas de validação do conhecimento elaborado.

Então, ainda que discorrendo sobre as trajetórias de certa maneira formais, ambas as conversadeiras nos ofertaram trajetórias humanas. Encontros e desencontros, acertos, meios, erros, sucessos e tempos mornos, inseguranças e expectativas nem sempre contempladas e, claro, o que se consolidou para que ambas e ambos os grupos chegassem até aqui.

Marca a conversa a diversidade de temas e itinerários das pesquisas, ainda que sobre uma base teórica mais recorrente e partindo das narrativas (auto)biográficas e seus principais autores. Um convite a pensar a academia real, concreta e suas possibilidades de ampliar diálogos com a escola e com as vidas encarnadas que a mantêm.

A memória da participação nessa roda me remete a um autor que muito me diz sobre o que ouvi. Trago Martin Buber (1878-1965) e sua teorização sobre Comunidade, delineada na obra Sobre Comunidade (2012), em textos escritos na primeira metade do século XX. Buber é um pensador judeu reconhecido como um

filósofo do diálogo e das relações humanas a partir dessa profunda interação. Um autor com afinidades com a obra de Bakhtin e Paulo Freire, que foram seus leitores.

Para o autor, o que ele chama de "nova comunidade"[6] tem como finalidade a si mesma. Porém, essa finalidade é por ele explicada da seguinte maneira: "é a interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento, visto ora da perspectiva daquele que move, ora daquele que é movido" (2012, p. 34). Mais adiante de seu profundo e complexo texto, Buber atribui à própria vida a finalidade da "nova comunidade", que "liberta de limites e conceitos" e é expressão do "anseio pela vida em sua totalidade" (idem). E essa perspectiva de Comunidade ainda se refina quando afirma que "o criativo, aquele que gera novos mundos, não sabe o que fazer com antigas finalidades e antigas linguagens utilitaristas" (idem, p. 33).

Esses dois grupos de pesquisa, absolutamente integrados à vida acadêmica e suas exigências, se diferenciam do costumeiro dessa vida acadêmica naquilo que mais se alinham entre si: um espírito de comunidade. Digo isso porque, mesmo atendendo às finalidades acadêmicas de pesquisa, produção de conhecimento e titulação de seus integrantes - graduandas(os) e graduadas(os), mestrandas(os) e mestras(es), doutorandas(os) doutoras(es) e pós-doutorandas(os) e pós-doutoras(es), isso se dá de modos outros, que garantem e exigem a criatividade, linguagens outras, que afirmam neste encontro essa qualidade interativa da troca, do movimento generoso e sem predisposição hierárquica, embora esta ainda esteja lá por princípios acadêmicos.

Quando ressoa em mim o conceito de comunidade buberiana, algo mais que conhecimento está no ar e nas materialidades dessa conversa em roda. Há o humano em diálogo, em abertura, em

[6] Para o autor a "velha comunidade" é aquela determinada por laços sanguíneos, logo sem a possibilidade de escolha, ou ainda pelas finalidades econômicas ou religiosas, ambas utilitárias de alguma forma. (Buber, 2012, p. 34 - 35).

sensibilidade ecoando nas palavras, nas imagens, nas histórias, nos caminhos absolutamente singulares e irrepetíveis.

Do lugar no qual me encontro na interação Diafhiana, do lugar da escuta, observação, ecoa um dado humano e humanizador do qual carecemos em demasia nestes anos de um quarto de século XXI, no qual as relações são cada vez mais ásperas e endurecidas, a vida é cada vez mais utilitária.

Diante de uma plateia diversa e atenta, sedenta por conhecimento, mas também por acolhimento, observa-se uma emoção que atravessa o ambiente. Um auditório ávido absorve todas as nuances do diálogo estabelecido e essa professora, a qual coube a mediação, se emociona e se alivia por, mais uma vez, comprovar que há tempos e espaços acadêmicos para ser, viver, existir em comunidade.

Tecendo um amanhã

Começo esse texto falando sobre narrativas e trago Belchior, expressão artística, filosófica, estética que permeia o III Rodas desde a concepção, simbolizando o encontro entre os de cá, os fluminenses, do Sudeste tão pretensioso, e os de lá, cearenses, do Nordeste tão ousado e alvissareiro.

Belchior ajuda a gente a sentir o que já está por dentro e a gente não identifica claramente, como uma catarse individual, coletiva, acadêmica, anárquica, que jorra na melodia que a gente persegue tentando dizer a letra, tal qual ele nos oferece.

Trouxemos com Belchior o inimigo, que entendemos ser a indiferença que nos toma diariamente e nos desumaniza, e o exorcizamos com a narrativa que se encontra com a poesia, com a expansão do que é acadêmico e com a filosofia do diálogo e a compreensão de que somos mais que grupos, somos e fazemos comunidade por dentro da academia.

É um delírio acreditar que seja possível fazer uma outra academia por dentro dela e de seus rigores, mantendo o rigor, chego a pensar enquanto escrevo. Mas, me encontro mais uma vez

com Belchior quando canta ao mundo "meu delírio é a experiência com coisas reais" (1976b). E vivenciamos histórias e sonhos, mas deliramos com as experiências com coisas reais que alimentam os sonhos e escrevem as histórias. As narrativas mantêm o delírio vivo e promissor, porque, comunitariamente, ouso cantar alto com o poeta que "Amar e mudar as coisas me interessa mais" (idem), muito mais. E nesse "canto torto" (1974), e no meu caso nada afinado, a gente alimenta a tessitura de uma nova manhã, e todas as manhãs são promissoras de outros dias, outros sonhos e outros diálogos.

A gente segue na mais humilde tessitura. Humilde, porém sempre intensa.

Referências

ALBANO, Ana Angélica. Prefácio: Matéria de Poesia, Matéria de Academia. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. MAIA, Marta. CALLAI, Cristiana. (orgs.) Formação, educação e arte: Tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BELCHIOR, Antonio Carlos. A Palo Seco. Disco Belchior, Gravadora Chantecler, 1974.

BELCHIOR, Antonio Carlos. Não leve Flores. Disco Alucinação, Polygram/Philips, 1976a.

BELCHIOR, Antonio Carlos. Alucinação. Disco Alucinação, Polygram/Philips, 1976b.

BUBER, Martin. Nova e antiga comunidade. In: BUBER, Martin. Sobre Comunidade. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GERALDI, João Wanderley. Promessas e mitos da ciência moderna. In: GERALDI, João Wanderley. Tranças e Danças. Linguagem, ciência, poder e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a Manhã. In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345.

.7.

Sonho e escrevo em letras grandes… pelos muros do país[1]**: outros modos de fazer pesquisa no entrelugar arte-e-pedagogia são possíveis!**

Luciana Esmeralda Ostetto

Naquele ensolarado e festivo julho de 2025, com o propósito de compartilhar modos de pensar-fazer pesquisa narrativa de cariz (auto)biográfico, nas trilhas da educação e da arte, vivemos o III Seminário Rodas do FIAR[2], em terras de Araribóia. Como substrato sensível, tínhamos as canções do compositor cearense Belchior. Na primeira noite, na primeira roda do seminário intitulada *"Sonho e escrevo em letras grandes, de novo:* narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e DIAFHIAR", celebramos o encontro dos grupos de pesquisa FIAR - Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que sediava o seminário, e DIAFHNA - Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, da Universidade Federal do Ceará (UFC). A conversa "diafhiandeira" fluiu com a leveza e a alegria de um encontro no qual memórias de lá e de cá davam a conhecer singularidades e conexões do percurso acadêmico dos referidos coletivos, aproximando Nordeste e Sudeste, arte e educação, pesquisa e docência; um encontro no qual palavras e atos performados ao longo da conversa evidenciavam o compromisso ético, político e estético como marca da existência e identidade dos grupos. O presente texto é parte do que partilhei naquela conversa, dando a conhecer um retrato do coletivo fiandeiro, nomeadamente de seus modos de pesquisar.

---

[1] Verso da canção de Belchior "Comentário a respeito de John". https://www.letras.mus.br/belchior/1448417/

[2] http://fiar.sites.uff.br/

Um círculo de pesquisa que se movimenta desde 2016

Confrontando modos de investigação hegemônicos, o FIAR, círculo de pesquisa ligado ao Programa de Pós-graduação da UFF, tematiza questões atinentes aos campos da Educação Infantil e da formação docente. Em movimento desde 2016, ano de sua fundação, segue inventando caminhos para pensar e fazer pesquisa no entrelugar arte-e-pedagogia, interessando-se pelos indícios da experiência sensível, ou sua negação, nos tempos, lugares e acontecimentos transcorridos ao longo da vida de professores e professoras que exercem sua docência com as infâncias.

Os estudos fiandeiros são mobilizados por intrigas que podem ser enunciadas em quatro grandes questões, as quais recebem contornos próprios, desde os objetivos específicos de cada pesquisa: Onde acontece a formação estética de professoras e professores? Como suas histórias de vida, dentro e fora da escola, desenharam percursos formativos pela via estética? Qual a contribuição da arte para a formação de docentes da Educação Infantil? A arte está presente em seus processos formativos – de que maneira, em que tempos, em que espaços, com quem?

Por meio de uma dinâmica colaborativa, de um trabalho circular, do exercício de olhar para dentro e para fora, esse coletivo - constituído por professoras de universidades públicas, estudantes de graduação (orientandas de monografia, bolsistas de iniciação científica e de extensão), orientandas de mestrado e de doutorado, pesquisadores e pesquisadoras em estágio pós-doutoral e professoras da Educação Básica -, provoca-se a esticar os sentidos para além dos limites da universidade, com compromisso ético, político e estético.

Esticar os sentidos tem a ver com o desejo de conhecer, apreciar e acolher outras paisagens e modos de existência, de pensar-sentir-fazer aproximando-se de contextos sociais, artísticos, culturais, educacionais, por caminhos multifacetados, desbravando trilhas da pesquisa, do ensino e da extensão com

energia inventiva, imaginando e inventando para continuar existindo.

Esticar os sentidos é sonhar e fiar outros modos de fazer pesquisa, formação docente e Educação Infantil, habitando o entrelugar constituído por campos de conhecimento e atuação que, historicamente, foram apartados em territórios fixados, cujas fronteiras desejamos borrar, colocando-os em diálogo. Como tecer experiência de pesquisa no entrelugar educação-e-arte? Por essas vias de indagações e buscas, que são demandas do real, seguimos com o propósito de alargar territórios acadêmicos para além de campos rigidamente demarcados, de hibridizar saberes e fazeres, de fertilizar poéticas autorais.

Também nos mobiliza o propósito de borrar as fronteiras entre universidade e Educação Básica, entre quem pesquisa e quem exerce a docência, entre saber acadêmico e saber da experiência, entre teoria e prática. Assim, um evidente princípio é estar *com*, fazer pesquisa *com*, dialogar *com* professores e professoras, sobretudo da Educação Infantil, tanto nos modos de pesquisar, quanto no compromisso de partilhar os "achados" no processo investigativo. Nesta direção, o fazer fiandeiro também carrega consigo uma proposta de pesquisa-formação, atravessada pela experimentação, expressividade e criação, por meio de proposições

> [...] que prezam os fazeres artesanais, que apostam na trama de saberes advindos da pesquisa e da prática docente, que desejam fecundar escritas outras. São propostas que enlaçam pensamento e sentimento, consideram a essencialidade do ambiente como espaço educador de sensibilidades e acreditam na beleza como necessidade do humano e na criatividade como qualidade do pensamento. (Maia; Ostetto; Callai, 2023, p. 184)

Fazer pesquisa circulando, em movimentos criativos-expansivos

O modo fiandeiro de fazer pesquisa é atravessado por referenciais situados no campo das abordagens (auto)biográficas, perspectiva teórico-metodológica interessada na "[...] maneira com a qual os indivíduos dão uma forma às suas experiências, com a

qual eles comunicam as situações e os eventos de suas existências, com a qual eles inscrevem o curso de suas vidas no seu ambiente histórico e social" (Delory-Momberger, 2008, p. 93).

Os movimentos criativos-expansivos que caracterizam os modos de fazer pesquisa pelas vias (auto)biográficas, podem ser testemunhados no registro de dispositivos metodológicos praticados pelo FIAR, cujas inspirações partem da literatura de base que funda o campo dos estudos autobiográficos e são amplificadas: memorial de formação estética, conversas, ateliês (encontros-ateliês, ateliês biográfico-expressivos, ateliês narrativo-expressivos), fotografia, inventário poético, diário de memórias e miudezas, caderno de ressonância, caminhar.

Os memoriais de formação, a partir das referências de Passeggi (2008), por exemplo, ganham feições próprias em nossas pesquisas, pois se ocupam de uma específica dimensão do percurso formativo: a dimensão estética. Nesta direção, o conhecido dispositivo empregado na pesquisa de cariz (auto)biográfico, recebe a denominação de *memorial de formação estética*, indicando a centralidade da reflexão sobre os percursos de formação da sensibilidade, seja no contato com a arte, a cultura ou a natureza, ao longo da vida.

As entrevistas narrativas, inspiradas em Jovchelovitch e Bauer (2012), inicialmente muito utilizadas, deram lugar à proposta de *conversas*, fundamentadas em Freire (1987) e ampliadas na interlocução com Ribeiro e Sampaio (2018).

O ateliê biográfico de projeto, idealizado por Delory-Momberger (2006), converte-se em proposta de ateliês (nomeados de *encontros-ateliê*, *ateliê biográfico-expressivo*, *ateliê narrativo-expressivo*), cuja dinâmica conecta princípios do ateliê de arte, marcadamente pela presença de diferentes materialidades e linguagens expressivas, buscando-se oferecer um espaço-tempo que, atravessado pela dimensão do cuidado e da sensibilidade estética, contribua para o processo de rememoração, potencializando e acolhendo narrativas. (Formenti, 1996; Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015). Os encontros-ateliês são dispositivos

> [que], mediados pelos fazeres expressivos propostos (pintura, recorte-colagem, desenho, música, dança, entre outros), [abrem] espaço para a enunciação das histórias de vida: da experimentação com diferentes materialidades no presente, facilmente os participantes se [remetem] ao passado, refletindo sobre possibilidades ou limitações no contato com tais materialidades em seu percurso. Por sua vez, as ações engendradas pelos materiais expressivos disponibilizados (seja manipulação, transformação, movimentação) provocam, também, a ampliação das sensibilidades. [...] Provocar a experimentação e a criação, intensificar o movimento de olhar para si, é como abrir espaço para os participantes-narradores articularem compreensivamente dados do vivido, projetando-se na palavra que fora fertilizada desde os atos de memória iniciais, à criação plástico-pictórica ou expressivo-corporal.(Ostetto, 2019, p.66).

A utilização da *fotografia*, tanto na produção de (guar)dados (auto)biográficos, quanto nas formas de sua exposição e partilha, a partir de critérios estéticos, toma em diálogo os fundamentos de metodologias artísticas de investigação em educação (Viadel; Roldán, 2012; Egas, 2017). Constituídas por uma pluralidade de tendências, sobretudo articuladas no campo das artes visuais e, mais especificamente, na linguagem artística da fotografia, tais metodologias destacam a dimensão discursiva das imagens: imagens são narrativas visuais, e não apenas instrumento documental. Como pondera Egas (2017), a fotografia é uma tomada de posição: o que queremos tornar visível? Imagens fotográficas oferecem oportunidades de diálogos não passivos, conectam imaginário e real: quem fotografa, dá a conhecer seu olhar-pensamento e aquele que olha a fotografia, ativa pensamentos, diz a autora citada. Na pesquisa, a imagem fotográfica pode estar presente como deflagradora de memórias ou mesmo como objeto de reflexão. Como dispositivo de pesquisa, levando em conta a característica fragmentária da memória, a fotografia (e seu conteúdo revelado) pode acionar o preenchimento dos espaços que o esquecimento transformou em silêncios (Delory-Momberger, 2010). As imagens presentificadas em uma fotografia, dão suporte ao ato de rememoração, não apenas preenchendo vazios e silêncios, mas potencializando os fios das lembranças acessadas,

amplificando a narrativa com detalhes significativos. Nesta direção compreensiva, as fotografias tornam-se um vigoroso dispositivo para auxiliar a escavação das memórias: além do registro histórico, a imagem fotográfica, quando revisitada, contribui para trazer à consciência relações, tempos, espaços que podem indicar, no fluxo narrativo, percursos de formação estética (Mello, 2021). Assim, a utilização de fotografias na pesquisa e no texto acadêmico, precisa passar por uma escolha criteriosa, analisando se ela "fala por si" ou se é necessário explicá-la.

O *inventário poético*, uma possibilidade metodológica de produzir, organizar e compartilhar (guar)dados narrativos, presente em pesquisas fiandeiras, advém do contato-diálogo com a proposta de inventário da pesquisa, apresentada por Prado, Frauendorf e Chautz (2018). Dizem os autores:

> O exercício de inventariar os dados da pesquisa nasce como um procedimento metodológico que convida o pesquisador a revisitar a sua prática pedagógica, enquanto delineia a pesquisa no processo de investigação. Nesse percurso, em diálogo com teóricos, os pesquisadores têm a possibilidade de, ao se debruçarem nos documentos catalogados, não só tomar consciência do saber e da experiência construídos como também sustentar sua ação de inventariar. Ao finalizar a organização dos dados e as reflexões advindas do processo, concretiza-se uma parte da pesquisa, constituindo-se uma possibilidade de investigação narrativa que produz sentidos outros à produção de conhecimentos, em diálogo com os saberes do cotidiano escolar e acadêmicos. (Prado; Frauendorf; Chautz, 2018, p. 532).

No diálogo com a perspectiva delineada pelos autores referidos, abrem-se múltiplas possibilidades no inventariar, como um convite à criação, à reinvenção. Um inventário é assumido como dispositivo metodológico que implica movimento e atenção aos indícios que se mostram nos atos de memória, para então articular narrativas e potencializar seus sentidos, dando uma forma outra ao conteúdo inventariado, aos (guar)dados da pesquisa, enfim (Gomes, 2023).

Um inventário, além de ser caracterizado/nomeado "da pesquisa", tal como apresentado por Prado, Frauendorf e Chautz (2018), quando articulado ao princípio indissociável de coerência e pertinência entre forma e conteúdo, pelas vias da dimensão estética, pode ser definido como "poético" pois, como apontou Gomes (2023), tecer narrativas cultivando artesanias, requer utilizar-se de múltiplas linguagens, para dar forma ao conteúdo (auto)biográfico contemplando poéticas. Assim, o *inventário poético* reafirma um aspecto constitutivo do modo de fazer pesquisa no FIAR: "fazer à mão para falar de si" (Ostetto, 2016).

Um outro dispositivo praticado para a produção de dados biográficos é o *diário de memórias e miudezas*, por vezes denominado de *caderno de ressonâncias*, delineado na interseção entre formas distintas de registro, presentes nos campos da educação e da arte: o caderno de artista e o diário. Amplificando usos e sentidos, como uma

> Espécie de caderno de memórias das coisas fugidias, o "diário de memórias e miudezas" foi proposto como suporte para abrigar coleções de ideias, imagens, fragmentos do viver, recolhidos do fundo da memória ou do chão do dia a dia, e que, por uma razão ou outra, foram considerados importantes para a pessoa, a ponto de trazê-los para seu diário, marcando-os e, quiçá, projetando-os em possibilidades de significados que ficam à espreita, como "um quarteirão de paredes nuas", nem sempre conscientes. Por isso mesmo, prenhes de possibilidades para a reflexão e a amplificação de sentidos e aprendizagens. Pensando em registros que não fossem só pela escrita, mas que fossem um convite a rabiscos outros, entre o desenho, a colagem, a pintura, a fotografia, multiplicando-se as possibilidades de registrar, de dizer, tal diário projetou-se como um sítio para marcar não apenas reflexões e aprendizagens explícitas, mas, por ventura, experiências estéticas, com lastros de poéticas ao longo do percurso de cada participante, inscritos na memória. (Ostetto; Bernardes, 2019, p.169)

Reportando-se à beleza como parteira da escrita de si, os processos de pesquisa são marcados pelo fazer-saber artesanal,

pelo cultivo de um tempo-espaço integrador das dimensões sensível e inteligível, pela experiência de fazer à mão, conectada com o coração, centro da recepção da resposta estética, segundo a antiga filosofia fiorentina (Hillman, 2010). Essa trilha, ousada e corajosa, que a gente fiandeira vem percorrendo para pesquisar narrativamente, é sustentada pela premissa de que

> As narrativas de si, quando produzidas na conexão com o "fazer à mão" (tomado aqui com o sentido de "fazer de corpo inteiro"), convocam pensamento, sentimento, intuição e sensação e, ao fazê-lo, integram no narrado-professor dimensões do sensível e do inteligível: dão forma à poesia de cada um.(Ostetto, 2016, p. 156)

O envolvimento com materialidades diversas, o engajamento do corpo, das mãos, ao franquear espaço para fazeres criativos, prepara o movimento de "caminhar para si" (Josso, 2010). O fazer à mão amplifica a "reflexividade biográfica" (Delory-Momberger, 2008), a medida em que contribui para alargar sentidos. Nessa direção, revitaliza modos de ver, ouvir, narrar, registrar, comunicar, interpretar o vivido; possibilita e impulsiona outras formas de dizer(se). A beleza é parteira de outras histórias, aquece coisas por dentro, convida à criação para continuar a fiar.

Caminhar como dispositivo de pesquisa, como ato estético que fertiliza a produção de dados é também uma direção teórica e, ao mesmo tempo, metodológica, adotada em alguns projetos fiandeiros. O exercício intencional de deslocamento pelos territórios sociais, educativos, culturais, deixando-se interpelar pelo percurso, é inspirado em Labbucci (2013, p.9), quando diz: "[...] não há nada mais subversivo, mais alternativo em relação ao modo de pensar e de agir, hoje dominante, que o caminhar. Ponto. Caminhar é uma modalidade do pensamento. É um pensamento prático". Em diálogo com o filósofo italiano, Gomes (2023, p.106) pondera: "Enquanto caminha-se, contempla-se, imagina-se, medita-se pelas vias do sensível. [...] caminhar é uma forma poética entre Educação e Arte". Compreende-se, então, que caminhar, na

pesquisa e na prática pedagógica, contribui para dissipar a névoa que recobre um mundo apressado, que não se detém, que não repara e que tão facilmente ofusca e embaraça os sentidos. Caminhar abre passagem-oportunidade para descobrir existências, paisagens, narrativas e histórias que só se mostram no ato de parar e de reparar.

Retratos de histórias fiadas em (quase) dez anos

De 2016 até 2025 o FIAR celebrou 14 defesas de mestrado e 5 defesas de doutorado, todas vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFF[3]. Cito, nominalmente, as dissertações e teses produzidas no âmbito do nosso círculo de pesquisa, indicando o marco temporal, tanto para oferecer um panorama geral dos temas/questões enfrentadas ao longo dos anos, como para documentar nossos percursos, disponibilizando as fontes.

No ano de 2017 foram defendidas as duas primeiras dissertações: *De dentro pra fora, de fora pra dentro: itinerários de formação estética de professoras da Educação Infantil* (Greice Duarte de Brito Silva); *Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX* (Simone Bibian).

Em 2018 três dissertações foram defendidas: *Quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação* (Marina Luar de Souza Duvidovich); *Arte, formação e docência na Educação Infantil: narrativas do sensível* (Carla Andrea Corrêa); *Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca da alma na educação* (Cristiana Garcez dos Santos Seixas).

O ano de 2020 contou com a defesa de uma dissertação: *O que (quase) não se vê: olhares de infâncias na natureza* (Ana Clara Nimrichter) e em 2021, já submetidos às dores e limitações da

[3] No momento de escrita do presente texto, estão em andamento três pesquisas de doutorado e três pesquisas de mestrado, que não serão citadas, haja vista a dinâmica dos processos de produção acadêmica, na qual títulos podem, não raro, receber melhores contornos e ajustes até a sua versão final.

pandemia de Covid 19, duas dissertações foram defendidas: *No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética* (Graziela Ferreira de Mello); *Arte, infância e práticas pedagógicas na Educação Infantil: narrativas de professoras de arte* (Iasmim Cavalcanti Caballero Lira).

A pandemia também causou reordenamentos e ajustes nos cronogramas das pesquisas que se encontravam em andamento, concentrando as defesas de quatro dissertações ao longo do ano de 2023: *Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia* (Amanda Lobôsco Pinto); *Arte, pedagogia e formação docente: narrativas e travessias* (Kamilla Martins); *Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: educação para as relações étnico-raciais na creche* (Maria Helena Dos Santos Neves); *Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana* (Laís Vilela Gomes).

Em 2025 tivemos as defesas de duas dissertações: *Modos de registrar a experiência pedagógica na Educação Infantil: narrativas docentes* (Miriam Nogueira de Maltos); *Narrativas de ontem e de hoje: poesia africana e afro-brasileira como caminho formativo com professoras da Educação Infantil* (Maria Leticia Felintro da Silva).

A primeira tese de doutorado do FIAR foi defendida em 2020: *Na profusão de gestos, os corpos falam de modos de ser e de se relacionar na creche* (Patrícia Vieira Bonfim). O ano de 2022 concentrou as defesas de quatro teses, algumas das quais teriam sido finalizadas antes, não fosse o contexto pandêmico: *Ateliês de espaços efêmeros na formação estética docente: atravessamentos e ressonâncias* (Vilma Justina da Silva), uma pesquisa desenvolvida no âmbito do convênio de cotutela com a Universidade de Girona (Espanha); *Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil* (Xênia Motta); *Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede* (Simone Bibian); *Poéticas negras, formação e prática docente na Educação Infantil: arte e estética (empre)tecidas* (Greice Duarte de Brito-Silva).

Dentre as pesquisas desenvolvidas, além de dissertações e teses, realizadas e finalizadas, cito: *Espaços de formação docente:*

memórias e narrativas estéticas (2017-2019), desenvolvida no âmbito de um projeto interinstitucional firmado entre o Programa de Pós-graduação da UFF, e a Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)[4]. Seu objetivo foi analisar a presença e os significados de experiências estéticas nos percursos educativo-formativos de licenciandos dos cursos de Pedagogia e de Arte, discutindo sua contribuição para a formação e a prática docentes. Seu desenho metodológico teve por referência a proposta de "ateliê biográfico de projeto" (Delory-Momberger, 2006) e os "diários de miudezas" como dispositivos de produção de dados. Dois artigos publicados em decorrência da referida pesquisa, estão disponíveis à leitura (Ostetto; Bernardes, 2019; Ostetto, 2019).

O projeto de investigação *A formação estética e cultural de professores para a Educação Infantil: Brasil e Portugal em diálogo,* foi desenvolvido entre 2018 e 2019, junto à Universidade de Évora, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Programa Professor Visitante no Exterior[5]. Das publicações decorrentes, além de capítulos de livros, destacam-se dois artigos publicados em parceria com as colegas pesquisadoras da UÉvora (Ostetto; Folque; Bezelga, 2019; Ostetto; Folque, 2021). Como um desdobramento do projeto, foi desenvolvida a pesquisa *Arte na infância: memórias e práticas docentes* (2019-2021), utilizando o dispositivo de entrevista narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2012). Participaram como entrevistadas-narradoras, três educadoras de infância da cidade de Évora. A investigação teve por objetivo mapear caminhos e tempos pelos quais as profissionais se deslocaram e relações tecidas no percurso de suas existências, que contribuíram para a formação e o desenvolvimento de sua sensibilidade estética. Considero importante destacar que os resultados da pesquisa foram

[4] Coordenaram a pesquisa as professoras Luciana Esmeralda Ostetto (UFF) e Rosvita Kolb Bernardes (UFMG).

[5] Processo Nº 23038.017884/2017-66. Pesquisadoras: Luciana Ostetto (UFF), Assunção Folque (UÉvora), Isabel Bezelga (UÉvora).

socializados, entre outras vias, no artigo publicado em coautoria com as educadoras de infância que participaram como narradoras. Trago um apanhado dos achados:

> Nas histórias narradas, encontram-se práticas singulares, autorais, engendradas na parceria entre educadoras e crianças, entre fazeres e saberes permeados pela arte no cotidiano dos jardins de infância. Experimentação e criação artísticas com diferentes materialidades, interação com o patrimônio da cidade, visitas a museus e passeios na natureza fazem parte dos repertórios partilhados, nos quais se identificaram traços das histórias de vida e de formação das educadoras-narradoras. Notou-se que a experiência estética das infâncias das educadoras, marcadamente constituída fora da escola (na natureza, na cultura, nas relações sociais familiares), reverberam em suas práticas, e a arte, em seu trabalho pedagógico, é mais do que uma atividade, é experiência tecida no encontro com materialidades, espaços e pessoas. (Ostetto; Folque; Leal; Aresta; Melo, 2024, p 1-2).

Uma outra face da referida pesquisa foi publicada no artigo *Arte na educação infantil: proposições, concepções, reflexões em narrativas docentes* (Ostetto, 2024), dando ênfase às propostas, processos, espaços e materialidades que sustentam o trabalho das três educadoras no campo da arte. Os saberes e fazeres docentes (a)colhidos apontam que "organizar espaços-tempos para experiências com a arte, a natureza, a cidade, os museus e o cotidiano é fecundar processos criativos, encorajando meninos e meninas a darem formas aos seus desejos e às suas imaginações" (Ostetto, 2024, p. 1). O papel docente, nomeadamente no trabalho com arte na Educação Infantil, foi evidenciado como "interlocutor disponível e atento, que escuta com todos os sentidos para apoiar ideias e hipóteses, ampliar referências e repertórios e alargar as possibilidades expressivas das crianças" (Ostetto, 2024, p.1).

O projeto de linhas múltiplas, que vem ancorando as perspectivas das investigações fiandeiras, tem por título *Arte na Educação infantil: memória, formação e práticas docentes* (Ostetto, 2020), a partir do grande objetivo de mapear e analisar concepções e

práticas que sustentam propostas pedagógicas com arte em creches e pré-escolas, articulando-as aos percursos docentes, ampliando o diálogo entre arte e pedagogia e discutindo propostas de formação de professores para a Educação Infantil que contemplem princípios estéticos.

Na interlocução com colegas de instituições de ensino superior brasileiras, de diferentes regiões, reside outra frente de investigação, consubstanciada por meio das propostas de supervisão de estágio pós-doutoral assumidas pelo FIAR, no âmbito da Linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF), do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF. Para oferecer um panorama das interlocuções temáticas, nomeio a seguir títulos e autorias das pesquisas de pós-doutorado realizadas de 2022 a 2025[6].

2022-2023: *Registrar e Documentar na Educação Infantil: tornando visível memórias (re)inventadas – O caso da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás*, desenvolvido pelo professor-pesquisador José Firmino de Oliveira Neto, da Universidade Federal de Goiás (UFG). 2023-2024: *Christine Delory-Momberger, fotógrafa: ressonâncias da pesquisa (auto)biográfica na obra artística,* desenvolvido pela professora-pesquisadora Rosvita Kolb Bernardes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2024-2025: *A dimensão autobiográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias*, desenvolvido pela professora-pesquisadora Luciane Germano Goldberg, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Além dos muros da universidade: escritas de sonhos em movimentos com o real

No traçado textual apresentado, imaginei que escrevia nos muros da universidade, de dentro para fora, em letras grandes e vivas, um tanto do sonhado e do vivido pelo (im)pulso fiandeiro

[6] Os relatórios das pesquisas referidas podem ser acessados na página do PPGEd/UFF: http://ppgeducacao.sites.uff.br/pos-doutorado/

de abrir clareiras acadêmicas, tempos-espaços para respiros criadores na educação, com arte e cultura, narrativamente.

O compromisso ético, político e estético que fundamenta a práxis fiandeira também marca suas especificidades no modo de fazer pesquisa e formação docente: a escuta, o acolhimento de saberes da experiência, o cultivo de autorias, a abertura para as múltiplas linguagens e para a poesia da existência, a afirmação da indissociabilidade entre forma e conteúdo. Esses fios, que sustentaram (e sustentam) os movimentos de constituição de um coletivo que teve origem, e segue, honrando a tradição das abordagens narrativas, (auto)biográficas, das histórias de vida e profissão, também são fiados com coragem, e um tanto de ousadia, na confiança de imaginar e criar outros dispositivos de produção de material biográfico, em diálogo com os campos da Arte e da Educação. Conforme escrevi em outra ocasião:

> Trilhar caminhos investigativos-formativos, pelas vias das abordagens (auto)biográficas é, em si mesmo, vivificar outros modos de fazer pesquisa: que visibilizem existências singulares na coletividade, que reconheçam saberes e fazeres da/na diversidade, que considerem a centralidade dos sujeitos-que-narram-suas-histórias, sem desconsiderar tudo que há nelas e em seu entorno. A perspectiva do FIAR, de pesquisar narrativamente com arte, aponta a necessidade de alargar os olhares e refinar os sentidos, tomando a beleza como elemento constitutivo do tecido da vida-vivida e, por isso, um articulador do sensível e do inteligível na pesquisa. (Ostetto, 2024a, p.153).

A pesquisa fiandeira pressupõe a essencialidade do encontro com o outro, a acolhida do outro, a escuta do outro, o fazer com o outro, a abertura de espaços inventados e/ou reinventados, para ouvir e dar a conhecer vozes, borrando fronteiras. Pressupõe movimentar-se ao encontro das insignificâncias e delicadezas para animar o mundo (no sentido de trazer/fazer alma, conforme propõe Hillman (1993), ao falar de *anima mundi*:

> [...] imaginemos a *anima mundi* como aquele lampejo de alma especial, aquela imagem seminal que se apresenta por meio de cada coisa em sua forma visível. Então, a anima mundi aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial como um rosto revelando sua imagem interior – em resumo, sua disponibilidade para a imaginação, sua presença como uma realidade psíquica. (Hillman, 1993, p. 14).

Então, desde as práticas fiandeiras, para finalizar, uma escrita decisiva, em letras grandes, para todos os cantos: É PRECISO ANIMAR O MUNDO! É vital animar-se na relação com o mundo, com arte, cultura, bichos, terras, águas, plantas e gente, vislumbrando a imensidão de mundos, que estão para ser conhecidos, descobertos, imaginados, inventados nas narrativas pronunciadas.

Referências

BIBIAN, S. **Crianças e professoras no museu**: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15411

BIBIAN, S. **Professoras das infâncias e museus de arte:** tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022. Disponível em: http://app.uff.br/riuff/handle/1/27242

BONFIM, P. V. **Na profusão de gestos, os corpos falam de modos de ser e de se relacionar na creche**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/16213

BRITO-SILVA, G. D. de. **Poéticas negras, formação e prática docente na Educação Infantil**: arte e estética (empre)tecidas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

CORRÊA, C. A. **Arte, formação e docência na educação infantil**: narrativas do sensível. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15682

DELORY-MOMBERGER, C. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, P. P.; ABRAHÃO, M. H. (Orgs). **Sentidos, potencialidades e usos da autobiografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt#

DUVIDOVICH, M. L. de S. **Quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15850

EGAS, O. M. B. **Metodologias de pesquisa artística em educação e deslocamento na formação de professores:** a fotografia como construção do pensamento visual. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

FORMENTI, L. La storia che educa: contesti, metodi, procedure dell'autobiografia educativa. **Rivista Adultità**, Milano, n. 4, p. 83-100, out. 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1987.

GOMES, L. V. **Caminhar é encontrar:** inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal

Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531

HILLMAN, J. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HILLMAN, J. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas: Verus, 2010.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 90-113.

LABBUCCI, A. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIRA, I. C. C. **Arte, infância e práticas pedagógicas na Educação Infantil**: narrativas de professoras de Arte. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/27796

MALTOS, M. N. de. **Modos de registrar a experiência pedagógica na Educação Infantil:** narrativas docentes. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

MARTINS, K. da S. C. **Arte, Pedagogia e Formação Docente**: narrativas e travessias. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32389

MELLO, G. **No álbum da memória:** A cidade, a infância de professoras e a formação estética. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/23774

MOTTA, X. **Entre o visível e o invisível:** tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022. Disponível em: http://app.uff.br/riuff/handle/1/27962

NEVES, M. H. D. dos S. **Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes**: educação para as relações étnico-raciais na creche. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32392

NIMRICHTER, A. C. **O que (quase) não se vê:** olhares de infâncias na natureza. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15569

OSTETTO, L. E. Fazer à mão para falar de si. In: MONTEIRO, F. de A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. da. (Orgs.). **Narrativas docentes, memórias e formação.** Curitiba: CRV, 2016. p. 143-159.

OSTETTO, L. E.. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de pesquisa em Educação**, v. 14, n.1. Blumenau, 2019. Disponível em: https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 1(76), p. 161-178, jan./abr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/xrdLcNHtLfsmrRpHrYY4c8H/?lang=pt#

OSTETTO, L. E; BERNARDES, R. K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-180 mai/ago 2019.

OSTETTO,L.E.;FOLQUE,M.daA.;BEZELGA,I. A lémdeum programa curricular:aformaçãoestéticade professoras/ educadoras dasinfâncias. **RevistaEducaçãoeFronteiras.** Dourados/ MS, v. 9,n. 27 ,p. 23-35,set./dez. 2019.

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. da A. Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação

estética. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75592, 2021 DOI: http://dx. doi. org/10. 1590/0104-4060. 75592

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A.; LEAL, E.; ARESTA, F.; MELO, I. Arte e prática pedagógica na educação infantil: narrativas de educadoras. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 9, n. 24, p. e1203, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1203. Disponível em: https://revistas.uneb.br/rbpab/article/view/17368 Acesso em: 28 fev. 2026.

OSTETTO, L.; MAIA, M.; CALLAI, C. (Orgs). **Formação, educação e arte:** tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas-SP: Papirus, 2023.

OSTETTO, L. E. Arte na educação infantil: proposições, concepções, reflexões em narrativas docentes. **Pro-Posições**, v. 35, p. e2024c1204BR, 2024. https://doi.org/10.1590/1980-6248-2024-0021BR

OSTETTO, L. E. (Con)fiar a dimensão estética pelas trilhas (auto)biográficas: narrativas de um círculo de pesquisa. In: SOUZA, E. C. de; MEIRELES; M.M. de; BERNARDES, R. K. (orgs). **Redes de pesquisa e movimentos insurgentes.** Curitiba: CRV, 2024a (p.143-157).

PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

PINTO, A. L. **Professoras, crianças e natureza**: narrativas docentes da/na pandemia. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32529

PRADO, G; FRAUENDORF, R. B. S.; CHAUTZ, G. C. C. B. Inventário de pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v.03, n.08, p. 532-547, maio/ago. 2018.

Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4065

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C. S.(Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SEIXAS, C. G. dos S. **Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada**: em busca da alma na educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15707

SILVA, G. D. de B. **De dentro pra fora, de fora pra dentro**: itinerários de formação estética de professoras da educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15206

SILVA, M. L. F. da. **Narrativas de ontem e de hoje:** poesia africana e afro-brasileira como caminho formativo com professoras da Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

SILVA, V. J. da. **Ateliês de espaços efêmeros na formação estética docente:** atravessamentos e ressonâncias. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/26871

VIADEL, R.; ROLDÁN, J. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Málaga, Espanha: Ediciones Aljibe, 2012.

.8.
Com o grupo Diafhna, conjugar a "palavra-verbo" DIAFHIAR

Luciane Germano Goldberg

Figura 1 - Divulgação da 1º Roda: Narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e DIAFHIAR



Fonte: Acervo FIAR (2025)

É Julho de 2025 e, com muita empolgação, iniciamos o *III Seminário Rodas do FIAR – A fala insiste, você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá*, no auditório do Colégio Universitário (Coluni), na Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Gragoatá em Niterói, RJ. Foram meses de preparação, desde que o grupo de "lá", do Ceará, grupo o qual tenho a honra de liderar, o DIAFHNA - Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas -, e o grupo de "cá", do Rio de Janeiro, o FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte, liderado pela profª Luciana Esmeralda Ostetto -, se encontraram no X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), em maio de

2024, em Salvador, Bahia. Pelos caminhos da educação, da arte, das infâncias e da autobiografia, nossos grupos se encontraram e cirandaram pela primeira vez (Figura 2).

No X CIPA propusemos uma Sessão de Grupos de Pesquisa[1], no eixo temático: *Memória, história, literatura, artes*, com o trabalho "Narrativas autobiográficas pelas veredas da educação e da arte: formação e pesquisa, saberes e práticas". Nossa participação no X CIPA, reunindo nossos grupos FIAR e DIAFHNA. foi uma experiência muito valiosa em que nossos grupos partilharam seus modos próprios e singulares de fazer pesquisa, identificando-se como grupos que se afinam e se conectam pelos objetivos comuns, na sua essência, de promover pesquisas narrativas de cunho (auto)biográfico, com arte e em diálogo com a educação. Daquele momento, de marcante alegria e satisfação, germinou o desejo de juntar os nomes dos dois grupos em um, aproximando-os em movimentos acadêmico-criativos, fertilizando poéticas, criando um verbo: *DIAFHIAR*, que plantou uma semente entre aqueles e aquelas que se veem e se reconhecem e que, de mãos dadas, em roda, tecem lugares comuns e singulares.

Figura 2: Encontro "de lá e de cá" - Diafhiar: X CIPA, UNEB, Salvador, Bahia, 2024



Fonte: Arquivo da autora, a partir de registros de membros dos grupos (2024)

[1] O GEIJC - Grupo de Estudos Infância, Juventude e Cultura Contemporânea -, liderado pela profª Elni Willms, da Universidade Federal de Rondonópolis, também fez parte da sessão.

No mesmo ano do CIPA, alguns meses mais tarde, em agosto de 2024, me mudo para Niterói para fazer pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, na Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF), com a profª Luciana Ostetto. Os laços entre os grupos se estreitaram ainda mais, quando então vislumbramos a possibilidade de conjugar o verbo *DIAFHIAR* no *Seminário Rodas do FIAR*, em sua terceira edição, marcado para julho de 2025, abrigando o "encontro de lá e de cá", trazendo o Ceará para Niterói, celebrando a fértil conjugação do nordeste com o sudeste e encerrando (ou seria coroando?) o ciclo do meu pós-doutoramento, que findou em agosto de 2025.

Escolhemos o mês de julho para que uma parte significativa do grupo "de lá", que é composta de professores (as) da rede municipal de educação de Fortaleza, pudesse se deslocar com mais facilidade, em função das férias escolares. Oito componentes do grupo Diafhna fizeram a travessia de "lá para cá": Alexandre Santiago, Barbara Castelo Branco, Cássia Calandrini, Geórgia Zaranza, Janice Débora de Alencar, Leandro Pereira-Júnior, Maria Luiza Guimarães (Liliza) e Paloma Almeida. Foi emocionante ver sua chegada ao Rio de Janeiro, foi como receber um pedacinho do Ceará, após meses longe das terras alencarinas, foi como receber o calor e o brilho do sol nordestino.

É sobre essa experiência, de encontros e reencontros, que vou narrar; especialmente, vou me deter a falar sobre a 1ª Roda: *Sonho e escrevo em letras grandes de novo: Narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e Diafhiar*, na qual, junto com Luciana Ostetto, LuA, minha SUPERvisora do pós-doutorado, abrimos a roda, apresentando nossos grupos de pesquisa. No texto, há imagens de minha apresentação, que dialogam com as obras de arte de Susana Bauer. Vamos entrar na roda?

O Grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas - Diafhna

Minha participação na 1ª Roda teve como objetivo apresentar brevemente o grupo Diafhna, suas origens, membros, linhas, eixos e seus aspectos teórico-metodológicos que entrelaçam arte, educação e pesquisa (auto)biográfica, tendo como referência o material produzido sobre o grupo para o X CIPA (Goldberg e Olinda, 2024) e as pesquisas realizadas a partir de 2019, quando começo a coorientar junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFC), em parceria com as Profas Dras, Ercília Maria Braga de Olinda e Ana Maria Monte Coelho Frota e, posteriormente, passo a orientar pesquisas no Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/UFC e no Mestrado Profissional em Artes do IFCE - PPGARTES/IFCE.

O DIAFHNA[2], foi fundado em 2007 pela profª Drª Ercília Maria Braga de Olinda, do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (DTPE/FACED/UFC), junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFC, na Linha de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola (MOSEP). Tem como objetivo a formação de pesquisadores(as) de iniciação científica, mestrado e doutorado com atuação na educação popular desenvolvida em espaços educativos escolares e não-escolares e tem aprofundado pesquisas no campo da pesquisa (auto)biográfica em educação, em diálogo com outras abordagens de pesquisa, revelando-se um espaço de artesania e diversidade metodológica, abrangendo de modo democrático diferentes sujeitos e grupos sociais.

O grupo está organizado em 5 linhas de pesquisa: (1) Arte, arte-educação e experiência estética; (2) Juventude, direitos humanos e cultura; (3) Narrativas e formação de profissionais da educação; (4) Pesquisa com crianças e narrativas; (5) Universo

[2]Grupo cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/28146c

religioso e formação humana. As linhas relacionadas à arte e à pesquisa com crianças são as mais recentes e com maior produção na atualidade, dada a aposentadoria da fundadora do grupo em 2018 e a transição da liderança do grupo para mim e para a profª Drª Ana Maria Monte Coelho Frota (até 2023), vinculando-se por alguns anos ao eixo "Infâncias: filosofia, arte e corporeidade" da linha Linguagens e Práticas Educativas (LIPED/PPGE/UFC) e, recentemente, aos programas de Mestrado Profissional em Artes: PROFARTES/UFC e PPGARTES/IFCE, aos quais fui e sou credenciada como professora permanente.

Na imagem que segue (Figura 3), vê-se as conexões entre os integrantes (antigos e atuais) e as orientadoras Ercília (no centro à esquerda), Ana (no centro à direita) e eu no centro abaixo das duas.

Figura3: configuração do Diafhna, membros antigos e atuais, programas e orientadoras



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

De 2019 para cá, as pesquisas realizadas no grupo Diafhna, a nível de graduação e pós-graduação, entrelaçam com mais intensidade arte, arte/educação, experiência estética, formação de professores e pesquisa com crianças. Discutimos o papel da arte e da

arte/educação na formação humana, partindo de narrativas de vida, tecidas individual e/ou coletivamente, elaborando conhecimentos sobre a presença da arte na trajetória de crianças, jovens e adultos e também problematizamos a formação estética de professores(as) das infâncias, entrelaçadas à arte, utilizando os fundamentos e dispositivos da pesquisa qualitativa, com destaque para a Pesquisa (auto)biográfica e as pesquisas narrativas com crianças, valorizando suas diferentes linguagens numa perspectiva dialógica.

Nas nossas pesquisas, fazemos dialogar, de modo insurgente, arte e ciência: a arte incorporando o saber sensível e metafórico, evocando a subjetividade e promovendo a figuração, nas suas múltiplas expressões e linguagens, sem perder o rigor da ciência; entrelaçando os saberes sensíveis com a objetividade, a experimentação e criando métodos personalizados e abertos à natureza das pesquisas realizadas, adaptados aos sujeitos, realidades e contextos diversos e plurais (Figura 4), Pois,

> A arte tornou-se, dentre todas as formas de conhecer e de dizer o mundo, a mais livre de determinações. A ciência tem modelos para olhar e medir o mundo; a arte o habita verdadeiramente; a linguagem científica demonstra um jeito predeterminado de ver as coisas; a linguagem artística permite que se vá ao mundo sem querer dar-lhe um sentido exato e, por isso, pode perceber o sentido da vida nas suas vivências completas (Silva, 1995).

Figura 4: Diafhna e o diálogo tecido entre Arte e Ciência



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

Metodologicamente, desenvolvemos pesquisas de caráter qualitativo, tecidas por uma diversidade de procedimentos, abertas às artesanias e tessituras metodológicas possíveis, que apostam na criatividade e na autoria dos pesquisadores. A nós interessa uma ciência humana de caráter inter e transdisciplinar, multirreferencializada, que se relaciona com diferentes áreas do conhecimento. Segundo Olinda, Nogueira e Castro (2017), desde sua criação, o grupo Diafhna utiliza procedimentos de pesquisa qualitativa já consagrados, como a Entrevista Narrativa, a Observação Participante, o Diário de Itinerância, a Análise Documental etc. e também criou dispositivos novos, como o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), Foto-Narrativas, Foto-Passeio, Ateliê Musical, Meditação Autobiográfica, Círculo Investigativo Dialógico, Ateliê de Sonhos, Ateliê de Autobiografismo e Vivência Biográfica Integrativa.

Somadas a essas abordagens e procedimentos, as pesquisas atuais trazem o diálogo da pesquisa narrativa de natureza (auto)biográfica com a Etnografia, a Pesquisa-ação, a *Démarche Clinique-Dialogique*, a Pesquisa Participante, a A/r/tografia, a Pesquisa Cartográfica, entre outras. Para a produção das narrativas, os procedimentos metodológicos mais utilizados pelo grupo são a Entrevista Narrativa de Fritz Schütze (Jovchelovitch; Bauer, 2002), para a produção individual, e o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) e suas variações, criado por Olinda (2018), para a produção de narrativas com grupos. Para a análise das narrativas utilizamos em muitas pesquisas a Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes, 2003; Moraes e Galiazzi, 2011), a Compreensão Cênica (Marinas, 2007)[3] e análises de conteúdo que se desenvolvem a partir de chaves temáticas emergentes das narrativas, como a Análise Temática de Bolívar *et al* (2001). E o grupo segue criando, inventando, (e)laborando novos saberes e fazeres da pesquisa (auto)biográfica.

[3] Goldberg e Olinda, 2024.

Temos incentivado, da graduação ao doutorado, a dimensão poética e metafórica na construção das pesquisas, com liberdade para ousar, trazendo poesia, músicas, imagens, criações diversas realizadas pelos pesquisadores e pelos sujeitos das pesquisas, tornando esses trabalhos quase multidimensionais e aproximando Arte e Ciência. Para nós, nos interessa… Laborar. Bricolar. Tecer. Criar. Inventar. Misturar (Figura 54).

Figura 5: Laborar. Bricolar. Tecer. Criar. Inventar. Misturar



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

Também é importante ressaltar que no Diafhna temos como referência a Carta da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF, 2016), que diz: "A Associação solicita que o futuro formador tenha vivenciado, ele mesmo, a experiência de um procedimento autobiográfico" (ASIHVIF, 2016, p. 179), portanto, é condição, para todos(as) pesquisadores(as) do grupo, passarem por essa experiência narrativa autobiográfica. Nisso costumamos promover o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) com membros do grupo que pretendem desenvolver pesquisas (auto)biográficas. Também é fundamental, conforme a carta, a organização de um "acordo contratual": "O engajamento concreto dos parceiros neste procedimento traduz-se por uma

contratualidade explícita. Ela diz respeito notadamente às modalidades de realização e às cláusulas que protegem a confidencialidade e os direitos de autoria dos narradores" (ASIHVIF, 2016, p. 179), o que realizamos por meio de "acordo biográfico" nas vivências biográficas formativas para pesquisadores(as) e nas pesquisas realizadas por estes(as).

Pesquisas do Diafhna de 2019 para cá… arte, educação e narrativas (auto)biográficas

> [...] destaco a importância da utilização, em todos os momentos, de diferentes linguagens artísticas. A arte permite expressar uma gama de sentimentos e de conhecimentos, além de ajudar na construção/articulação do sentido, que nunca é algo dado, mas tecido. Tal tessitura exige educação da sensibilidade e coragem para que cada sujeito construa sua história (Olinda, 2018, p. 75).

A arte, em suas diferentes dimensões e linguagens, sempre esteve presente nas pesquisas do Diafhna, como podemos ver nas palavras de sua fundadora, seja como meio expressivo para a elaboração das narrativas (auto)biográficas, seja pelo perfil dos sujeitos participantes (artistas, arte/educadores), ou como temática das pesquisas e, a partir de 2019 a arte torna-se cada vez mais presente. Nesta época, fui convidada e passei a coorientar mestrado e doutorado junto ao PPGE/UFC, pela necessidade de fortalecer a dimensão da arte junto às pesquisas orientadas por Ercília, no Eixo Educação Ambiental, Cultura de Paz, Juventudes, Educação e práticas corporais, Arte e Espiritualidade. Mais adiante, nas pesquisas orientadas por Ana Frota no Eixo Infâncias: filosofia, arte e corporeidade, a presença da arte e da pesquisa (auto)biográfica será uma marca. Em ambos os casos, a coorientação no campo da arte passa a ser realizada por mim, dada minha formação e atuação como professora e pesquisadora da área.

As coorientações trouxeram-me preciosos ensinamentos como orientadora, por poder acompanhar e aprender com estas grandes professoras-pesquisadoras, assim como poder experienciar os

modos de fazer pesquisa (auto)biográfica desenvolvidos no/pelo Diafhna, criando, nessas relações, novos diálogos, nuances, contrastes e possibilidades a cada pesquisa, o que cada pesquisa evocava e solicitava em termos teórico-metodológicos. Foi e tem sido um grande "laboratório" de práticas de pesquisa. Essas aprendizagens me permitiram seguir "carreira solo", posteriormente, como orientadora nos programas de Mestrado Profissional em Artes, no PROFARTES/UFC e no PPGARTES/IFCE, orientando pesquisas na linha de Ensino e aprendizagem em Artes, especificamente na linguagem das Artes Visuais. Atuei como professora permanente no PROFARTES/UFC no período de 2021 a 2023, concluindo 3 orientações e ingressei como professora permanente no PPGARTES/IFCE em 2021 atuando no eixo "Artes Visuais para/com as infâncias". Na ocasião do III Rodas, apresentei brevemente um panorama das pesquisas que coorientei junto ao PPGE/UFC e orientei junto aos mestrados em Artes.

As pesquisas realizadas pelo Diafhna no PPGE/UFC em nível de mestrado e doutorado, foram realizadas em diferentes tempos, linhas e eixos do programa. As pesquisas orientadas por Ercília e coorientadas por mim, foram realizadas na Linha Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola (MOSEP), no Eixo: Educação Ambiental, Cultura de Paz, Juventudes, Educação e práticas corporais, Arte e Espiritualidade, onde também realizei minha pesquisa de doutorado sob orientação de Ercília. No III Rodas, abro a roda do Diafhna apresentando minha pesquisa de doutorado *(Auto)Biografismo: biografização e desenho infantil com crianças em situação de acolhimento institucional* (Goldberg, 2016), por ser a primeira pesquisa (auto)biográfica com crianças do grupo e servir como inspiração e base teórico-metodológica para novas pesquisas (auto)biográficas com crianças realizadas posteriormente sob minha orientação; e sigo com a pesquisa de mestrado *Ateliê do Iprede: contribuições da arte e da formação estética para crianças em situação de vulnerabilidade social*, de Tamara Queiroz Bezerra Larripa (2020) e as pesquisas de doutorado: *Experiências A/R/Tobiográficas:*

diálogos narrativos sobre a formação de arte/educadoras de Larissa Rogério Bezerra (2022) e *Leituras de si nas cirandas ciganas com as crianças do bairro Sumaré em Sobral/CE: hibridação e resistências* de Liana Liberato Lopes Carlos (2022), pesquisas que coorientei.

As pesquisas orientadas por Ana Frota e coorientadas por mim no PPGE/UFC foram desenvolvidas na Linha Linguagens e Práticas Educativas (LIPED), no Eixo: Infâncias: filosofia, arte e corporeidade, sendo as pesquisas de mestrado: *Bordando contos de infâncias, sentidos e experiências: a narrativa (auto)biográfica como meio para compreensão das visões de criança e de infância que nos atravessam* , de Juliana de Brito Cysne (2019); *Caminhos e travessias do desenho infantil: experiências de infância e formação que emergem na narrativa de si de professoras da Educação Infantil* , de Ana Caroline Sales Andrade (2022) e *As linguagens poéticas das crianças na Educação Infantil: seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos* , de Leandro da Silva Pereira Júnior (2024); e a pesquisa de doutorado *Na cidade, na serra, no sertão: narrativas (auto)biográficas sobre experiências de docentes da Educação Infantil com as culturas infantis* de Janice Débora de Alencar Batista Araújo (2024).

As pesquisas do Diafhna realizadas nos programas de Mestrado Profissional em Artes, no PROFARTES/UFC na Linha Ensino e aprendizagem em artes, Eixo: Artes Visuais , sob minha orientação foram: *Uma casa, uma sala, um ponto, uma linha e um conto: narrativas (auto)biográficas desenhadas entre uma professora artista e crianças de 6º anos de uma escola pública em Caucaia-CE* , de Klaudiana Viana Torres (2023) e *"Respeite a minha arte": desenho infantil e (auto)biografia com crianças na Educação Infantil*, de Josenaide Holanda Bezerra (2024). No PPGARTES/IFCE, foram realizadas na Linha Ensino e aprendizagem em artes, Eixo: Artes Visuais para/com as infâncias, sendo elas: *Narrativas de vida por entre memórias de quintais: das reinações-criações de menina à professora de si* , de Geórgia Sampaio Zaranza (2024); *Bebê Dadá: experiências artísticas multissensoriais em arte contemporânea com bebês e para estar juntinho deles* , de Cristiane Soares e Silva (2024); *Poéticas da docência: a arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras*

da Educação Infantil, de Francisca Paloma Almeida Vital(2025) e *PROARTISTORA: A estratigrafia da professora-artista-pesquisadora e as experiências estéticas com as infâncias* de Cássia Calandrini Ribeiro, em andamento.

Das 14 pesquisas de mestrado e doutorado do Diafhna apresentadas na ocasião da 1ª Roda, observa-se a predominância de 6 pesquisas narrativas (auto)biográficas com crianças e 7 com educadoras(es), sendo uma com arte/educadoras e 6 com professoras da Educação Infantil, todas pesquisas narrativas de abordagem (auto)biográfica. Das pesquisas com crianças, 4 trabalharam a dimensão do "autobiografismo" - narrativas de vida de crianças através do desenho, constructo desenvolvido na minha tese de doutorado com crianças em acolhimento institucional (Goldberg, 2016) e que vemos presente nas pesquisas de doutorado de Liana (PPGE), com crianças ciganas; nas pesquisas de mestrado de Josenaide e Leandro com crianças da Educação Infantil e de Klaudiana, com crianças no Ensino Fundamental (PROFARTES). As pesquisas de Juliana, Ana Caroline, Janice, Geórgia, Paloma e Cássia, trabalharam com narrativas (auto)biográficas de professoras da Educação Infantil, incluindo, em algumas, as suas próprias narrativas autobiográficas enquanto sujeitos de pesquisa (Paloma, Georgia, Cássia) e a de Larissa, com arte/educadoras(es). Dos(as) 14 pesquisadores(as), 7 são professores(as) da Educação Infantil: Ana Caroline, Janice, Josenaide, Leandro, Paloma, Geórgia e Cassia, o que revela um interesse formativo desses (as) professores (as) como pesquisadores(as) em realizar pesquisa *stricto sensu* no campo da Educação Infantil. A seguir uma (super) breve descrição dessas pesquisas (auto)biográficas com crianças e com professoras(es), apresentadas no evento.

Pesquisas (auto)biográficas com crianças no Diafhna

> No ato de biografar-se, contar suas próprias experiências, a criança operacionaliza as ações de lembrar, de refletir, projetar-se no futuro e encontrar alternativas, que incidem sobremaneira sobre o seu desenvolvimento como ser social e histórico (Passeggi, 2014, p. 140).

As pesquisas (auto)biográficas com crianças realizadas no/pelo Diafhna se interessam por suas múltiplas linguagens expressivas, em especial pelas narrativas gráficas e orais sobre seus "mundos de vida". Nesta roda, como mencionado, começo apresentando minha pesquisa de doutorado *(Auto)Biografismo: biografização e desenho infantil com crianças em situação de acolhimento institucional* (Goldberg, 2016) que teve como foco investigar o potencial heurístico e formador do desenho com crianças em acolhimento institucional, configurando a proposta do "autobiografismo" - uma autobiografia desenhada, responsável pela construção de uma figura narrativa da existência da criança. Como sujeitos, 6 crianças em acolhimento institucional, para quem propus a constituição de um ateliê de arte no interior da instituição de acolhimento, onde, por meio do diálogo e da interação, foram desenvolvidas atividades lúdicas e interativas que proporcionassem a elaboração de suas narrativas visuais por meio do desenho, acompanhadas das narrativas orais daquelas crianças que, espontaneamente, quiseram falar. A tese defende o "autobiografismo" (Goldberg, 2016) como elemento de elaboração, figuração e constituição de si para a criança, em que, por meio dele, sua existência toma corpo, forma e voz (Figura 6).

A pesquisa de doutorado de Liana Carlos, *Leituras de si nas cirandas ciganas com as crianças do bairro Sumaré em Sobral/CE: hibridação e resistências* foi realizada com 6 crianças ciganas, e se propôs a investigar como elas atribuem a si a identidade cigana, identificando os processos de hibridação cultural, bem como as formas de resistência, com o intuito de compreender o "ser criança cigana" por meio das suas narrativas desenhadas e orais. De modo semelhante à minha tese, e por intermédio da coorientação, Liana inspira-se na ideia do "autobiografismo", para desenvolver a Ciranda Cigana, com atividades lúdicas e interativas, utilizando o desenho enquanto um dispositivo heurístico e formativo para as crianças "falarem" de si. As narrativas das crianças revelaram a importância da família como responsável pela manutenção, transmissão e preservação da cultura cigana, assim como foram

evocados, nos desenhos e falas, variados elementos da cultura cigana como aspectos da hibridação (Carlos, 2022) (Figura 7).

Figura: 6: Pesquisa de Luciane Goldberg, 2016 **Figura 7:** Pesquisa de Liana Carlos – PPGE/UFC, 2022



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

As pesquisas de Josenaide, Klaudiana (PROFARTES/UFC) e Leandro (PPGE/UFC) foram realizadas com crianças no contexto escolar da escola pública: Josenaide e Leandro realizaram pesquisas com crianças na/da Educação Infantil, enquanto seus professores e Klaudiana com sua turma de crianças do Ensino Fundamental, uma pesquisa realizada durante a pandemia.

A pesquisa *Respeite a minha arte": desenho infantil e (auto)biografia com crianças na Educação Infantil,* de Josenaide Bezerra foi realizada com quatro crianças do Infantil IV (5 anos de idade), em um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede pública municipal e teve como objetivo compreender como a linguagem do desenho pode contribuir para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a fim de identificar como elas contam suas histórias de vida através do desenho. A pesquisadora instalou um ateliê de artes dentro da escola, onde promoveu encontros voltados para a produção das narrativas (auto)biográficas através do desenho. Como resultados, destaca que, através do desenho foi possível identificar aspectos importantes das histórias de vida das crianças, sendo o autobiografismo via de acesso a seus "mundos de vida" (Bezerra, 2024) (Figura 8).

A pesquisa *Uma casa, uma sala, um ponto, uma linha e um conto: narrativas (auto)biográficas desenhadas entre uma professora artista e crianças de 6º anos de uma escola pública em Caucaia-CE* , desenvolvida por Klaudiana Torres, teve como sujeitos cerca de 12 a 16 alunos do 6º ano de uma escola pública e propôs a construção de um diálogo (auto)biográfico, através do desenho, entre uma professora-artista e seus alunos, buscando investigar os elementos que lhes conferem identidade social, cultural e pessoal para a construção de um conto autobiográfico. Klaudiana partilha sua narrativa autobiográfica ilustrada, contando sua infância até o momento de escrita da dissertação, trazendo suas memórias sertanejas, revisitadas no momento da pesquisa, em seu retorno à casa dos pais em Ipu/CE, devido à pandemia, como forma de inspirar os estudantes a fazerem o mesmo: elaborarem suas narrativas de vida através do desenho e partilharem com o grupo através da ferramenta *Google Meet*. Por meio dos desenhos e das narrativas escritas e orais, são descortinados os contextos sociais e culturais das crianças numa realidade pandêmica, através das representações de si, de suas casas, dos seus animais de estimação, das famílias e amigos, desenhos que, ao final, ela reúne na criação de um conto ilustrado. Como conclusões, a autora ressalta que o desenho permitiu identificar elementos identitários numa comunicação que supera todos os elementos silenciadores dos alunos no seu dia a dia em função do contexto pandêmico (Torres, 2023) (Figura 9).

Figura 8: Pesquisa de Josenaide Bezerra, 2024 **Figura 9:** Pesquisa de Klaudiana Torres, 2023 - PROFARTES/UFC



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

A dissertação *As linguagens poéticas das crianças na Educação Infantil: seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos*, realizada por Leandro Pereira Júnior, teve como sujeitos 5 crianças da sua turma do Infantil V (5 anos de idade) em Fortaleza, buscando identificar as linguagens poéticas vivenciadas e construídas pelas crianças, apreendendo os sentidos que elas atribuem às experiências vividas, por meio de suas narrativas e manifestações poéticas, nos diversos contextos coordenados ou não por ele (Pereira-Júnior, 2024). A partir da interação com as crianças, eles mergulham no estudo sobre as abelhas como caminho para acessar, através das múltiplas linguagens poéticas, como a escultura, o desenho, a pintura, a dramatização, a projetação, o faz de conta, entre outras, seus modos de construírem sentidos, significados e suas compreensões sobre o experienciado. Caracteriza-se como uma pesquisa (auto)biográfica e promove o acesso às linguagens poéticas a partir da perspectiva das crianças, como estas se autobiografam por meio de múltiplas linguagens, expressas em diferentes espaços e tempos da pré-escola, para constituírem seus sentidos, seus significados e suas compreensões sobre o experienciado. O pesquisador ressalta como resultado, o papel que as linguagens poéticas tem para as crianças "como estratégias de inserção, conexão e construção de si de modo mais sensível no mundo, sendo essencial aprendermos a escutar-ver com todos os nossos sentidos o que elas têm a nos dizer e ensinar sobre elas, com elas e a partir delas" (Pereira-Júnior, 2024, p. 10). Na sua pesquisa, há a produção de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ilustrado, a produção de documentações pedagógicas a cada "episódio" e ilustrações feitas pelo autor que se (re)descobre como artista e ilustra com seus desenhos as aberturas dos capítulos da dissertação, assim como encharca sua escrita com poesia, música e sensibilidade (Figura 10).

Figura 10 : Pesquisa de Leandro Pereira-Junior, 2024 - PPGE/UFC



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

Observa-se, assim, uma ressonância teórico-metodológica entre as pesquisas (auto)biográficas com crianças desenvolvidas no Diafhna, as quais buscam promover experiências sensíveis com as crianças, por meio de estratégias lúdicas e artísticas, como formas de suporte para a construção das narrativas infantis através de múltiplas linguagens, como o desenho, a exemplo do "autobiografismo", que serviu como inspiração e base para todas as pesquisas partilhadas, entre outras formas expressivas.

O Diafhna colabora de modo significativo com o segmento ainda incipiente da pesquisa (auto)biográfica com crianças, que considera as narrativas (auto)biográficas das crianças como fonte de expressão e constituição de si, que revelam os universos infantis e as pautas políticas, sociais e culturais que merecem ser conhecidas e consideradas pelas instâncias de tomada de decisões sobre elas. É preciso desenhar, falar, dizer ao mundo quem se é para ocupar um espaço de singularidade, de sujeito ativo, reflexivo e consciente, que inicia na infância e que, portanto, deve ser valorizado, respeitado e estimulado. As narrativas das crianças são testemunho, porta-vozes do que viveram e vivem, como se sentem nesse mundo, como vivem suas infâncias nos diferentes contextos, portanto, a historização de cada criança é extremamente

importante para sua evolução, seu crescimento, sua afirmação. Por meio do desenho e de outras linguagens expressivas podemos observar transformações narrativas, como a afirmação do "eu", da ação consciente de si e de seus desejos - a autorização biográfica que as crianças passam a operar em suas narrativas, atuando verdadeiramente no seu espaço e na organização dos elementos presentes em sua vida. Passamos a conhecer as crianças e seus interesses, a partir delas próprias A seguir as pesquisas (auto)biográficas com professoras(es) apresentadas.

Pesquisa narrativa (auto)biográfica com professoras(es)

> Na atualidade, compreendemos que refletir sobre a dimensão estética na formação de professores significa traçar um caminho que tenta chamar atenção para a necessidade de devolver sentido às coisas do mundo; de fazerem-se movimentos que ajudem o professor a (re)animar sua vida, dentro e fora da docência, a reconectar-se com sua potência criadora, (re)encantar-se e seguir com as crianças percebendo e inventando belezas. Significa não esquecer a pessoa na pessoa do professor – ser por inteiro, mente e corpo, emoção e razão, escrita, voz e poesia de ser (Ostetto; Silva, 2018, p. 12).

Dentre as pesquisas com professoras(es), o Diafhna tem trabalhado, majoritariamente, com professores(as) da Educação Infantil, visto que boa parte dos(as) pesquisadores(as) do grupo ou está ligado às infâncias, de alguma forma, ou é professor(a) da Educação Infantil. No Mestrado Profissional em Artes do IFCE, temos um convênio com a Secretaria de Educação de Fortaleza e, nisso, muitos(as) professores(as) da Educação Infantil têm se aventurado no Mestrado em Artes. Aqui partilho um panorama breve das pesquisas que coorientei no PPGE/UFC na parceria com Ercília e Ana - mestrado: Juliana e Ana Caroline e doutorado: Larissa e Janice; e as pesquisas que orientei no PPGARTES/IFCE - mestrado: Georgia, Paloma e Cássia (ainda em andamento) que apresentei nessa 1ª Roda.

A pesquisa de mestrado de Juliana de Brito Cysne, intitulada *Bordando contos de infâncias, sentidos e experiências: a narrativa (auto)biográfica como meio para compreensão das visões de criança e de infância que nos atravessam* (PPGE/UFC, 2019) teve como objetivo compreender a construção das visões de infância e de criança de uma professora da Educação Infantil, por meio de sua narrativa autobiográfica (Cysne, 2019). Para a produção da narrativa Juliana realizou Entrevista Narrativa de Schütze (Jovchelovitch; Bauer, 2002) com uma professora da Educação Infantil e, como resultados, constatou a narrativa (auto)biográfica como um caminho para a compreensão da construção das visões de infância e de criança da professora, as quais influenciam nos seus modos de ser professora, apontando portanto, a necessidade do conhecimento de si para o exercício ético da profissão ao permitir "conhecer suas potencialidades e limitações ao lidar com as crianças, mas, também, como um cuidado de si" (Cysne, 2019, p. 102). A pesquisadora aponta que "a Pesquisa (Auto)biográfica pode permitir que a criança, existente na professora, fale, ao mesmo tempo em que concede voz a essa pessoa, que exerce o papel profissional" (Cysne, 2019, p. 103).

A pesquisa de mestrado de Ana Caroline Sales Andrade, *Caminhos e travessias do desenho infantil: experiências de Infância e formação que emergem na narrativa de si de professoras da Educação Infantil* (PPGE/UFC, 2022) teve como objetivo investigar a relação entre o desenho, e as experiências de infância e formação de professoras de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a partir de narrativa autobiográfica (Andrade, 2022). A pesquisa trouxe contribuições preciosas sobre como professoras da Educação Infantil se relacionam com o desenho, da infância à docência, a começar pela narrativa da própria pesquisadora.

Com ilustrações autorais e a poética evocada de João Guimarães Rosa (Figura 11), a pesquisadora faz uma costura entre as aprendizagens que adquiriu nos estudos do Eixo sobre filosofia e infâncias, os estudos do desenho infantil, originários de sua experiência na disciplina de Arte e Educação na UFC e a docência

na Educação Infantil, descortinando o lugar do desenho na infância das professoras, no contraste entre as brincadeiras de criança - "a diferença de desenhar como expressão linguageira" e a escola, sobre "completar um desenho pronto". A narrativa (auto)biográfica das professoras apontam para o seu caráter projetivo, que deriva do processo reflexivo de quem se autoexamina: o fato de querer fazer diferente: "sobre o desenho na escola, elas foram enfáticas ao afirmar que não lembram ter desenhado na infância, e que o fato de não terem vivenciado essa experiência é hoje uma motivação importante para propor para as crianças, com quem trabalham, o desenho como uma linguagem expressiva" (Andrade, 2022, p. 99). Acompanha a pesquisa seu Diário de Itinerância (Figura 12) com ilustrações autorais da artista-professora-pesquisadora.

Figuras 11 e 12 : Pesquisa de Ana Caroline Sales Andrade – PPGE/UFC, 2022.



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1ª Roda

A pesquisa de doutorado de Janice Débora de Alencar Batista Araújo *Na cidade, na serra, no sertão: narrativas (auto)biográficas sobre experiências de docentes da Educação Infantil com as culturas infantis* (PPGE/UFC, 2024), teve como objetivo compreender como as experiências com as culturas infantis de três professoras e um professor da Educação Infantil se expressam em suas narrativas (auto)biográficas, identificando como e quais os fatos vividos e formativos desses profissionais contribuem para a sua compreensão acerca das culturas infantis e os sentidos atribuídos a

elas em sua trajetória docente. Metodologicamente, Janice traz suas aprendizagens, escolhas e apropriações acerca da pesquisa (auto)biográfica, experiências adquiridas no grupo Diafhna, nos CRBs que participou e realizou, encontrando sua própria autoria e artesania na criação dos momentos narrativos com os "baús de recordações", as Entrevistas Narrativas e as "narrativas em roda". Das narrativas, emergiram quatro grandes temáticas: narrativas brincantes, narrativas sobre culturas infantis compartilhadas com os adultos; narrativas sobre educação, arte, cultura popular e infância e narrativas sobre os sentidos da docência na Educação Infantil. Segundo a pesquisadora, as narrativas dos(as) professores(as) revelam um movimento de anunciar uma infância em alteridade, em permanente devir, como um modo de ser e estar no mundo, que ecoa na formação docente. Na serra, na cidade e no sertão, a infância dos(as) professores(as) da Educação Infantil permanece viva em suas memórias e narrativas e reverberam em suas vidas docentes, com as crianças na escola pública (Araújo, 2024) (Figura 13).

Figura 13 : Pesquisa de Janice Débora de Alencar Batista Araújo – PPGE/UFC, 2024.



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1a Roda

Narrativas de vida por entre memórias de quintais: das reinações-criações de menina à professora de si, pesquisa de mestrado realizada

por Geórgia Sampaio Zaranza, traz a metáfora dos quintais como elementos reflexivos/ativos/(trans)formativos da docência na Educação Infantil pois, segundo a pesquisadora, "possuem o frescor que transforma saberes, sabores, criações corriqueiras e artes em processos basilares para a vida, o trabalho, o fazer pedagógico se tornarem prazerosos, afetuosos e revolucionários cotidianamente" (Zaranza, 2024, p. 4). Como sujeitos, a própria pesquisadora, que elabora narrativa autobiográfica sobre suas "reinações de menina à professora de si nos quintais da vida" e amplia o diálogo para a produção de narrativas (auto)biográficas de 4 professoras da Educação Infantil por meio do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), de Olinda (2018), unido A/R/Tografia (Irwin, 2004), em diálogo com Bezerra (2022), o que gera o Círculo Reflexivo A/R/Tobiográfico (CRA), que propõe a produção de artefatos artísticos como enlaces narrativos da experiência de ser artista/professora/pesquisadora de si, compondo o círculo cromático da Tenda Brincante em um quintal.

A pesquisadora constrói relicários (objetos de memórias) feitos com a junção dos artefatos artísticos criados, registrados, (re)sentidos e refletidos nesse processo de pesquisa menina-professora, procedendo à uma exposição dessas produções. Como resultados, essa pesquisa identifica nas narrativas (auto)biográficas das professoras da EI, a energia vital dos quintais, nas brincadeiras, nas criações cotidianas e espontâneas, para além das salas de aula, em pequenos gestos/realizações, que reivindicam uma educação que se quer artística, poética, potente, cheia de belezas e essencialmente inclusiva. Como produto, item obrigatório no mestrado profissional em artes, a Tenda Brincante passou a integrar o Projeto Trancelim, extensão em parceria com a UFC, recebendo crianças, professores(as) e público diverso para experiências artísticas e estéticas no quintal. A defesa de mestrado ocorreu no quintal da casa da pesquisadora, na própria Tenda Brincante, trazendo a irreverência da narrativa brincante, encharcada de poesia, música e emoção, como podemos ver na composição de imagens (Figura 14).

Figura 14: Pesquisa de Geórgia Sampaio Zaranza – PPGARTES/IFCE (2024)



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1a Roda

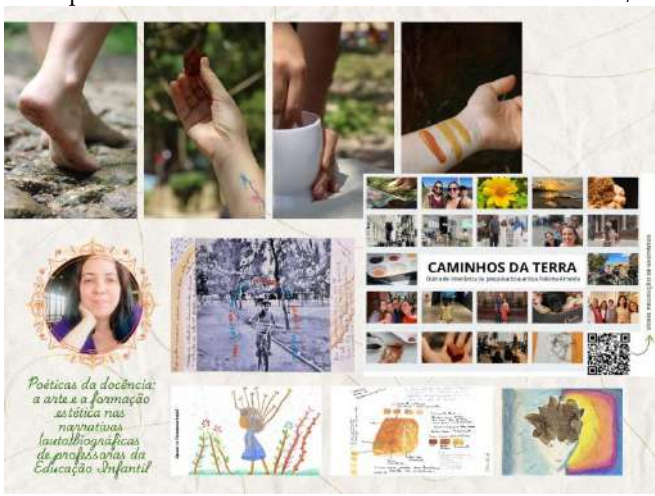
Em *Poéticas da docência: a arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras da Educação Infantil* (2025), pesquisa de mestrado de Francisca Paloma Almeida Vital

pelo PPGARTES/IFCE, buscou compreender os atravessamentos da arte e da dimensão estética no processo formativo de professoras da Educação Infantil por meio de narrativa (auto)biográfica, da própria pesquisadora e de outra professora. As narrativas docentes revelaram experiências estéticas vivenciadas com a família, com a natureza, em viagens, na comunidade, nos espaços formativos, tecidas esteticamente ao longo da vida e deram destaque ao Programa Ateliê, política pública para a Primeira Infância da Secretaria Municipal de Fortaleza inspirado na abordagem de Reggio Emilia, como de importante impacto para a formação estética, crítica, política e sensível das professoras, possibilitando a ampliação dos seus conhecimentos acerca do mundo sensível e equilíbrio entre o pensar e o sentir na docência e na prática pedagógica com bebês e crianças.

Paloma partilha sua caminhada formativa na abordagem de Reggio Emilia, embasada teoricamente em Loris Malaguzzi e atelieristas nacionais e internacionais e na sua formação como atelierista, no Brasil e na Itália. Ao longo da pesquisa, ela mergulha

na "terra" como metáfora formadora dos seus processos reflexivos, formativos e artísticos, produzindo tintas artesanais extraídas do barro de 3 lugares no Brasil: na Bahia, no Ceará e no Piauí, resgatando seu processo criativo expresso em desenhos e aquarelas realizados com as tintas produzidas. Como produto, ela elabora um Diário de Itinerância - "Caminhos da terra", o qual traz imagens do processo artístico e reflexivo com as tintas produzidas, os desenhos e aspectos da sua formação artística e estética entrelaçados à sua formação docente (Figura 15).

Figura 15 : Pesquisa de Francisca Paloma Almeida Vital – PPGRTES/IFCE, 2025.



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1a Roda

A pesquisa de doutorado *Experiências A/R/Tobiográficas: diálogos narrativos sobre a formação de arte/educadoras*, de Larissa Rogério Bezerra (2022), orientada por Ercília, coorientada por mim, com doutorado sanduíche sob orientação de Rita Irwin, investigou sobre os sentidos das experiências em arte, inscritas nas histórias de vida de arte/educadoras/peregrinas, buscando compreender o papel destas na formação da artista-pesquisadora-professora" (Bezerra, 2022). Tendo o "Caminho de Santiago" como metáfora condutora da pesquisa, Larissa peregrina consigo e com as artistas-pesquisadoras-professoras, registrando experiências derivadas de

reflexões a respeito dos sentidos da arte/educação nas suas narrativas de vida e formação. Ela vai compondo cenários, reunindo múltiplas linguagens que promovem uma experiência de leitura que busca ser artística, estética, biográfica e formadora.

Metodologicamente, dialoga a pesquisa (auto)biográfica, com inspiração no Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) e a A/r/tografia em Rita Irwin, criando um novo dispositivo metodológico: a "Experiência A/r/tobiográfica". O dispositivo propõe a produção de "artefatos artísticos biográficos" em diferentes linguagens expressivas, motivados a partir de perguntas sobre a formação das identidades híbridas de artista-pesquisador-professor (*artist-reseracher-teacher*), a partir dos quais, desenvolveram "diálogos narrativos" *online*. Larissa se utilizou da Compreensão Cênica de Marinas para a leitura e análise das narrativas, organizando o processo em trilhas (cenas): a primeira apresenta as interlocutoras/peregrinas e seus itinerários formativos; a segunda traz os artefatos artísticos biográficos produzidos por ela e pelos sujeitos, junto aos diálogos narrativos e diálogo com autores e na terceira ela partilha "mapas visuais" sobre o silenciado e os não ditos, entre-espaços, fissuras, sombras e os silêncios (Figura 16).

Figura 16: Pesquisa de Larissa Rogério Bezerra – PPGE/UFC, 2022.



Fonte: apresentação em slides elaborada para o III Rodas do Fiar, 1a Roda

Como resultados, a pesquisadora aponta para o poder da narrativa - em suas diferentes linguagens - como expressão dos processos formativos das artistas-pesquisadoras-professoras e como potente meio reflexivo sobre práticas artísticas, investigativas e docentes no campo as Arte/Educação. A Experiência A/r/tobiográfica, traz importante contribuição, ao incluir a arte no próprio processo criativo-reflexivo-formativo de quem narra, colaborando para a construção de cenários singulares-plurais da Arte/Educação e do ensino de arte no país. Importante destacar que o dispositivo tem inspirado novas pesquisas no Diafhna no PPGARTES/IFCE, como a de Geórgia, já citada e a de Cássia Calandrini, em andamento. Também tem sido trabalhado na disciplina "História do ensino da arte no Brasil, (auto)biografia e experiências formativas em arte", ministrada no PPGARTES/IFCE e que foi elaborada em parceria com Larissa na primeira versão em 2022 e que ofertei novamente em 2025, com contribuições significativas para o trabalho com narrativas (auto)biográficas, no resgate das narrativas dos mestrandos e na preparação para o uso metodológico em suas pesquisas.

"A roda é forma ancestral"[4]

Finalizo este "texto-roda", na alegria de poder trazer o Diafhna para a 1ª Roda e, junto, *Diafhiar* com o FIAR. Nessa roda, que é circular e ancestral, evocamos em palavras, imagens, narrativas e experiências aquilo que nos move enquanto professoras(es) e pesquisadoras(es) das/com as infâncias, cirandando arte e educação. Na roda, somos um movimento contínuo, conectado, sincronizado e, ao mesmo tempo, singular, único. Na roda somos o singular-plural que ciranda em cores, saberes, sabores, modos de pensar e fazer pesquisa, rompendo com paradigmas cartesianos que teimaram em nos fragmentar em dualidades.

[4]Trecho da música "A Roda" de Roberta Sá

Não somos apenas a soma das partes isoladas, mas um todo que se auto-influencia, porque interdependente. Nesses encontros em roda nos (re)encontramos e (re)afirmamos lugares de fala, espaços de intervenção e de desejo, assumindo nossa condição humana, sem querer alimentar a ilusão de que existem "verdades" científicas. Na roda, de mãos dadas, olho no olho, na cadência do corpo-alma ressignificamos nossas práticas docentes e nutrimos nosso esperançar numa "academia" outra, cheia de boniteza, como nos ensinou Paulo Freire.

Nesta roda, trouxe um breve panorama de pesquisas do grupo Diafhna realizadas a partir de 2019, quando arte, educação e (auto)biografia ganham ainda mais evidência e passo a colaborar diretamente como coorientadora e orientadora das pesquisa realizadas no PPGE/UFC, PROFARTES/UFC e PPGARTES/IFCE. Sinto por trazer um pequeno resumo das pesquisas e convoco os(as) leitores(as) a visitarem os repositórios em que os trabalhos citados estão publicados. Cada pesquisa é uma travessia, encharcada de desejo e sonho, porque sensivelmente tecidas, laboradas artesanalmente. Fica um convite ao mergulho e que sigamos conjugando a palavra-verbo *Diafhiar* e contribuindo, coletivamente, para concretizar a utopia de que se pode viver e produzir pesquisa com arte e educação em comunhão: fazer junto! Gratidão!

Referências

ANDRADE, Ana Caroline Sales. **Caminhos e travessias do desenho infantil:** experiências de infância e formação que emergem na narrativa de si de professoras da educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/71343. Acesso 15 de julho de 2026.

ARAÚJO, Janice Débora de Alencar Batista. **“Na cidade, na serra, no sertão”:** narrativas (auto)biográficas sobre experiências de docentes da educação infantil com as culturas infantis. 2024. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/78676. Acesso 15 de julho de 2026.

BEZERRA, Josenaide Holanda. "**Respeite a minha arte": ** desenho e (auto)biografismo com crianças na educação infantil. 2024. 210 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77553. Acesso 15 de julho de 2026.

BEZERRA, Larissa Rogério. **Experiências a/r/tobiográficas:** diálogos narrativos sobre a formação de arte/educadoras. 2022. 326 f. Tese - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/66968. Acesso 15 de julho de 2026.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación:** enfoque y metodología. Madrid: Editorial La Muralla, 2001.

CARLOS, Liana Liberato Lopes. **Leituras de si nas Cirandas Ciganas com as crianças do Bairro Sumaré em Sobral/CE:** hibridação e resistências. 2022. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

Carta da ASIHVIF. Nossa Carta. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 177-179, jan./abr. 2016

CYSNE, Juliana de Brito. **Bordando contos de infâncias, sentidos e experiências:** a narrativa (auto)biográfica como meio para compreensão das visões de criança e de infância que nos

atravessam. 2019. 113f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45064. Acesso 15 de julho de 2026.

GOLDBERG, Luciane Germano e OLINDA, Sahmaroni Rodrigues de. Pesquisa (auto)biográfica, arte e trans/formação: artesanias no grupo de pesquisa dialogicidade formação humana e narrativas (DIAFHNA/UFC). In: Elizeu Clementino de Souza; Mariana Martins de Meireles; Rosvita Kolb Bernardes. (Org.). **Redes de pesquisa e movimentos insurgentes** - Vol. 04. 1ed. Curitiba: CRV, 2024, v. 04, p. 159-176.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo:** desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. 2016. 346f. Tese - Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19338. Acesso em 15 de julho de 2026.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Tradução de Pedrinho Grareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral:** palabra dada. Madrid: Sintesis, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. V. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Uma santa na penumbra:** razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na História e nas práticas pedagógicas do ensino fundamental. 2018.

Tese (Promoção para professora titular) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; NOGUEIRA, Maria Neurilane Viana e CASTRO, Rogério Paiva. As produções de um grupo de pesquisa que se reinventa no diálogo e na busca de um novo rigor. In: Olinda, Ercília Maria Braga e Goldberg, Luciane Germano (Org.) **Pesquisa (Auto)biográfica em Educação:** afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUece, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a educação infantil: procura-se! **P O I É S I S**, Revista do Programa De Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade Do Sul De Santa Catarina Unisul, Tubarão, V.12, N. 21, P. 185-203, Jan/Jun 2018. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/0. Acesso 14 de julho de 2026.

PEREIRA JUNIOR, Leandro da Silva. **As linguagens poéticas das crianças na Educação Infantil:** seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos. 2024. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77341, Acesso em: 14 de julho de 2026.

SILVA, U. R. O olhar em Pessoa e Merleau Ponty. **Dissertatio**. Vol. I n 1. Inverno, 1995. (239 – 249).

TORRES, Klaudiana Viana. **Uma casa, uma sala, um ponto, uma linha e um conto:** narrativas (auto)biográficas desenhadas entre uma professora artista e crianças de 6o anos de uma escola pública em Caucaia-CE. Dissertação - Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, Instituto de Cultura e Artes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76122. Acesso: 15 de julho de 2026.

VITAL, Francisca Paloma Almeida. **Poéticas da docência:** a arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras da educação infantil. 2025. 283 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - IFCE / Campus Fortaleza, Fortaleza-CE, 2025. Disponível em: biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_ sophia=135114. Acesso em: 22 de Junho de 2025.

ZARANZA, Geórgia Sampaio. **Narrativas de vida por entre memórias de quintais:** das reinações-criações de menina à professora de si. 2025. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - IFCE / Campus Fortaleza, Fortaleza-CE, 2025. Disponível em: biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_sophia=134031. Acesso: 15 de julho de 2026.

.9.
A orelha do museu – exercícios de escuta e criação

Simone Bibian

> Que seja um museu que também escuta, que seja uma grande orelha, que escuta os outros, que não seja só uma representação de ideias, mas que haja ideias no espaço do museu.
>
> Sara Brighenti[1]

Quando fui convidada para participar do **III Seminário Rodas do FIAR** (2025)[2] para falar sobre alguns achados da minha pesquisa de doutorado [3], fiquei instigada com o tema: *A fala insiste… você me ouvirá? – narrativas e inquietações de lá e de cá*. Afinal, a escuta sempre foi uma preocupação minha, já que trabalho no núcleo educativo do Museu Nacional de Belas Artes (RJ), ou seja, diretamente com diversos públicos.

Quando iniciei minhas atividades no museu, há 15 anos, logo me chamou a atenção a pouca visitação de crianças nos espaços do museu. Algumas professoras das infâncias me disseram que não levavam suas turmas porque "é muito adulto para elas". Fiquei em dúvida se era isso mesmo. Se, por um lado, o museu não foi feito pensando nas crianças, por outro, elas são cidadãs de pouca idade, com direito de acessar o que de melhor a humanidade criou. Para entender o que estava acontecendo (ou não acontecendo), resolvi escutar.

---

[1] Fala durante a II Jornada Ibero-Americana Museus e Sustentabilidade - Porto/Portugal -junho 2025

[2] http://fiar.sites.uff.br/2025/10/29/memorias-iii-rodas-do-fiar-julho-2025/

[3] Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede**.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/27242. Acesso em: 29 dez 2025

A quem escutar?

Para qualificar minha escuta, em minha pesquisa de mestrado[4], convidei algumas professoras das infâncias e meninos e meninas para fazerem uma visita livre à Galeria de Arte Brasileira do século XIX, parte do acervo mais importante do museu, em dois momentos distintos. Com o material colhido, através de registros fílmicos, anotações e áudio-gravação, analisei alguns aspectos como a forma que se relacionaram com o espaço museal, as obras que mais chamaram sua atenção, questões sobre mediação em museus, a formação docente, a presença e a recepção da nudez na arte e o tempo como fator importante para a experiência.

As crianças se apropriaram do espaço como sabem. Com perguntas, espanto, brincadeiras, risos. As professoras, com maravilhamento e lembranças despertadas. Pela pesquisa, ficou evidente a importância de crianças e professoras estarem em contato com a arte nos museus, considerando-os espaços de conhecimento,[5] construção de significados, experiências e descobertas. O que elas falaram (seja com a voz, seja com o corpo todo) é muito mais do que sobre as pinturas, esculturas e o próprio espaço – as emoções e lembranças despertadas puderam provocar experiências estéticas enriquecedoras. É certo que, ao narrar o que sentimos, podemos dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, aproximando-nos da experiência coletiva, da cultura como patrimônio.

No entanto, percebi a distância que havia entre o museu e a escola. Ficou claro que as docentes das infâncias precisavam ser ouvidas, dado seu papel relevante: o de construir uma prática

[4] BIBIAN, Simone. Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX. 2017, 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ. 2017

[5] Recentemente, o museu é reconhecido como produtor de conhecimento, uma ICT – Instituição Científica, Tecnológica e de Inovação. Ver Portaria Ibram 3370 de 10/02/2025.

pedagógica que promova tempos e espaços para a experiência estética, no diálogo com as obras, com os artistas e com os espaços, abrindo caminhos na escola para o acesso aos bens culturais. Além disso, sabemos que as crianças têm uma forma particular de se relacionar com o mundo, e os saberes de professoras da infância, que reconhecem as especificidades das crianças, nem sempre estão presentes em profissionais de outros campos. Pesquisadoras como Carvalho (2016) e Gabre (2021) observam a falta de preparo e planejamento para atender crianças pequenas nos museus.

Parti então para pesquisar com as professoras, no doutorado. Era preciso abrir espaços de diálogo, saber o que aconteceria se as docentes pudessem colaborar em propostas educativas dos museus. O que o museu poderia aprender com elas?

Assim, entramos na segunda questão: como escutar?

Como escutar?

> O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? (...) Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? (Freire, n.p., 1987)

O museu, espaço historicamente elitista e pouco convidativo, tem repensado seu papel na sociedade. Antes visto como detentor da verdade, contava uma história única, a dos vencedores. No entanto, na contemporaneidade, está buscando novas vozes, novas formas de expor, novos conceitos do que é considerado arte ou objeto de museu, novas formas de atrair um público cada vez mais diverso. Trazer as vozes docentes para dentro do museu fazia todo sentido, num diálogo horizontal entre profissionais em permanente formação.

No entanto, como ouvi-las, tendo o desafio de estarmos no contexto de isolamento social, em plena pandemia de Covid-19? Abri espaços de encontro convidando nove professoras das infâncias, todas da rede pública de Niterói (RJ), para conversar

online. Nestes encontros, elas puderam partilhar suas experiências, os percursos que as levaram à docência, seus contatos com a cultura, a arte na escola, museu e arte brasileira do século XIX.

Entre muitas questões discutidas na pesquisa, destaco o pedido de escuta das professoras: elas reivindicavam a necessidade urgente de ter apoio do museu para algum tipo de formação estética. Reproduzo aqui algumas dessas falas:

> Como que ele [o professor] vai trabalhar, estimular as crianças, para desenvolver o gosto pela arte, se ele mesmo não tem isso desenvolvido? (Prof.ª Andréa)
>
> Eu penso que os profissionais do museu podem conversar mais com os professores. Os professores podem ajudar muito as pessoas do museu. Porque a gente pode, antes de sair, conversar com as crianças. (...) E eu acho que nós professores, podemos conversar muito com esses profissionais de todos os lugares. (Prof.ª Bárbara)
>
> Um olhar mais atento de profissionais do museu para responder ou explicar sobre as obras de artes para as colegas que não tem por hábito a visitação nesses espaços culturais. Porque, às vezes, a professora olha a obra de arte e ela fica meio que inibida de questionar. Porque o corpo fala, né? Então tendo alguém ali, preparado e perceber isso e falar: "Olha, essa obra de arte, assim..." Isso contribuiria muito. Porque esse conhecimento e esse saber, essas respostas que ela encontra ali, ela vai levar, ela vai reproduzir em sala de aula e pelas escolas por onde passar. (Prof.ª Maria Aparecida)

E aqui, entramos na terceira questão: o que fazer com o que foi escutado?

O que fazer com o que foi escutado?

Eu, como pedagoga, educadora de um museu de artes e pesquisadora, não poderia ficar alheia a esta necessidade. Precisava criar um espaço de formação estética para estas docentes. Enfrentei alguns desafios: eu não queria dar um "curso" de como olhar uma obra, nem sugerir a elas como "trabalhar" a obra com a criança, mas sim contribuir para ampliar o repertório artístico-cultural, despertar o desejo de buscar mais, criar seus próprios percursos e seleções, ampliar a sensibilidade, serem afetadas pela arte. Para

isso, era preciso mais do que fornecer informações, era preciso provocar encantamento. Assim nasceu a proposta de ateliê-formação no espaço virtual. Chamado de *Olhares Múltiplos*, ofereci para as professoras da pesquisa um espaço seguro e acolhedor, num grupo fechado do *Facebook*.

Escolhi para o ateliê quatro obras do acervo de arte brasileira do século XIX do museu, as que mais chamaram a atenção delas dentre as vinte imagens que havia enviado anteriormente. Aqui, mais um desafio: como afetar as professoras com as pinturas que elas sequer poderiam ver pessoalmente? O *podcast* foi a forma encontrada de linguagem e mediação: as histórias presentes nas pinturas tomaram a forma de narrativas sonoras, criando vínculos afetivos e despertando memórias. Elaborei os roteiros e gravei, com música e efeitos sonoros, quatro episódios de *podcast* que narram a história representada na obra, e um pouco do contexto e do artista.

O ateliê teve a duração de seis semanas. No grupo, postava um episódio por semana e convidava para se expressarem livremente. Nos dias seguintes, disponibilizava as referências do episódio, como por exemplo, as músicas utilizadas, sugestão de livros, filmes e obras de arte sobre o tema, trechos de livros de Anna Marie Holm (ano), Manoel de Barros (ano) e Rubem Alves (ano), e depois apresentava uma proposta de um fazer artístico. Foi um espaço rico de discussões, reflexões e criações docentes, experimentação e possibilidade de escuta, encontro, rememoração, ampliação de repertório, fertilizado com narrativas e fazeres artísticos. Ao final, fizemos um encontro *online* com todas para conversar sobre a experiência. Abaixo, algumas falas das docentes:

> Foi de um crescimento incrível para mim. Aquele olhar de passagem nos museus não será mais o mesmo. E como me ajudou a mudar o meu olhar, vai fazer com que eu mexa no jeito deles [as crianças] olharem. A imagem não vai ser mais puramente só o Simão ali na frente. Vai ter a segunda parte, a terceira. O que está por trás, então ajudou bastante, a gente agora sai do ateliê de outro jeito. Eu, embora não tenha vivido perto de museus, minha amizade com museu é recente, mas hoje vai ser diferente quando puder levá-los. Foi um presente. (Prof.ª Monica)

> Você trouxe isso de uma maneira muito sensível, não só com palavras, mas com música, com cinema, sabe? Com outras obras. Então, isso enriqueceu demais o nosso repertório, a gente sai completamente diferente dessas oficinas. E como que tudo depende da forma que a gente é aguçada. Meus sentidos todos ficaram aguçados com tudo que você trouxe para a gente, com esse pacotão aí. Não só da obra em si, mas do entorno. (Prof.ª Eliete)

Depois de finalizada a tese, ainda ficou comigo o desejo de replicar a experiência no museu, para um público maior, e o sonho aconteceu: fechado ao público desde 2020, para obras de requalificação de seus espaços, o *podcast* foi uma forma de aproximar o público do museu, entre outras ações. No projeto, chamado *Histórias que a Arte Conta*, dez obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes ganharam voz. Todos os detalhes foram cuidadosamente pensados: a descrição inicial da obra foi realizada por especialista em audiodescrição, os episódios foram gravados em estúdio profissional, com músicas originais. Além de ouvir numa plataforma de *streaming*[6], o público pode ter acesso à narrativa em libras, no canal do Youtube do museu[7].

Ainda como desdobramento do projeto, está sendo organizada uma exposição[8] com as obras do *podcast*. Assim, as obras originais poderão oferecer uma nova possibilidade de encontro, ampliando a experiência sensível inaugurada pela escuta.

Finalizando, gostaria de complementar que a logomarca deste projeto é a imagem de Antínoo[9], peça arqueológica mais antiga do museu, com fones de ouvido. Uma forma lúdica de misturar o novo com o antigo, de aproximar os habitantes do século XXI com obras do acervo, de mostrar que, afinal, o museu pode ser "uma grande orelha, que escuta os outros". Fica a proposta: você quer conversar?

---

[6] Ver em: https://open.spotify.com/show/4aExJG1iEWfpgfynJEf41y

[7] Ver em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL6pJOUaL75Src_5NpR_9ee79_dkPaq45w

[8] Exposição Histórias que a Arte Conta, no Museu Nacional de Belas Artes, previsto para abril-junho de 2026.

[9] Ver vídeo sobre a peça em: https://www.youtube.com/watch?v=vESr2RB4gmo

Referências

BIBIAN, Simone. **Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX.** 2017, 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói -RJ. 2017. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/15411 Acesso em: 26 fev 2026

BIBIAN, Simone. **Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/27242. Acesso em: 29 dez 2025

CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas SP: Papirus, 2016.

FREIRE, Paulo.**Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GABRE, Solange. **Habitar o museu com a criança pequena: formação colaborativa como possibilidade.** Curitiba: Appris, 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro**. Reflexão e Ação**, UNISC, Departamento de Educação, Santa Cruz do Sul, v.14, n.1, p. 29-43, jan./jun. 2006.

.10.
Uma história, talvez a tua: escritos de uma travessia (auto)biográfica

Laís Vilela Gomes

Narrar-me

Narrar-me. Deixar escorrer e transbordar minhas memórias, tentar traduzir em palavras, rabiscos, imagens, sons e ideias, partes de quem sou - ou ainda, estou. Agora, assim. Daqui a pouco, a mesma, no entanto outra.

Com meu corpo atravessando o mundo
Sendo por ele atravessada.
Uma arte, uma experiência.

Caminhar em direção a mim e (re)conhecer os passos trilhados, que guiaram-me até o presente momento. Presente, passado e futuro confluem em uma dança com ritmo singular, emoções são evocadas e atravessam-me o peito; por vezes, falta-me o ar.

Preciso pausar.
Preciso respirar.
Preciso caminhar.
Quais são as palavras que preciso usar?
Qual fio da memória devo puxar?
Por onde começar?
Ar.

Memória

Uma escolha se revela ao dar o primeiro passo: a memória. A memória, guardiã das travessias! Entre lembranças e esquecimentos, pelas veredas da memória, que nem sempre se mostram tão nítidas, lá estão histórias, aguardando para serem (re)vividas, e então, transformadas - ressignificadas. Ao iniciar essa escrita, estico os fios da memória e (re)encontro sonhos-desejos que foram gerados e floresceram nos encontros vividos pelos caminhos da Educação Infantil, solo fértil da minha jornada como professora das infâncias, coordenadora pedagógica e uma pesquisadora, sempre em (trans)formação.

Para chegar ao momento presente, trago comigo as marcas dos muitos encontros que me ajudaram a constituir quem sou. No decorrer da vida e da prática pedagógica, procurei compreender como minha singularidade se constrói nas relações que estabeleço com o coletivo, acolhendo, inclusive, as contradições que atravessam a minha trajetória. Ainda bem que elas existem! Foi essa compreensão que também orientou minha aproximação com a formação de professores. Muito antes de assumir a coordenação pedagógica, já encontrava sentido em compartilhar rodas de conversa sobre a docência na Educação Infantil, um espaço que constantemente me convocava à escuta, ao diálogo e à reflexão. Ainda assim, em diversos momentos, as incertezas e os desafios, próprios desse trabalho, me fizeram perguntar se eu realmente ocupava o lugar ao qual pertencia.

Entretanto, acompanhando as narrativas que emergiam desses encontros, percebia como as experiências de uma professora despertam memórias e reflexões em outra e, com isso, compreendia a potência formativa da partilha de histórias, pois "[...] a primeira história quase sempre evoca outra, que chama outra, até que a resposta à pergunta se estenda por diversas histórias" (Estés, 1998, p. 7). Nessa escrita, então, partilho um pouco da minha história, que " [...] *é talvez igual a tua…",* como anuncia a canção de Belchior.

Travessias

O desejo de construir uma Educação Infantil mais aberta ao mundo, capaz de estabelecer relações para além dos limites físicos da instituição, nos encontros com o território da/na periferia paulistana, impulsionou a travessia em direção à experiência na universidade pública. As inquietações que me acompanhavam possibilitaram, pela pesquisa, percorrer e conhecer o território na companhia das crianças, reconhecendo-o como espaço de aprendizagem, encontro e descoberta. Para que esse movimento fosse possível, eu acreditei nas crianças, valorizando os conhecimentos que produzem, interpretam e compartilham, em suas interações com o mundo.

Todo meu percurso de vida e formação, no diálogo entre escola e universidade pública, se deu com muitas travessias. Travessias de São Paulo à Niterói, conhecendo o lado de lá da ponte e sua imensidão, vivenciando primeiras vezes e as descobertas de quem se lança à travessia. Travessias da mãe que segue sonhando e insistindo em não abandonar seus caminhos, mas realizá-los em companhia da sua garotinha para que ela nunca se esqueça que também pode sonhar. Travessias da educadora periférica que (re)existe em sensibilidade nos reencontros com educação, arte e cultura.

Essas travessias também me ensinaram que voltar o olhar para a própria história nunca é um exercício solitário. Ao trilhar os caminhos de uma pesquisa (auto)biográfica compreendi, em diálogo com Passeggi (2010), Bragança (2016, 2018), Ribeiro, Sanches e Souza (2016), que narrar a própria trajetória implica reconhecer que ela foi sendo tecida nos encontros, nas relações e nas experiências compartilhadas ao longo do caminho. Esse movimento demanda disposição para escutar e para dialogar, acolhendo tanto aquilo que a memória preservou, quanto o que permaneceu adormecido por muito tempo. Lembrança. Esquecimento.

Pela rememoração, ao revisitar o vivido, acontecimentos que pareciam esquecidos, podem reaparecer e ganhar novos sentidos, permitindo que a experiência seja reinterpretada à luz do presente.

Nesse processo, a narrativa se aproxima de um trabalho artesanal: cada lembrança é retomada, alinhavada e ressignificada, como quem borda pacientemente uma história. Falar de si, entretanto, requer um ritmo próprio, distante das urgências do cotidiano. Como quem costura uma roupa, são necessários "tempos de gestos redondos" (Couto, 2021, p. 22), tempos que possibilitam inventar e reinventar a si mesma a partir das marcas deixadas pelas travessias.

A cada travessia, uma descoberta. A cada travessia, sonhos renovados. A ponte Rio- Niterói (Figura 1) tornou-se, para mim, mais do que o caminho entre duas cidades: transformou-se em metáfora de encontros, deslocamentos e caminhos férteis. Tornou-se travessia e conexão: comigo mesma, com as crianças, com as professoras, com o território e com a tessitura entre a Educação Básica e a universidade pública. Em cada ida e volta, não atravessava apenas um espaço geográfico. Também atravessava modos de pensar, de sentir e de me (re)fazer com Educação, Arte e Cultura.

Ao regressar, nunca voltava a mesma. As experiências vividas em um contexto iluminavam o outro, fazendo da pesquisa um movimento contínuo de aproximação entre teoria e prática, entre o vivido e o pensado. Foi nesse constante ir e vir que fui aprendendo a habitar as fronteiras, o (entre)lugar, reconhecendo a as travessias como experiências de formação e (trans)formação.

Figura 1: Travessias. Fonte: registro da autora (2026)



Uma relação complexa, verdadeiramente vivida. A memória, senhora guardiã de preciosidades, com seus (guar)dados por mim velados. Memórias de mim, com outros tantos. Por meio da linguagem, (re)organizo a vida-experiência: através da memória, uma história puxa outra história e outra também…

Semente-palavra

Ao reconhecer que as travessias vividas se transformam em experiência quando são narradas e refletidas, encontrei na pesquisa narrativa um modo de investigar coerente com o caminho percorrido, amplificando-me por meio da linguagem: palavra, canção, imagem, colagem e tantas outras formas de narrar que me constituem, pois " [...] se acreditamos que a vida é vivida de forma narrativa, que o viver é um ininterrupto processo de construir, reconstruir e interpretar histórias, então a pesquisa narrativa figura como uma opção potente e coerente no que se refere ao pesquisar a experiência educativa." (Ribeiro; Sanches; Souza, 2016, p. 139).

Descobri junto ao círculo FIAR e seus modos de fazer-viver a pesquisa, metodologias que se constituem pelos/com movimentos errantes, que convidam ao mistério, como um "processo de investigação profundamente marcado pelo encontro, pela escuta, pela espera e pela utilização de outras linguagens além da palavra, envolto em busca e mistério, imerso em experiências estéticas" (Ostetto, 2019, p.48).

Foi nesse horizonte de travessias que encontrei-me nas Rodas do FIAR, participando do primeiro seminário, realizado em Niterói, em novembro de 2019 (Figura 2). Uma educadora-sonhadora vindo de São Paulo, viajando pela madrugada em companhia de sua amiga também sonhadora, chegando com a mala carregada de anseios e uma busca esperançosa de seguir estudando sobre Educação Infantil e formação de professores no encontro entre Educação e Arte. Mas, o que encontrei, guiou meus passo para além. Pude aproximar-me de um grupo de pesquisa, que se constitui em um espaço de escuta, partilha e produção de conhecimento, em que narrar o vivido é

também um modo de compreender a docência, fortalecer vínculos e (re)inventar percursos formativos.

Naquele primeiro seminário, eu estava entregue à experiência formativa, reverberando existências, com todo meu corpo e sentidos o que posteriormente discuto em minha dissertação de mestrado ao afirmar que,

> [...] é necessário estar disponível, como quem está à deriva, permitindo-se viver experiências; é preciso se (re)encontrar com a arte e suas linguagens, vivenciar, experienciar e sentir, deixar reverberar no corpo as memórias de sua história de vida e formação docente, permitindo-se enveredar por caminhos que permitam viver a docência com alegria e esperança, ética e estética de mãos dadas [...]. (Gomes, 2023, p. 66).

Essa travessia foi alargada ao escrever com a amiga Helena, nosso primeiro texto para o livro "Formação, Educação e Arte: tessituras em prática e pesquisa docente" (Ostetto; Maia; Callai, 2023). Um livro que (re)uniu as tessituras do grupo de pesquisa, alinhavando pesquisa e prática à partilhas de conhecimento. Ao revisitarmos a experiência vivida para transformá-la em escrita, buscamos registrar as marcas formativas que o seminário deixou em nós. Nesse movimento de narrar e refletir sobre o vivido, afirmamos que , "[...] a experiência do seminário suscitou, em sua totalidade, um processo formativo sensível, colaborativo, permeado pelo afeto e circular como a própria vida" (Gomes; Neves, 2023, p.283).

Figura 2: 1º Seminário Rodas do FIAR. Fonte: registros da autora (2019)



Foi nesse movimento que passei a (re)conhecer os sentidos dos chamados modos fiandeiros. Como afirmam Neto, Corrêa e Medeiros (2025),

> Na interseção entre Educação e Arte pelos canais da narrativa de experiências (de si e outrem), o círculo fiandeiro abre frestas para outros possíveis - na pesquisa, na formação e na prática docente. As concepções presentes nas produções fiandeiras tramam um conjunto de fios de experimentações individuais e coletivas que vão configurando conhecimentos fundantes do ser professor(a) na Educação Infantil. (Neto; Corrêa; Medeiros, 2025, p.63)

Então, meu anseio fecundo por seguir entrelaçando prática pedagógica e pesquisa, germinou e floriu, pois em 2020, em meio à pandemia da covid 19, fiz das dores minha força, pude ingressar, via seleção pública, como estudante no curso de mestrado, no programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Vivenciei essa experiência, majoritariamente, por encontros realizados virtualmente, pois naquele momento o isolamento social impossibilitava a presença física. Porém, em todos os momentos em que estive presente na UFF, me emocionei e transbordei. Pisar o chão da universidade pública, realizando travessias internas tão intensas, é também meu modo de ser e (re)existir nesse mundo, com tudo que sou.

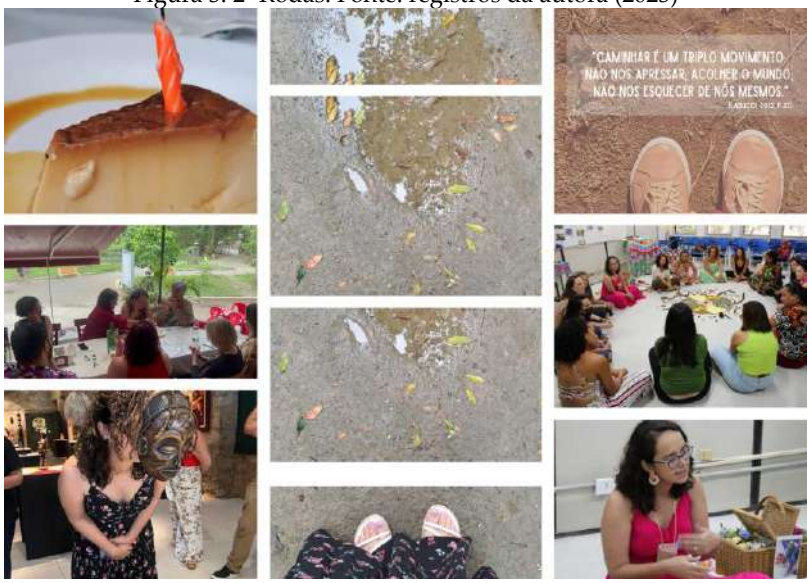
Em 2023, o 2º Rodas do FIAR aconteceu em setembro, um mês festivo de celebrar a vida e novos ciclos (con)fiados. Desta vez minha participação se deu como fiandeira, no planejamento e organização, bem como mestranda, prestes a defender a dissertação, que aconteceria em novembro daquele mesmo ano. Novembro: mesmo mês em que pisei pela primeira vez em Niterói me achegando nessa roda fiandeira!

Com o ardente convite da Arte, em roda reuni-me à educadoras de diversas regiões, junto à Amanda, companheira de grupo e de mestrado, para partilhar os processos vividos em nossas pesquisas, então em andamento (Gomes, 2023; Pinto, 2023). Andarilhamos e cultivamos sentidos em conexão com a natureza e,

após o momento vivido, registramos nossos olhares, como pesquisadoras em formação, no livro "(Re)existir na docência com pesquisa e arte" (Ostetto; Neto, 2024), no qual registramos:

> Naquele setembro, no bloco D do campus Gragoatá da UFF, na Faculdade da Educação, com as educadoras que aceitaram o convite à nossa roda de encontros, cultivamos o tempo redondo, costurado na partilha de sentidos, sonhos e afetos. Escutando e acolhendo, caminhamos juntas: cada uma e todas projetaram-se em entrega de sensibilidades, no espaço, nas materialidades, nas formas que despertavam interesse e provocavam experiências. Na roda, alinhavamos narrativas, por meio das memórias de infância, das histórias de vida-formação e prática docente; dialogamos sobre a prática do caminhar como ato estético, saímos ao (re)encontro com a natureza, alargamos a experiência: o caminhar e a natureza nos conectam. (Gomes; Pinto, 2024, p.138)

Figura 3: 2º Rodas. Fonte: registros da autora (2023)



E, mais uma vez, atravessei a ponte. Dessa vez, porém, acompanhada da minha família. Foi nesse novo percurso que compreendi que a travessia não se encerrava no retorno a São Paulo, nem mesmo na chegada em casa. A cada seminário, permanecia aberta ao inesperado, aos (re)encontros tecidos nas

rodas, permitindo que eles produzissem deslocamentos, alimentassem novas perguntas e ampliassem meus modos de habitar a pesquisa e a docência.

Percebi que não era apenas eu quem retornava às Rodas do FIAR; as experiências voltavam comigo, reverberando no cotidiano educativo, nas minhas andanças na universidade e na vida. Assim, sigo me ressignificando, compreendendo que a formação acontece justamente nesse movimento contínuo de ir, voltar e atravessar. Talvez seja esse o gesto da formação: partir em busca de outros horizontes, voltar (trans)formada e repartir, com outros, os sentidos cultivados ao longo do caminho.

"Viver é partir, voltar e repartir...": 3º Rodas do FIAR

Como diz a canção de Emicida, *"viver é partir, voltar e repartir..."*, viver é travessia. Toda travessia modifica quem atravessa. Por isso, quando retornei ao 3º seminário Rodas do FIAR, em 2025, já não era a mesma educadora que havia chegado ao primeiro seminário, em 2019. As perguntas eram outras, assim como os sonhos e os modos de habitar a pesquisa. Permanecia, contudo, o meu desejo de seguir caminhando em roda, em fiação.

Com as canções do rapaz latinoamericano cearense Belchior, com narrativas e inquietações de cá e de lá, toda gente se (re)uniu, com seus sotaques, presenças e culturas, para um seminário conduzido com inteireza, presença e entrega. Um seminário que (re)afirma a essencialidade de aproximar, sempre mais, Educação e Arte, pesquisas e prática docente, em defesa da universidade pública e da educação básica, conectando tanta gente querida, afetuosa, comprometida. Gente que canta, que faz a vaia cearense, que celebra, que se emociona. Gente que poliniza belezas, no sertão, no museu, na periferia e compartilha histórias e, ao fazê-lo, insiste em (re)inventar a vida e (re)existir na docência. Nesse sentido, as experiências vividas no 3º Rodas amplificam as palavras de Ailton Krenak (2019), ao lembrar-nos que,

> [...] nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. e está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. o tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. e a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2019, p.27)

Eis o que (re)encontro a cada Rodas do FIAR: uma constelação de pessoas que acredita na força das narrativas, da Educação e da Arte, poetizadas pela beleza das infâncias e dos encontros como formas de sustentar a esperança e adiar o fim de tantos mundos. Afinal, cada história narrada em roda prolonga a vida da experiência, fortalece vínculos e faz nascer outras possibilidades de educação.

Foi nesse contexto que tive a oportunidade de sentar-me à mesa e dialogar sobre minha dissertação de mestrado intitulada "Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana" (Gomes, 2023). Na companhia de pessoas sabidas, generosas, gentis e afetuosas, vivi uma experiência de escuta e interlocução que reafirmou a pesquisa como um gesto coletivo. As perguntas, as leituras sensíveis e os diálogos tecidos naquele encontro, ampliaram meu olhar sobre o percurso realizado e, ao mesmo tempo, abriram veredas para os caminhos que ainda estão por vir.

Revisito meus registros desse seminário e encontro em minhas anotações virtuais: *"Após esse III Rodas, um sentimento diferente me invade. E o que sinto ainda não tem nome. Sustentar nosso querer é fundamental. Acreditar em nossas escolhas, também. Caminhar é encontrar."* E ao fundo a música dos artistas Os Arrais que tocava no carro, ao atravessar a ponte, ainda pulsa em mim " *(...) A vida é um mistério, é como uma semente. Que debaixo da terra, o milagre abriga. O milagre em si, eu não posso ver. E debaixo do sol, vejo a planta crescer*

(...) Existe mais para a vida dos que meus olhos enxergam. Existe a eternidade em mim."

Paro, respiro e novamente me emociono. No trilhar da pesquisa-vida, o caminho foi se revelando a cada passo dado. Houve também momentos de pausar, pois os passos dados em busca de uma Educação sensível, de uma formação estética, são passos que pisam firme, apesar de tantos desafios. Ainda assim, são passos que, de vez em quando, escorregam, tropeçam, erram, se cansam. Insistir no sonho é caminho e exige um bocado de ousadia e coragem.

Figura 4 : 3º Rodas. Fonte: registros da autora (2025)



Fiar o vivido, (con)FIAR no porvir

Refletir profundamente meus percursos na pesquisa-vida e na Educação, em um exercício de escrita, evocou em mim inúmeros sentimentos, por vezes controversos. Um desafio mobilizado pela curiosidade, uma travessia formativa. Abrir o baú de (guar)dados é se afetar (Gomes, 2023).

Nessa travessia, quem encontrei, com quem caminhei? Caminho e sigo, deixando e recebendo um tanto, marcas que me constituem: ser docente, ser pesquisadora. Há coisas que são

mistérios – ou todas as coisas o são? Ecoam vozes-memórias, saberes ancestrais, a origem dos infinitos (re)começos, que sustentam meus passos pelas vias da Educação. Compreendo que o tempo não é linear. Sonhos não cabem em linha reta, já dizia o poeta. Narrar é (re)existir, reconhecendo e valorizando o que pulsa em cada um. Educação é também (re)existir e valorizar o que pulsa em cada um. Ou deveria ser.

Na experiência narrativa, sou convidada a encontrar minhas palavras. E você, sabe quais são as suas palavras? Elas querem ser encontradas. Elas vão te encontrar e, quando te encontrarem, você sentirá alargar seus mundos. Sentirá liberdade. De ser quem é, isso basta. Não por defender verdades, mas justamente por questionar certezas.

Uma reinvenção de si.
Território do seu próprio-eu.
Nesta jornada (auto)biográfica.
A memória (trans)forma.
Narrar (trans)forma.

Compreendo então que a Educação é o elo. Meu modo de ser, estar, agir e (trans)formar o mundo. Com as narrativas, com a arte, com a sensibilidade que me nutrem e movem. E aqui, neste breve texto, ao partilhar minhas experiências (auto)biográficas nessa circularidade, me (trans)formo, (re)encontrando as minhas palavras. Inventariando caminhos e afetos, reconstruindo minha história.

Busca infinda
de consciência
de presença
de inteireza
de entrega

Continuo a contar histórias, para que tantas outras também sejam escritas, lidas, ouvidas e (con)fiadas. Pois narrar, nunca foi sobre mim. Será sempre sobre nós, tal qual na Educação. E nas Rodas do FIAR, sou acolhida. Em 2019, em 2023 e em 2025. Sonhos foram renovados, alguns que eu já havia me esquecido e não acreditava mais. De lá para cá, muita coisa aconteceu. Transformações.

Estudando mais, dedicando-me à pesquisa, permitindo-me escrever e ocupar alguns lugares. Segui buscando uma relação estreita entre teorias e práticas, pois considero que toda prática carrega uma teoria, mesmo que não saibamos qual seja. Uma história de vida-formação mobilizada, por (con)FIAR. Na Educação e na vida.

E meu desejo é lançar uma semente-palavra. Para germinar tantas outras escritas de si, palavras delirantes, férteis na docência, fecundando outros modos de viver a experiência acadêmica-formativa, a experiência na Educação com mais liberdade, autoria e paixão.

Das palavras que foram ditas
agora despeço-me.
Agradecendo o vivido.
Abraçando o porvir.

Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. FERREIRA, Márcia Santos (org). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.** Curitiba: CRV, 2016.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teorico-metodológicas**. In.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da. BÔAS, Lúcia Villas. (org). Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmicos-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018.

COUTO, Mia. **O mapeador de ausências.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história:** uma fábula sobre o que é suficiente. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GOMES, Laís Vilela. Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana. 2023, 204 p. **Dissertação (Mestrado em Educação).** Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531

GOMES, Laís Vilela. NEVES, Maria Helena Dantas dos Santos. Reverberar existências com Educação e Arte: fios entrelaçados na experiência de duas professoras da rede pública de São Paulo. In. OSTETTO, Luciana Esmeralda, MAIA, Marta, CALLAI, Cristiana. **Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente** / org. Luciana E.Ostetto, Marta Maia, Cristiana Callai. - Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

GOMES, Laís Vilela; PINTO, Amanda Lobosco. **No caminhar que faz do tempo o encontro, cultivar e partilhar sentidos em conexão com a natureza.** In. OSTETTO, Luciana Esmeralda. NETTO, José Firmino de Oliveira. São Carlos: Pedro e João Editores, 2024. 177.p. Disponível em https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/reexistir-na-docencia-com-pesquisa-e-arte/

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NETO, José Firmino de Oliveira; CORRÊA, Carla Andrea; MEDEIROS Daiane Francisco de. **Revista Interinstitucional Artes de Educar.** Rio de Janeiro, V. 11, N. 3. pág. 46-67setdez de 2025:

"Formação Docente, Educação Infantil e Arte" - DOI: 10.12957/riae.2025.94411. Disponível em https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/94411/56275

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação** - ISSN 1809-0354. Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019. Disponível em https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307

OSTETTO, Luciana Esmeralda, MAIA, Marta, CALLAI, Cristiana. **Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente** / org. Luciana E.Ostetto, Marta Maia, Cristiana Callai. - Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. NETTO, José Firmino de Oliveira. São Carlos: Pedro e João Editores, 2024. 177.p. Disponível em https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/reexistir-na-docencia-com-pesquisa-e-arte/

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (orgs). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PINTO, Amanda Lobosco. Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia. 2023, 139 p. **Dissertação (Mestrado em Educação).** Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2023. Disponível em https://app.uff.br/riuff/handle/1/32529

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael de. I**nvestigar narrativamente a formação docente:** no encontro com o outro, experiências... Roteiro, v. 41, n. p. 135–154, 2016. Disponível em https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271

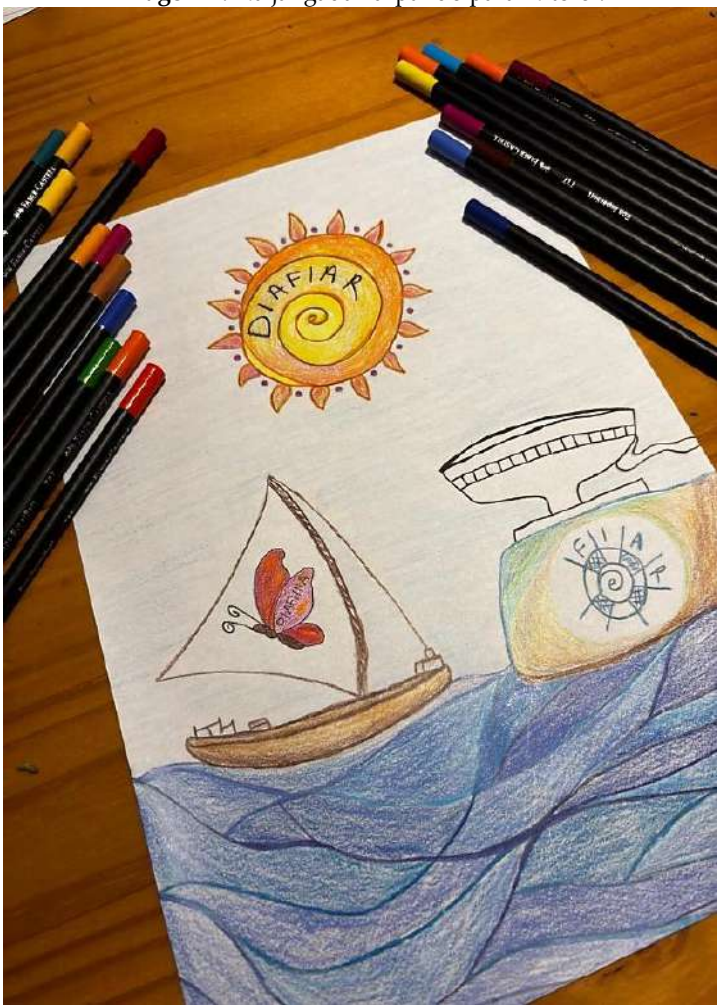
.11.

Abelhar memórias, encontros, diálogos e partilhas: as linguagens poéticas infantis em ciranda no III Rodas do FIAR

Leandro da Silva Pereira Junior

Um retorno aos *frames* de tempo vividos em roda

Imagem 1: Na jangada zarpando para Niterói.



Fonte: Desenho do autor (2026).

Sinais para o rodas
Niterói escuto os teus sinais
Vou zarpando em coletivo
Em chegança até o seu cais
Para vivenciar dias bonitos
Vamos fiar tempos germinais
Diafiar encontros benditos
Entre abraços fraternais
E em roda, eu acredito
(Poema do autor)

Tecer este texto é revisitar memórias vividas com muito afeto, doçura, encanto/encontro, diálogo, partilha e alegria. Nesse sentido, encharcado de atravessamentos que mobilizam meu sentir-pensar, busco, no decorrer das próximas linhas, evocar e materializar em palavras-vida um pouco do que senti e vivenciei durante o III Rodas do FIAR, que aconteceu em julho de 2025, unindo Fortaleza e Niterói, com histórias de lá e de cá, em um só lugar.

Assim, nessa fusão entre Nordeste e Sudeste, dois grupos de pesquisa[1] – Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR) e Grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA) –, teceram algo bonito, germinativo, inaugural e coletivo, construindo um espaço-tempo acadêmico afetado, no qual toda a gente presente deixou-se atravessar e pode reverberar a sua fala – que existe, persiste e (re)existe no mundo. A arte, a poesia e a estética foram prismas importantes para que o evento fosse manejado de modo sensível, aberto e humanamente doce, como favos de mel.

Em tudo, cada detalhe, tinha por trás um pensar estético, produzido com atenção e carinho - como os caderninhos recebidos (feitos à mão pelo grupo fiandeiro), as ambientações, as comidinhas, as mesas, as apresentações, as trocas, os abraços, as andanças, os espaços culturais visitados, os olhares, os apertos de mão, os registros, a escuta, as músicas, as cirandas, ou seja, a vida,

[1] O primeiro grupo é coordenado pela Profa. Dra. Luciana Ostetto e o segundo pela Profa. Dra. Luciane Goldberg. Uma em Niterói e a outra em Fortaleza, uma liga de sonhos e encontros possíveis puderam se materializar no plano do real, no plano da vida, com tantas pessoas bonitas.

constituída nesse coletivo vivo e estético (de lá e de cá), materializada nos dias "julinos" em tantos lugares-pessoas-memórias.

Escrevendo isso, passou-me um pequeno filme pela cabeça, com *frames* de rostos, sensações, texturas, imagens, conversas, cheiros, vozes e sentimentos. Um deles foi no primeiro dia de evento, após as atividades iniciadas, em que nos pusemos em uma dança circular. Algumas das músicas entoadas eu não conhecia, outras, sim, recordo de me sentir levado em roda, entre mãos em comunhão. Uma alegria pulsante se presentificou naquele momento, em corpo inteiro. Uma sensação de vivacidade foi germinada. Nesse embalo, Laís Vilela, uma menina fiandeira, começou a entoar:

Eu morava na areia, sereia
Me mudei para o sertão, sereia
Aprendi a namorar, sereia
Com aperto de mão, ô sereiá
As estrelas no céu correm, sereia
Eu também quero correr, sereia
Elas correm atrás da noite, sereia
Eu atrás do bem querer, ô sereiá [...]
(Lydia, Hortélio)

Muitos conheciam a música, então, foram acompanhando a cantoria. Para mim, este foi um dos momentos mais marcantes do Rodas do FIAR, pois ali todo mundo que veio de um cantinho do Brasil – nos primeiros instantes de evento – se aglutinou em uno, em coletivo, vibrando em uma frequência infanceira. Nesse lugar, não estava mais ali só o Leandro adulto, mas também o Leandro criança, o menino Leandro, ou o Junior, como minha família e as pessoas mais próximas me chamam desde pequeno. Ali, senti-me evocado em completa inteireza e habitado pela criança que ainda permaneço sendo, mesmo tendo fiado já tanta vida, atravessado tantos anos-existência. A minha infância se fez presente naquele espaço, com aquelas pessoas, com aquela voz (e, depois, vozes), entoando uma melodia desconhecida, até então, por mim. Com isso, fazendo essa reflexão-escrita, lembro de um desenho que fiz ano passado e que, olhando para ele agora, parece exprimir o que senti com o corpo todo.

Imagem 2: Do coração fértil germina vida.



Fonte: Desenho do autor (2025).

Quando o coração está cheio de vida e de afeto, quando o espaço-tempo habitado nos impele à presença de si com o outro, quando a arte – em suas diferentes formas e expressões – nos atravessa, corpo e mente, por inteiro, há algo que se descortina, que brota: um sentimento, uma palavra, um movimento, um olhar, um germinar, uma catalisação de algo novo, nascida de uma experiência que fez sentido e reverbera em nós uma potencialidade presente e futura. Aquilo que se transmuta no vivido (passado) pode sustentar novas possibilidades – caminhos e travessias, dentro (imersão) e fora (emersão), no aqui (presente) e no depois (futuro). Assim, como nos elucida (Larrosa, 2019): quando o sujeito da experiência se permite ser passivo, com a capacidade de ser afetado em sua integralidade, há aqui uma abertura para a transformação e uma ampla mobilização dos sentidos e das percepções sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, permeando diferentes tempos.

Nesse estado de plenitude, suspensão, atravessamento, ebulição, sublimação e reflexão profunda, a dimensão autobiográfica aflora. Esse broto surgido e sentido pela experiência, busca se referenciar, se conectar, se vincular ao já conhecido, às memórias e às lembranças guardadas em nossa bagagem experiencial, sedimentadas ao longo da trajetória de vida. Com isso, novas significações e ressignificações vão se coadunando, oferecendo ao sujeito da experiência perspectivas, conhecimentos, significados, saberes, entendimentos e compreensões até então incipientes. Nesse contexto, um estado de presentificação plena se faz ser e existir em completude, entre o eu-ontem, o eu-agora e o eu-amanhã. Aqui, um novo sentir-pensar é (re)formulado.

A partir dessas reflexões, lembro-me de um trecho do livro *A escrita como faca e outros textos*, da escritora francesa Annie Ernaux, quando diz que somos

> [...] uma soma de experiências, também de determinações, sociais, históricas, sexuais, de linguagem e em contínuo diálogo com o mundo (do passado e do presente), o que, juntando tudo, resulta necessariamente em uma subjetividade única. Mas utilizo minha subjetividade para encontrar, desvelar mecanismos ou fenômenos mais gerais, coletivos (Ernaux, 2023, p. 52-53).

Como ela nos faz refletir, a nossa subjetividade é um constructo de contextos (espaços, tempos e relações) e de fatores (culturais, sociais, econômicos etc.), concebidos no coletivo-encontro, na relação com o outro e com o derredor. Nessa via, há a possibilidade de uma compreensão inversa, pois, por meio da minha subjetividade, também consigo compreender os fenômenos universais que vão sendo descortinados perante mim e/ou constituídos com a minha presença. Dessa maneira, esse pensamento faz emergir, em minha mente, o paradigma do singular-plural, conceito criado pelo sociólogo Franco Ferrarotti (2014), importante referência para os estudos e as pesquisas na abordagem autobiográfica. Ele nos diz que, a partir de uma única

história de vida, podemos acessar um coletivo, um agrupamento, uma compreensão de uma sociedade.

Por sermos seres sociais, tecemos experiências com o outro, em um eterno compartilhamento do mundo; passamos por vivências semelhantes, nas quais sentidos e percepções vão sendo construídos. Todavia, o que nos difere é o modo como os atravessamentos se dão em nossa corporeidade, como tudo isso ressoa em mim. Assim, compreende que o "que sou" e o "que sou coletivo" se tornam uma amálgama, uma profunda fusão. A minha singularidade atravessa o meio e a experiência que pulsa no meio me atravessa, intercambiando e oportunizando reflexões únicas e sentidos e significados brotados nessa fértil relação entre o eu-espaço.

É com essa ideia que considero a minha narrativa aqui – sobre o momento da dança circular e outros *frames* do III Rodas que trarei adiante – um **fio plural** (eu-tecido), que foi sendo alinhavado a partir do modo como me foi atravessada essa experiência. Nessa tessitura, busco trazer um olhar com/sobre/do coletivo: um coletivo vivo que foi mobilizado pela mesma fagulha de tempo, evocando retratos de vivências compartilhadas. Estas continuam reverberando e fazendo morada em minhas memórias, pois, no exercício da escrita deste texto, preciso evocar esses *frames* de tempo guardados em minha bagagem – em minha canoa que navega e guarda vida – para materializar em palavras, histórias, lembranças, narrativas, desenhos, poemas, imagens e percepções construídas no espaço-tempo poético do III Rodas do FIAR.

Entretanto, com toda certeza, cada um/uma que esteve presente na ciranda, e/ou durante todo o evento, sentiu e se envolveu em círculo de alguma forma. Dessa maneira, o que busco, a partir das reflexões descritas neste texto, não é trazer um retrato fiel do que ocorreu, já que o meu testemunho, por mais que represente um momento coletivo, nunca conseguirá abarcar os outros atravessamentos particulares que se sucederam com os outros dançantes-parceiros que estiveram comigo naquele momento ou que participaram de todo o evento. Mas, ao trazer minha voz-narrativa-palavra, consigo carregar e

trazê-los comigo, em sentimento e em texto, fazendo com que o singular-plural se revele nessa permanente relação entre o eu-outro, o eu-tu (Buber, 2001).

Agora, com essas reflexões, poemas, desenhos e textos pensados até aqui, irei resgatar memórias, *frames*, do momento em que houve a mesa "*A minha história é talvez igual a tua*: narrativas de pesquisas de lá e de cá", na qual três pesquisadoras e um pesquisador, do FIAR e do DIAFHNA, puderam colocar os seus trabalhos acadêmicos em roda, em discussão com toda gente presente no evento.

Um encontro entre abelhas, caminhos, territórios, docências e infâncias

Aqui, em Fortaleza, um convite me chegou, da minha amada mestra Luciane Goldberg (Luh), que, naquele momento, residia em Niterói para seu pós-doutorado. Nesse fio que nos liga e transpassa distâncias, fui chamado para uma mesa no evento do III Rodas, que fazia circular pesquisas do Rio de Janeiro e do Ceará na companhia de outras três mulheres – duas fiandeiras (Laís Vilela e Simone Bibian) e uma diafhieira (Janice Débora) – para compor um momento de trocas e diálogos humanos, acadêmicos, poéticos e sensíveis. Assim, um grupo de pessoas de Fortaleza, pertencente ao grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), que também foi evocado à presença no III Rodas, começou a se mobilizar em par, em coletivo, rumo a esse tempo-futuro que agora é passado, mas que habita ainda em nós.

Um enxame de ideias, escolhas de passagens e hospedagens, passeios e itinerâncias pela cidade fluminense começou a se propagar em nossas mentes, em nossos corpos e em nossos corações, pois, além de podermos rever nossa Luh – porque a saudade já apertava – iríamos vivenciar um momento muito bonito de união, troca e aglutinação com o grupo da professora Luciana Ostetto, do grupo FIAR, como já relatado um pouco na primeira seção deste texto.

A partir daí, muitos sentimentos germinaram; trocas já começaram a ser feita entre Niterói e Fortaleza, projeções do possível começaram a ser pensadas e articuladas; e as crianças-abelhas, parceiras ativas e protagonistas na construção de minha pesquisa, começaram os seus "zunzunzuns" novamente em meus ouvidos, já que cada oportunidade de trazê-las à tona, ao diálogo, ao encontro com outras pessoas, é uma maneira de honrar suas existências poéticas, suas expressões sensíveis, cheias de devires, autobiografias e sublimidades, que foram exercidas com tanta presença, autoria e criatividade. Assim, coloco esse desenho que fiz, e que está presente em minha dissertação[2], no qual busquei representá-las em arte, grafismo e cores.

Imagem 3: As crianças-abelhas da pesquisa.



Fonte: Dissertação do autor (2024).

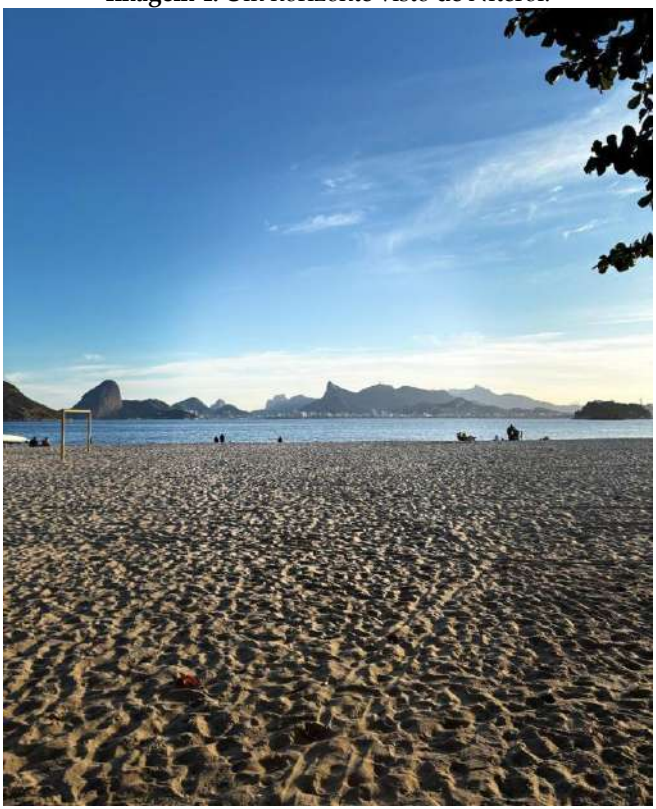
[2] A dissertação intitulada *As linguagens poéticas das crianças na educação infantil: seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos*, de autoria minha, orientação da Profa. Dra. Ana Frota e coorientação da Profa. Dra. Luciane Goldberg, está disponível, integralmente, no seguinte link: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77341.

Dessa maneira, fui revisitando meu texto, refazendo minha apresentação, revendo imagens e registros da pesquisa e do dia da defesa. Nesse contexto, (re)nutri-me com todo o mel poético que busquei materializar em texto acadêmico, em pesquisa, em estudo, em imagens e apontamentos, em desenhos, em fotografias, em narrativas (as minhas e as das crianças), em música e em poemas. Aqui, uma (re)abertura se fez morada, abrindo favos cheios de doçura e reflexões, lambuzadas de experiências presentes no trabalho concluído, mas que ainda reverberam em mim e recebem convites oportunos para partilhá-las.

Confesso que falar sobre o vivido no campo presente da fala, como em um evento, é, por vezes, desafiador para mim, pois a timidez me impele a entrar em uma concha, na qual a palavra-voz – escondida em aconchego – prefere ficar guardada em pensamento e em coração. Porém, como as crianças-abelhas me ensinaram, é preciso habitar o mundo, ziguezagueando presença, diálogo e partilha, em que a dimensão poética do ser nos oportuniza ser mais, ser mais humanamente doces em coletivo, em encontro, em DIAFIAR – nome criado durante o evento, no qual houve a junção entre as siglas dos dois grupos de pesquisa. Por isso, com elas, deixei que as amarras do silêncio tímido se dissolvessem, abrindo caminho para a manifestação de vida, de corpo, de fala, constituídas em pesquisa, e que iriam ser compartilhadas nesse evento, com pessoas repletas de sensibilidade, abertura e afeto.

Já em Niterói, habitando e sentindo os ares da terra de Araribóia, fui atravessado por cor, sol, folhas, flores, céu e mar. Parecia que a cidade penetrava em meus sentidos. Os cheiros, as visualidades, as luzes, as pessoas e os caminhos iam me sensibilizando e me ajudando a conhecer esse lugar cheio de beleza e encanto. Compartilho, em seguida, o primeiro registro que fiz quando cheguei, com a diafhieira e amiga Paloma Almeida, à Praia de Icaraí.

Imagem 4: Um horizonte visto de Niterói.



Fonte: Fotografia do autor (2025).

A partir de então, deixei-me aberto aos momentos inaugurais que foram brotando no dia a dia dessa cidade, com a comitiva de Fortaleza, que chegou pouco a pouco, e com o grupo de pessoas que constitui o FIAR, que nos recebeu com muito acolhimento, alegria e amorosidade. Com a junção desses grupos, durante o III Rodas, um estado de amizade se firmava e se tecia entre abraços, sorrisos, trocas, conversas, festejos, danças, cantos e, principalmente, presença afetuosa e receptiva. Assim, passado o primeiro dia de encontro, no qual atravessamos experiências imersas em poesia, apresentações dos grupos de pesquisa e festejos – sempre de maneira sensível e coletiva –, o momento da mesa em que iria dividir com as meninas se aproximava.

Na quinta-feira, no período da tarde, era chegado o instante do tempo para fiar este momento. No caminho, recebi um presente: um convite do tempo para parar e fitar o que se apresentava à minha frente. Já no campus de Gragoatá, na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde ocorreu o evento, peguei um caminho e me deparei com um canteiro cheio de flores laranjas. Entre elas, uma abelha voava. Coincidência ou não, para mim, foi um presente da vida, como uma maneira de afirmar presença, a presença da essência da minha pesquisa, das crianças-abelhas. Fiquei alguns minutos parado, olhando para ela e buscando fazer alguns registros, como poderemos ver no mosaico a seguir:

Imagem 5: Mosaico do encontro com a abelha.



Fonte: Fotografia do autor (2025).

Aqui foi mais um dos instantes do evento que me marcou. Parecia-me que algo maior, sublime, oculto, místico e/ou predestinado me lançava um sinal. A hora de partilhar as linguagens poéticas das crianças que participaram da minha pesquisa estava chegando. A timidez e o receio de falar deram abertura ao que se colocava à minha frente; aquela abelha, no campo do real, fez-me sentir algo. Lembro que senti a necessidade de encontrar-me em um estado pleno de alumbramento com aquele serzinho voando entre aquelas pétalas alaranjadas, fazendo-me recordar de tanto mel poético cultivado e nutrido com as cinco

crianças que exerceram suas maneiras únicas de ser e existir poeticamente no mundo. Com tudo isso, palavras me chegam.

Abelhar
O mundo não para
As abelhas veem
O calar se faz morada
E o olhar as detém
***
Meu corpo se atravessa
Com laranja e amarelo
Penso: para quê tanta pressa?
Aqui me sinto em elo
(Poema do autor)

Com esses dizeres poéticos, também me sinto **em lembrança** de nosso querido poeta brasileiro Manoel de Barros, quando nos diz que "[...] prezo insetos mais que aviões [...]" (2018, p. 25). Entendo que, por meio da minha pesquisa, de fato, senti mais apreço pelas coisas miúdas do chão – as desimportantes, as ordinárias e cotidianeiras –, pela vida "insetal". É nesta que a beleza do oculto no pequeno demonstra toda a sua potência e oportunidade de se ampliar e se expandir. É com essa perspectiva que compreendo a minha pesquisa. No simples, pode-se encontrar mel; na escuta, pode-se encontrar casulo/abrigo. Assim, ao considerar importante a escuta dos pequenos, em sua integralidade, novas aberturas e devires podem despontar. Por essa razão, quando uma criança me perguntou, no primeiro dia de pesquisa, "o que aconteceu com o seu dedo cortado?", levando-nos por entre conversas sobre cortes, primos picados por mosquitos e abelhas, pisadas em pregos e vidros, sobre abelha picar, ter ferrão e pegar o pó das flores, é que minha pesquisa pôde construir caminhos investigativos, sublimes, autobiográficos, fenomenológicos e acadêmicos.

Dessa maneira, o encontro com essa pequena abelha, no caminho para o evento, mobilizou-me e fez-me recordar esse momento germinal do mote estético-poético da minha pesquisa, momento este que considero a "virada de chave", o real

compromisso com as crianças e as infâncias que atuaram em parceria comigo na pesquisa. Foi a partir delas que esta se deu de forma imbricada e repleta de sentido, de vida, de memórias e de histórias. Com meu dedo cortado, meninos e meninas lembraram-se de cortes, machucados e picadas de abelhas e mosquitos. Assim, uma porta se abriu – ou melhor, uma colmeia, cheia de enxames-ideias –, dando espaço para habitar e criar outras experiências em que "abelhices" pudessem permear as possibilidades futuras de vida e de pesquisa.

Dessa maneira, com a abelha no meio do caminho, vejo o quanto tudo vai se conectando, se ambientando e me fazendo rememorar sentidos e significados que permearam toda a minha construção enquanto professor-pesquisador-apicultor, buscando acessar e compreender as linguagens poéticas, polinizadoras e potentes das crianças que fizeram parte de minha itinerância acadêmica e pedagógica.

Seguindo para o espaço onde ocorreria a mesa do pesquisador e das pesquisadoras sobre suas pesquisas fiandeiras e diafhieiras, tivemos a mediação do nosso querido prof. Dr. Alexandre Santiago, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), assim como a Luciane, e componente do nosso grupo DIAFHNA. Aqui, tivemos uma feitura sensível, em que Janice, Simone, Lais e eu pudemos intercambiar nossas narrativas e nossos estudos, frutos de jornadas intensas e repletas de estesia, escuta, caminhos, espaços educativos e culturais, crianças, docências, territórios, educação infantil, linguagens poéticas e formação estética, entre outros.

Assim, após as falas de Simone, as quais trouxeram a relação entre a docência, a infância e os espaços museológicos; as de Janice oportunizam acessar as narrativas de professoras sobre suas infâncias e culturas infantis na serra, no sertão e na cidade; e as de Lais, que nos leva por suas trilhas estéticas constituídas na zona leste paulistana, pude compartilhar com as pessoas presentes as itinerâncias linguageiras e poéticas que cinco crianças-abelhas zanzaram e permearam durante minha pesquisa. Aqui vai um registro desse momento:

Imagem 6: Mosaico da partilha das pesquisas.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Partilhar este instante com pessoas de corações tão sensíveis, foi muito bonito e sentido. Assim, nesse contexto, pude falar de como minha dissertação foi construída, em parceria com as meninas e os meninos que compuseram comigo a pesquisa, como poderemos ler nos próximos parágrafos, tecendo um fio do roteiro que pautou minha apresentação.

Com o desejo de investigar como as crianças constituem suas expressões/linguagens poéticas, termo criado pela atelierista Vea Vecchi (2017), quando se refere às manifestações humanas que tocam o estético e o sensível, como o desenho, a dança, a fotografia e a música, entre outros, pude, junto a Maitê, Johanna, Thiago, Hemily e João, vivenciar semanas de pesquisa, nas quais elas manifestaram suas expressões poéticas, individuais e/ou coletivas, nos diferentes espaços da sala de referência e da escola, por meio de diversas materialidades e experiências constituídas no cotidiano da educação infantil, em uma instituição pública do município de Fortaleza-CE.

Durante minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica, o interesse de me debruçar e entender a importância de sermos

sujeitos-no-mundo, nos quais se possa exercer todas as nossas possibilidades e potencialidades poéticas, artísticas, lúdicas e estéticas de existir e de se presentificar consigo mesmo, com o outro e com o derredor. Porém, por vezes, o que acontece durante o nosso processo de escolarização é justamente o contrário, pois, à medida que vamos passando de um ano para o outro, as dimensões poéticas (pintar, brincar, dramatizar, cantar, assobiar, sentir, abraçar, fotografar, tocar, escutar, desenhar e etc.) vão perdendo lugar para linguagens mais comumente consideradas mais valorizadas, como a escrita, a leitura e a matemática (Iavelberg, 2017). Nesse contexto, cria-se uma hierarquização entre linguagens, na qual aquelas mais ligadas à estesia e à poética de expressar-se são marginalizadas.

Por isso, enquanto estudante que teve, em sua infância, as linguagens poéticas silenciadas, como professor da Educação Infantil busquei favorecer, às meninas e aos meninos que chegavam até mim, o exercício pleno de suas dimensões poéticas de vida, considerando todas as múltiplas linguagens com a mesma importância, sem favorecimento a nenhuma delas. Dessa maneira, com essa postura, entendo que os processos de escrita, de leitura e os matemáticos são um direito de acesso e de exercício da criança, mas que devem ter o mesmo lugar de relevância quanto a esculturação, o desenho e a brincadeira.

Assim, os momentos de roda de conversa, das experiências diversificadas, das acolhidas e do parque proporcionaram campos férteis para eu atuar com uma postura fenomenológica (Frota, 2010) e para acessar e identificar as expressões poéticas exercidas pelas cinco crianças que fizeram parte desta pesquisa. Para isso, utilizei caminhos éticos, como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), disponibilizado aos responsáveis pelas crianças, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), direcionado às próprias crianças. Este último foi confeccionado em formato de livro, que criei e ilustrei, sob o título *O menino grande Leandro*, no qual elaboro todo um diálogo explicativo para que as

crianças, convidadas a participar da pesquisa, tivessem acesso à proposta de estudo de maneira mais lúdica, aberta e estética.

Assim, durante as quatro semanas de pesquisas, que intitulei de episódios, o processo em campo se debruçou sobre: 1) realização de autorretratos com elementos naturais; 2) estudo da literatura científica das abelhas e a pintura sobre o seu reino; 3) esculturação com argila das casas colmeias das abelhas; e 4) criação da brincadeira pega-abelha e do desenho mágico. Em cada episódio, tivemos três atos, três momentos: o primeiro era o dia da experiência; o segundo, o dia da documentação pedagógica da experimentação; e o terceiro, o dia do diálogo sobre o momento vivido, com os painéis documentativos, junto às cinco crianças.

Esse período foi de completa imersão nos diferentes modos que o grupo participante exerceu poeticamente na vida, no mundo, na pesquisa. No acesso a seus diversos modos de se manifestar, pude ter contato com suas narrativas sublimes, autobiográficas e polinizadoras, mergulhando em suas singularidades, lembranças, memórias e histórias de vida, trazendo uma dimensão existencial e humana da infância no trabalho constituído. Ao escutar as crianças, pude me colocar em um lugar de diálogo e troca profunda, em que os sentidos e os significados atribuídos por elas, poeticamente, tiveram sua validação, presença e reflexão. Foram os seus dizeres-sensíveis que costuraram e permearam a dimensão dialógica do texto, pois foi por meio dessa cultura do encontro horizontal entre criança-adulto que pudemos criar um espaço narrativo de diálogo, em que houve a oportunidade de artesanear palavras, o que intitulei de Ateliê Dialógico com Crianças (ADC), um dispositivo de pesquisa e escuta com crianças. Esse lugar da conversa foi o momento, o ato, da partilha e do diálogo, das documentações do vivido, como já mencionei anteriormente. Desse modo, de forma sucinta, minha pesquisa buscou e encontrou

> [...] as linguagens poéticas, por meio das asas das crianças-abelhas que foram férteis no exercício de seus modos poéticos de se presentificarem no mundo. Com Thiago, Johanna, João, Maitê e Hemilly, atravessei meses intensos e sensíveis que já se eternizam na minha história de vida. Fecho os olhos agora

> e as vejo voando em busca de mel para nutrirem suas existências. Abro os olhos e testemunho, do parapeito da janela da casa de alvenaria da escola, elas correndo, brincando, fugindo e rindo. Como é bom viver perto das crianças, estando suscetível a entrar nas suas trilhas sublimes, autobiográficas e poéticas (Pereira-Junior, 2024, p. 272).

Assim, durante a mesa do III Rodas, pudemos confluir saberes repletos de significados únicos, externados em cada pesquisa apresentada, mas que, em roda, puderam coexistir em um tempo presente, dialógico e de trocas. Desse modo, encharcado de mel e sob as asas das abelhas, fecho este texto, cheio de memórias alinhavadas durante o III Rodas do FIAR, que me proporcionou partilhar um pouco dessa pesquisa que ainda reverbera pensamentos e mobiliza corações. Agradeço pela oportunidade de estar, por dias, em Niterói diafiando com tantas pessoas incríveis e potentes. Assim, aqui em Fortaleza, onde dedilho essas últimas palavras, desejo finalizar estas-memórias com um desenho que fiz há poucos dias.

Imagem 7: Menino-abelha.



Fonte: Desenho do autor (2026).

Referências

BARROS, M. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

ERNAUX, A. **A escrita como faca e outros textos.** São Paulo: Fósforo, 2023.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida:** o método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

FROTA, A. M. M. C. O rigor na pesquisa fenomenológica de orientação heideggeriana. *In*:SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 4., 2010, Rio Claro. **Anaiseletrônicos […].** Rio Claro: SIPEQ, 2010. Disponível em: https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/11.pdf. Acesso em: 8 maio 2024.

IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança:** prática e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2017.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PEREIRA JUNIOR, L. **As linguagens poéticas das crianças na Educação Infantil:** seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos. 2024. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia:** explorando o papel e a potencialidade do ateliê da educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

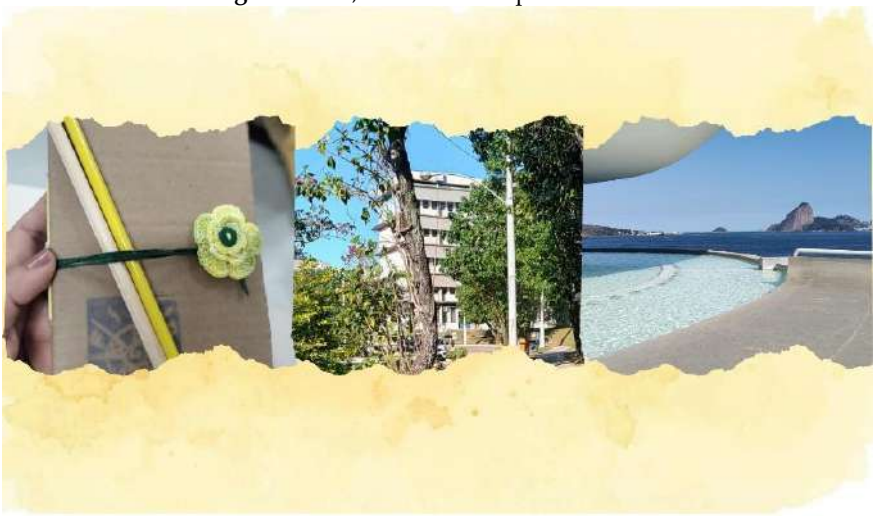
.12.

Tecendo diálogos no III Rodas do FIAR: narrativas (auto)biográficas de professores crianceiros sobre suas experiências com as culturas infantis

Janice Débora de Alencar Batista Araújo

Do Ceará trouxe baús de recordações
Repletos de histórias de vida
De professoras e professores crianceiros
Brincantes
Acreditam na educação e na arte
Necessária a formação e a vida
Ao atravessar a baía
Chegar a Niterói
E na arte do encontro
Fios, bordados, tessituras
Flores de crochê
De afetuosas fiandeiras
Que tecem conhecimento, experiências
Educação e arte em diálogo
Guiadas pela mão e o coração
Os diafhinados entraram na roda
E nessa circularidade
Tecemos juntos
Narrativas, conhecimentos
Arte e vida.
(Poesia da autora)

Imagem 1: Fiar, UFF e Niterói pelo meu olhar



Fonte: Acervo da autora (2025).

De quando tudo começa: encontro e travessias

Eu já havia visitado a cidade do Rio de Janeiro algumas vezes, a passeio ou para participar de eventos em educação. Ao longe, ficava a admirar a grande ponte Rio-Niterói e sentia, em meu ser, que deveria realizar essa travessia, conhecer aquela cidade que, de longe, me encantava. No entanto, diante de tantos compromissos, em apenas uma semana de estadia, eu não conseguia chegar a Niterói. Entretanto, os desejos e os sonhos nos acompanham e seguimos almejando realizar o que "a alma deseja", como bem diz Belchior. Acredito na força dos encontros, nos desejos que são fortemente pensados entre sonhos e realidade, almejando conhecer coisas, lugares e pessoas que me inspiram e que me fazem ser-mais. Desde o início da minha trajetória docente na Educação Infantil, os escritos, ideias e concepções da Professora Luciana Ostetto me inspiraram, contribuíram para minha formação e me acompanharam durante minha trajetória docente.

No percurso do Doutorado, pensei na Professora Luciana Ostetto para compor a banca para a minha qualificação: Será que

seria possível? Criei coragem e entrei em contato, logo tive minha mensagem respondida de forma interessada e acolhedora. Convite aceito, eu vibrei de alegria e entusiasmo. Durante a qualificação, juntamente a minhas orientadoras, professora Ana Maria Frota e Luciane Goldberg, ouvimos com atenção e acolhemos com carinho as contribuições da professora Luciana e ficamos felizes com a proximidade dos nossos estudos e com os modos crianceiros de existir e conceber a educação, a arte e a vida.

No ano de 2025, a convite do FIAR e da nossa querida Lu Goldberg, a qual estava realizando pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF), estivemos com toda a gente fiandeira do Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR) e o grupo Dialogicidade, Narrativas e Formação Humana (DIAFHNA) para o III Rodas do Fiar, ou seja, um encontro para "DIAFIAR", tecendo diálogos sobre nossas pesquisas, conhecimentos produzidos nos grupos, tendo a poesia, a música e a arte como parceiras, impulsionadas a pensar outros modos de habitar o território acadêmico. Parafraseando a professora Luciana Ostetto, em comunhão, unimos "cabeça e coração, pensamento e sentimento, cognição e afeto", é nessa integralidade do ser-mais que também acredito, pois em tempos aligeirados de tanta produtividade e de excesso de (des)informação estar em coletivo, pensando outras possibilidades de ser e existir, é um ato de resistência. De mãos dadas, entramos para a roda fiandeira em diálogos, um encontro profícuo entre grupos de estudos, que se relacionam por suas essências em realizar pesquisas de caráter (auto)biográfico, com arte e em diálogo com a educação.

Embalados pela música do conterrâneo Belchior, bonecas de pano, cestos com linhas, novelos de lã, florzinhas de crochê e bandeirinhas de São João, tão brasileira, tão nordestina, encheram meus olhos de beleza e cor. Senti-me em casa! Convidada a partilhar uma mesa de grande potência com meu amigo de grupo Leandro Júnior e duas grandes mulheres professoras pesquisadoras Simone Bibian e Laís Vilela, mediados pelo querido professor-artista Alexandre Santiago, tecemos e compartilhamos

juntos as "narrativas de lá e de cá". A fala insiste. Você me ouvirá? É uma pergunta inquietante e oportuna, pois acredito que é necessário ouvir professoras e professores, evidenciar as suas vozes, a experiência narrada daqueles que, juntos com as crianças, são o coração da Pedagogia.

Eu venho das dunas brancas[1] e trago narrativas da cidade, da serra e do sertão de professores crianceiros

Na cidade, na serra, no sertão: narrativas (auto)biográficas sobre experiências de docentes da Educação Infantil com as culturas infantis (Araújo, 2024) é uma tese de doutorado que teve como principal objetivo compreender como as experiências com as culturas infantis de professores da Educação Infantil (EI) se expressam em suas narrativas (auto)biográficas. Os participantes da referida pesquisa foram três professoras e um professor crianceiros da Educação Infantil – Damares, Diana, Januária e Júlio, todos atuantes na rede pública municipal de Fortaleza, Ceará. Eles se reconhecem crianceiros, professoras e professor brincantes, pois defendem a brincadeira como necessária e propulsora de desenvolvimento, expressão cultural e social das crianças em relação às quais são professores.

Neste estudo, meu principal desejo era realizar uma pesquisa *com* professores e não *sobre* eles, escutar suas vozes, suas trajetórias de vida e formação.

Metodologicamente, o estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, no campo da pesquisa (auto)biográfica em educação, perspectiva que envolve uma postura subjetiva, ética e política de respeito à história de vida das pessoas, da "vida que busca entrar na história" (Pineau, 2006, p. 337), que precisa ser narrada e compreendida em sua existência.

O autor discorre sobre o movimento biorreflexivo (biográfico, autobiográfico e relatos de vida) como "[...] uma arte poderosa de

[1] Terral (1970), composição Ednardo

autoformação da existência ao contrário de submissão, conforme permite ou não aos sujeitos apropriarem-se do poder de refletir sobre suas vidas e, desse modo, ajudá-los a fazer delas uma obra pessoal" (Pineau, 2006, p. 329). Segundo as ideias do referido autor, a vida que busca entrar para a história não é somente de notáveis, mas daqueles que tomam as rédeas de sua existência e de suas histórias. Essas reflexões elevam os sujeitos ao palco da história e a atores e atrizes principais das cenas e dos enredos de suas existências.

Entendemos que os sujeitos produzem conhecimento sobre si, sobre o conhecimento e suas trajetórias, e que, por meio da reflexividade biográfica, são capazes de teorizar e historicizar sobre suas trajetórias. Isso é o que salienta Passeggi (2011, p. 147), quando afirma que, "ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se".

Souza (2011), pesquisador com vasta experiência na pesquisa (auto)biográfica com professores e seus processos formativos, diz que a vida e a profissão estão imbricadas pelas narrativas. Segundo ele, narrar sobre as trajetórias permite ao sujeito

> [...] selecionar lembranças de sua existência e, ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas (Souza, 2011, p. 213).

Durante a pesquisa, foi perceptível o envolvimento das professoras e do professor, pois, a cada narrativa, eram realizados momentos de reflexão sobre suas histórias de vida, suas infâncias, as relações com os adultos e com os territórios (cidade, serra e sertão) em que viveram suas experiências com as culturas infantis, refletindo sobre como essas experiências repercutiram em suas trajetórias formativas e docentes. Cumpre destacar que a pesquisa (auto)biográfica com professores é geradora de momentos formativos, nos quais, pela narrativa, o sujeito reflete sobre si e suas trajetórias de vida e formação.

Desse modo, trouxe para Roda fiandeira as compreensões e experiências com as culturas infantis de três professoras e um professor crianceiros, por meio de suas narrativas biográficas, vividas na cidade, na serra, no sertão, na companhia de seus pares e adultos referências, a saber, pais, avós e professores. Essas experiências reverberaram nas suas escolhas formativas e nos docentes que se tornaram. Como os quatro professores, trago os modos de ser e brincar de diferentes infâncias cearenses, suas histórias de vida e formação que são apresentadas a partir de suas narrativas. Importante dizer que essas infâncias continuam presentes como um modo de ser e estar no mundo, influenciando as escolhas, concepções e práticas pedagógicas desses professores. Vamos juntos conhecê-los!

Do singular ao plural: narrativas sobre as experiências com as culturas infantis

Imagem 2: Baús de recordações das infâncias



Fonte: Tese da autora (2024).

Adentramos nas histórias de vida de Damares, Diana, Januária e Júlio, que foram produzidas a partir dos dispositivos das *entrevistas narrativas*, ancoradas no método sistematizado pelos

autores Jovchelovitch e Bauer (2008), uma proposta sistemática que evidencia a perspectiva do informante, que utiliza sua própria linguagem na narração para contar os acontecimentos. A partir de uma questão-convite por mim elaborada, a qual convidava as professoras e professor a *lembrar das brincadeiras, aromas e sabores da sua infância..., pedi então que contassem como essas experiências os acompanham desde a infância aos dias de hoje.* Esse convite nos possibilitou conhecer as culturas infantis vivenciadas pelos professores crianceiros.

Junto às narrativas, trouxe para o III Rodas do Fiar baús repletos de objetos-recordações referências, carregados de sentidos e experiências que os atravessaram. O dispositivo *"baú de recordações das infâncias"* foi outro instrumento metodológico criado para suscitar as narrativas autobiográficas das professoras e do professor. No desenvolvimento da pesquisa, propus aos docentes que pensassem e coletassem "objetos-recordações", significativos e afetivos, com propósito de avivar as lembranças da infância e/ou de fatos marcantes das infâncias e de suas histórias de vida. O baú de recordações é inspirado no conceito elaborado por Josso (2010, p. 37) de "recordações-referências", elemento simbólico acionado pelo narrador constitutivo de formação e de suas histórias de vida. As recordações-referência, segundo a autora, significam

> [...] uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores. [...] São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo [...] (Josso, 2010, p. 37).

Portanto, as recordações-referências podem ser qualificadas como uma experiência formadora, um acontecimento existencial e simbólico. As experiências, segundo Josso (2010), além de formadoras, podem ser ilustradas e descrever uma ideia, uma experiência afetiva, situações, acontecimentos, uma atividade ou um encontro, "são diferentes formas de falar de mim, das minhas

identidades e da minha subjetividade", sensibiliza-nos a autora (Josso, 2010, p. 37).

E, por fim, o dispositivo *"narrativas em roda"* formaram fios que ajudaram a tecer as narrativas das professoras e do professor participantes e tiveram como objetivo específico apreender os sentidos que os professores atribuem às culturas infantis na sua trajetória docente, aproximando suas experiências e vivências com as culturas infantis, com os docentes que se tornaram.

Para o processo de análise da interpretação das narrativas, utilizei a transcriação inspirada em Meihy (1991, p. 32), a qual sugere um fazer cuidadoso, inclusive no "sentido poético"; implicando "evidenciar o narrador em sua essência maior". Os temas foram organizados em quatro grandes temáticas e em "chaves de leitura", procedimento de análise das narrativas que também foi utilizado por Motta (2022, p. 9) e é descrito e utilizado em sua pesquisa, a qual permitiu "traçar interpretações e considerações, ampliando o diálogo e a compreensão de pontos definidos como essenciais na temática pesquisada".

Das muitas leituras e textualização emergiram das análises e do processo de transcriação do material biográfico, quatro grandes temáticas, a saber: (1) narrativas brincantes; (2) narrativas sobre culturas infantis compartilhadas com os adultos; (3) narrativas sobre educação, arte, cultura popular e infâncias; e (4) narrativas sobre os sentidos docência na EI.

Narrativas brincantes: "a sombra da árvore ainda me encanta"

Ao iniciar as narrativas, as primeiras memórias narradas pelas professoras e pelo professor foram as memórias da infância e das brincadeiras vividas, criadas e imaginadas. Uma forte referência em nossa vida e nas dos participantes, que aparece no decorrer de toda a narrativa, de forma cíclica, perene e afirmativa, concernente com o que expressa Lia Luft (2003, p. 9), é a ideia de que "a infância é o chão no qual caminharemos o resto de nossos dias".

As narrativas na e com a natureza marcaram, de forma significativa, as narrativas brincantes da professora Damares. Ao narrar sobre sua infância em uma cidade no sertão do Ceará, a referida docente falou sobre as brincadeiras à sombra de uma árvore. Em seu baú de recordações, ela trouxe saquinhos com elementos da natureza (areia, galhos e folhas) para representar como esses elementos trazem lembranças significativas e sensoriais – a natureza era o cenário das suas brincadeiras. Sobre isso, a professora nos conta:

> A sombra da árvore ainda me encanta. Os gravetos, as folhinhas e rosinhas pequenininhas... os gravetos lembro de riscar no chão, as folhas secas que eu pisava e tinha aquela sensação, na verdade, aquele som quando a gente pisava ia crescendo e isso e fazia bem (risos) Lembro que, quando eu chegava da escola (eu estudava pela manhã), aí eu almoçava e, no quintal da vizinha, tinha uma árvore muito grande, e meio-dia era muito quente e o meu refúgio era essa árvore, a gente pegar a terra, molhar, fazer comidinha. (Prof.ª Damares).

> Eu lembro que, quando eu chegava da escola (eu estudava pela manhã), aí eu almoçava e, no quintal da vizinha, tinha uma árvore muito grande, e meio-dia era muito quente e o meu refúgio era essa árvore. Eu chamava uma amiguinha (o nome dela era Francisca) e nós brincávamos embaixo dessa árvore de fazer comidinha, e eu passava horas e horas embaixo dessa árvore brincando com ela... A gente pegar a terra, molhar, fazer comidinha, e eu não percebia a quentura do sol do meio-dia, o que eu percebia mais era o vento, o balançar das árvores, era fresquinho e uma das brincadeiras era essa (Prof.ª Damares).

As brincadeiras *com* e *na* natureza emergiram nas narrativas dos participantes como elemento central das suas infâncias e expressão plena das culturas infantis, vividas pelas professoras e pelo professor. Em todas as narrativas, as brincadeiras *na* e *com* a natureza aparecem com toda sua beleza, afetividade, criação e muitas interações com os pares e elementos naturais, como: terra, folhas, sombra das árvores, flores, água e fogo. Esses elementos aparecem em todo o seu potencial heurístico.

Damares relata muito do contexto em que vivia, das sensações que a natureza lhe proporcionava e que a acompanham até hoje. O quintal era o lugar para a criação e de muitas invenções brincantes, das primeiras misturas alquímicas de terra e água, de pisar nas folhas secas e sentir o vento bater no rosto.

Os estudos de Piorski (2016, p. 19) sobre a materialidade do brinquedo e o gesto de brincar, que se fazem na brincadeira, revelam que a relação das crianças com os quatro elementos da natureza é fonte de expressão, na qual é possível "detectar linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades do brincar associadas a esse inconsciente natural que mora no imaginar e, constantemente, se mostra no fazer das crianças". Uma experiência vital e de conexão das crianças com a natureza, a criação no momento da invenção, prazeroso e repleto de recordações sensoriais, lugar onde as crianças atravessavam os seus "rios inventados" (Barros, 2013, p. 14).

As brincadeiras também eram compartilhadas e ensinadas às crianças, pelos adultos, uma recordação-referência muito lembrada pelos professores Diana e Júlio, uma dimensão importante da cultura infantil, vejamos, na próxima seção, o que narra a professora Diana.

Narrativas sobre as culturas infantis compartilhadas com os adultos: "era uma avó muito doce, alegre, usava flor no cabelo"

A presença e a participação de pais, professoras e, principalmente, avós foram muito marcantes nas narrativas das professoras e do professor crianceiros. A cultura intergeracional, na qual as pessoas mais velhas "ensinam" e (com)partilham músicas, parlendas, brincadeiras, artefatos da cultura e vivências que marcam os costumes de uma família, como o hábito de se sentar na calçada da avó paterna de Januária e a vivência com a colheita de café dos avós maternos de Diana. São rituais e experiências que geram pertencimento a uma família, a uma comunidade, e marcas geracionais que inserem as crianças nas práticas culturais.

De acordo com Barbosa (2007, p. 1071), "a socialização realizada pelas famílias ocorre através dos atos da vida cotidiana". No seio familiar, as crianças vivem suas primeiras experiências socializadoras, nas quais constroem repertórios sociais distintos, sendo as culturas familiares múltiplas, pois decorrem de suas diferentes formas de organização, composição de hábitos culturais e sociais. A relação com os avós aparece envolta de muitas lembranças afetuosas, brincantes, dos aromas e sabores da comida, de vivenciar a cultura do interior onde nasceram e da cidade, com seus equipamentos culturais, como bem expressa a Professora Diana:

> Eu lembro que eu morei com meus avós maternos, os meus pais passavam o dia fora e iam me pegar no final da tarde, então eu passava o dia com meus avós. Lembro que a minha avó Margarida era uma avó muito doce, alegre, cozinhava e fazia questão de dar comida para gente encher a barriga, lembro dela fazer "capitão".[2] E, antes de dormir, eu lembro que eu dormia na casa dela, ela cantava para mim, me ensinou a rezar e cantava várias músicas que eu não sei de onde ela tirava.

Experiência semelhante viveu o Professor Júlio, no período de férias na casa dos avós, no interior do Ceará, que para ele era sinônimo de liberdade, de colheita em família após os meses de chuva e de preparação partilhada do alimento:

> Liberdade de ir à casa das tias ou primas, ou ir a qualquer lugar de lá sem se preocupar ou precisar ficar avisando à mãe. A gente fazia fogueira, assava o milho que apanhava no quintal, comia comida feita na panela de barro, fazia cuscuz com o milho que a gente colhia! Era muito legal... Eu tinha que acordar cedo para moer o milho no moinho que ficava na cozinha. Eu ajudava muito a minha avó e tia nos trabalhos domésticos: varria a casa, lavava louça, mas, também, toda manhã, depois que comia tapioca com ovo de galinha caipira, a gente ia com meu avô buscar água no jumento!

Damares, Diana, Januária e Júlio guardam na memória os cheiros e sabores dos quitutes feitos por suas avós, mães e tias como

[2] Bolinho amassado com as mãos feito com feijão e farinha de mandioca.

algo que os constitui afetivamente... De acordo com os estudos de Piorski (2016), as relações com a cozinha, com a colheita envolvendo a família, a preparação dos alimentos e o manuseio de materiais representam uma complexa articulação dos sentidos e transformações dos elementos, assim como um elo intergeracional entre famílias e suas diferentes gerações. Por meio das narrativas de vida, testemunhamos o quanto as relações construídas nas relações intergeracionais são fundamentais para compreender e (re)construir nossas origens, ancestralidade e as culturas vivenciadas na infância. A seguir, vamos conhecer como essas culturas vivenciadas pelos professores reverberaram em suas trajetórias profissionais.

Narrativas sobre a arte na prática pedagógica: "A gente vai levar para o museu [...], a gente precisa ocupar esses espaços com as crianças"

Nas narrativas dos professores crianceiros, é no ambiente formativo de suas famílias que se dão as primeiras experiências e os incentivos em relação à arte. A avó, a qual usava flor no cabelo, tirava sons das panelas, cantava músicas de ofício e de reisado, marcou o encontro da professora Diana com a cultura popular. Já a professora Januária teve como referências as músicas tocadas pelo pai em seu violão e a prancheta, que ficava sob uma grande mesa com luminária, na qual ela podia desenhar. Essas são lembranças ancestrais, afetivas e de liberdade para suas expressões na infância.

A (con)vivência com a arte nos passeios culturais na cidade de Fortaleza e os materiais disponibilizados pelos pais fizeram com que Januária continuasse apreciando e participando de atividades culturais e artísticas ao longo de sua vida, tanto que trouxe esse hábito para sua vida adulta e para a sua prática pedagógica como professora.

Pelos fios de sua narrativa, Januária vai ao encontro dos atravessamentos que constituem o seu percurso formativo, ao mesmo tempo que reflete sobre a importância das experiências

estéticas para a formação das sensibilidades. Em sua narrativa, ela afirma caminhos para uma formação docente, que articula cultura, arte, educação e a vida. Desse modo, busca trazer a arte e a expressão das múltiplas linguagens para as experiências cotidianas com as crianças das quais é professora. Ela narrou, com contentamento, como insere a arte e com as crianças com as quais convive:

> Eu escrevi um projeto que era sobre os animais do Aldemir Martins[3], que pinta em seus quadros animais. Com as crianças, fiz um paralelo de alguns desses animais com as músicas de compositores cearenses.
> O Aldemir Martins pintava muitos galos, aí levei aquela música do Belchior, *Galos, noites e quintais*; tinha o pavão, e fomos estudar a história do *Pavão Misterioso*, a música é composição do Ednardo. As crianças ouviam e dançavam. Também fiz a contação da história para eles com cordel. Aí eu perguntei a coordenadora do CEI se ela conhecia o MAUC[4]. Meu pai trabalhava lá, era chefe do acervo, e lá tem um acervo do Aldemir Martins. E a gente foi para o MAUC. A felicidade dessas crianças quando entraram nesse MAUC! O pessoal do Museu teve que se preparar, pois iam receber crianças bem pequenas e ficou um clima diferente no museu recebendo as crianças. E, quando as crianças viram os quadros do Aldemir Martins, diziam: "Olha, o gato! Olha O Martins! Olha o vovô!" E o pessoal do museu perguntou: eles estão falando do Aldemir Martins? E, aí, as coisas têm que ir se adaptando, não só a gente, a gente tem que preparar as crianças para esses espaços, mas esses espaços também têm que estar preparados para receberem as crianças.
> E, aí, você escuta que todos os museus hoje têm o educativo do museu, que planeja, que pensa, qual o público, qual a idade, como vai receber e, aí, planeja coisas para fazerem com as crianças. E isso é muito importante, porque é o movimento que a gente vai fazendo como professor, que é proporcionar isso para as crianças, e esses espaços têm que se adequar, porque a gente vai levar sim! A gente vai levar para o museu, teatro, cinema, praça, a gente precisa ocupar esses espaços com as crianças.

[3] Aldemir Martins (1922-2006) foi um artista plástico, ilustrador, pintor e escultor autodidata. Nasceu em Aurora, cidade da região do Cariri, estado do Ceará (Aldemir […], 2024).

[4] Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC).

Ao propor às crianças conhecerem o artista Aldemir Martins, Januária traz uma nova referência para as crianças, aproxima o artista e a sua obra ao cotidiano das crianças, o que faz com que elas o identifiquem como "o vovô", quando viram sua fotografia no museu. Ampliou o repertório cultural com músicas de compositores cearenses, articulando-as aos interesses das crianças sobre os animais, que tão bem foram retratados nos quadros de Aldemir Martins. Na visita ao MAUC, as crianças estavam familiarizadas com as obras do artista, viveram o momento da visita com alegria e reconhecimento da arte, como se fizessem parte de suas vidas.

É por meio da reflexividade biográfica que acompanhamos, por meio das narrativas, como as vivências na cultura infantil com os pares e adultos próximos reverberaram na trajetória formativa das professoras e dos professores crianceiros, nos sentidos que dão a sua docência, reivindicando para as crianças o acesso às brincadeiras com a natureza, desemparedando seus corpos a terem acesso ao melhor da cultura. Isso se dá iniciando pela inserção das crianças em sua cultura local, por meio do reisado, dos compositores e artistas plásticos nordestinos e do acesso aos espaços culturais como os museus. Desse modo, afirmaram caminhos de formação estética na qual se entrelaçam modos crianceiros de ser, sentir, apreciar e conhecer.

Vamos juntos continuar abrindo os baús de recordações e sentidos dos professores crianceiros, conhecendo os sentidos que atribuem à docência na Educação Infantil.

Narrativas sobre os sentidos da docência na Educação Infantil: "para mim uma escola precisa ser viva, ter cor, possibilidades de criação"

Professores produzem conhecimentos sobre si e sua formação em múltiplas relações, em sua trajetória de vida, com docentes que admiram, na relação com amigos e com as crianças. Essas relações estão presentes, como parte da constituição de uma "bioteca"

(Delory-Momberger, 2008, p. 61), uma biblioteca de experiências, que formam um constructo biográfico, em que narrar a vida é também pensar sobre a docência.

Nessa perspectiva, buscamos, na investigação, apreender os sentidos que os professores crianceiros atribuem às culturas infantis na sua trajetória docente. Assim, conhecemos sobre suas trajetórias vividas no desenvolvimento de suas práticas cotidianas com as crianças. A Professora Damares guarda da memória os afetos e o cuidado de suas professoras da infância, fato esse que reverberou na sua atuação como professora, considerando *"que trabalhar com criança não é ensinar a criança, é estar com ela, em presença*". A Professora Diana afirma que a docência lhe ensina todos os dias, busca inspiração nas próprias crianças, como no dia em que observou o envolvimento e encantamento de uma criança que brincava com um grão de arroz. Para a referida professora, é "*esse encantamento e capacidade de fazer descobertas é o que alimenta sua prática pedagógica*". Já para o Prof. Júlio, a escola era "*o seu lugar no mundo, o lugar onde ele mais gostava de estar*". Em sua narrativa sempre volta o seu olhar para a escola, para o Centro de Educação Infantil. Ele narra sobre a sua experiência docente em seu ambiente de trabalho:

> Eu vejo o CEI como um lugar mais feliz, livre, onde a arte está muito mais nas paredes do que na escola de ensino fundamental. Uma vez eu conheci uma gestora que me mostrou umas fotos da escola onde ela trabalhava e ela dizia assim: "olha como ficou depois que eu passei a ser diretora." mas era uma escola que tudo estava no "lugar certo", um recado ali, não tinha o que tirar de um hospital, todo mundo dentro das salas e muito silêncio. Para mim, uma escola precisa ser viva, precisa ter outro jeito, ter cor, possibilidades de criação. (Prof. Júlio)

Em sua narrativa, vemos uma forte defesa de uma escola que possibilita a imaginação e a criação na infância, uma instituição de EI em que as paredes comuniquem as expressões e as aprendizagens das crianças por meio dos seus desenhos, esculturas em argilas, pinturas, entre outras expressões – uma defesa pela arte

e pelas experiências estéticas, fazendo parte da vida das crianças. Para Júlio, a escola precisa ser um ambiente acolhedor, que possibilite a criação, em sua concepção o professor tem o papel de "*potencializar, acreditar nesse ato de criação das crianças, dando abertura para suas ideias"*. Essa ideia corrobora o que defende Ostetto (2021, p. 30), quando diz que as "experiências com a arte, a cultura e a natureza vão nos constituindo e compondo nossos repertórios, que nos ajudam a ler e a interpretar o mundo" – um conhecimento que penetra os sentidos e afirma uma concepção, comprometida com a vida, com a formação humana.

Narrativas e pesquisas entrelaçadas em roda

Imagem 3: Mosaico da 2ª roda – apresentação de pesquisas



Fonte: Acervo da autora (2025).

Que honra fazer essa travessia, chegar a Niterói e compartilhar as narrativas das professoras e do professor crianceiros. As culturas infantis reveladas são as narrativas brincantes de crianças cearenses, tendo a cidade, a serra e o sertão como cenários de criação, enredos para suas brincadeiras e de suas histórias de vida. Narrativas prenhes de arte e da cultura popular nordestina, constituídas nas relações entre pares e com os adultos.

A família aparece como o grande berço cultural e estético, onde viveram uma cultura intergeracional em diferentes territórios nos quais se aprendem as brincadeiras, cantigas, manifestações culturais, como o reisado, a colheita do café e do milho,

conhecimento ancestral que nutriu os sentidos, a memória e as histórias de vida dos professores participantes. Esses fatos vividos contribuíram para uma compreensão das culturas infantis por eles vivenciadas e constituem uma bagagem de experiências e tomada de consciência dos seus papéis enquanto pessoas e professores das infâncias.

A presença da arte inserida pelos familiares e presente desde a infância foi reconhecida pelos professores crianceiros como necessária à vida e à formação do professor da educação infantil e no cotidiano das crianças – arte como conhecimento, fruição que penetra os sentidos e afirma uma educação, comprometida com a vida e com a formação humana. Revelam, outrossim, uma imagem potente e afirmativa de criança, infância e de professor, bem como a defesa sobre as especificidades da docência na Educação Infantil.

Que bom foi DIAFIAR com Simone, Laís e Leandro, mediados pela fala sensível e poética do Prof. Alexandre Santiago. É preciso ouvir as professoras e professores das infâncias. Esse foi o primeiro fio entrelaçado que uniu a mesa realizada no dia dez de julho de 2025. Com Simone Bibian, conhecemos os saberes e as narrativas docentes sobre as ações educativas em arte, especialmente, foi importante, na pesquisa por ela desenvolvida, ouvir os professores da EI sobre acolher crianças no espaço do museu, concepção também defendida pela professora Januária, participante da pesquisa por mim tecida, quando ela anuncia: "A gente vai levar para o museu [...], a gente precisa ocupar esses espaços com as crianças" (Araújo, 2024).

Com a pesquisa-caminhante da Laís Vilela, vimos que a cidade é um território-educativo que pode contribuir para um projeto de formação estética docente, o que corrobora a trajetória da professora Januária, quando, em sua narrativa, menciona os diferentes lugares da cidade de Fortaleza, Ceará, os quais ajudaram a nutrir a sua formação estética, desde sua infância. Uma formação que se deu fora dos muros da escola, sendo preciso caminhar (como bem diz Laís), para nos apropriarmos e ocuparmos esses lugares-múltiplos de formação estética. Com Leandro Júnior, ouvimos, de

maneira atenta e encantada, sobre as linguagens poéticas das crianças, sobre suas diferentes linguagens de ser e de expressar. Que possamos aprender com elas a ser-estar no mundo de um modo mais sensível e poético.

Assim como aconteceu no final da tarde do dia dez de julho de 2025, quando dançamos a ciranda "Eu morava na areia", na qual celebramos a cultura, as rodas cirandeiras e a coletividade, logo lembrei-me de Madalena Freire (1983) quando alude: "é na roda onde tudo começa!"

Assim, concluo este texto, não finalizando, mas convidando os leitores e leitoras, as companheiras fiandeiras e diafhinados e a todos e todas que apreciam as cirandas, que sigamos em roda, afirmando as singularidades e as pluralidades da nossa existência.

Minha ciranda não é minha só[5]
Ela é de todos nós, Ela é de todos nós
Para se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção
(Lia de Itamaracá)



Referências

ARAÚJO, Janice Débora de Alencar Batista. "**Na cidade, na serra, no sertão**": narrativas (auto)biográficas sobre experiências de docentes da educação infantil com as culturas infantis. 2024. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: https://repositorio.

[5] Canção Minha Ciranda, de autoria de Lia de Itamaracá. Para escutar a ciranda, aponte a câmera do celular para o QRcode.

ufc.br/bitstream/riufc/78676/3/2024_tese_jdabaraujo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2026.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**: poesia completa. São Paulo: Leya, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Modelos Biográficos e escritas de si**: biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo; Paulus, 2008.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claúdio Júlia Ferreira. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Tradução de Pedrinho Grareschi. Petrópolis: Vozes, 2008. cap. 4, p. 90-113.

LUFT, Lia. A marca do flanco. *In*: LUFT, Lia. **Perdas e ganhos**. São Paulo. Editora Record, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Transcrever, textualizar, transcriar. *In:* MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de Morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Edições Loyola, 1991. p. 27-33.

MOTTA, Xênia Fróes da. **Entre o visível e o invisível**: tempos e espaços da arte nas narrativas de professores da Educação Infantil. 2022. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação, pesquisa e prática docente pelos territórios da arte: (re)conectar sensibilidades, (re)inventar linguagens. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito; BIBIAN, Simone (org.) **Educação Infantil, formação e prática docente nas tramas da arte**. Curitiba: Appris, 2021. cap. 1, p. 23-35.

PASSEGGI, Conceição Maria. A experiência em Formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 02, p. 329-343, maio/ago. 2006.

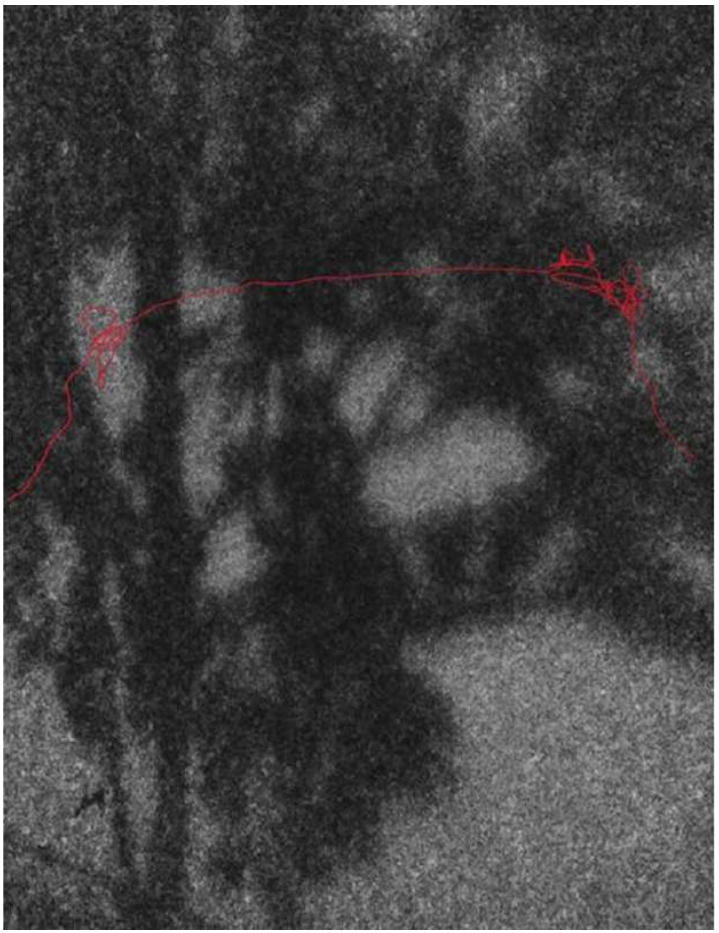
PIORSKI, Gandhy. Introdução. *In*: PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016. cap. 3, p. 19-35.

SOUZA, Elizeu Clementino. Territórios das escritas do eu pensar a profissão – narrar a vida. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

WIKIPEDIA the free encyclopedia. **Martins Aldemir.** San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldemir_Martins. Acesso em: 4 jul. 2024.

.13.
Desaparecidos de si – ensaio visual

Rosvita Kolb Bernardes



as imagens, na memória,
seguem o seu fluxo



correm como um rio
e se vão



ficam os rastros
que me compõem



nas imagens, nada vejo
não poder ver, pesa
fico inquieta

carrego o peso da inquietude,
que me atropela com as
imagens esmaecidas,
apagadas.
cheias de nuvens.
uma neblina





para onde vão?
para onde foram?

um estado de ausência me
persegue. um vazio. sou
atravessada por um
sentimento de existência que
já não pertence mais ao meu
corpo.



olho para as imagens
para expressar um
esquecimento de vidas
vividas.

um desaparecimento
que me provoca a olhar
pelo outro lado da
margem do rio.

perdida nas imagens
desbotadas, ainda sinto
a presença marcada na
ausência.

uma partilha
que pesa e dói na alma.

sigo em busca
das imagens que me constituem.
rastros que me dão sentido e que
me tocam.





olho para as imagens que evocam lembranças, sentimentos, impressões e sensações.
vivo o presente carregado de um passado cheio de lembranças.
imagino.

olhar as imagens fotográficas do
meu acervo pessoal, é trazer à
consciência a construção da busca
da minha identidade. uma opção.
as imagens presentificam
lembranças que vivi e revivi
aqui e lá.

re-vejo. me olho.
me reconheço.

lembranças imaginadas, memórias
fragmentadas.
elas flutuam, boiam, dormem e se escondem.
fogem e me deixam confusa.
são imagens encarnadas com a do
desaparecimento.
uma cor que marca não a presença, mas a
ausência.
uma presença oculta. anestesiada pelo
silêncio.

o que tem de mim, nesta ausência
silenciosa,
que se ancora na minha história pessoal
e familiar?

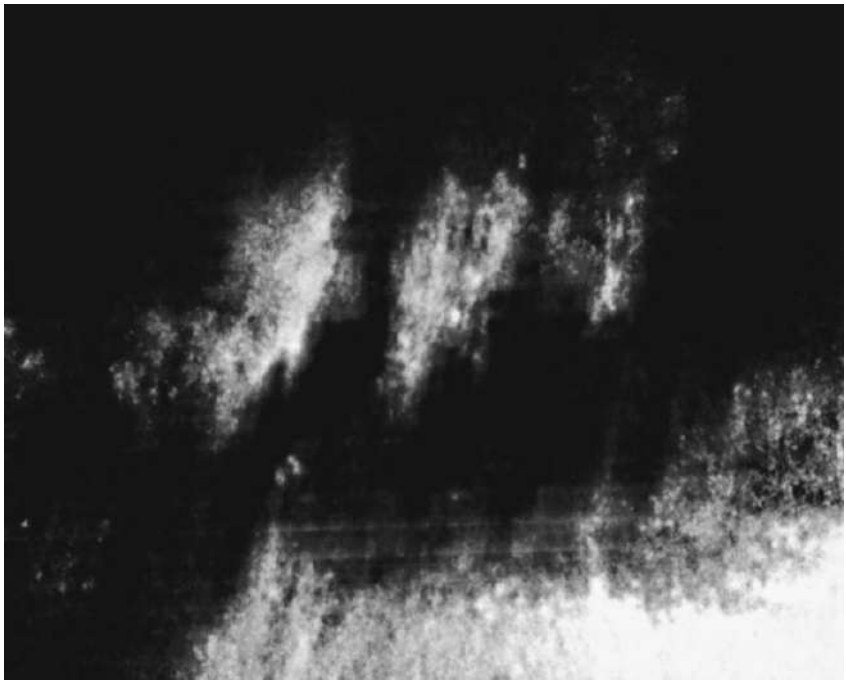






continuo vasculhando as imagens,
justapondo-as, fazendo combinações de vida.
tento segurar para não decompor. continuo olhando
para os detalhes para deixar jorrar lembranças. escolho
algumas. e tendo a segura-las. mas elas se vão e
escapam da minha mão, do meu corpo.

o que fazer? reagrupar de outra forma?
outras fotos? outras histórias?
inventadas?



meu olhar segue.
pousa na beira do rio que acolhe e deixa vir os sentidos, significados, sem coerências, sem propor nada.
deixo vir a ser os sentidos, um corpo-território que, talvez, venha com os significados e me deixam retornar à minha história. imaginada, fantasiada, escondida
e que evidencia o que já foi e desapareceu.

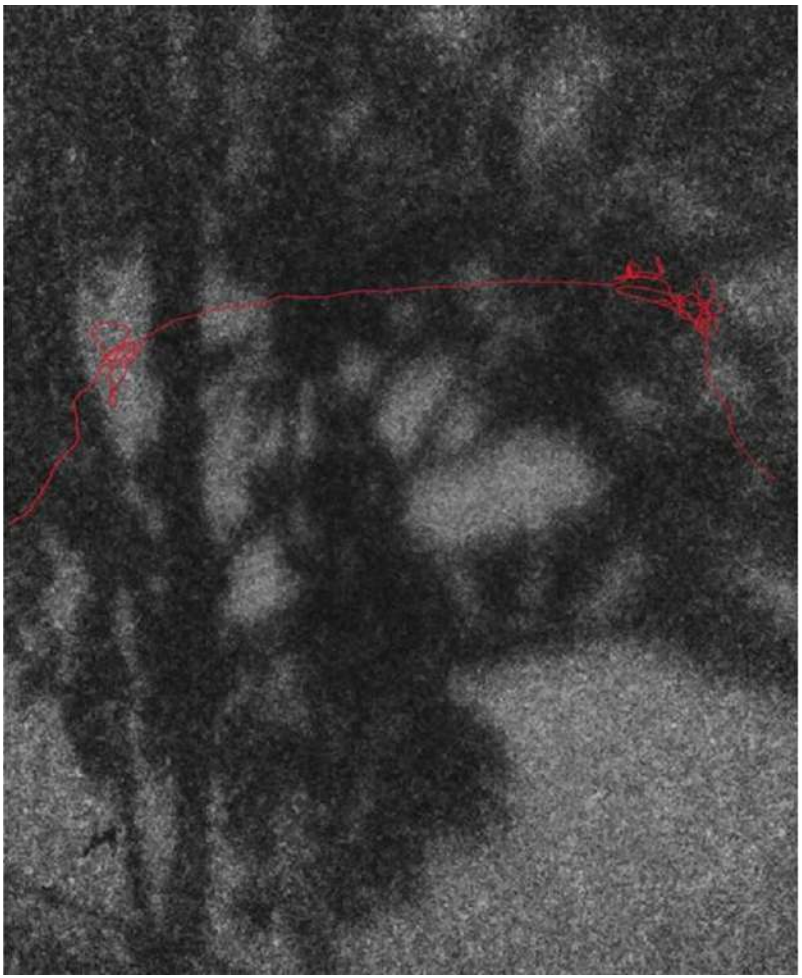


conservo e guardo.

não quero apagar os rastos, os vestígios de uma
história de vida. vivida por tantos. quero salvar e
preservar, na minha memória,
os restos, o passado, as imagens.

para não esquecer.

na opacidade das imagens
com os restos,
faço uma escritura do eu.



Notas, talvez (des)necessárias

O ensaio visual compartilhado, apresenta-se como um desdobramento do estágio pós-doutoral realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, no qual desenvolvi a pesquisa que mobilizou os conceitos de ateliê autobiográfico, heterobiografia e ressonância para compreender a fotografia como linguagem de investigação e produção de si.

Tecida a partir de encontros, conversas, exposições, ateliês compartilhados, livros de fotografia e registros videográficos, a

pesquisa permitiu-me retomar o diálogo com Christine Delory-Momberger, desta vez por outras vias, olhando sua dimensão artística, considerando sua produção fotográfica.

As fotografias reunidas neste ensaio que chamei de "Desaparecidos de si", são interrogações, retomadas e lembranças que me conduzem para uma experiência (auto)biográfica. Uma aprendizagem: eu me constituo ao olhar as imagens opacas, sem brilho, sem luz, com um corpo ausente. Buscando presença. História.

.14.

A inteireza de ser-estar nas terras fiandeiras: dos movimentos de chegança na roda a pesquisa sobre registro e documentação pedagógica na educação infantil

José Firmino de Oliveira Neto

"Para dar conta de tanta saudade
que sentia das coisas que nem
sabia, a menina inventou então
uma caixinha de guardar o tempo,
o tempo que melhor vivia.

Sem querer descobriu
a memória, que podia pescar
qualquer tempo e plantar na
lembrança tudo o que ela queria"

[Roscoe, 2012].

Nos idos de julho de 2025 o *FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte*, liderado pela Professora Luciana Esmeralda Ostetto, realizou o ***III Seminário Rodas do FIAR: A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e Inquietações de lá e de cá***. Um evento marcado pela presença de gente de lá, das terras do Ceará, com o grupo *DIAFHNA - Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas*, liderado pela professora-pesquisadora Luciane Goldberg (UFC), e de cá, das terras-mares do Rio de Janeiro, com o coletivo fiandeiro. Enquanto um evento-festa, aos "modos fiandeiros de (re)apreender a vida-formação, mobilizar afetos e (re)inventar caminhos de pesquisa com poesia e alegria" (Ostetto; Oliveira-Neto, 2024, p. 24), criamos com autoria um diálogo plural, diverso e artístico na academia-evento: "[...] produzindo conhecimento dialogicamente, no encontro com o outro" (Oliveira-Neto, Corrêa; Medeiros, 2025, p. 62-63).

> Marcas de um coletivo que, a cada proposta, a cada encontro, a cada organização de evento e produção textual e imagética, aprende a ser-com-o-outro, tecendo unidade na diversidade, na pluralidade de existências e modos de ser. Marcas que explicitam o fazer-fazendo de um círculo de pesquisa que brinca-dança na academia, produzindo conhecimento em Educação, pelas veredas da Arte e da Cultura, enfrentando o território acadêmico, ainda rígido, de pouca, ou nenhuma, poesia (Ostetto; Oliveira-Neto, 2024, p. 24).

Nesse compasso, ao organizar e materializar o *III Seminário Rodas do FIAR*, o segundo dia de atividades contou com a Roda intitulada *Conversa pelas Veredas da Arte*, onde pude compartilhar os percursos de pesquisa-criação realizado durante o Estágio Pós-Doutoral[1], na companhia das queridas professoras-fiandeiras Luciane Goldberg (UFC) e Rosvita Kolb Bernardes (UFMG), também pós-doutorandas no/com o FIAR. Assim, é sobre o enredo tecido para essa fala que escrevo este texto[2], me dedicando inicialmente a rememorar a chegada ao coletivo fiandeiro e, posteriormente, a alguns achados da pesquisa *"Registrar e Documentar na Educação Infantil: tornando visível memórias (re)inventadas – o caso da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás"*.

Para tal, como a personagem da obra *"Caixinha de guardar o tempo"* - de Alessandra Roscoe, com ilustrações de Alexandre Rampazo, (re)descubro a memória, *"que podia pescar qualquer tempo e plantar na lembrança tudo o que ela queria"*. Ao vasculhar os registros - fotografias, vídeos e escritos tantos, daqueles guardados-marcados no corpo e no coração, conto as memórias de vida-formação, tecidas coletivamente no tear da CONFIANÇA: "Toda forma de registro que promova reflexão é matéria da academia"

[1]Chego ao FIAR em 2022, fruto do Estágio Pós-Doutoral realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com supervisão da professora Luciana Esmeralda Ostetto, e desde então sigo cirandando com o grupo pelos territórios da pesquisa-vida, mobilizando uma academia que se (re)afirma e (re)existe enquanto matéria de poesia (Albano, 2023).
[2]O presente texto foi construído a partir do Relatório de Estágio Pós-Doutoral apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF), disponível em: <>.

(Albano, 2023, p. 11). Afinal, em movimento-festa brincante, esse professor-pesquisador aprendeu tanta coisa: estudando e brincando, em diálogo com a escola, a universidade, a arte, a cultura, a produção teórica, a prática pedagógica e toda gente fiandeira, criou, aprendeu e agora, em ação de registrar-refletir-documentar, compartilha as (des)aventuras vividas na jornada do Estágio Pós-Doutoral.

Encontrar-se com o CÍRCULO-RODA DANÇANTE

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

[Canção: Caminhos do Coração. Gonzaguinha].

O Estágio Pós-Doutoral constituiu-se movimento de encontros, e não apenas com o registro e a documentação pedagógica no *tempoespaço* da Educação Infantil, temática do projeto de pesquisa desenvolvido, mas com processos de conhecer, responder e agir no entre-ver da arte-educação, infâncias, formação de professores-professoras e as gentes que compõem-movimentam o FIAR. Cheguei ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com uma proposta de pesquisa, mas na trajetória, em interações com espaços e pessoas, fui descobrindo caminhos que me conduziram a outras direções, abriram a visão, ampliaram os passos, sinalizaram outras dimensões do processo de investigação: não apenas a cognição, mas também o afeto, a sensibilidade.

Inicialmente, no contexto de uma dinâmica acadêmica ainda marcada pelo distanciamento físico, em função da pandemia de Covid-19, o encontro foi sendo vivido na pausa, nas frestas. E nesse início, foi oportuno o silêncio. Não um silêncio ausente, mas corporificado em escuta, o que me permitiu tomar consciência do meu lugar de professor universitário em início de carreira, e me

perceber sujeito em formação-transformação. Fui me achegando à UFF, por meio das atividades do grupo de pesquisa. Inebriado pelos processos reflexivos oportunizados nos primeiros encontros com o FIAR, lia os textos indicados para as reuniões, adentrava os encontros pelo Google Meet, mas não conseguia pronunciar uma só palavra, nada. Silêncio!

Esse movimento de silenciamento, por vezes, era significado do sentimento que me rondava, afinal me sentia um intruso no grupo (eram todas mulheres-educadoras-pesquisadoras-fiandeiras e agora se encontrava entre elas um fiandeiro). Em todos os sentidos, parecia não ter nada que compartilhar. Coloquei à prova meus conhecimentos, me perguntei se estava no lugar certo, e tudo só mudou com os diferentes movimentos oriundos do grupo, fertilizando a belezura de me sentir inteiro: pelas partilhas - de saberes, fazeres, afetos, acolhimento -, fui entendendo o ato de chegar ao grupo como um "ato de entrar na roda da dança circular: mostrar-se. E de corpo inteiro" (Ostetto, 2018, p. 57). Uma dança com muitos rodopios, animação e cantoria.

Nesse movimento, rememoro a pergunta realizada por Ana Angélica Albano (nossa querida Nana, interlocutora especial do FIAR), professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp), aos seus ex-orientandos da pós-graduação: "Se perguntarem a vocês qual é a imagem que têm do período que estavam escrevendo sua tese e/ou sua dissertação... Qual é a primeira imagem que aparece?" (Albano, 2019, 257). Tomo a pergunta para mim, e posso dizer que a imagem que define o tempo de Estágio Pós-Doutoral será sempre a da RODA: Entra na roda menino... coooorre!!!

> Roda: gentes, corpos, corações, coletivos, movimentos, INTEIREZA.
> Roda: ação, dança, cantoria, rodopios, alegria, êxtase.
> Roda de fazer, (re)fazer: constituir-se!
> Roda: formAÇÃO!

Logo que chego ao grupo, na primeira reunião presencial de retorno da pandemia de COVID-19, já fui convidado à roda. Na sala, organizada de forma circular, nos apresentamos a partir de imagens de obras de arte presentes em cartões postais (Figura 1): (re)encontros, olhares e narrativas de si e *outrem*. "Era já uma provocação: de olhares, de imaginação, de ampliação de referências" (Ostetto, Folque, 2021, p. 266). No final, deixamos a sala e andarilhamos o Campus Gragoatá da UFF, e por entre prédios e respiros de natureza, chegamos às margens da Baía da Guanabara. Lá, entramos na roda: cantamos e dançamos.

Figura 1: Roda com os cartões postais utilizados pelo grupo na reunião de retorno da pandemia.



Fonte: Acervo do FIAR.

Em outras fiações-movimentos, também se encontrava o círculo, a roda. No *II Seminário Rodas do FIAR - Arte Vida, Vida Arde: (re)existir na docência com pesquisa e arte* (Ostetto; Oliveira-Neto, 2024), também tivemos um momento de dança, uma roda gigantesca com professores-professoras das infâncias que

despertou a curiosidade dos que circulavam pela UFF/Campus Gragoatá na noite de 27 de setembro de 2023 (Figura 2).

Figura 2: Roda - Momento de realização da dança circular no II Seminário Rodas do FIAR.



Fonte: Acervo do FIAR.

A roda como experiência do estético: "como transformação de um real a desconstruir e construir, começa pela análise das concepções de admirar, de produzir sentidos [...]" (Rodrigues, 2019, p. 113), e transborda em sentires, os quais oportunizam rever concepções, e enquanto professores-professoras, materializar outros mundos na práxis educativa, mais sensível, afetivo, criativo, ético e político. Encontrar-se na roda é uma imersão em um curso de escutatória (como nos fala Rubem Alves, 2011), que nos permite romper epistemologicamente com a concepção de professor-professora explicador em detrimento de profissionais emancipadores (Ranciére, 2004), afinal para que o fluxo da roda seja compassado no mesmo ritmo, é importante uma escuta ativa, com o corpo todo, de forma a marcamos nossa individualidade na dança, mas constituir-se uno, tal como nas instâncias educativas (Figura 3).

Figura 3: Escultura localizada na entrada do Jardim Botânico - Rio de Janeiro. Artista: Alice Pittaluga. La Danse - homenagem à obra de Henry Matisse, 1910.



Fonte: Acervo do autor.

Nessa trama, acompanhei uma das aulas de *Atividades Culturais III – Danças circulares: cultura, arte, educação* ofertada pela professora Luciana Esmeralda Ostetto no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFF, realizada no auditório da Creche UFF. Ao ser chamado para a aula, acreditei que ficaria observando, mas logo fui convidado a compor a roda, na ocasião focalizada pela ex-orientanda de mestrado de Luciana, a professora Cristiana Garcez dos Santos Seixas. A máxima *Não sei dançar!*, não valia. Tive que entrar na roda. Todos experientes da dança circular e, eu, iniciante, logo errava os passos, não conseguia seguir o ritmo. No entanto, fui me sentido acolhido no erro e no acerto. Na roda todos

são iguais e têm a chance de (re)construção. A experiência certamente deixou marcas no meu corpo.

É preciso ainda mencionar que no encontro com a circularidade, a leitura do livro *"Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda"* (Ostetto, 2014), me oportunizou significar a inteireza vivenciada com o grupo, ampliar as reflexões no âmbito da formação de professores-professoras de maneira a marcá-la com o sensível, na busca pela constituição de profissionais como "seres da poesia".

Assim, ao abrir frestas com palavras, experiências e imagens de um coletivo, espero ter oportunizado o testemunho de uma Universidade plural, composta por gentes que fazem pesquisa na singularidade de suas travessias, corpos e concepções. E mais, que é possível viver-criar-produzir ciência com sensibilidade e afeto que, consequentemente, marcam a qualidade estética, ética e política das investigações produzidas, compromisso com a transformação social na/com a/para a formação de professores-professoras das infâncias.

Nesse ritmo, seguimos nas próximas páginas delineando elementos, e não a totalidade, da pesquisa realizada no decorrer do Estágio Pós-Doutoral.

A pesquisa: *"Registrar e Documentar na Educação Infantil: tornando visível memórias (re)inventadas – o caso da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás"*

> *"[...] pra começar o meu trabalho, eu preciso de um estímulo que, feito um palito de fósforo, risque a minha imaginação produzindo a faísca e, em seguida, a chama que vai clarear o caminho. É a partir desse risco que eu crio [...]"*
> *(Bojunga, 2021, p. 16).*

A pesquisa que desenvolvemos emerge no contexto da Educação Infantil, especificamente na pré-escola (agrupamento de crianças com 5 anos de idade) da Escola Municipal Professora Leonísia Naves de Almeida em Goiânia, Goiás, na qual atuei como professor. Neste contexto, me (re)encontrei por diversas vezes

intrigado quanto ao movimento de registrar e documentar as miudezas do cotidiano (re)elaborado com as crianças. Afinal, qual o sentido e função do registro na Educação Infantil? Quais instrumentos devemos empregar para registrar e documentar? Essas questões se entrelaçavam com dúvidas de outros professores-professoras com quem partilhei a docência, e muitas vezes se esbarravam nos documentos oficiais para Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás que, em muito, determinava como deveríamos registrar o "nosso" cotidiano.

Assim, no diálogo com autores como Madalena Freire (2007); Rinaldi (2014); Ostetto (2012, 2017, 2019); Pandini-Simiano, Barbosa e Silva (2018), Davoli (2020); Dolci (2020); Altimir (2020) e Proença (2021) iniciei uma jornada de reflexão aprofundada e crítica acerca do processo de registro, na certeza de que queria romper com instrumentos cristalizados, tal como o portfólio, e me enveredar por novos caminhos. Dessa forma, entre os registros oficiais (portfólio; painéis murais; relatórios e o álbum de memórias), (re)constituí a natureza da documentação pedagógica com as crianças, objetivando focalizar o protagonismo das mesmas. Por isso, o registro passou, também, a ocorrer com fotografias, filmagens e representações gráfico-pictóricas das crianças.

Como elucida Ostetto (2017, p. 17), "ao registrarem e refletirem sobre o conteúdo registrado, professoras e professores, apropriando-se de sua história, ensaiam autoria". Portanto, enquanto autor e narrador, comunicando a práxis (re)inventada com as crianças, com o coletivo da instituição escolar (diretores, coordenadores, professores-professoras, crianças e familiares), aprendi a potencialidade da ação de registrar, posto que pude "tomar sua [minha] prática nas mãos, alimentando a ligação entre teoria e prática, entre os velhos e os novos conhecimentos, entre as conquistas e os desafios" (Ostetto, 2019, p. 153).

A prática do registro é um aspecto fundamental do trabalho do professor-professora na Educação Infantil. Dessa maneira, constitui espaço de (re)construção de autorias, reafirmando o papel do professorado como autor e narrador do seu cotidiano,

"comunicando seu fazer educativo através da palavra escrita, de um texto vivo, real, pois a palavra escrita, como texto, é tradução de uma experiência e, como expressão do vivido, é comunicação e troca" (Ostetto; Oliveira; Messina, 2001, p. 13). Nessa direção, o registro, juntamente com o planejamento e a avaliação, constituem instrumentos da prática pedagógica com as crianças.

Continuando, precisamos explicitar a importância de conceber o registro como atividade cotidiana do professor-professora no trabalho com as crianças desde bebês, em creches e pré-escolas, de forma a instaurar a documentação pedagógica como uma práxis que orienta as dinâmicas de planejamento, registro e avaliação. Documentar configura-se como uma ação de produção de registros de diferentes tipos, marcando processos - fotografias, filmagens, anotações em diários de bordo, e até mesmo a produção das crianças; já a documentação envolve a reflexão sobre o que foi capturado, apontando para sínteses integradoras dos registros, constituindo, por fim, um material a ser comunicado por meio de diferentes suportes (vídeo, livreto, folheto, portfólio, mini-histórias, painéis e outros). Nesta direção, a documentação pedagógica faz-se como uma estratégia, que reverbera um modo de fazer, refletir, projetar e narrar o cotidiano pedagógico com crianças entre zero e seis anos.

Dado o exposto, sobre minha prática docente na Educação Infantil, e os esforços em seguir apreendendo a práxis do registro e da documentação na Educação Infantil, chegamos ao *tempoespaço* da investigação que apresentamos, agora como professor da Educação Superior, responsável pela formação de professores-professoras das infâncias. Nesta condição, outras questões se apresentaram:

- Como os documentos da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, Goiás têm definido a prática do registro e da documentação no contexto da Educação Infantil?
- Quais os instrumentos de registro têm sido apresentados por estes documentos e materializados no cotidiano das instituições que compõem essa Rede?

● O registro tem sido utilizado apenas como prestador de contas para famílias, crianças e/ou a própria instituição escolar?
● O registro tem sido associado apenas à avaliação ou ganhado teor de movimento de renovação do trabalho na Educação Infantil?
● Os documentos apresentam a observação e a reflexão como chaves para a ação de registrar?
● Como são narradas, descritas e interpretadas as práticas de registro no contexto das instituições da Rede?

Considerando o exposto, a pergunta que moveu a investigação está assim formulada: Como, historicamente, a Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás, têm apreendido a práxis do registro e da documentação pedagógica em documentos oficiais e no cotidiano da docência na Educação Infantil em creches e pré-escolas? Mediante esta questão norteadora, o objetivo geral da investigação foi compreender como a práxis do registro e documentação tem se (re)significado na história da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás.

Os estudos, pesquisas e práticas pedagógicas empreendidos tornam visível a docência na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás. Assim, alinhado a pesquisa de natureza qualitativa (Oliveira, 2012) e ao estudo de caso, a investigação pretendeu tecer narrativas sobre o possível, e o impossível, envolvidos nos processos de registro e de documentação pedagógica na Educação Infantil - identificando traços da práxis materializada nas instituições. De igual modo, teve o desejo de contribuir com o (re)pensar da formação de professores-professoras que atuam cotidianamente com as crianças, que buscam por experimentações, que explorem e relacionem de forma multifacetada as múltiplas linguagens, a corporeidade, as atividades artísticas, envolvendo os diferentes campos do conhecimento, a imaginação e a criação.

Portanto, podemos apreender dois grandes movimentos de investigação: 1) análise documental e 2) apreensão do cotidiano do

registro/documento em creches e pré-escolas[3]. Em sequência, nos dedicamos a explicitar os achados do primeiro movimento.

Registrar e Documentar na Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás: análise documental

A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, com vistas a atender às novas legislações e acompanhar as reflexões no campo da Educação Infantil, tem oportunizado ao longo dos anos, novas e pertinentes reformulações no currículo, o que impacta, sobremaneira, o trabalho docente de professoras-professores das infâncias. Os documentos, considerando as produções dessa rede de ensino a partir de 2000, tecem um conjunto de reflexões acerca da prática do registro e da documentação pedagógica em creches e pré-escolas. Estes aspectos são apontados de modo sintético, para o encaminhamento de análises gerais.

Em 2000, foram produzidas as *Diretrizes Norteadoras para o Currículo da Educação Infantil*, o qual orientava a organização do currículo e dos processos avaliativos na Educação Infantil. Já em 2004, a proposta é ampliada, entrando em cena a *Proposta Político-Pedagógica Saberes sobre a Infância: a construção de uma política de Educação Infantil*. Nesta proposta, o movimento de planejamento era apreendido como organizador da atividade educativa, com vistas a respeitar as individualidades das crianças, profissionais, unidades educacionais e comunidade.

No que tange à avaliação da aprendizagem, o documento considerava a criança na centralidade dos processos, nas busca por romper com uma visão adultocêntrica ainda muito instituída na prática avaliativa na Educação Infantil. Nesse caminho, apresenta a documentação pedagógica como um instrumento de reflexão do

[3] Parte desses dados foram publicados no artigo "Registrar e documentar na Educação Infantil: tessituras da práxis pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil de Goiânia, Goiás", publicado na Revista Zero-a-seis, em 2023.

cotidiano pedagógico materializado com as crianças que contribuiria com uma avaliação na perspectiva defendida.

Em 2014, entra em vigência a *Proposta Político Pedagógica Infâncias e Crianças em Cena: por uma política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Goiânia*, que se constitui tendo como horizonte as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Brasil, 2009). O documento apreende a documentação pedagógica como "[...] uma possibilidade de organizar e sistematizar a ação educativa e pedagógica, a fim de dar visibilidade ao trabalho desenvolvido na instituição" (Goiânia, 2014, p. 148). Nesse limiar, o planejamento se constitui como um caminho para organização dos movimentos de trabalho experimentados com as crianças e a avaliação da aprendizagem constitui caráter mediador, envolvendo registro, reflexão e (re)organização das atividades, com vista, o pleno desenvolvimento das crianças desde bebês.

Com o objetivo de ampliação da proposta de 2014, é elaborado, em 2015, o documento *Ação Pedagógica nas Instituições de Educação Infantil da RME: planejamento, avaliação e outros registros*, o qual apontava os movimentos de registro que deveriam ser (re)elaborados pelas creches e pré-escolas de Goiânia, sendo eles: planejamento do professor/plano diário; registro diário; registro individual da criança; relatório individual do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança; relatório mensal das situações de aprendizagem e desenvolvimento do agrupamento/turma das crianças; portfólio individual da criança.

Mediante determinação do Conselho Municipal de Educação de Goiânia, no ano de 2017 foi realizada avaliação do documento *Proposta Político Pedagógica Infâncias e Crianças em Cena: por uma política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Goiânia*[4]. Os dados coletados apontaram a urgência de modificação das

[4] A avaliação do documento foi realizada por intermédio de instrumento específico elaborado pela equipe que contou com apoios técnico-professores das Coordenadorias Regionais de Educação, Gerência de Formação dos Profissionais da SME, diretores dos Centros Municipais de Educação Infantil, Centros de Educação Infantil de convênio total e Escolas que atendiam a Educação Infantil.

orientações acerca do registro desenvolvido, tendo em vista, que argumentavam sobre a quantidade e duplicidade de informações.

Em seguida, no ano de 2018, foi elaborado o documento *Documentação Pedagógica da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia*, com vistas a atender as exigências de implementação da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), bem como as demandas específicas das unidades educativas. Nesse momento, a documentação pedagógica da Educação Infantil passou a ser realizada pelos seguintes instrumentos: planejamento da ação educativa e pedagógica; relato do projeto de trabalho; portfólio de aprendizagem e desenvolvimento da criança e painel/mural. Cabe inferir que "em 2019 os profissionais que atuam na Educação Infantil iniciaram a efetivação dessas documentações" (Goiânia, 2023, p. 8).

Com a chegada de tempos sombrios em 2020 - pandemia de COVID-19, e consequentemente a mudança do movimento de trabalho na Educação Infantil, novas recomendações entram em vigor. No que tange ao registro, o portfólio foi substituído pelo Álbum de Memórias, o que se mantém com o retorno das atividades presenciais em agosto de 2021, juntamente com o planejamento da ação educativa e pedagógica, o relato de projeto de trabalho e o painel/mural.

Chegando em 2023, a equipe da Gerência de Educação Infantil da Rede atualiza o documento *Documentação Pedagógica da Educação da RME de Goiânia*, "considerando a necessidade de articulação ao DC-EI e às discussões atuais, pois a documentação pedagógica, no documento citado, era compreendida como produções elaboradas pelos profissionais [...] e não como estratégia didática" (Goiânia, 2023, p. 9).

Considerações Finais

A chegada ao FIAR mobilizou um deslocamento físico - das terras de Goiânia/GO às terras-mares de Niterói/RJ… uma travessia (do) sensível, possibilitando encontros-conexões. No desenho do

vivido, dado a conhecer neste texto apenas alguns de seus traços, está uma trajetória de (re)significações: movimentações que (re)animam a vida-formação na (trans)figuração de concepções que me movem sujeito-professor-pesquisador, e que não se findam, mas pelo contrário, se mantêm vivas e ativas.

Afinal, como reitera Fátima Freire Dowbor (2008, p. 28), "o desafio do educador estar de corpo vivo e aberto para o mundo é justamente o de manter sempre a criança interna viva, para poder continuar e aprender a olhar o mundo, as coisas, as pessoas, os animais, como as crianças olham". A educação é descoberta, busca de novos caminhos. Assim, mover-me com o sensível, aguçou meu paladar, nutriu-me esteticamente de arte-poesia, me oportunizou (re)aprender a olhar o mundo - a pesquisa, a docência, a Universidade, a educação.

Gianni Rodari (1997) no poema *"O homem de orelhas verdes"*, faz a defesa da manutenção da orelha-criança que ajuda a "compreender o que os grandes não querem mais entender". No FIAR, com fiandeiras e fiandeiros aguerridos, percebi, como os elefantes de DiPacho (2014) que "às vezes você se perde", mas às vezes a gente fica, e quando se enraíza em um território-coletivo como esse, é preciso (re)alocar-se na brincadeira da vida-formação em um movimento-festa que marca a si e *outrem*. E as marcas que ficam, me deixam a orelha-criança que (re)aprendeu a ser gente, e também professor-pesquisador das infâncias na relação Universidade-Escola.

Nessa cruzada, enquanto pesquisador que transborda o sensível, em uma (re)afirmação da docência pelos caminhos éticos, políticos e estéticos, mobilizar esforços para apreender as práticas de registro e documentação pedagógicas nas escolas das infâncias da Rede Municipal de Educação de Goiânia, Goiás, permitiu (re)pensar as minhas práticas enquanto professor da Educação Infantil e projetar novos e oportunos saberes-fazeres para narrar o cotidiano com as crianças. Na leitura dos documentos e nas narrativas das professoras, foi possível (re)alinhar concepções, vivificar princípios de qualidade social para a Educação Infantil e,

sobremaneira, me mover outro na formação de professores-professoras, enquanto defensor de *tempoespaço* nos cursos de Pedagogia para um efetivo diálogo sobre as essencialidades da docência com as crianças, entre os quais o registro e a documentação pedagógica.

Por fim, e se algum dia as memórias (re)inventadas neste texto se perderem, tal como as da Sra. Antônia Maria Diniz, que eu possa ter uma criança como Guilherme Augusto Araújo Fernandes[5] que procure memórias já perdidas para mim, que me façam reencontrar pessoas-lugares-experiências alinhavados no tecido da vida com o coletivo da conFIA(R)nça.

Referências

ALBANO, A. A. Sobre o tempo da pesquisa e a importância da observação. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

ALBANO, A. A. Prefácio: matéria de poesia, matéria de academia. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. (org.). **Formação, Educação e Arte**: tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 15º ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

ALTIMIR, D. Escutar para documentar. In: MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (Orgs.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 3º ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

[5]Sr. Antônia Maria Diniz e Guilherme Augusto Araújo Fernandes são personagens do livro "Guilherme Augusto Araújo Fernandes" escrito por Mem Fox e Julie Vivas, publicado pela Brinque-Book em 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017.

BOJUNGA, L. **Tchau.** 20º ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2021.

DAVOLI, M. Documentar processos, recolher sinais. In: MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (Orgs.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 3º ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DIPACHO. **A viagem dos elefantes**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2014.

DOLCI, M. Afinando os olhos para captar momentos. In: MELLO, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (Orgs.). **Documentação pedagógica**: teoria e prática. 3º ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DOWBOR, F. F. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FOX, M.; VIVAS, J. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GOIÂNIA. **Diretrizes Norteadoras para o Currículo da Educação Infantil**. SME: 2000.

GOIÂNIA. **Saberes sobre a Infância: a construção de uma política de Educação Infantil**. SME: 2004.

GOIÂNIA. **Infâncias e Crianças em Cena: por uma política de Educação Infantil para a Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia**. SME: 2014.

GOIÂNIA. **Ação Pedagógica nas instituições de Educação Infantil da RME: planejamento, avaliação e outros registros**. SME: 2015.

GOIÂNIA. **Documentação Pedagógica da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Goiânia**. SME: 2019.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação e Esporte. **Documento Curricular da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia**. SME: 2020.

GOIÂNIA. **Documentação pedagógica, planejamento e avaliação na Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia**. SME: 2023.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA, E. R.; MESSINA, V. S. **Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

OSTETTO, L. E. **Danças Circulares na formação de professores**: a inteireza de ser na roda. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

OSTETTO, L. E. **Registros na Educação Infantil**: pesquisa e prática pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2017.

OSTETTO, L. E. É preciso manter as orelhas verdes: o silêncio e a escuta na educação. In: MARTINS, M. C.; MOMOLI, D.; BONCI, E. (Orgs.). **Formação de educadores**: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2018.

OSTETTO, L. E. Registrar e documentar na educação infantil: aprendizagens docentes nas formas de escutar e dizer. In: CAMARGO, D.; WOYTICHOSKI, C. A. (Orgs.). **Crianças e espaços educativos**: entre pensamentos, saberes e ações pedagógicas. Curitiba: InterSaberes, 2019.

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A. Professoras em formação e imagens de obras de arte: encontros, olhares e narrativas de si. In: FURTADO, R. M. M. (Org.). **Pensar o ver**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.

OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA-NETO, J. F. **(Re)existir na docência, com pesquisa e arte**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA-NETO, J. F. Apresentação - Inventar para viver: docência, pesquisa e arte em rodas de narrativas. In: OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA-NETO, J. F. **(Re)existir na docência, com pesquisa e arte**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

OLIVEIRA-NETO, J. F. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 48, p. 879-899, 2023.

OLIVEIRA-NETO, J. F.; CORRÊA, C. A.; MEDEIROS, D. F. Formação estética e docência na Educação Infantil: uma análise da produção do círculo de estudo e pesquisa FIAR. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 46-67, 2025.

PANDINI-SIMIANO, L.; BARBOSA, M. C. S.; SILVA, C. M. Marcas de uma pedagogia tecida nas relações: documentação pedagógica como narrativa da experiência educativa na creche. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 200-217, 2018.

PROENÇA, M. A. **O registro e a documentação pedagógica**: entre o real e o ideal... o possível! São Paulo: Panda Educação, 2021.

RANCÍERE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições para emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RINALDI, C. Documentação e avaliação: qual a relação? In: ZERO, PROJECT. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo/ Reggio Children; Tradução Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.

RODARI, G. O Homem de Orelhas Verdes. In: TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RODRIGUES, E. **Pensar a imagem olhar o texto**: experimentos poéticos na educação de infância. Porto: Afrontamento, 2019.

ROSCOE, A. **Caixinha de guardar o tempo.** São Paulo: Editora Gaivota, 2012.

.15.
A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias

Luciane Germano Goldberg

Figura 1 - 3ª Roda: conversas pelas veredas da arte
Apresentação das pesquisas de pós-doutorado sob supervisão de Luciana Ostetto



Fonte: acervo do Grupo FIAR

Partilho aqui a experiência de apresentar, pela primeira vez em público, parte da minha trajetória de pesquisa de pós-doutorado, ainda em finalização, na *3ª Roda - Conversas pelas veredas da arte*, junto ao querido José Firmino e a querida Rosvita Kolb, que me antecederam produzindo belezas nas suas pesquisas de pós-doutorado já concluídas, e que agora circulam nessa roda tão bonita.

Neste de dia de apresentação, partilhar o que havia vivido nessa aventura do pós-doutorado até então, me encheu de alegria, satisfação e responsabilidade, pois estava dando a ver ao mundo, pela primeira vez, aquilo que vinha nutrindo nos diálogos com minha SUPERvisora LuA[1] e que elaborava artesanalmente nos meus silêncios de pesquisadora, do topo da "torre" *Tour de Marseille*, onde habitei em Niterói por um ano, no 12º andar, presenteada por uma vista privilegiada da Baía de Guanabara entre o colorido do pôr-do-sol e o voo das aves marinhas.

Foram horas, dias, meses, tecendo, compondo, escrevendo, elaborando as errâncias derivadas de um roteiro de pesquisa planejado um ano antes e que foi se modificando e se fazendo ao longo desse mergulho. Sou grata por participar dessa Roda e fazer parte desse movimento circular de fazer pesquisa no grupo FIAR. Assim, peço licença para narrar um pouco sobre essa trajetória do pós-doutorado desde o começo em diálogo com a apresentação realizada no evento.

Uau! Isso é mesmo auspicioso. Venha! Venha![2]

> *De LucianE para LucianA - luzes, cianas:*
> *...queria saber se você orienta pós-doutorado,*
> *pois devo me afastar em breve para fazer pós-doutorado*
> *e estou buscando agregar essa importante formação*
> *àquilo que me fala ao coração e à alma.*
> *Além de uma mulher/professora/pesquisadora fantástica, você é uma referência fundamental e agrega tudo que venho estudando e sonhando nessa caminhada docente no Curso de Pedagogia: arte, estética, formação docente, narrativas autobiográficas, formação de pedagogos.*
> *Com você eu aprenderia muito!*
>
> Email em sex., 20 de out. de 2023 às 11:50

[1] Como carinhosamente passamos a nos identificar: LuA de LucianA (Ostetto) e eu LuE, de LucianE (Goldberg).

[2]Trecho de e-mail resposta de Luciana Ostetto sobre o pedido de aceite para supervisionar meu pós-doutorado

Lembro como se fosse hoje, uma colega de departamento deveria sair para o pós-doutorado em 2024.2, eu era a próxima e ainda nem pensava o que faria. Porém, ela não conseguiu organizar sua saída e me perguntou se gostaria de antecipar meu pós-doutorado. E eu, que precisava respirar após uma estafa, um *burnout* e uma cirurgia de hérnia de disco, não pensei duas vezes e me agarrei à oportunidade de sair: sair de Fortaleza, da universidade, da rotina… viver novas oportunidades e me (re)encontrar, me cuidar. Disse que sim, sem pensar muito e, então me lancei à tarefa de escolher com "quem", para depois planejar "aonde".

Escolher a supervisão para essa missão me parecia de primeira importância, aquilo que se sobrepôs a toda escolha, pois deveria ser com alguém que valesse à pena o investimento e que eu pudesse ter uma verdadeira interlocução. Nessa época estávamos em enamoramento com Luciana Ostetto, nossa referência e inspiração que passou a ser de "carne e osso" junto às pesquisas que estavam sendo geradas no Eixo Infâncias: filosofia, arte e corporeidade no PPGE/UFC sob orientação da Ana Frota e minha co-orientação. Logo me aventurei a escrever um e-mail para Luciana: "você me aceita?".

Lembro de receber com euforia e guardar o *print* do e-mail resposta de Luciana como um patuá. Foi a chave para a abertura de um portal, para uma aventura que eu não tinha ideia de como seria, mas que seria memorável e, de longe, um novo episódio na minha trajetória de vida pessoal e profissional, como uma folha em branco para dar início a um novo desenho, ensaiar novos traços, cores, composições… e nisso começamos a elaborar o roteiro, o plano, o guia, o que seria… AUSPICIOSO, conforme suas palavras no e-mail e o dicionário:

ADJETIVO: 1 de bom agouro; que gera esperanças; prometedor.

De fato foi tudo isso e muito mais!

Diante do aceite, escolhi me mudar para Niterói (RJ) durante o período do afastamento, para poder viver as experiências de perto e mergulhar com todos os sentidos nas oportunidades formativas que o pós-doutorado poderia me oferecer. Isso significou conhecer e conviver melhor e mais de perto com minha supervisora e os integrantes do grupo FIAR, participar presencialmente das reuniões regulares do grupo, dos eventos por ele promovidos, das defesas e das atividades culturais planejadas. Também me foi possível participar de uma disciplina na graduação em Pedagogia da UFF com Luciana Ostetto, o componente curricular *Atividades Culturais - Arte, Infância e Formação Docente*, planejando as atividades e vivendo as experiências conjuntamente com Luciana, a doutoranda Daiane Medeiros (em estágio de docência) e a turma, oportunidade em que ministrei variadas oficinas, entre elas sobre o desenho, tema da pesquisa de pós-doutorado (Figura 2).

Figura 2. Encontro com minha SUPER LuA e o Grupo FIAR



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Deslocar-me do nordeste para o sudeste, permitiu-me também uma formação estética em contexto, além das belezas naturais e ambientais da região e da Cidade Maravilhosa, pude acessar muitos equipamentos culturais em Niterói e na cidade do Rio de Janeiro, um dos principais polos de produção artística e cultural do nosso país. Isso me permitiu visitar inúmeras exposições artísticas em diferentes museus, assistir a peças de teatro, ir ao cinema, apreciar concertos e apresentações musicais com frequência. Um verdadeiro deleite estético, que muitas vezes não conseguimos vivenciar com frequência, pelo excesso de trabalho que acumulamos enquanto docentes federais. Se defendemos a importância e a necessidade da formação estética dos professores, penso que isso deve começar por nós, sem demagogias: nos alimentarmos de arte e de cultura, matéria-prima da nossa formação sensível. Como afirma minha SUPERvisora Luciana Ostetto:

> Na atualidade, compreendemos que refletir sobre a dimensão estética na formação de professores significa traçar um caminho que tenta chamar atenção para a necessidade de devolver sentido às coisas do mundo; de fazerem-se movimentos que ajudem o professor a (re)animar sua vida, dentro e fora da docência, a reconectar-se com sua potência criadora, (re)encantar-se e seguir com as crianças percebendo e inventando belezas. Significa não esquecer a pessoa na pessoa do professor – ser por inteiro, mente e corpo, emoção e razão, escrita, voz e poesia de ser (Ostetto; Silva, 2018, p. 12).

Estar em Niterói me proporcionou então uma "parada" estratégica para sair do automatismo e do excesso de afazeres acadêmicos, que me levaram ao adoecimento nos anos anteriores, "devolvendo sentido às coisas do mundo", (re)animando minha vida dentro e fora da docência, me reconectando com minha potência criadora para poder seguir (re)inventando belezas, como Luciana coloca tão precisamente (Figuras 3 a 6).

Figuras 3 a 6 - De Fortaleza à chegada em Niterói - 2023-2024



Fonte: registros da autora

Minha apresentação na 3ª Roda seguiu "Pela linha do desenho de uma artista-professora-pesquisadora", apresentando brevemente minha trajetória e minha relação com o desenho nessas 3 dimensões – enquanto artista, professora e pesquisadora, especialmente as pesquisas que antecederam a atual, desde a graduação, o mestrado e o doutorado, em que o desenho figurou com eixo central (Figura 7). Na sequência aprofundo a temática do desenho enquanto um "objeto" de ensino e pesquisa, passando pela minha graduação em artes plásticas, momento em que inicio essa relação de paixão e militância acerca do desenho e a formação de professores e de como isso vai desembocar nas minhas práticas docentes no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde atuo como professora de Arte e Educação há 15 anos. Peço licença para partilhar neste texto algumas partes do meu relatório do pós-doutorado sobre esses aspectos, pois dialogam diretamente com o que apresentei.

Figura 7 - "Pela linha do desenho de uma artista-professora-pesquisadora"



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Sobre a Arte na Pedagogia e o desenho na formação de professores das infâncias

> A expressão frequente "não sei desenhar" evidencia a prisão do corpo dentro da noção de linha-contorno, comandada por um modelo representacional que colide com a vocação transitiva do desenho. Da constatação de que desenho é linguagem atávica, presente em nossa aventura civilizatória desde os primeiros signos visuais inscritos em cavernas, como afirmar que não sabemos desenhar? (Derdyk, 2024, p. 29)

Enquanto professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), dedico-me às áreas de arte/educação e educação estética, sempre propondo práticas e metodologias que privilegiem uma formação reflexiva e participativa, encontrando na dimensão biográfica um lugar regenerador e (trans)formador. Ao ingressar no Curso de Pedagogia em 2011 como professora efetiva, minha primeira "bandeira" sempre foi o "desenho infantil" - sendo eu, licenciada em Artes Plásticas (hoje Artes Visuais), já havia vivenciado o chão da escola como professora de artes no Ensino Fundamental, na iniciativa pública e privada, nos diferentes níveis de ensino, e sempre me incomodava a afirmativa "Eu não sei desenhar", repetida exaustivamente pela maioria das pessoas, sejam crianças, adolescentes e/ou adultos. O que provocava este "fenômeno"? (Figuras 8 e 9).

Figuras 8 e 9 - o "Eu não sei desenhar"



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Como exposto nas imagens, minhas pesquisas acerca do desenho iniciaram ainda na graduação, nos anos 90 e é a partir daí que vou apreender mais e mais que muitos param de desenhar

ainda na infância e que o processo de escolarização, especialmente durante a alfabetização, contribui expressivamente para esse "bloqueio" ou "congestionamento" da expressão gráfica na infância, que leva, na maioria das vezes ao total abandono desta linguagem. O que sempre me incomodou e me incomoda até hoje, é a naturalidade com que as pessoas lidam com o sufocamento ou mesmo "morte" de uma linguagem tão potente e importante para nosso desenvolvimento e nossa constituição enquanto seres humanos. Ao compreender que esse bloqueio do grafismo ocorre expressivamente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental escolhi ser professora do curso de Pedagogia e buscar fortalecer a formação artística e estética dos professores das infâncias, os pedagogos, tão precária, incipiente ou até inexistente nos cursos de graduação. Todas as minhas pesquisas e práticas pedagógicas na formação de professores derivaram inicialmente dessa instância, se ampliando, aprofundando e ramificando.

Cotidianamente vivencio um arsenal de situações em que a arte é estigmatizada e desvalorizada, fruto de aspectos da própria história do ensino de arte no Brasil que, de tão enraizados, ainda permanecem e se perpetuam nas mentes e corações das pessoas. Diante disso, considero fundamental trabalhar na disciplina obrigatória de Arte e Educação no curso de Pedagogia da UFC, a história do ensino de arte no nosso país, o que faço a partir das narrativas (auto)biográficas. Estudar a história "macro" a partir das histórias "micro" e singulares dos estudantes de pedagogia em formação. Nesse bojo, vem também o lugar do desenho em suas trajetórias sociais, culturais - familiares e escolares nos seus contextos regionais. Experiências que desenham um "retrato" da presença (ou não) da arte e de suas múltiplas expressões na sociedade ao longo do tempo, que revelam ecos ainda presentes das pedagogias tradicionais e tecnicistas de um ensino de arte vazio, conteudista e técnico que, durante a infância, resume-se às atividades mecânicas e padronizadas de modelos prontos e coreografias encenadas nas datas comemorativas.

É nesse lugar que acabei por me "infiltrar" no curso de Pedagogia e me propus a levar os conhecimentos adquiridos com/sobre o desenho desde a graduação em Artes Plásticas nos anos 90, assim como compreendi que a dimensão autobiográfica, o processo reflexivo derivado do exercício de auto examinação e elaboração da narrativa de si, detonaria um processo (auto/hetero/eco) formativo a estes futuros educadores das infâncias, ao serem convidados a contarem sobre a sua relação com a arte, da infância aos dias de hoje – o resultado dessa atividade, batizada de "linha do tempo"[3] vem, ao longo dos anos, trazendo informações preciosas sobre o lugar social, histórico, político, da arte (e do desenho) nas trajetórias de vida desses/as estudantes (Figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11 – Atividade autobiográfica "Linha do tempo"



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

É como ver um espelho da história "macro", do ensino de arte no país, que se reflete na história "micro", singular de cada um. O verdadeiro, impressionante e assustador, aspecto "singular-plural" (Ferrarotti, 2014) que emerge do processo autobiográfico, que pude ser testemunha ao longo desses 15 anos na UFC. A história do ensino de arte no Brasil eu conhecia, de estudar originalmente a partir de grandes expoentes da ate/educação no nosso país, como Ana Mae Barbosa, Maria Felisminda de Rezende e Fusari, Maria

[3] Sobre a atividade "linha do tempo", ver: Goldberg, Olinda e Bezerra (2012), Goldberg e Bezerra (2012), Goldberg e Salmito (2013), Goldberg (2014), Goldberg, Bezerra e Pereira Junior (2018).

Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, João Francisco Duarte Jr, Cleusa Helena Guaita Peralta-Castell, Dulce Osinski, Miriam Celeste Martins, entre outros, mas foi através das narrativas (auto)biográficas de meus estudantes, que pude compreender os ecos históricos e sociais nas suas histórias individuais. Foi como ver a história ser encenada em cada narrativa.

Também sou testemunha do caráter "curativo" desse processo autobiográfico e do trabalho desenvolvido com o estudo do desenho, em que vi muitos estudantes de Pedagogia, resgatarem seu "desenho perdido", por terem retomado sua autoestima ao compreender que não existem pessoas adultas que "não sabem desenhar", mas sim pessoas que pararam de desenhar e abandonaram o desenho, ainda na infância, por múltiplas razões, e que ainda é possível resgatá-lo. Perceber que o que está por trás do "eu não sei desenhar" é, muitas vezes, a cobrança de um modelo de representação e de perfeição inalcançável para as crianças e que o desenho é uma criação e não necessariamente tem que ser uma cópia realista do mundo, pode vir como uma libertação e levar ao desbloqueio, assim como ao desejo de recomeçar de onde se parou.

Esse modelo de "perfeição" é originário do ideário clássico de representação, sobre o qual Derdyk (2024) afirma:

> A aposta no ideário clássico ainda hoje conduz os programas didáticos nos ambientes de aprendizagem, refletindo nas conexões humanas de toda ordem. Esse ideário acomoda as sensibilidades em um mundo calcado num projeto econômico que aterra o corpo num modelo de ação funcional e pragmático. São respingos de um padrão canônico cartesiano – esse que promove a cisão entre corpo e mente, entre processo e resultado. Tal padrão adere facilmente ao espírito neoliberal, prenhe de vigilância traduzida por dispositivos mecanicistas que enfatizam o enfraquecimento ético diante do sistema de produção da vida capital – depredatório, exploratório, escravocrata. Nesse viés, o comportamento da linha exclui as errâncias e os desvios porque está mais comprometido com as finalidades, objetivos e programas prévios. Essa moldura clássica planifica, quantifica e categoriza as percepções, a partir de um modelo de forma idealizado a priori, vertente da crença na verdade única. Hoje as verdades são amplificadas em outras milhares de (in)versões ilhadas e muradas. Em pleno século XXI, ainda vigora uma certa noção de linha linear, de espaço sem relevo, de tempo

estático, ancorada no subsolo dos mares e terras conquistadas pelos poderes colonizadores (Derdyk, 2024, p. 28).

Ainda que estejamos impregnados desse ideário clássico tenho visto que é possível subverter essa norma dominante e, não somente o desenho pode ser resgatado a partir das aulas de Arte e Educação na UFC e da atividade Linha do Tempo, como muitos estudantes passam a levar a "bandeira" do desenho para suas salas de aula na Educação Infantil, espaço que a maioria deles ocupa atualmente, na rede pública ou privada de Fortaleza/CE. Além dos múltiplos relatos que recebo ao longo dos anos de docência na disciplina de Arte e Educação, as narrativas dos professores entrevistados para a pesquisa de pós-doutorado, também revelam os efeitos desses processos vividos, visto que 2 dos três professores entrevistados foram meus alunos na graduação e hoje são professores de Educação Infantil na escola pública. Exemplos vivos de que é possível resgatar o desenho perdido e conquistar um lugar de valorização do desenho nas escolas da infância (Figura 12) .

Figura 12 – "Trago seu desenho de volta!"



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

O meu gosto pelo desenho me levou à licenciatura em Artes Plásticas e à descoberta do meu ser docente. Foi ao me deparar com o fenômeno do "eu não sei desenhar" que me senti no papel de querer "olhar para o umbigo alheio" e intervir. Como para mim, até o momento, desenhar era considerado algo "natural", foi um choque me deparar com tantas pessoas que afirmavam não saber desenhar. Aí também nasceu meu espírito de pesquisadora, ao buscar desvendar o que estaria por traz dessa afirmação, o quê? Por quê? Como? O que leva as pessoas a pararem de desenhar? Por que param de desenhar? É possível fazer algo para "reverter" esse processo? Surgem as primeiras perguntas da pesquisadora Lu, que queria ao final, através da docência, resgatar esse desenho perdido e impedir que mais crianças o perdessem, assim como estava em vias de compreender que adultos podiam (re)encontrar seu desenho perdido.

Foi nas aulas da disciplina de arte/educação e no Projeto Arte-Pré-Arte, coordenado pela Profª Cleusa Peralta, que tive contato pela primeira vez com os estudos acerca do Desenvolvimento Gráfico Infantil (DGI) e com autores como Arnheim (1980) Derdyk (1989, 1990), Lowenfeld e Brittain (1970), Martins (1979), Edwards (1984), Kellogg (1985), Peralta (1998), Read (1982), entre outros e o contato com a ideia do "bloqueio" do grafismo. Nesses contextos também fui apresentada a práticas pedagógicas que objetivavam o resgate da capacidade criadora do adulto, que incorporei no meu fazer docente ao longo da minha trajetória como professora, como as "oficinas do grafismo", entre outras práticas para resgate da capacidade criadora do adulto, que descrevo em minha monografia de conclusão de curso (Goldberg, 1999). Daí nasce o "embrião" das práticas pedagógicas com a temática do desenho na formação de professores, especialmente na formação de pedagogos na UFC, na disciplina de Arte e Educação, por meio de uma sequência didática que se organiza em 5 etapas: 1. Desenho diagnóstico; 2. Oficinas do Grafismo; 3. Panorama do Grafismo; 4. "Onde está o meu desenho?" e 5. Portfólio do desenho, descritos na imagem a seguir (Figura 13).

Figura 13 – Estudo do Desenho Infantil



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Durante todo o processo formativo, é muito importante que os estudantes apreendam que não existe "eu não sei desenhar", mas adultos que "desenham como criança" porque pararam de desenhar quando crianças e seu desenho original ficou "congelado" no tempo. Como a maioria dos adultos se repreende ou não aceita que seu desenho original ainda se pareça com um desenho "infantil", assumem sem refletir e com certo conformismo que "não sabem desenhar", quando na verdade todos "sabem" desenhar. Portanto, a pergunta que fica é "o que está por trás do 'eu não sei desenhar'? Qual o problema de um adulto "desenhar como criança"? O desenho da criança é "feio"? "menor"? "infantil", no sentido pejorativo?

Diante disso, como já relatado, enquanto licenciada em artes, busquei me inserir e fortalecer a formação de professores das infâncias no Curso de Pedagogia e, não somente para partilhar conhecimentos acerca da importância da arte e do desenho para as crianças, mas buscar resgatar nesses sujeitos, em suas histórias de

vida, onde a arte esteve e está e como resgatar a capacidade criadora adormecida em sua grande maioria? Por isso o trabalho (auto)biográfico na disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia na UFC, por isso a escuta sensível e atenta a estes professores das infâncias, por isso a pesquisa de pós-doutorado desenvolvida.

No doutorado me preocupei com as crianças e o seu "autobiografismo" enquanto autobiografia desenhada, no pós-doutorado me propus a ouvir professores da Educação Infantil sobre sua relação com o desenho da infância aos dias de hoje. O desenho sempre esteve presente ou foi silenciado/adormecido em algum momento da vida? Como foi o desenho na infância e na adolescência? Como ele resistiu, se resistiu? Como eles veem o desenho na graduação, no Curso de Pedagogia? Como trabalham o desenho na escola, em sala de aula com as crianças na Educação Infantil? A seguir apresento um pouco sobre a pesquisa realizada.

A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias

Minha pesquisa de pós-doutorado, intitulada "A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias" teve como foco a dimensão (auto)biográfica do desenho a partir da minha narrativa autobiográfica como artista/professora/pesquisadora acerca do meu desenho, em diálogo com as narrativas de professores das infâncias, dando continuidade à discussão sobre o "autobiografismo", constructo que defendi em minha tese de doutorado (Goldberg, 2016) (Figura 14).

Figura 14 - Partes que compõem a pesquisa do pós-doutorado



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Meu Plano de Trabalho do pós-doutorado abrangeu a pesquisa e outras atividades junto ao Grupo FIAR, configurando-se da seguinte forma (Figura 15):

Figura 15 – Plano de Trabalho do pós-doutorado



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Assim, uma das partes da pesquisa foi a construção da minha narrativa autobiográfica acerca do meu desenho. Há uma narrativa "sobre" o desenho na minha vida, mas há a narrativa "do" desenho. A narrativa "do" desenho é a que é contada através do próprio desenho, é o que configura o meu "autobiografismo". A narrativa "sobre" o desenho é a que conta o lugar dele, da infância aos dias de hoje, à docência no curso de Pedagogia. A narrativa de "dentro" e a narrativa "de fora" do desenho em minha vida. Essas duas narrativas compõem uma parte da pesquisa, que se fez necessária ao perceber que, apesar de já ter elaborado narrativas autobiográficas várias, em nenhuma delas, esteve o desenho como o protagonista e, se me proponho a ser escuta das narrativas do outro, é preciso que eu também tenha mergulhado neste processo narrativo, com a mesma importância que dou à narrativa do outro, construo a minha.

Ao falar sobre o desenho na minha vida, há três caminhos que se entrelaçam e se retroalimentam: o da artista, o da professora e o da pesquisadora, caminhos que desenham histórias que poderiam ser separadas, mas que são obviamente interligadas, pois o desenho, desde muito tempo, rege a minha vida e ele é o motor e a razão de quase tudo que me move. Ele encarna meus "mundos de vida" no papel desde pequenina, e se tornou uma bandeira política e pedagógica enquanto estudante de licenciatura em Artes Plásticas e professora de arte e de arte/educação desde os anos 1990 e, como não poderia deixar de ser, é também meu objeto de estudo e pesquisa na graduação, mestrado, doutorado, etc,.

Desenho sou eu. Desenho é meu alimento. Desenho é meu motor de vida. É por isso também, que toda a trajetória deste pós-doutoramento configurou-se como um processo (auto)biográfico em que parti da minha narrativa autobiográfica sobre o meu desenho, o meu "autobiografismo", e ampliei o diálogo para com pedagogos, professores da Educação Infantil, investigando o lugar do desenho em suas vidas, através de suas narrativas autobiográficas. Para além da minha narrativa autobiográfica, dialogo também com a minha prática docente em arte/educação

junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, que tem como foco a formação artística e estética de professores/as da educação básica, dando destaque às práticas pedagógicas em que o desenho e a narrativa (auto)biográfica são tema e método, meios de atuar na formação de educadores das infâncias para evitar mais "bloqueios" e resgatar o que foi perdido (Figuras 16 e 17).

Figuras 16 e 17 - Narrativa autobiográfica e sua organização



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Minha narrativa autobiográfica traz com mais profundidade os aspectos relacionados ao meu autobiografismo, contando como o meu desenho conta sobre mim. Nesta narrativa trago toda a história do meu desenho, dos primeiros desenhos da infância que encontrei e guardo até hoje, passando pela adolescência, o período escolar, os desenhos na época da faculdade de Artes Plásticas, o meu desenho profissional como artista gráfica e ilustradora independente e o desenho que resistiu e resiste até hoje. Meu autobiografismo conta de todas as "fases" do meu grafismo, dos elementais aos elementos da natureza, das formas, cores, texturas e paisagens que me compõem enquanto este ser humano que sou. Fiquei muito feliz em contar e reviver essa trajetória da minha história desenhada numa narrativa totalmente singular e inédita para mim. Foi muito intenso e formativo fazer essa narrativa e deixar o desenho contar minha história de vida. Para a apresentação na 3ª Roda organizei os desenhos em agrupamentos por "fases": o desenho da infância e adolescência, os elementais, o

desenho científico e ambiental, os "olhos estéticos" e o "K-Olho", como podemos ver evoluir nas imagens a seguir (Figuras 18 a 24).

Figuras 18 a 24 – desenhos organizados por "fases" do meu autobiografismo







Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

No dia da apresentação minha narrativa autobiográfica ainda não havia sido concluída, então partilhei *prints* de sua organização até o momento conforme as imagens a seguir (Figuras 25 a 27).

Figuras 25 a 27 – estrutura visual da narrativa autobiográfica



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Do meu encontro com meu desenho, vou ao encontro do desenho do outro, quando busco aprofundar a escuta das narrativas autobiográficas de professores das infâncias. No cotidiano da disciplina de Arte e Educação recebo muitas narrativas dos estudantes, relatos de suas experiências com a arte e com o desenho, ao propor atividades de natureza autobiográfica. Entendo cada dia mais a importância dessa autoanálise e da dimensão formativa que se dá através do processo reflexivo que a narrativa autobiográfica provoca.

Aprofundei os estudos sobre a abordagem de pesquisa (auto)biográfica no interior do Grupo Diafhna (acompanhando os encontros de estudo, participando como avaliadora de inúmeras bancas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado, orientando e coorientando pesquisas na graduação e pós-graduação), no meu doutorado em que também tive a oportunidade de fazer um estágio "sanduíche" com a Profa. Dra. Martine Lani-Bayle na Universidade de Nantes – França, importante referência no campo, especialmente sobre pesquisa biográfica com crianças.

Assim, na minha pesquisa de doutorado e na de pós-doutorado, ao escolher o universo da pesquisa qualitativa em educação, escolhi trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica, tendo como referência autores como Marie Christine Josso, Cristine Delory-Momberger, Gaston Pineau, Franco Ferrarotti, Martine Lani-Bayle, Maria da Conceição Passeggi, Luciane De Conti, entre outros, e me propus a trabalhar narrativas de vida pelo desenho. No contexto da Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (Goldberg, 2016). No contexto do doutorado realizei pesquisa com crianças e agora no pós-doutorado com professores de Educação Infantil, tendo o "autobiografismo" como o fio condutor.

Fiquei fascinada ao ter acesso aos estudos no campo das "histórias de vida em formação", ao compreender a perspectiva

formativa, que conecta o biográfico ao educativo e que tem a narrativa como "ato autopoiético", como potencial de enunciação, de figuração e de permanente reinvenção de si, pois como afirma Delory-Momberger (2008, p. 56) "[...] a narrativa não é apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa". Compreender a dimensão "singular-plural" da narrativa autobiográfica a partir de Ferrarotti (2014) também foi fascinante, compreender a perspectiva do individual-coletivo, em que é possível encontrar no singular, no indivíduo, o coletivo, o sistema social.

Diante disso, a pesquisa (auto)biográfica com os professores das infâncias, organizou-se a partir da pergunta disparadora: "Qual o lugar do desenho na sua vida, da infância à docência na Educação Infantil?" e caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa onde temos sujeitos de pesquisa repletos de subjetividade integrados em fenômenos complexos que não podem ser quantificados.

O método principal de geração de "dados" foi a Entrevista Narrativa (EN), um tipo de entrevista individual mais profunda criada na Alemanha, na década de 80, por Fritz Schütze (Jovchelovitch e Bauer, 2002). Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 93), a Entrevista Narrativa é um tipo de entrevista não estruturada que propõe uma quebra com a rigidez da entrevista do tipo pergunta-resposta, mais adequada à pesquisa narrativa de natureza autobiográfica. Organizada em 4 (quatro) fases: iniciação, narração central, questionamento e fala conclusiva, é realizada a partir de uma questão, uma pergunta motivadora, que deve ser ampla, para que os sujeitos da pesquisa possam elaborar sua narrativa a partir dos objetivos e interesses da pesquisa (Figura 28).

Figura 28 - Entrevistas Narrativas com pedagogos professores da Educação Infantil



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Inicialmente faria esta pesquisa com professoras de Educação Infantil participantes do projeto de pesquisa "Arte na educação infantil: memória, formação e práticas docentes", coordenada pela minha supervisora, porém devido ao acidente grave sofrido por ela logo na minha chegada, a pesquisa com essas professoras foi interrompida e retomada somente ao final do período previsto para meu estágio pós-doutoral. Nisso decidimos escolher 3 pedagogos, professores de Educação Infantil atuantes na escola e convidei 2 professores, ex-alunos meus do curso de Pedagogia da UFC, hoje atuantes na rede pública de Fortaleza (CE) e uma professora de Educação Infantil, formada em pedagogia pela UFF atuante da rede privada de Maricá (RJ), que felizmente aceitaram o convite. Na figura a seguir, os sujeitos participantes da pesquisa (Figura 29).

Figura 29 - Sujeitos participantes da pesquisa



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

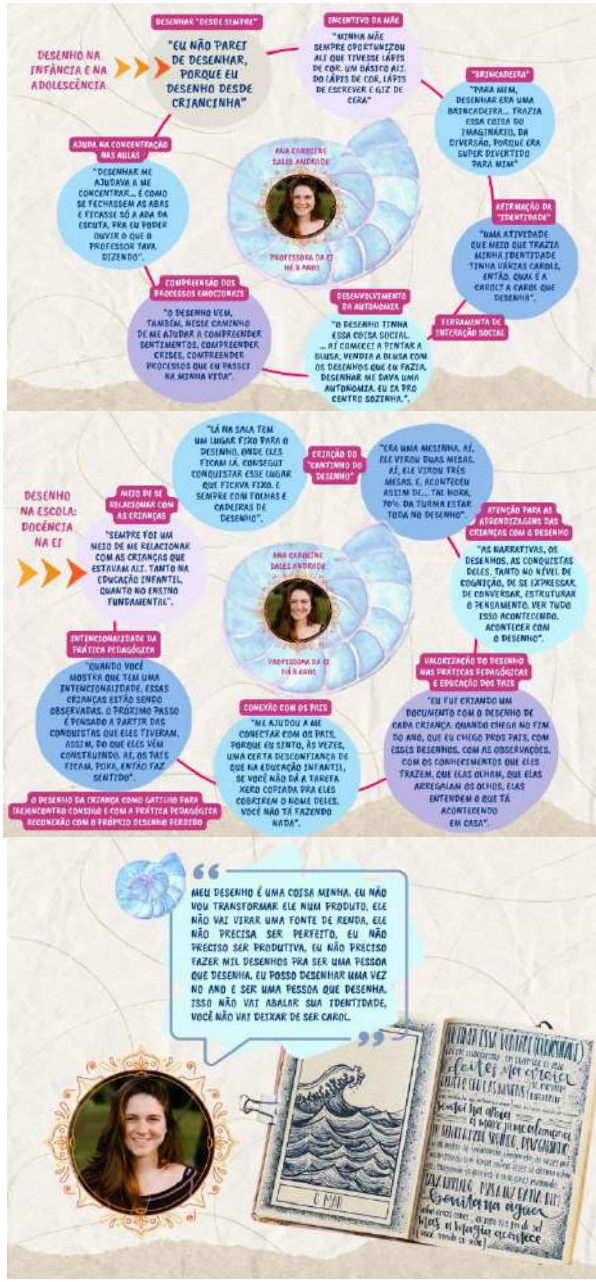
Realizei as Entrevistas Narrativas com cada professor de modo individual através da ferramenta *Google Meet*, a partir da pergunta *Qual o lugar do DESENHO na sua vida, da infância aos dias de hoje como professor(a) da educação infantil?* Seguindo os passos já descritos. Após, usei o aplicativo *SpeakApp* para a transcrição das narrativas em texto, revisei e encaminhei para cada um verificar se estava tudo certo, se gostariam de editar as entrevistas, retirar, adicionar algo. Também perguntei se gostariam de ser identificados pelo nome ou se preferiam algum codinome. Os três preferiram serem identificados: Leandro e Carol, os professores de Fortaleza (CE) e Stéfanny, professora de Maricá (RJ). Dos três, Leandro quis complementar sua entrevista e enviou áudios via *Whatsapp* que também foram transcritos e enviados para sua revisão. Na ocasião do evento ainda não tinha concluído a análise temática das entrevistas e partilhei apenas uma pré análise do conteúdo da professora Carol. A análise das 3 entrevistas pode ser acessada no

relatório final do pós-doutorado, assim como, futuramente, será publicada em artigo.

A Entrevista Narrativa com Ana Caroline Sales Andrade (Carol), foi realizada no dia 17 de janeiro de 2025. Carol é professora da Educação Infantil há 8 anos, foi minha aluna de Arte e Educação no curso de pedagogia e monitora da disciplina por 2 anos, também foi minha co-orientanda no mestrado em Educação (PPGE/UFC), na pesquisa intitulada: *Caminhos e travessias do desenho infantil: experiências de infância e formação que emergem na narrativa de si de professoras da educação infantil*, defendida em 2022 sob orientação da Profa Dra Ana Frota e teve nas bancas de qualificação e defesa a presença da Profª Drª Luciana Ostetto. Na análise emergiram 5 grande temáticas, com subtemáticas, sendo elas: 1. Desenho na infância; 2. Desenho da adolescência; 3. Desenho no curso de pedagogia da UFC: Arte e educação e monitoria; 4. Desenho na escola pública, enquanto professora da Educação Infantil e 5. Carol e seu desenho. A seguir algumas etapas do processo analítico (Figuras 30 a 33).

Figuras 30 a 33 - esquema analítico da professora Carol





Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Na sequência de minha apresentação partilhei outras experiências vivenciadas no pós-doutorado, para partilhar um pouco desse (trans)bordamento, das aprendizagens tecidas "à mão" e "junto com o outro", nas reuniões, eventos, encontros, aulas, palestras, saídas de campo, missões culturais, etc. Como a participação no componente curricular *Atividades Culturais - Arte, Infância e Formação Docente,* que ministramos, Luciana, eu e Daiane para estudantes do curso de Pedagogia da UFF no semestre 2024.2; o *Ciclo de Debates Formação, Infância e Arte*: a palestra *Desenhos, Infâncias e Autobiografias* ministrada por mim em outubro de 2024; as reuniões do Grupo FIAR, presenciais e online ao longo do ano; a Missão Cultural do Grupo FIAR à São Paulo em maio de 2025, etc. Seguem as composições imagéticas desses momentos especiais (Figuras 34 a 37)

Figuras 34 a 39 – Outras atividades do pós-doutorado




Universidade Federal Fluminense
ATIVIDADES CULTURAIS
ARTE, INFÂNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE SEMESTRE 2024.2
O DESENHO, UMA LINHA QUE SONHA: OFICINAS DO GRAFISMO (30/10/2025)
DESENHO "DIAGNÓSTICO"
OFICINAS DO GRAFISMO
PANORAMA DO GRAFISMO (DGI)
ONDE ESTÁ O MEU DESENHO?


CICLO DE DEBATES FORMAÇÃO, INFÂNCIA E ARTE:
PALESTRA DESENHOS, INFÂNCIAS E AUTOBIOGRAFIAS
CICLO DE DEBATES FORMAÇÃO, INFÂNCIA E ARTE
DESENHOS, INFÂNCIAS E AUTOBIOGRAFIAS
PROFª DRª CUCIANE GOLDBERG
Universidade Federal do Ceará
23 Out 18h
PROEX
FIAR


NA ATUALIDADE, COMPREENDEMOS QUE REFLETIR SOBRE A DIMENSÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SIGNIFICA TRAÇAR UM CAMINHO QUE TENTA CHAMAR ATENÇÃO PARA A NECESSIDADE DE DEVOLVER SENTIDO ÀS COISAS DO MUNDO: DE FAZEREM-SE MOVIMENTOS QUE AJUDEM O PROFESSOR A (RE)ANIMAR SUA VIDA, DENTRO E FORA DA DOCÊNCIA, A RECONECTAR-SE COM SUA POTÊNCIA CRIADORA, (RE)ENCANTAR-SE E SEGUIR COM AS CRIANÇAS PERCEBENDO E INVENTANDO BELEZAS. SIGNIFICA NÃO ESQUECER A PESSOA NA PESSOA DO PROFESSOR – SER POR INTEIRO, MENTE E CORPO, EMOÇÃO E RAZÃO, ESCRITA, VOZ E POESIA DE SER (OSTETTO; SILVA, 2018, P. 12).
CENTRO DE ARTES UFF



Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda

Muitos devem pensar que o pós-doutorado consiste apenas em uma "pesquisa" realizada sob a supervisão de um docente mais experiente e que esteja ligado aos interesses de atuação e de pesquisa do pós doutorando. Claro que se trata disso, porém, ao finalizar essa jornada, ficou difícil separar o que fez e o que não fez parte dessa experiência. De antemão não podemos saber o que será e nem prever sem viver e, me deslocar para Niterói foi decisivo para que este pós-doutorado (trans)bordasse a pesquisa para muitas outras possibilidades de experiências e aprendizagens. Estar ali, pertinho e disponível para a pesquisa e quaisquer outras atividades relacionadas, me proporcionaram muito mais do que a própria pesquisa proposta, mas o encontro com pessoas especiais, como Luciana e toda a gente maravilhosa que compõe o FIAR e a casa da "gracinha", onde tive o prazer de visitar tantas vezes para reuniões de supervisão, encontros e atividades do Grupo FIAR e outras programações afetivas, sempre regadas a muita alegria, beleza e delícias gastronômicas. Todo o alimento estético possível!

E finalizando este texto, da pra sentir que a aventura do pós-doutorado foi isso e muito mais! Foi tanto que não cabe em imagem, nem em texto, nem na fala e reverbera por todo meu ser,

me nutrindo enquanto artista-professora-pesquisadora que sou e venho me tornando, caleidoscopicamente (Figura 40).

Figura 40 – Um caleidoscópio de emoções!
Fonte: slides da apresentação realizada na 3ª Roda



Grata por essa Roda!

Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual:** uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira, 1980.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil:** das origens ao modernismo. São Paulo:Perspectiva, 1978.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DERDYK, Edith. **O corpo da linha:** notações sobre o desenho. Belo Horizonte: Relicário, 2024.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação.** 7 ed. Campinas: Papirus, 2002.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado ado direito do cérebro**. 14 ed. Rio de Janeiro:

Ediouro, 1984.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida:** o método biográfico nas Ciências Sociais. Trad. Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FERRAZ, Maria H. C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Arte-Pré-Arte:** um estudo acerca da retomada da expressão gráfica do adulto. Monografia (Graduação em Educação Artística-Licenciatura Plena) — Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

GOLDBERG, Luciane Germano. Experiências formativas em arte dos licenciandos em Pedagogia a UFC: influências da pedagogia tecnicista. In: ANDRADE, Francisco Ari de; VIANA, Carlos Augusto; JESUÍNO, Filipe de Menezes; SILVA, Renata Aquino da. (orgs.). **Educação Brasileira:** conceitos e contextos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo:** biografização e desenho infantil com crianças em acolhimento institucional. 2016. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2016. Disponível em:

http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19338. Acesso em 15 de julho de 2026.

GOLDBERG, Luciane Germano; OLINDA, Ercília Maria Braga de; BEZERRA, Larissa Rogério. **Narrativas de experiências formativas em arte:** a linha do tempo de estudantes universitários. In: Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica – CIPA. V. Anais.PUC, Casa Leiria, Porto Alegre, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; BEZERRA, Larissa Rogério. **Linha do tempo:** Narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil - Arte/Educação: Corpos Em Trânsito. 22. Anais. São Paulo, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; SALMITO, Ricardo Rigaud. **Processos criativos em artes visuais:** as experiências formativas de licenciandos da educação básica. In: Diálogos Internacionais em Artes Visuais. 2. Anais. Recife, 2013.

GOLDBERG, Luciane Germano. BEZERRA, Larissa Rogério; PEREIRA JÚNIOR, Leandro da Silva. **Do singular-plural e as experiências formativas em arte de licenciandos em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará**. In: Congresso Internacional De Pesquisa (Auto)Biográfica – UNICID. 8. Anais.São Paulo, set. 2018. ISSN 2178-0676.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Entrevista narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KELLOG, Rhoda. **Analisis de la expresion plastica del preescolar**. 3 ed. Espanha: CINCEL,1985.

LOWENFELD, Viktor e BRITTAIN, W. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo:Mestre Jou, 1970.

MARTINS, Miriam Celeste. **Temas e técnicas em artes plásticas.** São Paulo, ECE, 1979.

OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino:** uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001. (Col.Questões da nossa época).

OSTETTO, Luciana Esmeralda e SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a educação infantil: procura-se! **P O I É S I S**, Revista do Programa De Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade Do Sul De Santa Catarina Unisul, Tubarão, V.12, N. 21, P. 185-203, Jan/Jun 2018. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/0. Acesso em 15 de julho de 2026.

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PERALTA-CASTELL, Cleusa Helena Guaita. **Pela linha do tempo do desenho infantil:** um caminho trans estético para o currículo integrado. Rio Grande: FURG, 2012.

PERALTA, Cleusa Helena Guaita. **A arte do grafismo infantil e a construção simbólica.** Proposta para assessoramento e acompanhamento da implantação do padrão referencial de currículo, 1998.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In **Educação e Pesquisa**. V. 32, no 02, maio/agosto, 2006, p. 329-343.

READ, Herbert. **A educação através da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

.16.
Cinema e Educação: "E vou viver as coisas novas que também são boas"[1]

Marta Nidia Varella Gomes Maia

Janelas que se abrem: partilha de produções audiovisuais

No III Seminário Rodas do FIAR, passamos três dias vivendo coisas novas e boas, como cantou Belchior em 1978 e segue cantando para quem tem ouvidos cativados por sua atualidade e irreverência. Em cada roda de conversa, muitas narrativas, entremeadas de múltiplas formas de fazer pesquisa e de compartilhá-las.

No terceiro dia de seminário, tivemos a 4ª roda, intitulada "E vou viver as coisas novas que também são boas", dedicada à produção audiovisual das pesquisas, recebemos as colegas do grupo Diafhna, vindas do Ceará com uma bagagem de alta sensibilidade para compartilhar com os presentes: os curtas "Turma do 5º ano" e " Oficina Autobiográfica: 5º ano", produzidos por Bárbara Castelo Branco Monte e Amábile Alexandre, e o vídeo "Caminhos da Terra: diário de itinerância", produzido por Paloma Almeida.

Em cada peça audiovisual, conhecemos histórias, identidades, singularidades e percursos de diálogo e formação. Meninos e meninas falando de si, na frente das câmeras, de posse das câmeras. Caminhos de registro, de descobertas e conhecimento, de uma professora-pesquisadora com a terra, as tintas, suas memórias-formação. Cada história foi contada a partir de lentes que captam as cenas.

[1] Verso da canção Tudo outra vez de BELCHIOR, gravada no álbum 2 é Demais pela gravadora Warner em 1978.

As lentes… As lentes possibilitam um recorte, nem sempre intencional, uma aproximação muito peculiar daquilo, ou daquele, para onde ela aponta. Um enquadramento situa a imagem em destaque em relação ao entorno. Essa imagem se torna outra, destacada, pode-se dizer, de si mesma, redefinida por quem tem posse das lentes, ressignificada por quem admira a imagem.

A lente, de certa forma, nos distancia da imagem captada, seja ela uma paisagem, seja ela uma pessoa. Essa distância, ao contrário de nos afastar da imagem, seja ela uma paisagem, seja ela uma pessoa, a coloca em um plano especial, distinto, lhe confere a distinção.

Assistir aos vídeos partilhados, como janelas que se abriram para todas as pessoas presentes, ver cada participante chegar à janela para assistir e acompanhar os desdobramentos dessa assistência, nos diálogos que se seguiram, me remeteram a um outro tempo em que o audiovisual se apresentou como preponderante para a minha formação acadêmica e pessoal. Um tempo em que o cinema simbolizou uma "Janela para o mundo", como a música de Milton Nascimento e Fernando Brant (1997), e me mostrou que "Estrangeiro eu não vou ser", em nenhum lugar.

Na música de Nascimento e Brant, me encontro, como síntese do que significou para mim a possibilidade de experimentar o cinema como meio formativo na graduação em Pedagogia. Em diálogo com a canção, pretendo trazer um recorte sobre esse processo. Um trabalho intelectual completamente encharcado de emoção, a mais perfeita síntese de razão e sensibilidade para mim, especialmente naquele período em que a vida exigia a conclusão do curso para cuidar das urgências da profissão e da maternidade.

Cinema na formação docente: memórias e reminiscências

O verso "Estrangeiro eu não vou ser" compõe o título da minha monografia da graduação em Pedagogia, concluída na Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano 2000. Um título que recebeu um subtítulo, por solicitação do parecerista, e ficou

assim: "ESTRANGEIRO EU NÃO VOU SER… ou A contribuição da atividade de cinema na formação do professor" (Maia, 2000). Para mim e para minha orientadora, o primeiro título dava conta de provocar o leitor a conhecer o texto monográfico. Mas, didaticamente, o título foi modificado.

Atividade de Cinema, era um das propostas ofertadas no componente curricular denominado Atividades Culturais do Curso de Pedagogia da UFF, no final dos anos 1990. Esse componente ainda existe, porém de modo muito diferente do que era proposto originalmente naquele currículo cursado por mim nos anos 1990. Embora o componente curricular fosse ofertado no Curso de Pedagogia, ele não deveria, a princípio, ter necessariamente uma relação direta com a escola ou com a docência. A perspectiva da proposta era a ampliação cultural de graduandos e graduandas, oferecendo oportunidades para experienciar diferentes linguagens da arte, diferentes expressões culturais, proporcionando-lhes tempo e espaço para a fruição artístico-cultural.

Assim, na Atividade de Cinema, às quartas-feiras à noite, nos reuníamos para assistirmos a filmes. Assistíamos a filmes de diferentes épocas, lugares, gêneros, temas. Alguns eram famosos, outros absolutamente desconhecidos do grande público, alguns eram clássicos, outros eram inovadores. Filmes garimpados nas locadoras, num tempo de VHS, pelas professoras Léa Calvão e Dora Henrique, que ofereciam a atividade. Amor e guerra, amizade e intolerância, sexualidade e infância, tudo poderia passar na tela da televisão para a qual tínhamos os olhos fixados semanalmente. Nem sempre era prazeroso, mas era sempre impactante.

Era assistir, comentar, discutir, pesquisar, ler sobre o tema, o cinema, a técnica, os sujeitos. Era um modo absolutamente novo de estudar, para mim e para todas nós. Estudar num sentido muito mais amplo do que convencionalmente fazemos na escola e até na universidade. Esse modo de conhecer me fazia sentir tal qual a música referida:

De janela, o mundo até parece o meu quintal
Viajar, no fundo, é ver que é igual
O drama que mora em cada um de nós
Descobrir no longe o que já estava em nossas mãos
Minha vida brasileira é uma vida universal`
É o mesmo sonho,é o mesmo amor
Traduzido para tudo o que o humano for
Olhar o mundo é conhecer
Tudo o que eu já teria de saber
(Nascimento; Brant,1997).

A canção traz o nosso pertencimento no mundo, nossa humanidade, mesmo quando desumanos. Ver o mundo e a diversidade de temas e personagens nas telas me trazia isso: uma abertura para o mundo que, no fundo, me dizia que tudo aquilo me constitui, o bem e o mal, o belo e o feio, o sonho e o pesadelo, a paz e a guerra. Tudo humanamente amalgamado em mim, em nós.

Cada história contada na tela me dizia sobre o que "já teria de saber" e, talvez, já soubesse e nem tivesse consciência de saber. Uma vida brasileira tão local e ao mesmo tempo universal. Um sentimento que não anula a diferença e a diversidade, pelo contrário, nos inscreve nela por partirmos do mesmo quintal, planeta Terra. Um mesmo chão, ainda que situado em pontos diversos do globo, nos coloca num ponto de partida para "tudo o que humano for".

Na apresentação da monografia da qual falo aqui, trago um texto que fiz para a monografia de uma colega que também estudou o componente Atividades Culturais e digo que, através da Atividade de Cinema, é possível "Perceber-se na tela de diversas formas e situações, perceber quem você é, quem você não é, quem você quer ser, quem você não quer ser. Ver o outro, seus desejos, possibilidades, limites, angústias. Ver a vida e sua complexidade" (Maia, 2000, p. 8). Era um movimento de enxergar-se através do outro.

Para uma jovem que queria abraçar o mundo muito cedo, mas sem ter saído de onde estava geograficamente situada, aquelas professoras e as colegas das turmas de Cinema estavam dando a

mão para andarilhar como cidadã do mundo, ainda que sentada numa desconfortável cadeira numa sala de luzes apagadas com os olhos pregados na tela.

Talvez alguém pense: mas eram apenas filmes, isso você poderia ver no cinema e até na televisão, poderia ver pegando uma fita na locadora. Mas, ali era mais, muito mais. Havia uma curadoria cuidadosa das professoras, havia uma intencionalidade pedagógica, política, estética, ética, sem qualquer sobreposição de nenhuma dessas dimensões.

Essa curadoria tanto podia deixar em aberto os temas a serem tratados pelos filmes, trazendo uma diversidade deles, ou definir um tema central, como o amor, em diferentes abordagens, inclusive o desamor. Os filmes eram analisados pelo grupo, e as análises eram debatidas, contestadas; precisávamos, muitas vezes, aprimorar a forma de expor nossas ideias, rever nossas posições, até nossos sentimentos e concepções. Fazíamos um relatório de cada filme e de cada debate. Um exercício extremamente difícil algumas vezes, mas que também proporcionava uma outra experiência com o filme: ampliava a compreensão, a capacidade de analisar, ou mesmo a de sonhar outras histórias e outros mundos.

A curadoria das professoras nos ajudava a lidar com a nossa dessensibilização, provocada pelo tanto de coisas a que somos expostos audiovisualmente, e hoje ainda mais. Como nos diz Carriére (1994, p. 23): "por ter muito para ver, nossos olhos, com frequência, não conseguem ver coisa alguma". Dessa forma, o início da atividade também causava impacto, víamos filmes muito diferentes daqueles exibidos nas TVs e cinemas mais populares na época. Assistimos muitas vezes ao que se chamava "cinema de arte", filmes que não tinham o apelo comercial como meta, mas a apresentação de histórias que nos colocam frente à nossa humanidade e até à nossa desumanidade, com a nossa sensibilidade.

De acordo com Ostrower (1978, p. 25), " Na obra de arte, qualquer que seja o estilo e a época, transparece uma tomada de consciência ante a realidade vivida, ainda que o indivíduo formule

sua experiência em termos subjetivos". Expostas ao encontro com a arte através dos filmes, nos encontrávamos nela. Com a ampliação do nosso olhar e compreensão nos estudos compartilhados e nos debates, tomávamos consciência do nosso lugar no mundo e das possibilidades de ver, sentir, fazer, sonhar. Um alargamento de nossa compreensão sobre nós mesmos e o mundo ao redor.

Esse alargamento, essa ampliação do olhar e da compreensão me traz uma consideração de Gramsci, citado por Nosella (1995) quando afirma que cultura é

> [...] organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse de sua própria personalidade, é conquistar uma consciência superior através da qual consegue-se compreender seu próprio valor histórico, sua própria função da vida, seus direitos e seus deveres, mas tudo isso não acontece por evolução espontânea… se forma… pela reflexão inteligente (Gramsci apud Nosella, 1995, p. 15).

Essa "reflexão inteligente", provocada pelos filmes, debates e intervenções das professoras, era percebida por nós, jovens estudantes, no encontro e tomada de posse de nós mesmas, nos situando no processo histórico que nos constitui, mas também da nossa sensibilidade.

Além desse processo de assistir a filmes, se emocionar, pensar, falar, debater, escrever, também vivenciamos dois processos diferentes a partir da atividade. Um de caráter mais coletivo e outro de caráter mais pessoal, mas ambos de ampliação de repertório, de imersão cultural e exercício da razão e da sensibilidade.

O primeiro era a proposta das professoras de propor a visita a museus, teatros e, claro, cinemas em grupo, em alguns finais de semana. Nem todas as alunas podiam, conseguiam e, talvez, desejassem participar dessas visitas. Sabemos bem que, depois de toda a semana estudando e, muitas vezes, trabalhando, como era o meu caso, muitas de nós, como eu, ainda tínhamos filhos para dar assistência no exíguo tempo de um fim de semana. Ainda assim, íamos! Para muitas de nós, foi a oportunidade de experimentarmos

a primeira vez em um museu, ou naquele museu, a primeira vez em um teatro, ou naquele teatro, ou naquele tipo de espetáculo, e ainda naquele cinema que só exibia filmes de arte.

O segundo foi a minha busca pessoal por mais conhecimento sobre o cinema. Em comemoração aos 100 anos da primeira exibição paga de uma película, foi lançada, no ano 1995, uma coleção de fitas com os cem melhores filmes já produzidos à época. Eram filmes que representavam diferentes fases, tempos, lugares, diretores. Eu colecionei essas fitas! Não cheguei às 100 fitas, porque nem sempre havia condições de adquiri-las. Junto a cada fita vinha uma revista com informações sobre o filme, produção, direção, atores e muitas, muitas imagens. Cada publicação era um mergulho nesse mundo de sonhos e realidade. Além dessa publicação, passei a acompanhar, nos jornais impressos, notícias, colunas, críticas sobre cinema, com muita atenção.

Ao longo do semestre em que fazíamos a atividade de cinema, como forma de avaliação, tínhamos um caderno, que ia sendo preenchido. Esse material compôs o meu caderno. Um caderno inteiro de colagens e textos sobre cada um dos filmes vistos, e tudo o que pude organizar a partir da minha busca por conhecer mais a sétima arte.

Essa experiência foi extremamente marcante na minha formação. Além da importância em si, da minha busca por mais conhecimento, da curadoria extremamente cuidadosa das professoras, das suas intervenções e provocações para que avançássemos na elaboração sobre os temas que circulavam nos debates, entendi que, para mim, havia mais um fator relevante. Esse fator era a memória de toda a infância e a adolescência ouvindo meu pai narrando seu amor pelo cinema, as histórias que atravessaram sua vida perpassadas pelas salas de cinema de bairro durante muitos anos.

Histórias do meu pai e os cinemas de bairros

As histórias do meu pai, avós, tios falam de um tempo em que o cinema era a grande janela para o mundo e, no caso das classes populares, a única. E essa era a situação da minha família. Era pelo cinema, através das telas, que se tinha notícias de outros lugares, que se viam outros povos, outras histórias. Foi também pelas telas que foi possível ver nosso povo em produções nacionais nos tempos da Cinédia e da Atlântida e suas Chanchadas.

A Cinédia[2] e Atlântida[3] foram duas companhias cinematográficas nacionais situadas no Rio de Janeiro. A Cinédia foi fundada em 1930 e ainda se encontra em funcionamento. Entre os anos 30 e 40 foi considerada uma das mais importantes produtoras de cinema do país. Já Atlântida Cinematográfica foi fundada em 1941 e encerrou suas atividades em 1962. Enquanto a primeira resistiu ao tempo, a segunda é considerada a mais bem sucedida produtora nacional. Mesmo tendo produzido outros gêneros, ambas as produtoras se dedicaram às comédias musicais conhecidas como chanchadas. Através delas o público conheceu, e se divertiu, atores como Carmen Miranda, Humberto Mauro, Oscarito, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Zé Trindade.

Grande Otelo e Oscarito eram seus ídolos desta época, além de Chaplin, é claro. Com meu pai, vi todos os filmes deles quando passados na televisão. Ainda muito menina, me lembro que os filmes de Chaplin passavam domingo à noite, bem tarde. Eu assistia a todos ao lado dele. Ríamos e chorávamos juntos todos os domingos à noite, como se não houvesse uma segunda-feira aguardando a ele para a longa jornada de trabalho e a mim para a escola. Alguns anos depois, passou a acontecer um festival de filmes da Cinédia e da Atlântida. Aí foram as nossas tardes de sábado que passaram a ser de risos e histórias. Eram os melhores momentos com meu pai. Um homem que trabalhava muito, quase

[2] Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cin%C3%A9dia

[3] Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Atl%C3%A2ntida_Cinematogr%C3%A1fica

nunca descansava ou se divertia durante a minha infância, mas que soltava grandes gargalhadas diante das trapalhadas vistas na tela.

Foi apenas quando assisti *Cinema Paradiso*[4], na Atividade de Cinema, que percebi o quanto essa presença dele frente à tela ao meu lado ainda era imensamente marcante. Assistir *Cinema Paradiso* é como ouvir pai, mãe, tios narrando um tempo em que a chegada de uma "fita nova" no cinema do bairro, num tempo em que todo bairro tinha uma sala de cinema, era o grande acontecimento. Quando vi a história de Totó e Alfredo, a vida em torno da sala de cinema, a vida na própria sala de cinema, foi como se todas as histórias ouvidas na infância ganhassem veracidade, cor e som, quase uma materialidade.

Além de tudo, cinema é memória! E isso pudemos ver recentemente no filme brasileiro O Agente Secreto. Um filme que trata da nossa pouca memória sobre nós mesmos, como povo, como país. Uma ausência de memória forçada pelas condições políticas pós-abertura democrática no final dos anos 1980. Mas, uma ausência de memória à qual aderimos muito facilmente como povo porque aprendemos que somos, ou seríamos, o país do futuro. Logo, deveríamos ter o olhar para a frente, sem olhar para trás. Essa falta de memória nos retira muito de nossa identidade e reconhecimento como povo.

Também por isso, alçar e atiçar minhas memórias por meio do cinema, através da Atividade de Cinema, foi e é algo fundamental para a minha percepção crítica de mim mesma no mundo, de mim como individualidade pertencente a um coletivo muito maior que eu.

[4] Filme lançado em 1988 com título original de Nuovo Cinema Paradiso, com direção e roteiro de Giuseppe Tornatore, tendo no elenco Philippe Noiret, Jacques Perrin e Salvatore Cascio. Fonte: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-4989/

O que faz um encontro, o que se faz em uma manhã…

Toda essa narrativa, e as reflexões por ela tecidas, têm raízes naquela manhã, quando, mediando a 4ª roda do III Seminário Rodas do FIAR, assistindo às produções audiovisuais das colegas do Diafhna, minhas memórias foram provocadas. Ao escrever sobre as reverberações daquele encontro, lembro Ostrower (1978, p. 12): "A criação se articula principalmente através da sensibilidade". E essa sensibilidade foi vista na tela. A criação, que também é forma de se conhecer e se reconhecer como sujeito no mundo, a criação exige sensibilidade para consigo mesmo e com o outro.

As pessoas implicadas naqueles processos criativos, desde a sua concepção até a sua realização, puderam abrir janelas através das lentes das câmeras e viajar, descobrir e afirmar, olhar o mundo a partir de si e do outro. Vidas tão brasileiras e tão universais, como cantam Nascimento e Brant!

Com as criações apresentadas, pude "viver as coisas novas que também são boas" e, na novidade, me encharcar de memórias. Tão boas histórias foram partilhadas nos vídeos partilhados, que ficaram marcadas e provocaram o que já se encontrava em mim, que viraram brilhos nos olhos, sorrisos, reflexões, cumplicidade.

Com razão e sensibilidade, uma roda de conversa não se encerra ao final dos trabalhos, um vídeo nunca é apenas um vídeo e ninguém permanece como antes. Seguimos nesse sonho, nessa vida universal, buscando conhecer tudo o que eu já teria que saber, porque se encontra nesse mundo, que até parece meu quintal.

Referências

BELCHIOR, Antônio Carlos. Tudo outra vez. Álbum 2 é Demais. Gravadora Warner. 1978.

CARRIÉRE, Jean Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

MAIA, Marta. **ESTRANGEIRO EU NÃO VOU SER…** ou A contribuição da Atividade de Cinema na Formação do Professor. Monografia de Graduação em Pedagogia - UFF. Orientação: Dora Henrique da Costa. Niterói, 2000.

NASCIMENTO, Milton. BRANT, Fernando. Janela para o Mundo. Álbum Nascimento. Gravadora WEA, 1997.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1978.

.17.
Da terra ao pigmento: um convite à arte e à pesquisa

Francisca Paloma Almeida Vital

Por entre memórias do vivido

Em meados de janeiro de 2025, o grupo FIAR/UFF convidou o grupo DIAFHNA/UFC para participar do "III Seminário Roda do FIAR - A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá". Esse encontro nutritivo, que aconteceu em julho do mesmo ano, reuniu professores(as), pesquisadores(as) e artistas que tiveram a oportunidade de dialogar e partilhar seus processos e pesquisas, tendo a autobiografia, a arte, a formação estética como linhas-temáticas, embaladas com as canções do querido Belchior. As discussões fiadas e confiadas, nos mobilizaram a "acender coisas por dentro", como nos disse a professora Luciana Ostetto, falando da beleza.

Aceitar o convite para participar desse momento plural e coletivo, partilhando a minha pesquisa artística vivida ao longo do Mestrado em Artes, me trouxe uma grande alegria, uma vez que foi durante esse percurso que me constitui professora-artista. Assim, para o momento de minha participação no seminário, escolhi apresentar como se deu o processo de produção de geotintas e, também, realizar um banquete de experimentação com as tintas que foram produzidas com solos nordestinos.

A arte é uma forma de atravessar!

A pesquisa que resultou na dissertação de mestrado "Poéticas da docência: A arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras da educação infantil" (Vital, 2025), foi uma pesquisa artística e poética, que me convocou a conjugar

verbos que pulsam a vida: criar aberturas para novos olhares e percepções sobre o mundo, dar significado ao mundo, estar atento ao que pode encantar e ser encantado. Foi esse estado de encantamento que me movimentou em direção à investigação sobre/com a terra, uma matéria que nos conecta com as nossas origens, que é embrionária e que sustenta toda a vida terrena.

Ao eleger a terra-barro como elemento fundamental para a extração de tintas, percebo de modo mais consciente de que esse é um processo de pesquisa delicado, com algumas etapas importantes, que precisam ser seguidas com rigor e reflexão, mas imbricadas em muita delicadeza, respeito e maravilhamento por parte de quem manipula a terra. Os pigmentos produzidos na pesquisa, também narram sobre a minha própria história, minhas inquietações. A terra é mais que um processo vivido por mim, é um projeto que se relaciona com a memória, com a ancestralidade e com a necessidade de dar valor a essa matéria que ganha vida no meu fazer artístico.

Considero relevante expor que esse movimento de inquietação sobre a profunda e complexa relação entre seres humanos e natureza, aflorou, com mais intensidade, durante a minha docência com os bebês e ganhou profundidade à medida em que eu me embrenhava na pesquisa do mestrado. Nessa trajetória me senti instigada a ir cada vez mais além por entre os movimentos circulares e de desdobramentos entre Arte e Pedagogia. Essa inquietação me levou a participar de uma formação de atelierista, que me possibilitou ainda mais reflexões sobre o papel da arte e da natureza na vida humana.

Nesse percurso formativo destaco, ainda, que tive a oportunidade de conversar e de vivenciar um ateliê de pintura com a artista Denise Valarini[1], que produz tintas naturais à base de terra, plantas, pedra e vegetais, na qual ela chama esse processo de

[1] Denise Valarini é licenciada em Artes Visuais pela PUC - Campinas e Mestra pelo Instituto de Artes da Unicamp. A artista visual investiga e produz tintas naturais e aquarelas.

cozinha da cor, um espaço destinado à produção de materiais artísticos. Ela começou sua pesquisa em parceria com a sua filha, Lina, durante o período da pandemia, e continuou a aprofundar seus estudos acerca da extração de pigmentos e as cores, classificando-os a partir da Carta de cores para solos Munsell[2]. A pesquisa da artista abriu várias portas e janelas sobre a produção de tintas naturais, e descobri que existem diversos artistas que pesquisam sobre as geotintas, como a artista e pesquisadora Ianah Maia[3] e o artista Jhon Bermond[4].

Manipular a terra, perceber as múltiplas tonalidades, sentir as texturas, fazer um tipo de pesquisa imersa na natureza, foi um convite-resgate para o meu corpo e minha alma. Criar um espaço na minha casa para preparar as tintas, para experimentar, para desenhar e pintar, possibilitou o nascer de novas e interessantes ideias e me transportou para um tempo *áion*[5], tempo da experiência, que há muito não vivenciava. Além disso, percebo que todos esse processo formativo-estético, me possibilitou compreender o papel do atelierista, que é um pesquisador atento às diferentes linguagens, um ser inquieto que ocupa o lugar da subversão, que vê o que ninguém viu, que é curioso e incomodado e que compartilha, no cotidiano, ações que fazem parte de um

[2] É um sistema padronizado de classificação que organiza as cores tridimensionalmente. Criada no século XX, utiliza três dimensões: matiz (Hue), valor (luminosidade) e croma (intensidade). É amplamente utilizada em agronomia para classificar solos, engenharia e geologia.

[3] A artista pernambucana Ianah Maia é artista visual e Mestra em Antropologia pela UFPB, com pesquisa teórica e prática em decolonialidade e cultura afrodiaspórica. O seu trabalho autoral circula entre pinturas e arte urbana. As tintas naturais que produz e utiliza em suas produções artísticas, também são consideradas como elementos político, estético, ancestral e cultural.

[4] John Bermond é um artista capixaba e alquimista orgânico das cores naturais do Brasil.

[5] Para Walter Kohan na filosofia existem diferentes modos para se referir sobre o conceito de tempo. Dentre os tempos existentes, *aión* designa, "já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva" (Kohan, 2007, p.86).

projeto educativo, na perspectiva democrática e participativa, em parceria com os docentes.

Mas, de tudo o que foi vivido, o que mais me movimentou, por dentro e por fora, durante o manuseio da terra para produção de tintas, foi viver o verbo desaprender, para reaprender, uma vez que esse elemento natural te convoca à transformação.

DESAPRENDER
desaprender o silêncio
desaprender a autoridade
desaprender a inflexibilidade
desaprender a anestesia
desaprender a mesmice
desaprender o cânone
desaprender a normalidade
desaprender a mediocridade
PARA REAPRENDER
reaprender a olhar
a sentir
a parar
a escutar
a maravilhar-se.

Aterrar o pensamento

No III Rodas, apresentei o vídeo "Um convite à pesquisa e artesania: produção de geotintas", que narra como se deu o processo de produção das tintas à base de terra, articulado à pesquisa de mestrado. Entrelaçado ao vídeo, escolhi alguns materiais - como moedor, peneiras, voal, pincéis, papéis com diferentes gramaturas, folhas secas e algumas geotintas -, para compor uma mesa de experimentação, sem perder de vista que

> [...] as artes ensinam é que estes pormenores são realmente importantes. As artes ensinam a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas. (Eisner, 2008, p.10).

Após a apresentação do vídeo, dialogamos sobre a minha decisão política, ética e estética, acerca da escolha dos solos nordestinos para a produção de geotintas e como esse processo artístico tinha uma relação intrínseca com a minha narrativa autobiográfica, que nasce a partir do questionamento: como me formei esteticamente da infância à docência? Seguir aprofundando esse questionamento, convocou-me, no mestrado, ao exercício biográfico, compreendido como um

> […] conjunto de operações pelo qual um indivíduo se biografa como pesquisador, e a biografia da pesquisa, ou seja, a abordagem evolutiva e hermenêutica que constitui os objetos da ciência, se conectam e se organizam em configurações sucessivas, essas construções estão em uma relação direta com as hipóteses, as observações, as experiências, os protocolos, os resultados que uma pesquisa mostra (Delory-Momberger, 2018, p. 49).

Por meio deste exercício, pude entrelaçar minhas memórias à compreensão sobre minha constituição: vivendo a pesquisadora, descobri-me professora-artista.

Em seguida ao diálogo, naquela manhã do seminário na UFF, apresentei ao grupo como se deu o processo de escolha da terra e da extração dos pigmentos e convidei os participantes a experimentar as tintas produzidas nas cores Terracota (Serra de Guaramiranga-CE), Preto (Ilha de Itaparica-BA) e Amarelo (Serra da Capivara-PI). Considero este um momento-fio que movimentou a criação e o encontro com o sensível, que animou a terra, passou pelo coração e transbordou em todo nosso ser, como nos ensinou James Hillman (2010).

Imagem 1: Composição poética



Fonte: Produção dos participantes do III Seminário Rodas do FIAR (2025).

Percepções da partilha

Percebo que a partilha, da pesquisa e da experiência artística, contribuiu para a ampliação de repertório e para a compreensão do que é estética, ao mesmo tempo que nos moveu "para o pensar, para o ato criativo, para a expressão, para o entusiasmar, para o caminhar com sentido, dando significado ao que fazemos na vida cotidiana" (Vital, 2025, p. 200). Esse processo é muito mais que uma produção de geotintas, é uma pesquisa singular, poética e criativa, que conecta o ser humano à natureza, atravessando diversas formas de expressões artística e cultural.

Por fim, esse encontro intenso entre os grupos FIAR/UFF e DIAFHNA/UFC me possibilitou uma reflexão profunda e um convite sensível para educar o olhar, o pensamento, o corpo, o coração, os ouvidos, conectando dos nossos sistemas humanos com o mundo ao nosso redor com a intenção de projetarmos para onde formos, a tantos outros, experiências críticas, criativas, poéticas, políticas, éticas e belas.

Referências

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas, SP: Versus, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Motivos pessoais e espaço de pesquisa: ensaio de uma biografia de pesquisadora. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna-Barreto (orgs). **A nova aventura (auto)biográfica:** tomo II. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. Edição do Kindle.

EISNER, Elliot Weis. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008. Disponível em: http://www.curriculosem fronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf Acesso em: 21 jan. 2026.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VITAL, Francisca Paloma Almeida. **Poéticas da docência**: A arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras da educação infantil. Dissertação (mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus Fortaleza, 2025.

.18.
Deslocamentos: arte, cultura, fruição, formação

Maria Helena Dantas dos Santos Neves
Mariana Soares Dantas
Taia Nobre Machado Terra Borba
Camille Oliveira

Nem todo viandante anda estradas,
há mundos submersos, que só o silêncio
da poesia penetra.

(Conceição Evaristo - excertos de "Da calma e do silêncio")

Estamos na cidade de Niterói/RJ, no ano de 2025. No dia 11, do tão esperado mês de julho, o sol nos presenteia com sua presença, acompanhado de uma suave brisa. Sob um lindo céu azul, o frescor do mar sopra e anima o último dia do III Seminário Rodas do FIAR[1].

Sonhado com ideias e inquietações *de lá e de cá,* o seminário aconteceu com muitos encontros e narrativas, com a participação de tanta gente que se achegou para ouvir, dizer, interagir, pensar, sentir, refletir ao longo dos três dias de propostas-programação.

No terceiro dia, um convite ao deslocamento, à fruição e ao encantamento tomou a forma de um ritual de fechamento do seminário, com uma proposta repleta de oportunidades de estesia, de sensibilidade e fruição ao encontro da arte: após os encontros na Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói), toda gente foi

[1] O seminário Rodas do FIAR, como já contextualizado em outros capítulos desta coletânea, vem sendo realizado pelo círculo de pesquisa FIAR, desde 2019. No ano de 2025, efetivou-se a sua terceira edição, desta vez em parceria com o Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela Profª Drª Luciane Goldberg,

convidada a caminhar rumo ao Museu Janete Costa de Arte Popular, onde a equipe do setor educativo aguardava o grupo, conforme combinado. A proposta se fez, pelo reconhecimento de que seguir ao encontro da arte, em um museu, caminhando pelas ruas da cidade, coletivamente, seria uma experiência singular de formação estética.

Pelas ruas, a andarilhar, seguem o Círculo FIAR, o grupo DIAFHNA e os caminhantes *de lá e de cá*, coletivos que se dedicam aos estudos e pesquisas sobre formação docente, infâncias e arte. Narrando a experiência, lembramos:

> Também o espaço externo que o circunda, ainda que não seja amplo, é território de alargar sentidos. No contato com a natureza a céu aberto e sobre o chão coberto de miudezas e surpresas, o olhar é convidado a espreitar em outras direções, além da área cimentada, entre plantas, folhas secas, pedrinhas, terra. Como fazem as crianças, o corpo é provocado a sair em aventura para a descoberta de tesouros, a se entregar à exploração, à brincadeira, à imaginação, à composição de enredos e histórias cheias de vida. (Ostetto,2023,p.246)

Figuras 1 e 2 - Caminhando e (se) encantando



Fonte:Acervo do FIAR (2025)

Assim, como viandantes que buscam a poesia da experiência com/no mundo, fomos rumo à exposição *Santa Intimidade,* em exibição no referido museu. Com curadoria e expografia de Jorge Mendes, a exposição *Santa Intimidade* revela a delicada trama entre a fé e a arte popular. Entre santos, gestos e objetos de devoção, a mostra transforma a arte em território de encontro entre diferentes expressões do sagrado. Ali, o divino ganha rosto humano, caminha pelas mãos dos artesãos e habita as pequenas práticas da vida diária lembrando que a espiritualidade do povo brasileiro floresce na diversidade — nas procissões e nas festas, nos cantos e nos silêncios, nos altares improvisados e na imaginação que reinventa, todos os dias, novas formas de dialogar com o invisível. Nesse percurso poético, a arte popular se apresenta como linguagem de encantamento e resistência, onde o divino habita os detalhes corriqueiros da vida e se manifesta na criatividade do povo, celebrando a diversidade espiritual que compõe o imaginário brasileiro.

Como canta o poeta Antônio Machado, o caminho foi sendo feito no caminhar. E neste momento, pelas poéticas de um tempo-movimento-espiralar, iniciamos a tessitura das memórias e dos sentidos que nos afetaram ao participarmos do Seminário, durante a travessia, e na exposição, enunciando vozes-professoras-pesquisadoras entre o antes, o durante e o depois.

Tempo-aprender,
tempo-ser,
tempo-existir.
Tempo a sós,
Tempo- coletivo, tempo-vozes.
Tempo-respir(ar),
pensar,
contemplar.
Tempo silêncio.
Tempo olhar- escutar- sentir.
Tempo eu-você-nós,
Tempo conversas, com a obra, artista, lugar.
Tempo aprendiz sobre si com o outro.
Tempo experiência
Tempo arte

arte.
Qual arte ?
Qual tempo-arte?
Tempo circular de pensamentos,
tempo que ocupa cada fresta do ser, do sentir, pedindo licença
em convite a se achegar, a ficar,
e quem sabe aquietar-se.
Tempo arte que convoca ao olhar suspenso,
aqueles abertos, profundos, por vezes, nos levam a
seguirmos por caminhos-outros.
Seria esse o tempo-arte?
Tempo-outro.
Tempo que guarda o sagrado,
tempo-vida, tempo que chega de mansinho, em presença sensível
Em convite a simplesmente sentir e a viver com inteireza esse encontro.
A arte nos encontra e nós encontramos com a arte,
em caminho-ponte.
Tempo deslocar-se
atravessar e permitir- se mover, coragem ao primeiro o passo, e a cada passo, a possibilidade de abertura ao inusitado, a novas descobertas, caminhos que se reinventam mesmo que esses sejam conhecidos.
Vamos?

Do convite à visita: Exposição Santa Intimidade

A expectativa, o desejo, a busca, a curiosidade, as inquietações, a proposta que aproxima pessoas de perto e de longe rumo à experiência. Lá fomos nós!

> Não são somente os professores em formação, individualmente,que aprendem; o grupo de pesquisa vai se tornando cada vez mais consciente dos dispositivos capazes de contribuir para a formação estética do grupo. E, nessa troca mútua, é possível criar um espaço para sujeitos narradores, para narrativas de si (Silva, 2023, p.274)

Fomos em (com)passos observadores, ritmo guiado pelos detalhes e achados pelas ruas, muros, fachadas, calçadas. Olhando daqui e de acolá, vamos (a)colhendo tesouros encontrados pelo caminho: árvores, flores, pessoas, a cidade que pulsa, em seus sons, aromas, cores, o canto dos pássaros fazendo sinfonia contrastando

aos demais sons. As conversas, risos, pausas, alguns silêncios interrompidos e o começo de novas histórias e narrativas que animam a andança. Sentidos e significados ampliados.

Estamos a poucos passos do museu. Da esquina já é possível avistá-lo: tons terrosos e verdes. As grandes portas e janelas chamam a atenção pelos detalhes e, a cada passo, torna-se ainda mais admirável e convidativo. A arquitetura do sobrado destaca-se (Figura 3). Na chegada, internamente, as paredes de pedra impressionam pela beleza (Figura 4).

O Museu Janete Costa de Arte Popular, localizado no bairro Ingá, em Niterói, foi inaugurado em 2012 e homenageia Janete Costa, pesquisadora reconhecida por sua atuação na promoção e valorização da produção artística de artesãos e artistas populares. Janete Costa marcou a história da arte brasileira por seu olhar sensível para a arte popular, valorizando o encontro entre artistas, saberes e culturas, além de reconhecer a riqueza estética e simbólica presente nessas produções. Ao se debruçar sobre sua trajetória, percebe-se que sua atuação evidencia a compreensão da importância do fazer manual como forma de expressão cultural, aspecto que dialoga com as práticas do grupo FIAR, que valoriza a feitura à mão, as trocas de saberes e as vivências individuais e coletivas em torno do fazer artesanal, fortalecendo experiências de criação e partilha.

Figuras 3 e 4 - Vistas do Museu Janete Costa de Arte Popular



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

O espaço por si só traduz em sentidos a arte, a história, o contexto da construção datada do século XIX, a grande escada que ocupa o centro do museu, revelam as trajetórias do Brasil. Em cada detalhe vemos o desenhar entre o passado e o presente.

Figura 5 – Detalhes



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

A chegança se fez…

Figura 6 - Acolhida no museu



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

Musear não é linear, é ciranda de tempo-liberdade ao corpo, aos tantos sentidos-sentimentos que são despertados, em tempo-singulares, onde o presente e o passado, se misturam e assumem um tempo-outro, em lembranças, narrativas, memórias de si, com o outro, no mundo. Histórias que se experimentam em composições múltiplas, cultura, religião, crenças, infância, família, lugar, que se misturam às minhas, às suas, às nossas… Histórias com cheiros, sons, lágrimas, que se encontram em sorrisos, olhares e afetos partilhados.

Musear é tempo-sensibilidade, tempo-estesia, música, silêncio, poesia. Quais sentimentos são evocados no encontro com obras e artistas? Indeterminado. Nem tudo a palavra ocupa. O corpo desloca-se, os pensamentos por vezes repousam em devaneios. Bem como nos fala a pesquisadora, o museu mostra-se como:

> [...] um espaço privilegiado de encontro ao despertar memórias, afetos e emoções não só através das imagens expostas nas obras, como também através de seus cheiros, silêncios e sons, sua arquitetura, suas propostas de exposição etc. Um espaço que instiga o compartilhamento de narrativas (não só com a voz, mas também com o corpo todo) sobre o que somos e o que nos acontece, acolhendo o ser poético de crianças e professoras, aproximando-nos da experiência coletiva. (Bibian, 2023, p. 53)

Na memória, aquela tarde na cidade Niterói tornou-se, para cada pessoa que caminhou e visitou o museu, tempo- lugar-espaço-outro, incapturável até mesmo pelas mais avançadas câmeras fotográficas. Está na esfera do vivido tempo-presença: a cada passo, a cada imagem, a cada artista e sua obra, no qual o visível e invisível nos encontram.

Uma caminhada pelas ruas da cidade, uma visita ao museu, o encontro e o diálogo, com as obras, com quem nos faz companhia, torna-se experiência, pois nos convida a gestos outros, que rompem com o automatismo. Nos convida a

> […] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; para para sentir, sentir

> mais devagar, demorar-se nos detalhes, […] cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p.24)

Como proposta inserida na programação de um evento acadêmico, a visita ao Museu Janete Costa de Arte Popular certamente fez-se trilha para a experiência de toda a gente viandante e confirmou a importância de abrir espaço para o encontro com a arte, aproximando intensamente educação e arte, docência e pesquisa.

Figura 7 - Na exposição



Fonte: Acervo do FIAR (2025)

Referências

BIBIAN, Simone. Narrativas de crianças e professoras no museu: indo até onde a arte está. In: **Formação, educação e arte**: Tessituras em pesquisa e prática docente/ organização Luciana Esmeralda Ostetto, Marta Maia, Cristina Callai. — Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p.123.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

MACHADO, Antônio. **Cantares**. Campos de Castilla.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OSTETTO, Luciana; MAIA, Marta; CALLAI, Cristiana (orgs.). **Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente**. Campinas: Papirus, 2023.

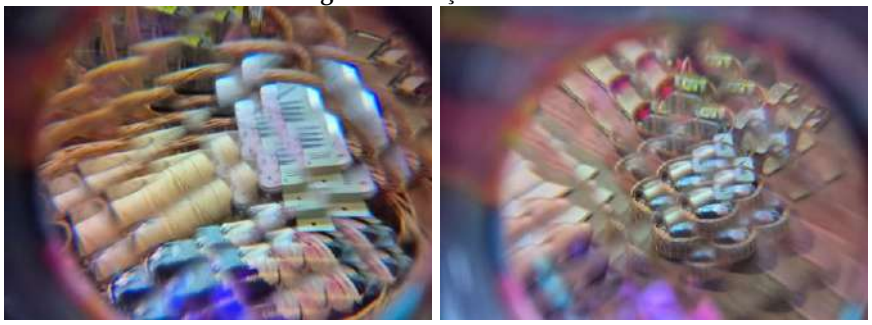
SILVA, Vilma. Desabituar o olhar para ampliar sentidos: notas sobre um projeto de formação continuada. In: **Formação, educação e arte**: Tessituras em pesquisa e prática docente/ organização Luciana Esmeralda Ostetto, Marta Maia, Cristina Callai. — Campinas, SP: Papirus Editora, 2023

.19.
Caleidoscópio de memórias: modos de ver, sentir e registrar

Ana Grazyele da Silva Araujo
Carla Andrea Corrêa
Daiane Francisco de Medeiros
Laís Vilela Gomes

"A minha alucinação é suportar o dia a dia.
E meu delírio é a experiência com coisas reais."
(Belchior - Alucinação)

Figura 1: Criações fractais



Fonte: Acervo FIAR

A palavra caleidoscópio deriva do grego *kalos*, "belo, bonito", *eidos* "imagem, figura", e *skopeo*, "olhar, observar". Portanto, pode ser compreendido como um aparelho que possibilita a observação de imagens bonitas. E há mesmo certa beleza em olhar através de suas lentes. Quem já teve a oportunidade de olhar por um caleidoscópio, notou que um cenário pode ser visto de diferentes formas, graças a sua configuração fragmentada, quase como um prisma.

Neste capítulo, vamos compartilhar os registros que foram feitos durante o *III Seminário Rodas do FIAR – A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá*, apresentando distintas

perspectivas e formas de registrar que, quando juntas, resultam em uma combinação de olhares que se completam harmoniosamente.

Podemos dizer que registrar é também girar o caleidoscópio. A cada movimento, os fragmentos - pelas vias da memória - se reorganizam e revelam novas composições, a partir da experiência: uma dança entre lembranças e esquecimentos que conta uma história, pois

> [...] a história não deve ser um conjunto de relatos, narrativas e fatos superficiais organizados em uma linha do tempo, sugerindo uma cristalização e objetividade, [...] mas sim uma coleção de narrativas que realcem a experiência histórica passada, capaz de ser atualizada a partir de uma interpretação crítica. (Achilles; Gondar, 2016, p. 181).

O que foi vivido no III Rodas do FIAR reaparece, não como repetição do acontecido, mas como (re)invenção sensível da experiência, onde cada perspectiva acrescenta cor, ritmo e densidade ao que é visto, ao que ficou registrado em imagens, palavras, filmes.

Assim, não buscamos fixar uma única imagem do seminário, mas sustentar a multiplicidade que o constituiu. Entre vozes que insistem e escutas que se abrem à busca de sentidos, os registros aqui reunidos compõem um mosaico em movimento: fios de memória que, ao se cruzarem, fazem vibrar aquilo que ainda pede para ser ouvido.

Figura 2: Fiando o encontro: artesanias



Fonte: Acervo FIAR

Entre linhas e agulhas: A criação como gesto de invenção

Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantado como uma nova invenção.
(Belchior - Como nossos pais)

O desejo de criar, do fazer artesanal, movido por mãos e corações, é parte intrínseca da identidade do FIAR, cultivada com fazeres que entrelaçam sentimento e pensamento, instigados pelo desejo de fomentar experiências formativas sensíveis, aproximando arte, infância e formação de professores. Nesse sentido, tudo é cuidadosamente pensado e planejado para receber e acolher as pessoas que se achegam para os eventos fiandeiros.

Assim, por essa via, tempo antes do seminário, nos reunimos em um sábado para planejar e confeccionar os kits que seriam entregues aos participantes, constituídos por um caderno costurado artesanalmente, com materiais reutilizados e acompanhados por dupla de lápis de cor. Esse processo, repleto de paciência, dedicação e tempo, entremeados pelas artesanias e coletividade, convida o corpo-alma a entrar em cena, envolvendo olho e a mão, e define a nossa prática enquanto grupo (Maia, 2024).

E nesse embalo, dançando pela sala, os ouvidos são convidados em razão do *som* que o papelão faz ao ser cortado por estiletes, e estranha o rangido dos papéis em contato com a tesoura, que após algumas tentativas descobre quantos papéis podem ser cortados juntos, ao mesmo tempo. Cinco era o ideal!

Figura 3: Que som faz o papel ao ser recortado?



Fonte: Acervo FIAR

Seguindo os passos dessa dança ritmada, o olhar se encanta com o movimento habilidoso das mãos artistas-arteiras que exibem a conexão e a intimidade com os materiais.

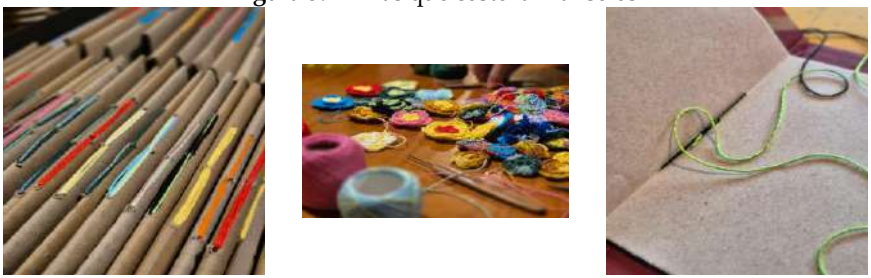
Figura 4: Mãos-arteiras-artesãs



Fonte: Acervo FIAR

Em um rodopio, o corpo é enlaçado pelo emaranhado de linhas, com suas cores vibrantes e suas diferentes texturas, formas e tamanhos. Quase como em uma coreografia, costuram cadernos e anseios pelo evento que se aproxima.

Figura 5: Linhas que costuram anseios



Fonte: Acervo FIAR

A desordem harmoniosa, criada entre flores de crochê, papelão, tesouras, agulhas e linhas, envolve, cativa, encanta. Há cuidado, técnica e envolvimento da própria alma.

Figura 6: Um jardim florido



Fonte: Acervo FIAR

Figura 7: Flores, linhas e sonhos costurados em cadernos.



Fonte: Acervo FIAR

Escutas-fios-imagens: entre a experiência e o delírio do real

Era fim de tarde. O céu já ensaiava a dobra da luz, esse instante em que a tarde começa a anunciar o início da noite. Estávamos ansiosas pelo momento da abertura, do encontro com as pessoas que se inscreveram no evento, porque chegar no "Rodas" nunca é só entrar em um espaço de formação: é trazer o mundo inteiro consigo para a conversa.

Às vezes, quando a tarde vira, é possível sentir a presença da noite, um silêncio mais tranquilo, um ar que muda de temperatura, um corpo que desacelera depois do dia de tensão da organização. Ficamos atentas dentro da sala, disponíveis para o acolhimento de toda gente que chegava com suas "mochilas" cheias de histórias. Registrar esse tempo de chegada não é congelar o tempo como quem aprisiona o mundo em um enquadramento sem presença, sem cheiro, sem pulsação. Como se a memória pudesse existir sem pele. Registro, aqui, é um ato de presença-movimento.

Figura 8: Saborear



Fonte: Acervo FIAR

É assim que registramos. É assim que fazemos escolhas quando assumimos a comissão de documentação das rodas de formação. Essa tarefa exige um corpo inteiro. **Nós não tiramos fotografias. Nós fazemos fotografias com o nosso sentir no mundo.** Naquele dia, fizemos imagens. O rumor atravessava a sala: passos que chegavam, cadeiras se arrastando, vozes costuradas por muitos sotaques, de longe e de perto, de dentro e de fora, misturando-se ao nosso círculo de pesquisa FIAR, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, no Rio de Janeiro, no Brasil.

A fiação acontecia ali, no agora, tecendo o tempo com vozes diversas. O café quente espalhava seu cheiro bom pela sala; havia biscoitos amanteigados e uma sensação boa e calma de chegada, como se algo estivesse começando e, ao mesmo tempo, continuando dentro de nós.

Figura 9: Fotografar o cheiro do café



Fonte: Acervo FIAR

Gente de lá e de cá. O primeiro vento veio do Nordeste, trazendo uma alegria escancarada, com abraço apertado. São Paulo aportou com a força das fiandeiras da Zona Leste, chão firme, voz que sabe de onde vem e, com ela, vinha Minas Gerais, professora da educação básica, carregando suas origens.

Do Sul, a presença fiandeira já se entrelaça à de Niterói, como fios que se reconhecem no compromisso com a formação. Goiás estava ali como juventude que sabia ter encontrado um lugar fértil, um território de muitas alegrias para transformação. O Maranhão também nos encontrou pelas brechas do Instagram: professoras universitárias que atravessaram distâncias guiadas pela esperança de quem acredita em fazer-com-arte. Havia também estudantes, professoras da Educação Básica do município de Niterói e tantas outras presenças educadoras que iam se assentando no espaço. Professoras comprometidas com a formação, vindas de muitos municípios, sentadas ao redor de uma mesa que desenhava um semicírculo aberto, onde a palavra e o conhecimento podiam circular.

Professoras que costuravam olhares com sensibilidades, com arte, com imaginação criadora, mesmo quando o mundo exige pressa. Era um encontro de quem acredita que educar também é **um gesto poético, um ato político, um modo estético de permanecer inteira**. Como canta Belchior, "o novo sempre vem", mas só chega para quem está atento ao presente.

As músicas de Belchior atravessavam nossos dias, lembrando que, *"apesar de termos feito tudo o que fizemos"*, será que vamos nos conformar em ser os mesmos? As nossas histórias, como tantas outras, naquele dia se misturavam às histórias que precisavam ser escutadas, de professores e professoras da Educação Infantil: memórias com os fios, tecelagens de vida-formação, detalhes de práticas. Entre conversas, registramos sorrisos que nasciam fáceis, lágrimas que pediam passagem ao reencontrar as belezas das despedidas, poesias que brotavam no peito junto com a vontade de existir nas performances. Porque registrar também é isso: **dar nome**

ao que pulsa, sustentar o que é frágil, afirmar que ainda estamos aqui para narrar.

As narrativas-imagens também nos mostram o quanto **re-existir é preciso**. Pensar em educação e arte exige escuta — escutar as professoras, escutar suas histórias.

Tudo isso parecia cantar naquele espaço e fora dele: mais arte, um seminário que convocava (auto)biografias a irem a exposições no museu, que chamava a pesquisa-formação para o sensível. Uma inquietação sobre a escuta: **Você me ouvirá?** E mais uma vez ouvir a canção: *"Ano passado eu morri. Mas esse ano eu não morro!"* As professoras escrevem suas artesanias do encontro — trabalho manual, lápis de cor, cheiro, gosto humano. A educação também se faz assim: à mão, em cores, em tempo de cura(doria). Como canta Belchior, "a minha alucinação é suportar o dia a dia. E meu delírio é a experiência com coisas reais."

Figura 10: Foto-colagem - Tempo de encontros (2025)





Palavras ao muro ecoam sonhos e desejos: registros de resistência

Saia do meu caminho, eu prefiro andar sozinho
Deixem que eu decido a minha vida
Não preciso que me digam, de que lado nasce o Sol
Porque bate lá o meu coração

Sonho e escrevo em letras grandes de novo
Pelos muros do país [...]

Belchior

Vou subir bem alto, até alcançar as nuvens e de lá trançar meus sonhos aos de tantas outras sonhadoras-artistas-docentes-pesquisadoras para escrever-desenhar, sem limites, pelos muros de meu país, as histórias que nos formam-transformam-transbordam.

Compartilhar saberes e sabores, palavras e imagens já é um caminho escolhido pelo FIAR, há muito tempo. Nossos encontros nos envolvem de corpo inteiro e assim também aconteceu no *III Seminário Rodas do FIAR*. Sensações, sentimentos, dúvidas e afirmações tiveram espaço, não somente nos debates e proposições, mas também em espaço criado para registros tal qual um muro

onde nos expressamos entre cores e formas.

Embaladas por Belchior, nos juntamos a sua canção para deixar registrado: *"Sonho e escrevo em letras grandes de novo pelos muros do país…"*

Figura 11: Foto-colagem - Na parede da memória, sonhos ecoam



Fonte: Acervo FIAR

Nosso muro foi criado para deixar rastros de conhecimento e inquietações de lá e de cá. A proposta era a livre expressão; o desejo era abrir espaço para o diálogo com professores e professoras da Educação Infantil - "A voz resiste, a fala insiste: Quem viver verá".

Em nosso muro, desejos foram (con)fiados…

Arte por toda parte

+ AMOR

Gratidão

Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus
despropósitos!

Toda gente, de tantos lugares, com experiências diversas e desejos comuns sobre educação e arte para pensar-viver a formação de professores de forma poética, política e estética. E o muro foi ficando repleto, entre poesias e palavras, ali ficavam marcas de um tempo de resistência, com "este jeito de deixar sempre de lado a certeza, e arriscar tudo de novo com paixão".

***"Palavra e som são meus caminhos pra ser livre"*: registrar em vídeo, poetizando o vivido**

Nesse caleidoscópio construído e partilhado, entre fragmentos de memória, ao revisitar imagens e registros em vídeos, por nós realizados no antes, durante e depois do III Rodas, a emoção novamente atravessa o peito ao (re)lembrarmos dos (re)encontros-abraços com gente de lá e de cá. Nossos escritos revelam registros que circunscrevem um tempo-espaço do seminário; as imagens em movimento, por sua vez, expandem esse contorno, devolvendo ao corpo o ritmo, o som e a respiração daquele acontecimento.

O seminário movimentou o desejo pela criação do novo, de ousar modos outros de registrar. Assim, nasce a ideia de registrar em vídeo os momentos vividos. E não foi apenas documentar o que se via. Foi escolher enquadramentos que respeitassem silêncios, sustentando a câmera como quem sustenta uma escuta, permitindo que o tremor das mãos também narrasse a intensidade e a emoção do instante vivido. Cada cena capturada carregava a intenção de não interromper o fluxo do momento, mas de acompanhá-lo com delicadeza, como quem compreende que presença não se captura,

se acolhe. (A)colher e (re)colher, em atos de memória, como quem coleciona instantes, o que exige cuidado e atenção, haja vista que

> Colecionamos fatos do passado, fragmentos para que no momento de lembrar o que talvez estivesse esquecido, a experiência possa vir à tona e a atualização do passado no presente seja possível. Toda vez que acessamos nossas coleções de fragmentos estamos produzindo uma narrativa diferente, dependendo do que queremos revelar da nossa identidade naquele momento. (Achilles; Gondar, 2016, p. 182)

E, como parte do processo criativo, nos permitimos registrar em vídeo sem saber exatamente o que viria depois, mas ansiando por aquilo que o tempo revela, no momento oportuno, com inteireza e alma. Não havia roteiro prévio, havia intuição e conexão pensamento-alma-coração, pois

> [...] alimentar olhares e sentidos exige ação, exige que o coração, sede da imaginação e da percepção, segundo a antiga tradição fiorentina, seja tocado. E essa pode ser a tarefa de uma educação que toma para si a articulação de princípios éticos, políticos e estéticos: animar o mundo, reanimar a educação, trazer alma ao cotidiano. (Ostetto, 2019, p.74)

Ao assistir ao material, percebemos que ali já havia um filme em germinação: risos atravessando corredores, vozes que se buscavam na roda, olhares marejados diante das narrativas partilhadas, passos em companhia e (con)fiança. A edição tornou-se, então, gesto de curadoria sensível. Cortar e escolher não para excluir, mas para revelar a trama invisível que unia aquelas presenças. Entre uma fala e outra, deixamos respirar os intervalos, afinal também é no silêncio que a memória insiste.

Figura 12: Recortes do vídeo "Memórias do III Rodas do FIAR" (2025)



Fonte: Canal do FIAR no YouTube

E as canções? Pulsavam em nossos corações, como uma convocação à criação, envolvendo diversas vozes, mãos e talentos que se reúnem a (con)fiar, esticando os fios nessa grande ciranda. A música como matéria viva de encontro, dando cadência ao que buscava forma. Foi assim que, reunidos em família, Wanderson, Laís e Laura (pai, mãe e filha) - fiandeiros que são - tocam e cantam *"Sujeito de sorte"* de Belchior, que tanto nos acompanhou antes, durante e após o *III Rodas do FIAR*. A voz que (re)existe ecoou entre nós como afirmação coletiva de permanência. Não se tratava apenas de interpretar uma canção, mas de atualizar seu sentido ali, naquele chão, diante daquelas histórias. Cantar como gesto político e poético: uma maneira de (re)afirmar que viver é insistir, apesar de, e é permanecer inteiro quando o mundo nos quer aos pedaços, distanciados. Naquele coro compartilhado, compreendemos que o registro também canta. Porque há experiências que não cabem apenas em palavras ou imagens, precisam ressoar. A canção, entoada em família, costurava passado, presente e futuro no mesmo compasso, nos lembrando que registrar é também sustentar a chama do que foi vivido, para que continue iluminando no depois.

O resultado foi um filme tecido com fios de afeto, presença e sensibilidade. Um registro que não pretende encerrar o seminário em imagens acabadas, mas prolongar sua duração no tempo. Ao poetizar o vivido, o vídeo reafirma aquilo que já sabíamos: há experiências que continuam acontecendo dentro de nós, mesmo quando as cadeiras são recolhidas e as luzes se apagam.

Figura 13: Recortes de cenas do vídeo "Memórias do III Seminário Rodas do FIAR" (2025)



Fonte: Canal do FIAR no YouTube

Para viver a experiência, em vídeo, acesse:



Referências

ACHILLES, D.; GONDAR, J. A memória sob a perspectiva da experiência. **Revista Morpheus** - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 174–196, 2017.

BARROS, M. **Exercícios de ser criança**. São Paulo/SP: Companhia das Letrinhas, 2021.

MAIA, M. Entre o bordado e o reticulado do avesso: Sobre a feitura de um encontro à muitas mãos *In* OSTETTO, L.E; OLIVEIRA-NETO, J. F (orgs). **(Re)existir na docência com pesquisa e arte**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2024.

OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 57–77, 2019.

.20.

Sobre poéticas, viagens e FIAR

Alexandre Santiago

E abre-se o tear da vida e da educação
É noite e já observamos os viajantes que chegam de muitos lugares
São andarilhos que vem trazer seus fios e que juntos ao tear iniciam pela canção
É Belchior que dá o tom, esse cearense que ao Brasil encantou
É como os peregrinos que na UFF vem chegando a um evento que o Fiar durante meses sonhou

Preparados para as narrativas que agora vou narrar?

Um menino com seus papéis de pintar se prepara para cerimoniar, ele vem de Goiás e como os versos de Cora Coralina vive sempre a encantar
As mãos de Marta desenham no ar uma abertura de um portal encantado
e vai abrindo o evento com um delicado cuidado de quem recebe em sua casa
seus tão esperados convidados
Luciana recebe o fio da meada, senta em seu tear e vai contando a história passando a braçadeira para lá e para cá, trazendo o fiar e vai desenrolando a memória
Luciane traz o azul do céu do Ceará nos cabelos e no seu novelo de lã, conta também a história do Diafhna que aporta em Niterói, nossa linda anfitriã
Há uma homenagem a Marina Colasanti que há pouco nos deixou
Dois performers, Alexandre e Georgia, contam e cantam histórias que a todos emocionou dessa grande escritora que fiou com palavras os sentimentos do mundo e que agora é homenageada

pelo FIAR em roda, saberes e sentimentos profundos. A menina Georgia sobe no seu arvorescer e traz palavras narrando sua experiência em folhas e frutos nesse lindo verbo arvorear.
Você sabe o que é arvorescer? Pergunta a velhinha a fiar e a todos a encantar

Entre litoral, serra e sertão
Sobre Januárias, Julios, Damares e Dianas, Janice abre seu baú de recordação
Traz professores crianceiros, dançando uma ciranda e trazendo-os pelas mãos
A roda da cultura girou e dançou com arte, brincadeiras e no fio da memória costurou
É Simone que entra na roda do museu e das belas artes e já pergunta, pode brincar no museu?
E o FIAR responde que sim, pode até cirandar, como o poeta escreveu!
Ela nos apresenta o negro Simão, marinheiro de uma embarcação, de coragem incrível, em narrativa visual cheia de emoção
O museu de Simone é feito de tintas do coração
E chega o menino abelha Leandro que, na colmeia da vida e da arte, vai com elas criando, debulhando o trigo na pesquisa e uma potente pesquisa vai revelando
Com Maitê, Tiago e Joana o sal da terra vai provando
Vai polinizando o mundo, com sensibilidade, vai o menino Leandro
Vamos passear pelo olhar de Laís? Vamos caminhar com a mãe da Laura e com sua periferia da zona leste se encantar
Laís vem de Lajedo e Lajeado, vem do CEU, e nos ensina a andarilhar e lampejar
No seu cofre, que é aberto, vai velando preciosidades, vai fiando poema de avó, em rimas de amor, rosas, afeto e felicidade !

É noite de 10/07
E os fios continuam a tecer na noite de lua cheia. Um presente
As caminhadas dos pós-doutorandos da " LuA" , José , Rosvita e Luciane, abrem suas narrativas de vida que provam que na academia também se sente
José , o menino de Goiás mostra sua trajetória ao flanar pela cidade " documentando" pedagogicamente e afetivamente sua relação com a infância com muito sentido e verdade
Rosvita vai dançando entre fios e lembranças sua fantástica trajetória
É foto, é vida é ancestral, que nesta performance vital emociona a todas e bailamos juntos com ela pelos suas memórias
Luciane sua arte vai desenhar, a menina de cabelo azul desde a praia do Cassino às dunas brancas do Ceará
Pega seus lápis de cores e se põe a colorir a sua história e formação mas o lindo é que ela descobriu desenhando o seu mais bonito lugar

É sexta,11/07.
E o coração aperta, vamos nos despedindo
Começou o último momento do terceiro Fiar. Já tanta saudade sentimos
São duas narrativas em audiovisual trazendo arte com e para as infâncias e sua escuta sensível
Bárbara traz o protagonismo das crianças em um roteiro de despedida de alunos do quinto ano que "se" narram de forma incrível
Paloma traz suas tintas da natureza e mostra seu processo e andanças
em busca de cores da nossa terra e nos coloca a experimentar do chão a investigar como uma eterna criança

E a arte popular de nossa gente no Museu Janete Costa
É a expressão do nosso povo, cores, formas e religiosidade, que arremata o fiar com as poéticas que a gente gosta.

Saímos abençoados por todos os Santos e tradições
É o fiar que teceu ao longo de três dias beleza em nossos corações

E a sombra do jambeiro por aqui me despeço
Com sabores e amores desse terceiro FIAR
E para encerrar, ela não pode faltar
Nossa LuA, Luciana Ostetto, que arrematou o bordado em seu tear
Choro e emoção, mostrando que na universidade tem saberes e pesquisas costurados com o coração
Nossa mestra freireana que agora reverencio com toda minha devoção !

Fortaleza, em 13 julho 2025

.21.
Carta ao FIAR

Cássia Calandrini Ribeiro

Fortaleza, 20 de julho de 2025

Hoje é Dia do Amigo e, posso dizer que nesse encontro de lá e de cá fiz novos amigos, assim como, velhos amigos se aproximaram. Eu sou a membra mais nova do grupo DIAFHNA, sou orientanda da Profª. Drª. Luciane Goldberg, a LuE carinhosamente apelidada por vocês. O convite para participar do Rodas partiu dela, a LuE nos convidou e a partir daí passei a fazer váaaaarios planos.

Viajar sozinha por alguns dias não é algo fácil para mim! Eu sou casada, tenho 4 filhos e sou professora da rede pública de Caucaia (Região Metropolitana de Fortaleza). Como disse, não é fácil e demanda um planejamento, estratégico e antecipado, e isso só foi possível porque a LuE nos convidou e articulou um grupo em que nos comunicávamos sobre passagens, hospedagens, passeios e o evento (claro!).

Dado o dia, aparece promoções de passagens aéreas e seria a oportunidade, as passagens no período de férias estavam bem caras e já estava desanimada. Eu, logo que a LuE nos alertou, corri ao encontro do meu esposo e convoquei: "Vamos para o Rio de Janeiro!?" Ele, de início, não aceitou de bom grado, mas aceitou me fazer companhia nessa jornada.

(Um parênteses para explicar por que meu marido não queria ir e, não parecer que ele apenas estava sendo chato kkkkk – Ele serviu a alguns anos atrás a Marinha do Brasil e precisou fazer uma cirurgia, na ocasião foi enviado para o Rio de Janeiro e ficou 3 meses internado para esta cirurgia. Foi um evento traumático, eu estava grávida do nosso segundo filho, no último trimestre da

gravidez e ele, pensava a todo momento nisso – eu, sozinha aqui, com uma criança de 2 anos e quase parindo outra, e ele, preso, em outro estado, por uma questão que, infelizmente, não foi resolvida. Ele detestava o Rio de Janeiro.)

Eu pensei comigo mesma: "É uma ótima oportunidade para ressignificar essa memória!"

Voltando ao evento, a LuE estava sempre compartilhando conosco as ideias para o evento, numa dessas mostrou que o bordado que lhe dei de presente, inspirou a arte do evento. Eu fiquei tão feliz com o gesto, quando a LuE foi para o pós-doc, pensei muito no que dar de presente, queria algo que pudesse levar e lembrar de todos nós aqui e, acho que funcionou.

O bordado é uma arte que admiro, e até então, não havia pegado numa agulha. Procurei algumas pessoas para fazer o bordado para mim, mas iria levar tempo e eu não tinha. Então, eu mesma decidi fazer o bordado, o que tornou o presente ainda mais especial.

Mais próximo ao evento, a LuE compartilhou as inspirações nas canções de Belchior. Seriam três dias de trocas, partilhas e narrativas de lá e de cá inspiradas nas poesias do Cearense. Para me aproximar ainda mais do evento, decidi bordar algumas blusas, uma para cada dia, com trechos das canções...

Para o primeiro dia escolhi "amar e mudar as coisas me interessa mais". Esse trecho me move especialmente, pela minha sede de fazer diferente, de ser/estar todos os dias disposta a ser a melhor professora, mãe, esposa, amiga, às vezes mais uma que outras. Eu sou essa pessoa que planeja, escolhe, vai atrás do que deseja, nada é feito ao acaso. E nesse desejo, estar presente é mais que a minha presença física, é corpo, alma e coração. Eu queria estar ali, ouvir aquelas narrativas, viver essas experiências.

Para o segundo dia, "eu pinto, eu bordo, eu vivo muito e ainda acho pouco", nossa como me traduz essa frase. Eu sou a esposa, professora, mãe de quatro filhos e mestranda, como que eu dou conta de tudo isso!? Por vezes sou questionada, e a resposta para isso, nem eu mesma sei, mas se eu parar eu morro como diz Simas:

"o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto". E sigo encantada pela vida, pela natureza, pelo aprendizado, é esse encanto que me move diariamente, em meio a tantos percalços, seguir encantada.

Para o último dia, a frase de Santa Terezinha do Menino Jesus "Só tenho hoje!" É isso, só tenho o hoje, o último dia, um momento, um instante. Ontem já passou e não me pertence mais. Amanhã, quem saberá dizer!

Hoje, eu conto aqui o que vivi aqueles três dias, uma imersão nas narrativas e histórias de vida, de professoras, artistas, crianças, pesquisadoras, falo aqui no feminino porque foram maioria, mulheres que inspiram outras mulheres e seguem galgando espaços significativos nos seus contextos, escolas, famílias, amizades.

Além do evento, eu queria conhecer o Rio de Janeiro na companhia do meu esposo – Gustavo. Que, até as vésperas da viagem, não sabia o que faria/ faríamos. Eu lhe perguntei algumas vezes "Você quer conhecer algo no Rio?", sua resposta era sempre "Não gosto daquele lugar!". Frente a isso perguntei "eu posso, então, escolher o que vamos fazer quando eu não estiver em aula/ no evento?" e ele respondeu "Confio em você!"

Ah! Ele não tinha ideia do aval que me deu!

Após tomar conhecimento da programação do evento, fui em busca de encaixar o que faríamos na cidade.

Que incrível foi chegar ao Rio de Janeiro e ser recepcionada pela anfitriã do evento, a Profª. Drª. Luciana Ostetto, quem eu conheci ainda escrevendo sobre registro na educação infantil e que acompanhava nas redes através do grupo FIAR, estava ali tão próxima, presente, de braços abertos, portas abertas para nos receber em sua casa. E quão bem recebidos fomos, naquele frio, que para uma cearense estava "de matar", ser esquentada pelo paladar, com vinhos, pães e caldos, um deleite aos sentidos.

No primeiro dia de evento fui conhecer a "cidade maravilhosa". O Rio é encantador, a cidade inteira respira história, os prédios, a paisagem, tudo conta a história daquele lugar e nós

(eu e meu marido) ficamos encantados. Na correria do dia, chegar aos Rodas e ser tomada pelas falas das queridas LuA e LuE foi motivador, eu estava exausta, pois passei o dia andando, mas é sempre revigorante ouvir professoras (inspirações do fazer/ser professora) que amam o que fazem, que motivam e incentivam a viver a educação com Arte.

Quando criança eu dizia que meu sonho era nadar com as baleias, de onde surgiu isso!? Uma vez eu li, que daria para nadar nas veias de uma baleia azul, UAU! E sabe quando eu imaginei que isso seria possível? Pois foi! E só foi possível porque teve o Rodas do FIAR, porque eu estava no Rio de Janeiro no período de migração das baleias e, porque a Paloma, integrante do DIAFHNA compartilhou com o grupo este avistamento. Eu realizei um sonho de criança porque conheci pessoas incríveis e participei de um evento que fala de sonhos, de possibilidades, de realizações.

E foi assim o segundo dia do evento, a primeira mesa me lembrou de tantas coisas ... "A minha história é talvez igual a tua" e nos "interior", quintais, avós, museus e abelhas fui tocada em memórias até adormecidas, da avó que me ensinou a rezar, da tia que me ensinou a crochetar, das brincadeiras com os primos no quintal, na praia, no interior. E como (in)consciente, tudo isso está presente na intencionalidade das minhas propostas pedagógicas, no cotidiano com as minhas crianças. Ser a primeira, a diferentona, a "papeleira", que vai à praça, ao museu, a cidade passear com as crianças. DesaFIAR, DIAlogar, ser presente, inteira, tornar a minha história parte da tua.

A mesa da noite encerrou o caminho deste dia com "mais esperanças nos meus passos do que tristezas nos meus ombros" como diz Cora Coralina, a conterrânea de José Firmino que abriu a noite. E já pensou quantas coisas carregamos por esses caminhos, quantas histórias, malas, véus e cortinas, que transparecem, escondem ou deixam entrar a luz que descortina, desvela, ilumina. E mais uma vez, tocados pela questão "eu não sei desenhar" LuE nos declara: sim, você sabe! Quem te (des)autorizou, em que momento você parou, ainda é tempo de voltar. Um traço, um risco,

formas e cores, reabitar o desenho que é meu e sempre esteve ali. Eu sei desenhar!

O último dia chegou, o evento acabou, a saudade, o desejo de retomar já é presente, nas fotos, nas despedidas. E sabe o que é mais legal, lembrar que somos natureza, sentir é pulsante, energizante, o tempo, o vento, o ar, expira, inspira, exala conexões. Conecta saberes, pensares, pessoas, infâncias e, como é lindo ver nossas crianças protagonistas, tendo voz e sendo ouvidas. Terminar o evento com a visita à exposição "Santa intimidade" foi um respiro a profundidade dos dias vividos. Como disse antes, escolhi para este dia estar vestida de Santa Terezinha e, por fim, recebi as bênçãos de Nossa Senhora, que me confirma que estou bem, que tudo caminha para o bem, que a unidade se faz coletiva ao lado de quem sonha junto.

O evento acabou, mas eu ainda tinha dois dias no Rio, fui à Copacabana, Petrópolis e Arraial do Cabo. Gustavo (meu marido) nem acreditou em quanta coisa a gente fez nesses dias. E quer saber o que é melhor? Ele tem as melhores lembranças do Rio agora. Eu também. Nós também!

Grata por tanto afeto, fui acolhida, bem recebida e amada em todos os dias que estive na Roda. Que nosso canto seja ouvido de longe e entre na Roda todos os cantos que desejam caminhar de dentro de si para o mundo.

Com afeto,

Cássia

.22.

"Me larguei nessa viagem, por ser a rodagem pro seu coração"[1]

Edith Ferreira

[...]
Meu Deus, ai! Que légua
Eh! Mundão
Me larguei nessa viagem
Por ser a rodagem pro seu coração

Afine os ouvidos
E os olhos, Luzia *[Luciana]*
Que eu venho de longe
Oropa, França e Bahia *[Maranhão]*
Semana que entra
No primeiro dia (domingo)
Eu te encontro na feira *[Niterói]*, Luzia *[Luciana]*
[...]

Há tempos venho aprendendo com a professora Luciana Ostetto, por meio de seus escritos (livros e artigos) e partilhas no site e Instagram do FIAR, e nutrindo no peito o desejo de estar inteira, de *corpo-presente*, para experienciar as trocas e o "fazer a mão" que tanto me encanta e me mobiliza.

Foi então que, na companhia da amiga e parceira de aprendizagens, Joelma Reis, "me larguei nessa viagem" para participar do III Seminário Rodas do FIAR. Saí de São Luiz - Maranhão rumo à Niterói - Rio de janeiro. Atravessar a distância pelos céus do Brasil, perder uma conexão, ter as malas extraviadas no percurso, deixou-me uma certeza: "começaria tudo outra vez, se preciso fosse... a chama em meu peito ainda queima, saiba, nada foi em vão", como diria Gonzaguinha.

[1] Trecho da canção "Rodagem", de Belchior.

O que realmente me motivou a estar no III Rodas, foi o convite poético, com uma proposta embalada pela trilha sonora de Belchior, de "viver as coisas novas que também são boas". Um convite que fazia pulsar a necessidade-sentida de aprender a juntar arte-e-educação, (re)existindo (Ostetto, Neto, 2024)[2] por meio de uma docência sensível, artesã, singular e insurgente.

Sou filha de artista plástica e professora de arte e, apesar de situada na fronteira entre esses dois campos, não conseguia enxergar a arte me ajudando a pensar a docência com crianças, chão que piso há mais de 30 ano! Fui percebendo que isso era possível na companhia da professora Luciana e, posteriormente, das/os fiandeiras/os, ressignificando o meu fazer docente.

Registros circulares. Fotos da autora e do acervo do FIAR (2025)



[2] OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA NETO, José Firmino de (Orgs.). **(Re)existir na docência com pesquisa e arte**. São Carlos: Pedro&João, 2024.

O caminho até o III Rodas do FIAR não foi só geográfico, foi um deslocamento de dentro para fora, provocado pelas performances, exibição de vídeos, narrativas de pesquisas, expedição cultural, almoço celebrativo de encontros, abraços de saudade.

Nessa *rodagem*, afinei os ouvidos e os olhos para apreender das pesquisas partilhadas, ponto alto do Seminário, e fui me encantando com os percursos trilhados à moda fiandeira, visto que as investigações buscavam, assim como eu, "[...] uma educação sensível, que considera essencial a formação estética de professores(as) das infâncias para um fazer poético, potencializando os aspectos artístico-culturais da docência" (Oliveira Neto *et al*., 2026, p.63)[3]. Afetada, arrisquei *poemar.*

Des-con-FIAR.
O que sei sobre infância, arte, docência, formação?
Começo do FIAR
Saberes,
Linguagens,
Afetos.
FIA, AFIA, DESCONFIA,
AFINA, DESAFINA.
DIAFNHAR!
Fiar com. Confiar.
Não estamos mais sozinhas!
(Edith Ferreira, 11/07/2025).

[3] OLIVEIRA NETO, José Firmino; ANDRÉA CORRÊA, Carla; FRANCISCO DE MEDEIROS, Daiane. Formação estética e docência na educação infantil: uma análise da produção do círculo de estudo e pesquisa FIAR. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, *[S. l.]*, v. 11, n. 3, p. 46–67, 2025. DOI: 10.12957/riae.2025.94411. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/riae/article/view/94411. Acesso em: 26 abr. 2026.

Assim, as trocas estabelecidas no III Rodas me fizeram ver que os distintos territórios do país estão ligados por fios que sustentam crenças, desejos e outros modos de produzir conhecimento, anunciados nas "narrativas de lá e de cá". Há ainda muitos fios que precisam ser tecidos e " vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação".

Gratidão, fiandeira/os, pela generosa partilha!

Com afeto,
Edith Ferreira

.23.

Pelo correio eletrônico, mensagens de lá e de cá

Ivani Ribeiro de Paula
Maria Viéne
Suelen Cordeiro
Cecília Estela Araújo

De: Ivani Ribeiro de Paula <ivanipaularibeiro76@gmail.com>
Para: FIAR Círculo de estudo e Pesquisa
<fiar.pesquisa@gmail.com>
15 de julho de 2025 às 20:29

O encontro do Fiar pode ser comparado ao Algodão. Mil fiozinhos, fiapos minúsculos, que se enroscam, se envolvem, se entrelaçam juntos em um abraço, dando forma a LINHA. Sua sina é estar junto. A nossa sina é estar juntos. Viemos de tantos cantos e como no processo de dar leveza ao algodão preparando-o para a tecelagem: colhemos os flocos de nuvem (algodão), tiramos o caroço do algodão, batemos no algodão com flechas e varas, fiamos, enovelamos...

Foram os processos de entrar corporalmente em contato com as pesquisas apresentadas pelos pesquisadores. As pesquisas foram múltiplas: quintal, museu, território, abelhas, fotografia, desenho, tinta intuitiva, documentação, desenhos. Quanto encantamento nos processos!

A tradição ancestral do tecer e fios de Ariadne (mito) devem iluminar nosso percurso de criar tessituras no caminho, compondo um tecido de tramas coloridas e do alegre saber.

O FIAR e o DIAFHNA, reúnem diferentes tecelãs, que se desdobram em sabedoria ancestral e juntam as diferentes formas

de pensar, compreender, entender e pesquisar o mundo através da linguagem das ARTES.
Sim, partilhamos o mesmo ofício.
Sou feliz por ter sido acolhida nesta linda roda.
"Pisa na fulô, Pisa na fulô, pisa na fulô não maltrata meu amor".

Ivani Ribeiro
Jundiaí 2025

De: Maricota <maria.viene1@gmail.com>
Para: FIAR Círculo de estudo e Pesquisa
<fiar.pesquisa@gmail.com>
17 de julho de 2025 às 18:03

Olá, Desahfiares!
Estou muito feliz e muito grata por ter participado desta roda!
E com um desejo imenso de participar de muitas outras.
Eu que sou de fora me senti imensamente acolhida, senti e vivi muitas emoções, meus olhos e alma marejaram em diversos momentos, mas um marejar de alegria e contentamento. Foi bom demais ouvir e aprender com tanta gente bacana, que enxerga a educação com tanta poesia e dedicação.
Me deu esperança de que é sim possível pensar a educação da maneira que acredito, e que educar com arte é transformador e imprescindível para um ensino-aprendizagem que impactam o desenvolvimento integral do indivíduo, tanto emocional quanto social e intelectual.
Eu estava pesquisando os Programas de Pós-Graduação aqui do Rio onde eu poderia tentar um mestrado, encontrei o Fiar e não quero mais largar!
Não sei ainda como fazer pra entrar nesse mundo fiandeiro, para tecer junto os meus fios que ainda estão emaranhados. Um pouco menos emaranhados pós-Fiar, com certeza, pois esse semestre me formo em licenciatura em artes-visuais, após uma longa caminhada e depois de ouvir, aprender e me inspirar, sai do Rodas com o tema

do meu TCC, que eu já tinha uma ideia. Gostaria de juntar minha experiência de figurinista para a educação infantil e participar do Rodas me inspirou em meu tema de pesquisa: "A indumentária e a fantasia como ferramenta pedagógica na educação infantil. A indumentária como espelho e ponte: Como estímulo à ludicidade e expressão artística e como formação de identidade e valorização da diversidade cultural", que depois quero aprofundar para tentar um mestrado e ficar cada vez mais pertinho de tecer meus fios junto com o Fiar.
Então, no meu coração só tem gratidão e gratidão pelo Fiar e pelas amizades que já me são tão queridas dos Desahfiares!

Maria Viéne
Rio de janeiro/RJ

De: Suelen Cordeiro <suelen.munizcordeiro@gmail.com>
Para: FIAR Círculo de estudo e Pesquisa
<fiar.pesquisa@gmail.com>
24 de jul. de 2025, 11:48

CARTA AO DIAFHIAR
Após um dia de trabalho, minha amiga, diretora e parceira de estudos e eu saímos de Itaboraí rumo ao Campus do Gragoatá, em Niterói. Ao adentrarmos o espaço da Creche - UFF, o painel com pintura arteira estava sendo preparado, mas já nos recebia de forma convidativa para uma experiência estética, afetiva e acolhedora. Com sorrisos fomos recepcionadas e após a assinatura da lista de presença, recebemos um bloco de anotações, uma autêntica artesania fiandeira!
Naquele momento veio a certeza: "O evento foi pensado nos detalhes". Esse encontro prometia e, já adianto que, entregou tudo o que esperávamos e um pouco mais! Teve arte, poesia e cantoria. Teve encontro, encanto e emoção.
Na performance dos Professores Alexandre e Georgia houve entrega e paixão. Ao lado de Belchior, Marina Colasanti aqueceu o

coração de toda a gente! Ele, artesão da música, ela, artesã da palavra. Que sorte a nossa! E de bons artesãos, o DIAFHIAR também é especialista, afinal, fiandeiros e fiandeiras, em matéria de arte, são bons arteiros! E esses, de essência artesanal, transformam em extraordinário o que era banal.
A dupla Luê e Luá, nos entrelaçamentos de seus fios de pesquisa, mostraram afinação. Seja no Power-Point, seja no Canva, no papel ou no telão, o DIAFHIAR deu conta do recado! E apesar da dureza que foi articular o encontro, o grupo mostrou leveza e toda dedicação foi percebida até no Maranhão.
E no Arvorecer por entre quintais, junto à Professora Geórgia, encerramos as trocas da noite, tendo os elegantes fiandeiros Firmino e Marta alinhavando o encontro com muito zelo e dedicação! De minha parte, gratidão por um evento tão bonito!
Não pude participar de todos os encontros, por motivo de trabalho, mas meu coração saiu transbordante na primeira noite!
Que vocês continuem diafhiando estudos, arte e pesquisas como ato de resistência, mas acima de tudo, de compromisso com as Infâncias!

Suelen Cordeiro
Itaboraí/RJ

De: Cecília Estela Araújo <ceciliaestela@gmail.com>
Para: FIAR Círculo de estudo e Pesquisa
<fiar.pesquisa@gmail.com>
11 de ago. de 2025, 22:08

Boa noite!
Participar dos eventos do FIAR é sempre uma inspiração para mim. Enquanto professora de Educação Infantil, a cada encontro formativo sinto-me convidada a me envolver por inteiro no que é apresentado. E, mais uma vez, neste III Rodas, não foi diferente.
A dinâmica do evento desde a sua organização, desenvolvimento, temáticas e apresentações com diferentes abordagens no que tange à Arte, à Formação de professores, à Educação Infantil, Cultura

Popular, além de outras pesquisas pertinentes ao Grupo, mostrou aos que participaram do evento, que havia desde o início um comprometimento, clareza e muita seriedade com as pesquisas desenvolvidas.
O III Rodas, foi como um oásis, pois em meio às incertezas, aos percalços e imensos desafios que encontramos na Educação, o FIAR tem em sua essência uma leveza que encanta e promove uma busca em querer fazer com paixão o que é pertinente a quem tem o comprometimento com uma educação de qualidade.
A criatividade dos detalhes (dos cadernos... encantadores por sinal)... a diversidade cultural, performances, as mesas, foram enriquecedoras, conFiANDO e DIAFHIAndo numa perspectiva única de se construir um fazer pedagógico diário para muito além das paredes da sala de aula ou para muito além de... um seminário!
Parabéns à toda equipe do FIAR!

Cecilia Estela
Niterói/RJ

Sobre os Autores e as Autoras

Alexandre Santiago da Costa
Educador das infâncias e das artistagens. Mobilizador de formações em arte e educação, apreciador das coisas simples e sinceras. Professor da Faculdade de Educação/UFC.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1156762336622114

Ana Grazyele da Silva Araujo
Pedagoga pela UFF, professora na Educação Infantil e Fiandeira desde 2023. Tem os olhos e o coração encantados, carregando no bolso uma lupa e o desejo de viver uma docência repleta de sensibilidade, afeto e arte.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5132483943341554

Amanda Lobôsco Pinto
Sou Amanda Lobôsco, mulher, mãe de três meninas, pedagoga, bailarina e fiandeira. Encantada pelas infâncias, cultivo encontros entre crianças, natureza e educação. Pesquiso e descortino os espaços da escola, acreditando na potência da estética, da sensibilidade e das experiências que florescem nos jardins secretos do cotidiano.
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/7792280286097496

Camille da Silva Oliveira
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), caminho ao lado das crianças e sigo aprendendo a cada encontro. Trago na bagagem um olhar curioso e sensível para as infâncias, buscando escutá-las e aprendendo com seus modos de habitar o mundo. Atualmente, estou como professora substituta da Educação Infantil no CAp-UFRJ.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3943859549237173

Carla Andrea Corrêa
Entre caminhos de estudo e travessias formativas, é doutoranda em Educação pelo PPGEdu/UFF, onde cultiva perguntas e semeia sentidos. Fiandeira do FIAR tecendo sensibilidades desde o início da trama. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Mestre em Educação e Graduada em Pedagogia, fez da docência um território de encontros, atuando até hoje, como professora no curso de Pedagogia do Isepam/FAETEC. Na tessitura da educação pública, caminha como Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de Macaé. Fundadora do Abaetê – Círculos de Formação de Professores das Infâncias, criou um espaço de partilha, escuta e reinvenção, onde a infância é reconhecida como território de direitos, experiências e poesia.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9443942701643596

Cássia Calandrini Ribeiro
Mãe, esposa, mestranda e educadora nas terras do Ceará. Entre os fios do DIAFHIAR, com Belchior a pulsar na canção, eu pinto, eu bordo, eu vivo muito e ofereço o coração. Com a agulha do afeto e a linha da intencionalidade, bordo junto às crianças caminhos de inteira liberdade.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7901833041618199

Cristiana Callai
Mãe da Isis, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, integrante do grupo de pesquisa FIAR. Tem interesse nas miudezas do viver e olhar curioso para a natureza. Pesquisadora do cotidiano escolar da Educação Infantil.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8060028242388784

Daiane Francisco de Medeiro
Sou Daiane-Passarinha, Fiandeira, filha dos quintais e das mãos que fizeram da terra um lugar de re-existência. Pedagoga (UERJ-

FEBF) e doutoranda em Educação na UFF, caminho entre arte, educação e decolonialidade, tecendo saberes ancestrais para reimaginar a formação docente. Na pintura, na fotografia e na palavra, cultivo paisagens onde a memória cria asas e a imaginação (re)inventa outros modos de re-existir.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7491486301048359

Edith Ferreira
Filha do Maranhão, sou tecida pelos fios da cultura, que entrelaçam pintura, poesia e música na tessitura do meu existir. Fiandeira recém-chegada, reparo no horizonte e arrisco fazer escolhas. Interesso-me pelas coisas da infância, da formação docente e da arte. Pedagoga, Especialista em Educação de 0 a 3 anos, Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Núcleo de Educação e Infância da UFMA (NEIUFMA).
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/9053574848914591

Francisca Paloma Almeida Vital
Uma cearense arretada que tem mechas azuis no cabelo, algumas tatuagens e que adora um bom café com cuscuz entre as pausas na luta pela Educação Infantil e na militância pela preservação da natureza e suas biodiversidades. Sou pedagoga, atuando no serviço público, mestra em artes e doutoranda em sociologia.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3298515713840309

Graziela Ferreira de Mello
Professora de arte da rede pública de ensino, pesquisadora, mãe da Duda. Me encanta ampliar meu repertório e dos meus alunos com arte e cultura, experimentar esteticamente o mundo. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9635270010313855

Janice Débora de Alencar Batista Araújo
Sou da terra da luz. Como docente, escolhi caminhar junto às infâncias. Aprecio as vivências de integração, coletividade e diversidade presentes nas rodas cirandeiras, poéticas e conversadeiras. Acredito na educação realizada com inteireza e beleza. Pedagoga. Doutora em Educação Brasileira (UFC). Professora da Educação Infantil do município de Fortaleza, Ceará. Membro do grupo de estudo e pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA).
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7490374001026887

José Firmino de Oliveira Neto
Sou professor-pesquisador que se movimenta pelos diferentes territórios formativos com amorosidade, alegria e sensibilidade. Sou graduado em Pedagogia (Unip) e Ciências Biológicas - Licenciatura (UEG); mestre e doutor em Educação em Ciências e Matemática (UFG). Realizei estágio pós-doutoral no PPGEdu (UFF), com orientação da Profª Drª Luciana Ostetto. Atualmente sou Professor Adjunto da FE/UFG, atuando no curso de Pedagogia e no PPGECM/UFG.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9450281471017580

Juliana Coutinho Morgado
Pedagoga e professora-pesquisadora formada pela Universidade Federal Fluminense, artista por natureza. Apaixonada pelas miudezas do cotidiano.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5710302268247926

Laís Vilela Gomes
É a mãe da Laura, mulher da periferia da zona leste paulistana. Gosta de brincar com as palavras como quem brinca de inventar mundos. É nesse chão que aprende, pesquisa, escreve e cultiva sua docência. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Educação de São Paulo. No FIAR suas pesquisas estão voltadas

às narrativas (auto)biográficas e aos processos de formação docente, especialmente a partir dos territórios da cidade como espaço formativo. Entre a escola e a universidade, segue cultivando uma educação sensível, com boniteza e decência.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2153667725868084

Leandro da Silva Pereira Junior
Sou um menino agridoce, encantado pelas poéticas infantis (trans)fundidas no cotidiano pedagógico, um apreciador de abelhas e arco-íris. Um escutador de Milton Nascimento e um ser aberto aos convites que a vida evoca à presença e à experiência. A leitura, a escrita e a arte confluem no meu ser. Sou Pedagogo, Arte-educador e Mestre em Educação (UFC), professor da Educação Infantil do município de Fortaleza/CE e membro do diretório de estudo e pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHANA/CNPQ).
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3466104283569575

Luciana Esmeralda Ostetto
Tecendo o sonho de uma formação docente para as infâncias sustentada pela estética e pela ética, sigo afirmando a vida, as belezas do ínfimo. Nasci em Nova Veneza (SC), em cujas ruas e pracinhas aprendi a brincar de roda, a apreciar os saberes da natureza e os sabores da simplicidade. Talvez venha daí o impulso de seguir por caminhos sensíveis, reconhecendo a necessidade de mais arte na educação. Professora titular da Faculdade de Educação da UFF, coordenadora do Círculo de pesquisa FIAR.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7470127128501920

Luciane Germano Goldberg
Colecionadora de ondas e "flanêuse", artista/arteira/ arte/educadora. Sou Professora do Curso de Pedagogia (UFC) e do Mestrado em Artes (IFCE). Líder do grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas - DIAFHNA,

professora e coordenadora o Ateliê Pintante na Faced/UFC e no Instituto da Primeira Infância (IPREDE).
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9917247618926283

Mariana Fiore Ramos
Entre perguntas, descobertas e afetos, sigo cultivando um olhar sensível para as pessoas e para o mundo, acreditando que cada experiência tem algo a ensinar. Encontro na educação a possibilidade de construir pontes, despertar curiosidades e semear esperança. É nesse caminho, feito de encontros, cuidado e compromisso com o outro, que escolho caminhar, aprendendo continuamente e buscando deixar marcas que floresçam em quem cruza a minha história.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0780002712264137

Maria Helena Dantas Dos Santos Neves
Professora, pesquisadora e fiandeira do Círculo de Estudos e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR/FEUFF), teço pesquisa-vida em fios que entrelaçam educação infantil, Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER), a formação docente, dimensão estética e narrativas (auto)biográficas. Em conversa com a cultura, a arte, a natureza e as bonitezas do cotidiano. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) atuo na Coordenação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP) onde sigo acreditando na educação como espaço de criação, escuta, partilha e sensibilidade.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2417016547013557

Maria Leticia Felintro da Silva
Professora das infâncias em construção infinita. Fiandeira que fia conhecimento no encontro com o outro. Compartilhando vivências outras, entre prosas, versos e arte, sigo tecendo meu compasso na vida com um olhar no presente e outro no passado.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6711486770484720

Marta Nidia Varella Gomes Maia
Uma jovem idosa professora de crianças, (co)formadora de professoras/es de crianças. Mãe orgulhosa de professores e gatinhos, comprometida com as possibilidades de ser e aprender coletivamente. Aprendiz de Freire por uma educação que liberte, que projete a vida plena para todas as pessoas. Gosta de gente, de bicho e de planta, segue o sol, segue a vida... Acho que assim me defino.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1999281200189715

Mariana Soares Dantas
Fui menina brincalhona, vivi muita brincadeira, pique, dança, pinta, canta, também fui menina arteira. A menina então cresceu e encontrou a cultura popular, foi tamanha emoção que não sabia falar. Senti por todo corpo grandiosa emoção, a arte que vem do povo, brincando, é subversão. E também fui lá na UFF, onde aprendi muito, com toda gente fiandeira, com elas eu expandi. E então voltei pra escola, crescida e professora, com a arte e a brincadeira, as duas provocadoras.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3937233631707611

Michele Costa
Professora de Educação Infantil da SME/RJ, caminho com as infâncias aprendendo suas formas de habitar o mundo com encanto. Mestranda em Educação pela UFF, teço minha pesquisa sob a orientação sensível da Profª Dra. Luciana Ostetto e integro o Círculo de Pesquisa FIAR. Sou uma docente-artista-pesquisadora que cria, incentiva a criação e inventa para se conhecer.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8164050162319451

Miriam Maltos
Nascida na década de 90, amante de bichos, gente e plantas. curiosa por natureza, faço das perguntas pesquisas. Trabalho como professora regente na rede pública de Niterói e sou apaixonada pelo cotidiano pulsando nas relações, perguntas e teorias. Me

tornei mestre em Educação pela UFF em 2025 versando sobre o registro e a documentação pedagógica. Me encanta ver que há tantas histórias de vida e de formação à serem contadas, e isso arrebata meu coração (só de pensar). Como o Manoel de Barros: "tenho o privilégio de não saber quase tudo. e isso explica o resto."
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1214193558407495

Rosvita Kolb
Gosto dos tecidos macios aveludados transparentes. Carrego comigo o gosto pela vida, pela arte, pelas crianças. Entre linhas, memórias e encontros, faço do ateliê a minha morada de criação onde a escuta transforma experiências em poéticas de formação.
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3599603278609656

Simone Bibian
Buscadora, esticadora de tempo, mergulhadora de palavras profundas, jardineira de miudezas, tem ouvidos abertos para as histórias que cismam em nascer no museu, principalmente naquele em que trabalha, o Museu Nacional de Belas Artes/RJ. Também escreve livros e peças teatrais para crianças. Doutora em Educação (UFF), Mestra em Educação (UFF) e pedagoga (UFSCar).
Currículo Lattes:http://lattes.cnpq.br/2540510460150865

Taia Nobre Machado Terra Borba
(Prazer, sou a Taia Terra!) Amante da natureza, encontro na arte o fio que tece minha trajetória na educação. Sou pedagoga, pesquisadora do FIAR e professora da rede municipal de Maricá, onde atuo na Educação Escolar Indígena, e orientadora educacional na rede municipal de Nova Friburgo. Sigo por diferentes territórios, aprendendo com os caminhos compartilhados e acreditando na educação como espaço de encontro, escuta e transformação.
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/5119087865883285



As texturas-narrativas que dão forma à coletânea, foram imaginadas e escritas pelos coletivos de pesquisa FIAR (UFF) e DIAFHNA (UFC) que juntos organizaram o 3º Seminário Rodas do FIAR, um encontro mobilizado pela chamada: A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá. Aqui estão retratos, textuais e imagéticos,que poetizam o antes, o durante e o depois do seminário, compartilhando processos e reflexões, desde inquietações de lá do Nordeste e de cá do Sudeste. Falam de modos de fazer pesquisa narrativa de cunho (auto)biográfico, cultivados nas veredas da educação e da arte, afirmando a essencialidade de aproximar, sempre mais, educação e arte, universidade e educação básica, pesquisas e prática docente, sudeste e nordeste.

FIAR
Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte

DIAFHNA

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3206-5